ILUMINURAS

v. 26 n. 72/2 (2026)

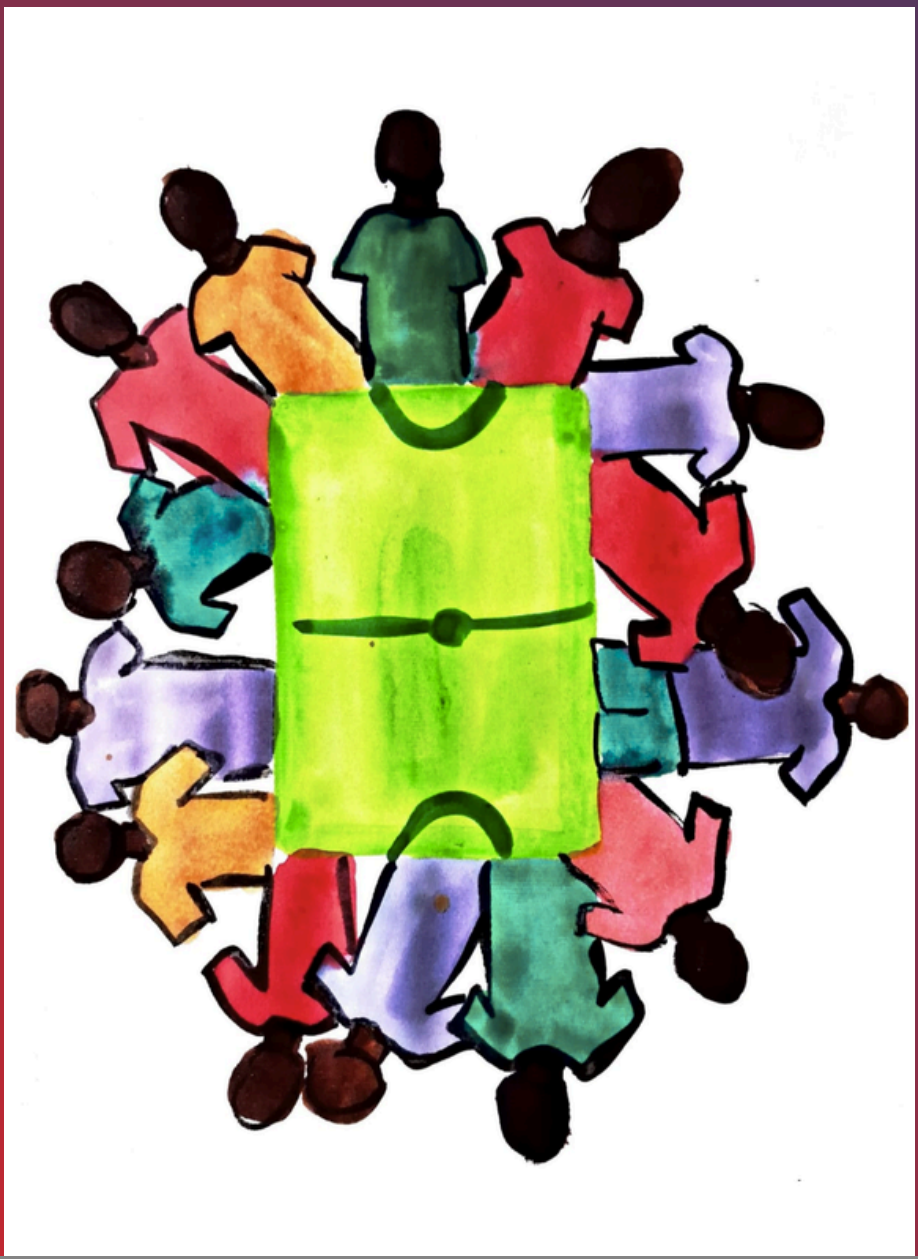


Imagem: Igor Maciel da Silva, Meio de campo, 2025.

Futebol como fenômeno social e cultural

biev

INCT FUTEBOL

E-ISSN 1984-1191

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO
Carmen Rial
Mariane Pisani

EL ENCUENTRO ENTRE FÚTBOL, POLÍTICA Y FEMINISMOS EN ARGENTINA

Rita Lorena Arambuena
Pablo Alabarces
Carmen Rial

A MÍDIA ESPORTIVA E AS COPAS DO MUNDO DO FUTEBOL DE MULHERES: DA INVISIBILIDADE À VISIBILIDADE

Soraya Barreto Januário

LUGAR DE MULHER É ONDE O VASCO ESTIVER: CONFIGURAÇÕES DO TORCER E ALIANÇAS DE MULHERES VASCAÍNAS EM SANTA CATARINA

Thais Rodrigues de Almeida
Franciane Maria Araldi
Caroline Soares de Almeida

ROLA A BOLA, ROLA O PODER: REFLEXÕES SOBRE A COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO DO CATAR 2022

Luiz Henrique Zart

FUTEBOL DIANTE DA MORTE: NARRATIVAS DA MÍDIA SOBRE O CASO JUAN IZQUIERDO

Leonardo Turchi Pacheco

O JUVENTUS É DA MOOCA: O EMBATE ENTRE A SAFIZAÇÃO E A TRADIÇÃO NA RUA JAVARI

Marciel Pacífico
Geovane Ferreira Gomes

TORCIDAS ORGANIZADAS PARA ALÉM DO FUTEBOL E PESQUISAS PARA ALÉM DO TEXTO: NOTAS DE UMA ETNOGRAFIA MULTIMODAL

Roberto Souza Junior

“FUTEBÓIS” EM DISPUTA: CUIDADO, SOCIABILIDADES E SENTIDOS DO JOGAR BOLA

Maurício Rodrigues Pinto
Talita Nunes Costa

ENTREVISTA COM FATIMA ANTUNES: DA VÁRZEA, PARA A FÁBRICA, ATÉ NELSON RODRIGUES

Calebe Silva de Carvalho
Fatima Martin Rodrigues Ferreira Antunes

APENAS SEGUINDO: ESCRITA COM UM JOGADOR DE FUTEBOL QUE VAI LEVANDO

Walter Reyes Boehl
Mauro Myskiw

RELATOS DE PESQUISA

OS SIGNIFICADOS SOCIOCULTURAIS DO “BABA DE SAIA” NO CALABAR, SALVADOR (BA)

Francisco Demetrius Luciano Caldas
Bruno Otávio de Lacerda Abrahão

ENTRE BISTURIS, ESCOLHAS E MUNDOS POSSÍVEIS: A MEDICINA COMO PRÁTICA ONTOPOLÍTICA NAS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS

Pedro Paulo Gomes Pereira

RESENHAS

RESENHA DO LIVRO “AS PIONEIRAS DO FUTEBOL PEDEM PASSAGEM: CONHECER PARA RECONHECER” (GOELLNER E CABRAL)

Cristiano Mezzaroba
Julineide Gadelha Silvestre Coêlho
Victor Gabriel Santos de Oliveira

MÍDIAS, TORCIDAS E MOVIMENTOS ANTIRRACISTAS NO FUTEBOL BRASILEIRO – MOBILIZAÇÃO DO INSTITUTO NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA ESTUDOS DO FUTEBOL BRASILEIRO/CNPQ

Cristiano Mezzaroba
Silvio Ricardo da Silva
Antonio Jorge Gonçalves Soares

Apresentação

Carmen Rial

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Florianópolis, SC
carmen.rial@ufsc.br
https://orcid.org/0000-0001-7478-0917

Mariane Pisani

Universidade Federal do Piauí, Brasil
Teresina, PI
marianepisani@gmail.com
https://orcid.org/0000-0001-6925-4912

Diversas dimensões contemporâneas atravessam o estudo do futebol. Entre elas, destacam-se as transformações sociais e culturais impulsionadas pela globalização do esporte; a intensificação das mobilidades internacionais de jogadoras e jogadores, convertidos em trabalhadoras/es migrantes; e as experiências que essas circulações produzem em suas vidas e nas dos torcedores, cada vez mais transformados em "turistas" visitantes de museus de estádios e frequentadores de arquibancadas gentrificadas. Esses processos afetam diretamente os modos de construção de pertencimentos e identidades - locais, nacionais e transnacionais -, bem como os discursos sobre raça, classe, corporalidade e, de maneira central, gênero e sexualidade.

O futebol se configura assim como um campo privilegiado para observar as disputas políticas e morais que atravessam as sociedades contemporâneas. Em um cenário marcado pela ascensão da extrema direita e pelo crescimento de ideologias conservadoras - muitas vezes articuladas, no Brasil, com movimentos neopentecostais e com discursos de *coaches* de influência duvidosa -, identidades dissidentes e corpos considerados desviantes tornam-se alvo de vigilância, controle e violência. Nessa conjuntura, o esporte de alto rendimento transformou-se em um dos mais acirrados campos de batalha pelos direitos (e pelo rechaço) de pessoas trans, e a homofobia segue sendo reiterada como forma de ordenamento social nos estádios e nas redes.

A despeito dos avanços nas últimas décadas em termos de reconhecimento de mulheres e pessoas LGBTQIA+ no esporte, persistem desigualdades estruturais no acesso a salários, investimentos, infraestrutura, espaço midiático e segurança de participação. Torna-se crucial, portanto, interrogar como normas de gênero são legitimadas ou contestadas no cotidiano das práticas esportivas e nas trajetórias de atletas, torcedoras/es, treinadoras/es e dirigentes - cis, trans, não-bináries - que tensionam fronteiras e inventam modos de existir e competir em ambientes historicamente androcêntricos.

Simultaneamente, o futebol constitui o maior espetáculo midiático global. Por isso, exige atenção analítica às mediações tecnológicas: transmissões televisivas, coberturas jornalísticas, narrativas de celebrização e regimes de visibilidade que determinam quais corpos podem ser celebrados e quais devem ser invisibilizados ou estigmatizados. A mídia não apenas registra o jogo — ela modela sensibilidades, moralidades e emoções públicas.

Na segunda parte desse dossiê propõe reunir pesquisas que contribuam para repensar teorias e metodologias nos estudos do futebol, articulando perspectivas feministas e estudos de sexualidade com análises críticas das mídias e das conjunturas políticas recentes. Trata-se de refletir sobre as potências do esporte como espaço de transformação e cidadania, mas também sobre seus mecanismos de exclusão - evidenciando tanto a reprodução de desigualdades quanto os gestos de resistência, contestação e criação que emergem no campo.

Ao promover esse conjunto de debates, este dossiê se insere no esforço coletivo do INCT Futebol – Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Estudos do Futebol Brasileiro – que desde sua criação vem contribuindo para consolidar o futebol como objeto legítimo e complexo de investigação científica, fortalecendo redes de pesquisa, formação acadêmica e produção de conhecimento crítico em diálogo permanente com a sociedade. Esta segunda parte do dossiê Futebol como fenômeno social e cultural foi co-organizado por Mariane Pisani (UFPI/INCT Futebol).

Por fim, a capa deste número temático, pintura intitulada “Meio de campo” é de autoria de Igor Maciel que é responsável por algumas das capas de livros e dossiês do INCT Futebol. Agradecemos a editora geral de Iluminuras, Cornelia Eckert, não só por acolher os textos aqui publicados mas pela liberdade concedida às editoras associadas e a supervisão cuidadosa do trabalho. Agradecemos também a bolsista da Revista Iluminuras Isabela Artioli pela diagramação, acompanhando com presteza o trânsito entre editora/pareceristas/autores e atenção às organizadoras.

El encuentro entre fútbol, política y feminismos en Argentina

The intersection of football, politics, and feminism in Argentina

Rita Lorena Arambuena
Instituto de Lingüística, Folklore y Arqueología (ILFyA) - Universidad Nacional de Santiago del Estero (UNSE) - CONICET, Argentina
La Banda, Santiago del Estero
prof.arambuenalorena@gmail.com
https://orcid.org/0000-0003-1881-3352

Pablo Alabarces
Universidad de Buenos Aires, Argentina.
Buenos Aires, AR
palabarces@gmail.com
https://orcid.org/0000-0001-9308-1732

Carmen Rial
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Florianópolis, SC
carmen.rial@ufsc.br
https://orcid.org/0000-0001-7478-0917

Recebido em: 04 de agosto de 2025
Aceito em: 12 de janeiro de 2026

Resumo: El artículo analiza el encuentro entre fútbol, política y feminismos en la Argentina contemporánea, a partir de los procesos de politización que atravesaron al fútbol practicado por mujeres en la última década. Se observa cómo el avance del movimiento feminista –particularmente desde la irrupción de Ni Una Menos– contribuyó a visibilizar y disputar las desigualdades estructurales del campo futbolístico, históricamente organizado bajo lógicas androcéntricas, precarizadas y excluyentes. El trabajo se centra en el período inaugurado por el anuncio de la profesionalización en 2019, atendiendo a las tensiones entre reconocimiento institucional y persistencia de condiciones amateurs. A partir de un enfoque cualitativo y etnográfico, basado en entrevistas y observaciones participantes realizadas entre 2021 y 2023 con futbolistas de dos clubes de primera división de la provincia de Buenos Aires, se analizan las narrativas, experiencias e identificaciones políticas construidas por las jugadoras. Se sostiene que, en este contexto, emergen nuevas formas de politización en clave feminista, expresadas en identificaciones situadas como semiprofesionales, trabajadoras del fútbol y, en algunos casos, futbolistas feministas. Estas identificaciones no sólo permiten denunciar la precariedad laboral y disputar derechos materiales, sino que también operan como prácticas políticas que interpelan los sentidos dominantes del profesionalismo, el trabajo y la pretendida neutralidad al interior del campo de las prácticas deportivas. Asimismo, el artículo da cuenta de las tensiones, ambivalencias y costos que supone la politización feminista en un campo que sanciona la expresión política de las mujeres deportistas.

Palavras-chave: Fútbol. Mujeres. Política. Feminismos. Argentina.

Abstract: This article analyzes the intersection of football, politics, and feminism in contemporary Argentina, focusing on the politicization processes that have shaped women's football over the past decade. It examines how the advancement of the feminist movement—particularly since the emergence of Ni Una Menos (Not One Less)—has contributed to making visible and challenging the structural inequalities within the football field, historically organized under androcentric, precarious, and exclusionary logics. The study centers on the period following the announcement of professionalization in 2019, paying particular attention to the tensions between institutional recognition and the persistence of amateur conditions. Using a qualitative and ethnographic approach, based on interviews and participant observation conducted between 2021 and 2023 with female footballers from two first-division clubs in the province of Buenos Aires, the narratives, experiences, and political identifications constructed by the players are analyzed. It is argued that, in this context, new forms of feminist politicization are emerging, expressed through identifications such as semi-professionals, women working in football, and, in some cases, feminist footballers. These identifications not only allow for the denunciation of precarious working conditions and the struggle for material rights, but also operate as political practices that challenge dominant notions of professionalism, work, and the supposed neutrality within the field of sports. Furthermore, the article addresses the tensions, ambivalences, and costs involved in feminist politicization within a field that sanctions the political expression of women athletes.

Keywords: Football. Women. Politics. Feminisms. Argentina.

Introdução

Más allá de su dimensión deportiva y lúdica, el fútbol no puede leerse sino como una manifestación de la propia sociedad en la que se desarrolla, con autonomía relativa. Como objeto central de la cultura de la masas, distintos estudios han mostrado que constituye un espacio privilegiado para la producción y reproducción de sentidos sociales, identidades colectivas y disputas de poder. Y en este aspecto, no ha sido ajeno, sino parte constitutiva de las dinámicas sociales y proyectos políticos más amplios que atraviesan nuestras sociedades.

En la última década, el avance de los feminismos[1] ha promovido una creciente visibilización y cuestionamiento de las desigualdades estructurales del deporte en clave de género, impulsando una ola de activismo político. En el caso del *fútbol femenino*[2], este impulso se expresó en el posicionamiento público de muchas de sus principales figuras a nivel global –como Megan Rapinoe, Alexia Putellas, Marta Vieira da Silva, Ada Hegerberg o Saki Kumagai– quienes se alzaron como voceras por la igualdad de género. El sindicato FIFPro (2020) destacó este fenómeno como uno de los rasgos distintivos de la disciplina en el presente, motivado no solo por demandas vinculadas al reconocimiento profesional, sino también por el hartazgo ante distintas formas de violencias como el acoso sexual y los abusos de poder que acontecen en este ámbito.

En Argentina, este proceso asumió características propias, especialmente con el surgimiento del grito *Ni Una Menos*[3] en el año 2015, cuando el movimiento de mujeres

[1] En este texto, el término feminismo es empleado en relación con diferentes acepciones: a) como movimiento social; b) como identidad política; y c) como procesos sociales amplios que exceden la identidad política y que involucran subjetividades, organización y acciones que desafían el orden patriarcal.

[2] El uso de *fútbol femenino* (denominación nativa en Argentina para referirse a la práctica en ligas oficiales) conlleva una carga semántica que merece ser problematizada. Su existencia denota la construcción social naturalizada del fútbol como un supuesto universal inherentemente masculino, relegando la participación femenina a una categoría subsidiaria y marginal. Este modo de nombrar refuerza además una idea de práctica binaria y jerarquizada. No obstante, esta expresión se empleará en este texto cuando sea utilizada directamente por las interlocutoras del trabajo. En el resto de los casos, se optará por las denominaciones "fútbol practicado por mujeres" o "fútbol de mujeres". Las expresiones nativas o en lengua extranjera, así como los fragmentos de testimonios o entrevistas, se presentarán en cursiva.

[3] De la consigna "*Ni una muerta más*" con origen en el activismo mexicano, surge la consigna "*Ni Una Menos*" que le da nombre al movimiento de mujeres y feminista surgido en 2015 en Argentina, a raíz del hartazgo social generalizado ante los femicidios y la violencia de género.

y feminista empieza a consolidarse como actor protagónico en la escena política nacional, logrando transversalizar su agenda hacia múltiples esferas de la vida social, incluyendo la deportiva. En la bibliografía que analiza este fenómeno desde los Estudios Sociales del Deporte (Elsey, 2018; Hang y Moreira, 2020; Ibarra, 2020; Garton y Moreira; 2021; Majul, 2021; Janson, 2022), existe un consenso en torno de que la constitución del fútbol como objeto de disputa feminista se instituye alrededor de este suceso. En un país donde el fútbol representa un bastión del poder masculino, esta intersección tuvo un impacto notable generando una toma de conciencia activa sobre las múltiples violencias que lo permean. La creación de áreas de género en los clubes, la formación de colectivos militantes para denunciar exclusiones y recrear un fútbol más diverso e inclusivo, y las luchas por la profesionalización del fútbol practicado por mujeres, entre otros procesos, confluyeron y alcanzaron logros no solo en el plano simbólico sino también en el institucional.

Sin embargo y como contrapartida, la expansión de los feminismos también ha provocado resistencias. En un contexto regional atravesado por el avance de nuevas derechas, han proliferado discursos antigénero y antifeministas que buscan deslegitimar sus conquistas y reinstalar visiones conservadoras sobre el orden social y de género (Torricella, 2024). En el ámbito futbolístico, aunque siempre hubo normas y prejuicios culturales obstinados en controlar los cuerpos, los comportamientos y la sexualidad de las mujeres que desempeñaron la práctica, plasmados en los estigmas de la *machona* (Anderson, 2015) y la lesbiana (Rial y Almeida, 2023), en la actualidad se erigen y sancionan además otras formas de expresión. La militancia o el pronunciamiento político de las atletas se vuelven objeto de vigilancia y condena, en particular cuando se alinean con valores o percepciones feministas de la realidad.

Partiendo de observar la sinergia entre fútbol y feminismos y el sucesivo anuncio de la profesionalización del fútbol practicado por mujeres en Argentina, este capítulo se propone mostrar algunas emergencias de un campo históricamente atravesado por la desigualdad y la precariedad. Se observa un repertorio de acciones que dieron lugar a narrativas feministas en torno a las mujeres en el fútbol, que contradicen los lugares históricos de subyugación y despotencia política de los que fueron objeto. Seguidamente, se describen algunas formas en que un grupo de futbolistas construyen y

reapropian identificaciones políticas como *semiprofesionales*, *trabajadoras* e incluso *feministas*, no solo visibilizando situaciones de precariedad laboral, sino también discutiendo con un orden y unas relaciones de poder establecidas. En ese movimiento, se considera que no sólo se disputa reconocimiento, derechos y condiciones materiales, sino también los límites mismos de lo que se concibe legítimo, visible y políticamente aceptable en el universo deportivo.

El análisis y las reflexiones de este trabajo se basan en una tesis doctoral en desarrollo sobre el ingreso al profesionalismo de futbolistas de dos clubes argentinos de la máxima categoría de la provincia de Buenos Aires: Gimnasia y Esgrima La Plata y Estudiantes de La Plata. La investigación se desarrolló entre 2021 y 2023, desde un enfoque cualitativo y etnográfico (Rockwell, 2009) a partir de entrevistas y observaciones participantes realizadas con ambos planteles. Este texto recupera parte de ese material empírico, retomando fragmentos de nueve entrevistas en torno a preguntas que tuvieron la intención de mirar experiencias e interpretaciones de las futbolistas sobre el vínculo entre fútbol y feminismos. Cabe señalar que las mismas se comprenden en un marco de determinadas relaciones y posiciones en el espacio social (Gutiérrez, 1997), que condensan sentidos y tensiones que, aunque no pueden generalizarse, atraviesan el campo más amplio del fútbol de mujeres profesional en Argentina.

El fútbol y lo político

Con la modernidad, el campo de las prácticas deportivas se ha ligado a una filosofía que concibe el deporte como un espacio neutral, limpio, justo y desinteresado (como describe críticamente Bourdieu, 1990). Esa visión, funcional a los proyectos de formación ciudadana masculina de las élites europeas, sirvió para modelar conductas e instaurar determinados valores de orden social. Desde entonces, se ha difundido una idea del deporte como campo autónomo, deshistorizado y despolitizado, promovida desde ciertos sectores para contrarrestar su lectura como campo de poder y disputa de sentidos.

Tras los procesos de popularización y mercantilización del deporte en América Latina, no sólo se reconfiguran las prácticas, los practicantes y los públicos, sino también las funciones sociales del deporte (Alabarces, 2009). En estos contextos atravesados por desigualdades estructurales, aunque el deporte conserva un carácter

disciplinario, al mismo tiempo se convierte en un ámbito de socialización, disputa simbólica y proyección de modelos de sociedad. La noción de neutralidad es desbordada por distintas prácticas que politizan el deporte, desde dentro como por fuera de sus límites institucionales.

En Argentina, desde sus orígenes, el fútbol ha mostrado una profunda imbricación con la trama sociopolítica. Los clubes fueron objeto de propaganda y represión en regímenes dictatoriales, como también, y en diálogo con el Estado, actuaron como espacios de inclusión, promoción de derechos e incluso como plataformas de proyección política. Su estructura jurídica como asociaciones civiles –sostenida, no sin tensiones, hasta el presente (Daskal y Moreira, 2017)–, ha posibilitado formas de participación democrática, representación política y activismo deportivo que trascienden lo meramente institucional. Los hinchas y socios no solo intervienen en las estructuras institucionales formales, sino que también crean áreas específicas para interactuar por fuera, en torno a causas como derechos humanos, género, antirracismo, antifascismo, entre otras, generando alianzas que desbordan los límites del club de pertenencia (Cruz, 2022). Estas expresiones no están exentas de tensiones y conviven tanto quienes promueven una politización activa del deporte como quienes sostienen que fútbol y política son esferas separadas.

En los últimos años, el encuentro entre el fútbol y los feminismos ha catalizado un proceso novedoso de politización en clave de género. Esto se manifestó en la irrupción de luchas por la igualdad y reconocimiento de derechos para mujeres y disidencias sexuales dentro del ámbito deportivo. El fútbol de mujeres –una disciplina históricamente relegada de los clubes y tratada con negligencia por organismos como la FIFA y la AFA (Williams, 2011; Garton, 2019)– no sólo forma parte de estas dinámicas, sino que las encarna y reactualiza. Su emergencia como fenómeno público y político, profundamente atravesado por sentidos feministas, no sólo continúa con la tradición política del fútbol argentino, sino que introduce nuevas narrativas, sujetos y formas de disputa en el campo deportivo.

Politización en clave feminista

En sociedades que intentaron relegar a las mujeres al espacio doméstico para la reproducción biológica y el cultivo de la belleza, la práctica deportiva –en especial el fútbol– actuó frecuentemente como una forma de insumisión.

En Argentina, ya desde 1910, con la participación en el Primer Congreso de Feminismo Internacional, existen registros de mujeres que reclamaban su derecho a formar parte de la cultura física y deportiva (Scharagrodsky, 2014, en Hang y Moreira, 2020). Desde principios de ese siglo y hasta el tardío reconocimiento del fútbol de mujeres por parte de la AFA en 1991, se documentan historias de mujeres que jugaban y competían informalmente, resistiendo la marginación impuesta por los clubes y entes rectores (Pujol, 2019; Santin et al., 2021). Los Encuentros Nacionales de Mujeres (ENM)[4] –el principal espacio de representación y articulación política de los feminismos en el país desde la década del ochenta en adelante–, fueron claves para canalizar estigmas y formas de exclusión que enfrentaban las mujeres en el deporte. Allí, profesoras de Educación Física, entrenadoras y activistas vinculadas al ámbito deportivo se encontraban para poner en común problemáticas y experiencias de militancia desarrolladas en clubes y espacios comunitarios (Berdula, 2019; Berardi et al., 2019).

Sin embargo, tanto la politización, en términos de toma de conciencia y colectivización de las desigualdades de género en el deporte, como su incorporación en la agenda feminista, son más recientes y se vinculan con la emergencia de #NiUnaMenos[5]. Esta reacción popular frente a la violencia machista masificó el feminismo a nivel local y regional, transversalizando la comprensión de las violencias por fuera del espacio doméstico y ampliando tanto las demandas como los sujetos históricos del movimiento (Pis Diez, 2019). Desde entonces, ha podido observarse una mayor sinergia entre dos espacios que, hasta poco antes, se pensaban desconectados: el

[4] El Encuentro Nacional de Mujeres (actualmente denominado Encuentro Plurinacional de Mujeres, Lesbianas, Trans, Travestis, Bisexuales, Intersexuales y No Binaries), es un evento inédito en el mundo que se realiza anualmente en distintas ciudades de Argentina desde 1986, de manera autoconvocada, autónoma, autogestionada y federal. Durante tres días se desarrollan talleres temáticos y actividades culturales, y se intercambian y discuten problemáticas de coyuntura que involucran a mujeres y personas del colectivo LGBTI+.

[5] El *hashtag* (símbolo # seguido por un sintagma) es un elemento discursivo utilizado por el ciberactivismo para promover y movilizar causas a través de internet.

fútbol y los feminismos. En ese marco, y con el impulso de distintas personalidades y colectivos sociales, emergieron, se replicaron y articularon distintas acciones públicas de protesta: el reclamo por la inclusión de todos los cuerpos y sexualidades en el deporte; la democratización de los espacios de poder; la exigencia de tolerancia cero frente a los abusos sexuales en los clubes; el cuestionamiento a las lógicas violentas en las hinchadas; el reconocimiento y reparación histórica para las pioneras del fútbol y del periodismo deportivo; la visibilización y profesionalización del fútbol practicado por mujeres; entre otras demandas.

En ese contexto y desde experiencias de organización social y comunitaria, se difunde la noción de *fútbol feminista* como una resistencia y un planteo radical contra las normas binarias y las prácticas excuyentes –misóginas, xenofóbicas, racistas, mercantilistas–[6] que estructuran el fútbol (Majul, 2021). Junto con grupos que buscan recrear el juego desde una perspectiva feminista y como herramienta para la inclusión social[7], adquieren visibilidad distintas formas de militancias que dan cuenta de los diálogos entre el fútbol y los feminismos. Durante las multitudinarias jornadas de apoyo a la Ley de Interrupción Voluntaria del Embarazo (IVE) en 2018, por ejemplo, se introducen los *picaditos aborteros* (partidos informales en el espacio público, jugados durante los días de protesta), que asociaron el derecho a decidir sobre el propio cuerpo con el derecho de todos los cuerpos a jugar. Así también, las marchas callejeras por el Orgullo LGBT+ se tornaron escenarios en donde los cuerpos disidentes visten camisetas de sus clubes, denunciando y resignificando una pertenencia que históricamente les fue negada.

El lenguaje se convirtió también en una herramienta para hacer política en este ámbito. En línea con la consigna apropiada por los feminismos, “lo que no se nombra no existe”, el acto de nombrar cobra centralidad como práctica de visibilización y disputa en el deporte. En la edición del año 2018, la incorporación en los Encuentros

[6] La politización del fútbol de mujeres implicó una intersección con demandas no solamente por la igualdad de género, sino también con críticas al racismo, el capitalismo y una resignificación de las luchas por los derechos humanos.

[7] “La Nuestra”, un proyecto de fútbol feminista que nació en 2007 en la Villa 31 de Buenos Aires, un barrio popular comparable con las *favelas* brasileñas, es reconocido como un hito en la militancia del fútbol social y comunitario. Aquella fue una de las primeras experiencias en organizar el fútbol de mujeres desde una perspectiva de género y popular, utilizando el deporte como plataforma para la reivindicación de derechos, el empoderamiento de mujeres y el fortalecimiento de lazos comunitarios.

Nacionales de Mujeres del taller “Fútbol y Feminismos” –anteriormente denominado “Mujeres y Deporte” y “Mujeres y Fútbol”–, no solo reivindica al fútbol como un objeto legítimo de debate dentro de los feminismos, sino que condensa su orientación política. En el mismo sentido, como muestra Álvarez Litke (2020), el crecimiento de torneos recreativos de mujeres vino acompañado de una apropiación crítica y lúdica del lenguaje. Nombres de equipos como *Gordas Virgas*, *Tanga Feroz*, *Barbies Guerreras* o *Que Sea Ley* funcionaron como intervenciones simbólicas que resignifican lo femenino y lo deportivo, desafiando los sentidos androcéntricos y heteronormativos que históricamente marcaron al fútbol.

Por esos años, también se amplía la participación política de las mujeres en los clubes, mediante la conformación de áreas o departamentos de género que tienen el objetivo de prevenir, sancionar y erradicar las violencias machistas. Estos espacios, como ha mostrado Hang (2020), empiezan a funcionar como punto de encuentro entre los intereses de mujeres “feministas” que ven en el fútbol un lugar estratégico para combatir al patriarcado, con los de mujeres “futboleras” que, sin identificarse como militantes feministas, los utilizan para ejercer una participación política más activa en esas instituciones. Mientras las formas de activismo más mediatizadas, como las mencionadas, ocurrían en los grandes centros metropolitanos, la fuerza revolucionaria de la “marea verde-violeta”(expresión que combina el verde, color emblemático de la lucha por el aborto legal, y el violeta, también emblemático del feminismo en su lucha contra la violencia de género) repercutía en cada rincón del país. En provincias extracéntricas donde las ligas y torneos de fútbol oficiales se desarrollan con menor infraestructura y los prejuicios sociales se presumen más arraigados, en una época de incremento de mujeres en el fútbol formal e informal, muchas entrenadoras y jugadoras sostuvieron la práctica “poniendo el cuerpo” a esas condiciones y militando su legitimidad (Ibarra, 2021, p. 210).

La práctica competitiva y federada del fútbol practicado por mujeres fue clave para que las jugadoras ganaran visibilidad en los medios e impulsaran la demanda por la profesionalización. A diferencia del fútbol masculino –profesionalizado en 1931–, la disciplina femenina fue reconocida por la AFA recién en 1991 y desde entonces las jugadoras de la máxima categoría se vieron exigidas a desempeñarse como profesionales en una situación de amateurismo (Garton, 2019): sin salarios, sin

infraestructura adecuada, sin seguros médicos ni sociales y sin reconocimiento laboral. Un punto de inflexión inicial ocurrió en 2017 cuando, luego de dos años de inactividad competitiva, las integrantes de la Selección Nacional realizaron una huelga contra la AFA exigiendo pagos adeudados y mejoras en infraestructura y condiciones logísticas. El descontento escaló a nivel continental en la Copa América de Chile 2018, donde las jugadoras argentinas se manifestaron en el campo de juego con la consigna *Queremos ser escuchadas* y desataron una ola de reclamos de otras selecciones sudamericanas dirigidos a la FIFA y la CONMEBOL (Elsey, 2018).

Otro catalizador fundamental fue la acción de la futbolista Macarena Sánchez en enero de 2019, quien tras ser desvinculada del club UAI Urquiza y con el patrocinio de abogadas feministas (Abofemrgentina, 2019), demandó a la institución y a la AFA exigiendo el reconocimiento de su relación laboral como trabajadora profesional. El caso no tuvo precedentes y alcanzó una fuerte repercusión mediática, incluso a nivel internacional. Abiertamente identificada como lesbiana y feminista, Macarena articuló su reclamo con la consigna #SeVaACaer –el patriarcado– (Sánchez, 2020, pp. 42-46), vinculando la precarización estructural en el fútbol con la lucha feminista, por ejemplo, a través de declaraciones como "Nuestra lucha es desde el feminismo y pretende cambiarlo todo (...) el fútbol va a ser de todes o no va a ser". La contundencia y el carácter disruptivo de su posicionamiento, generaron acciones extremas como amenazas de muerte y extorsiones (*Olé*, 2019a), lo que provocó una ola de indignación y solidaridad de parte de organizaciones, colectivos feministas y personalidades del ámbito deportivo y político. Este hecho llegó a ser repudiado en el propio Senado de la Nación argentina, y el organismo se expidió contra la desvinculación de la jugadora, alegando vulneración de derechos laborales por las condiciones de informalidad y precariedad. En el mismo sentido, la expresidenta de la Nación, Cristina Fernández de Kirchner, se reunió con la jugadora y compartió en redes sociales una fotografía del encuentro, acompañada de un mensaje de apoyo a la causa de todas las futbolistas argentinas (Fernández, 2019).

Los pronunciamientos públicos y el activismo cibernético (Lamas, 2020) tras la viralización del *hashtag* #fútbolfemeninoprofesional, impulsados por jugadoras de distintos clubes de primera división y ligas menores, junto a colectivos y activistas feministas, instalaron la demanda de la profesionalización en la agenda pública y

escalaron el conflicto por la desigualdad de género en el deporte. Aquello logró interpelar y atraer el apoyo de figuras destacadas de la política, el deporte y la cultura a nivel nacional[8]. La creciente convergencia entre el universo del fútbol y el movimiento feminista se evidenció el #8M de 2019, cuando el reclamo por la profesionalización se integró explícitamente en las convocatorias, los comunicados oficiales y las pancartas de las movilizaciones por el Día Internacional de la Mujer Trabajadora (Coordinadora Fútbol Feminista, 2019).

Acciones como las mencionadas no solo visibilizaron la precarización estructural que atraviesa al fútbol de mujeres, sino que también contribuyeron a su politización en clave afectiva y feminista. En términos de Jaggar (1989), podrían entenderse como prácticas político-afectivas: expresiones públicas atravesadas por emociones –es decir, textualidades públicas (Amhed, 2005)–, percepciones de la realidad y valores feministas[9], orientadas por un deseo de transformar las relaciones de género imperantes, en este caso, en el deporte. Movilizadas por el hartazgo, la indignación, el orgullo o el deseo de transformación, estas intervenciones contribuyeron a resignificar el lugar de las futbolistas como sujetas políticas. Reclamos como el reconocimiento laboral, el derecho a jugar, a decidir y a participar en el deporte o la política deportiva resignifican el propio campo y lo inscriben en luchas más amplias por la justicia social.

La “era profesional" y la emergencia de nuevas narrativas

En la última década, en un intento por revertir años de abandono institucional, la FIFA y sus confederaciones comenzaron a implementar medidas para desarrollar el fútbol practicado por mujeres, orientadas al márquetin y la construcción de una marca propia (Hijós, 2019). En América Latina, una de las medidas más significativas fue la exigencia de CONMEBOL en 2019 de incorporar equipos femeninos como condición para competir en torneos oficiales, lo que impactó en la visibilidad y estructuración de

[8] Por ejemplo, Carlos Alberto “El Indio” Solari, una figura icónica de la músicapopular argentina, expresó: “Ésta es mi manera de contribuir y apoyar a las chicas que practican fútbol y quieren profesionalizarse y que sea tomado como un trabajo. Entonces quiero apoyar eso porque me parece merecido, independientemente de lo que la sociedad ve. El gobierno tiene la obligación de, a los deportistas, insuflarles aliento y animación pero también dinero”. Ver (FutFemGol, 2019).

[9] Para la autora, los “valores feministas” pueden pensarse en contraposición a los “valores opresivos” y van más allá del feminismo como etiqueta o identidad política asumida conscientemente.

la disciplina. Sin embargo, estos cambios no pueden explicarse solo por disposiciones institucionales sin contemplar la lucha colectiva de las jugadoras, que más claramente desde la Copa Mundial de 2015[10] comenzaron a organizarse y reclamar de manera sostenida por el reconocimiento de sus derechos laborales.

En el caso argentino, el año 2019 marcó otro punto de inflexión en esta trayectoria. A través de un acuerdo entre la Asociación del Fútbol Argentino (AFA) y el sindicato Futbolistas Argentinos Agremiados (FAA), en marzo de ese año se anunció la profesionalización del fútbol practicado por mujeres. El hecho fue trascendental, no sólo porque por primera vez reconocía a las jugadoras como trabajadoras del deporte –incluyéndolas por primera vez en el Convenio Colectivo de Trabajo 557/09, hasta entonces exclusivo del fútbol masculino–, sino porque además destinaba fondos para implementar un plan estratégico de desarrollo. No obstante, el anuncio no estuvo exento de controversias. El presidente de la Asociación, Claudio Tapia, pronunció entonces: "Nosotros estamos convencidos de que vamos a ser la conducción que le va a dar la igualdad de género al fútbol", intentando posicionar este logro como una conquista de su gestión institucional. Esta narrativa, al omitir el contexto de lucha que precedió a la decisión, dejaba a las futbolistas en un lugar pasivo, como meras receptoras de una política de inclusión (Garton, Hijós y Alabarces, 2021).

La posición oficialista produjo reacciones adversas que circularon principalmente en las redes sociales y adquirieron gran repercusión en los medios digitales. Varias jugadoras con visibilidad pública se manifestaron en disconformidad, anteponiendo que se trataba de un logro conseguido por los años de resistencia al amateurismo y la lucha colectiva. La propia Macarena Sánchez escribió en su cuenta de *Twitter*: “El fútbol femenino es profesional gracias a NOSOTRAS. A las que nos bancamos tantos años de mierda. Esto es el comienzo, hay que seguir reclamando por lo que todavía falta” (Sánchez, 2019). Por el mismo medio, la reconocida periodista Ángela Lerena, pionera en el periodismo deportivo, emitió una felicitación irónica a la AFA, sugiriendo que su respuesta fue resultado de la presión de las jugadoras: “(...)

[10] La edición de la Copa Mundial Femenina de Fútbol de Canadá 2015 marcó un hito para la disciplina, no solamente por el aumento de 16 a 24 selecciones participantes del torneo, sino también al registrar récords de asistencia y audiencia de los partidos.

Hoy, se anunció el #FutbolFemeninoProfesional. Felicitaciones a la @afa por escuchar a sus jugadoras y animarse a hacer historia" (Lerena, 2019).

En este contexto emergió con fuerza el epíteto *semiprofesional*, promovido por futbolistas, periodistas y activistas del fútbol feminista, para referirse de manera crítica a la nueva etapa. Si bien el término ya circulaba antes del anuncio, tras 2019 adquirió nuevos sentidos y se convirtió en una herramienta para evaluar la verdadera dimensión del cambio. Aunque las voces críticas reconocían que el anuncio representaba un "avance", señalaban sus limitaciones, principalmente en aspectos como la precariedad salarial (los salarios se equiparaban con la cuarta división del fútbol masculino) y la falta de contratos para la totalidad de jugadoras de los planteles de primera división (ya que sólo se garantizaba financiamiento para ocho contratos profesionales por equipo). También se hizo referencia a la necesidad de mejorar la infraestructura en los clubes, a una mayor cobertura de parte de los medios de comunicación y a un desarrollo federal más equitativo para los clubes y deportistas de provincias extracéntricas. Estos señalamientos tornaban a la conquista parcial e incompleta.

Por entonces, y movilizada por activistas de la comunicación feminista –cuyas praxis buscan intervenir en el debate público desde una mirada crítica (Justo y Spataro, 2018)–, se consolida una narrativa contrahegemónica que no solo reconoce y reclama el reconocimiento de la historia de lucha de las futbolistas, sino que también cuestiona el relato institucional de la AFA y, con ello, la propia noción de profesionalismo. Esta perspectiva fue ganando legitimidad, hasta ser progresivamente incorporada por los principales medios de comunicación, que en ese periodo comenzaron a incluir temáticas de género en el deporte a través de redactoras con perspectiva feminista. Periodistas reconocidas del ámbito deportivo, como Ayelén Pujol y Daniela Lichinizer, fueron autoras de varias de estas coberturas[11].

Además de reproducir la noción de *semiprofesionalización*, los medios hegemónicos comenzaron a mostrar algunas transformaciones en las formas de presentar a las futbolistas (Backhoven, 2025), quienes históricamente habían sido objeto

[11] En una conversación informal con la periodista Ayelén Pujol, esta señaló que desde 2018 colabora de forma independiente con distintos medios, y que su trabajo –al igual que el de otras profesionales del sector– comenzó a ser convocado específicamente para abordar temáticas vinculadas al género y al deporte.

de subrepresentación, sexualización y banalización (Moreira y Litke, 2019). Al comunicar el anuncio de la AFA, puntualmente, no solo se apeló a expresiones de alto impacto simbólico como "conquista", "cambio histórico" o "inicio de una nueva era", sino que también se reconoció el trasfondo de disputa otorgándole una dimensión conflictiva y reivindicativa, dando lugar a las voces de las propias jugadoras e historizando su recorrido. Así, se reconocía que no se trataba de un fenómeno nuevo ni aislado. Ejemplo de ello son las coberturas de medios como *Infobae* (2019), *Clarín* (2019a/b), *Página 12* (2019a/b) y *Olé* (2019b/c).

En este aspecto, el encuentro entre fútbol y feminismos no solamente logra impulsar una transformación institucional a través del anuncio de la profesionalización, sino que también redefine los marcos interpretativos desde los cuales se empieza a comprender la lucha de las futbolistas, legitimando sus demandas por igualdad en el deporte y otorgándoles un reconocimiento como sujetas políticas activas en la conquista de sus derechos.

Semiprofesionales **y** ***trabajadoras*** **del fútbol**

En el contexto inaugurado por el anuncio de la AFA, que sugería el inicio de una "era profesional", emergieron identificaciones políticas para hacer visible la persistencia de algunas condiciones amateurs, desde una toma de posición crítica respecto de los alcances del cambio.

Por un lado, reaparece el término *semiprofesional* para describir, narrar y dotar de sentido a su situación. Por ejemplo: *Nosotras hoy por hoy somos jugadoras semiprofesionales. Un sueldo bajo no nos cambia la realidad (...) ser profesional es tener apoyo, tener inversión, que apuesten por nosotras*, señaló una jugadora de Estudiantes de La Plata. En una línea similar, una futbolista de Gimnasia y Esgrima La Plata sostuvo que: *Es difícil decir 'sí, soy una profesional', somos semiprofesionales, esa es la realidad. No hablo de que no nos tomemos en serio esto, es nuestro trabajo, pero lo hemos tomado en serio desde antes de que nos paguen por jugar. Quizás el día que me pueda dedicar 100% al fútbol pueda decir "sí, soy una jugadora profesional"*.

Este tipo de testimonios, que se erigen además como enunciaciones públicas, permiten mirar al menos dos cuestiones centrales. En primer lugar, el uso del término

semiprofesional funciona como una forma de denuncia. Las jugadoras distinguen claramente entre la actitud profesional que reivindican como propia desde antes del reconocimiento institucional –"tomarse el fútbol en serio", en términos de compromiso y conducta profesional–, y las condiciones estructurales necesarias para ejercerlo como un trabajo profesional. Desde ese lugar, se inscriben en una postura de no conformismo: reconocen los avances, pero al mismo tiempo señalan lo que todavía falta. En esa toma de palabra se expresa una forma de agencia activa que busca visibilizar la insuficiencia del cambio y mantener abiertas las disputas en torno a derechos aún no garantizados. En segundo lugar, es significativo que, en un contexto marcado por desigualdades internas –donde no todas las jugadoras de los planteles accedieron a contratos laborales, y entre las que sí lo hicieron, los salarios resultan dispares y discrecionales (Arambuena, 2022)–, muchas se enuncien en plural: "nosotras, las semiprofesionales". Esta forma de nombrarse revela una colectivización del malestar, una identificación común que no se limita a un diagnóstico individual, sino que opera como una forma de solidaridad, construyendo un sujeto capaz de resistir las fragmentaciones impuestas por el propio sistema.

En este marco, también adquiere relevancia la identificación como *trabajadora* del fútbol, que tiene lugar en momentos más específicos como una afirmación deliberada que busca disputar reconocimiento y habilitar un reclamo de derechos. En palabras de una jugadora: *Aunque no lo sienta como trabajo, porque juego al fútbol desde que me acuerdo, digo que es mi trabajo, porque siento que es una posición de lucha (...) en parte el cómo estén otras después depende de lo que hagamos hoy. En ese aspecto me siento y digo que soy trabajadora del fútbol*. Nombrarse como trabajadora no implica una descripción de una vivencia subjetiva ("no lo siento como trabajo"), sino una decisión política. Identificarse de ese modo es asumido como una posición de lucha, una forma de incidir en las condiciones futuras de la disciplina y de quienes la practican.

Como afirmó otra jugadora del mismo club: *Cuando Maca se planta y dice "yo soy una trabajadora del fútbol", ahí hay una connotación política. Antes de ella, decir trabajadora y decir futbolista eran dos palabras que no podías unir (...) me parece que hoy decir soy trabajadora es también visibilizar lo que falta*. Este gesto discursivo, que remite al precedente inaugurado por la futbolista Macarena Sánchez, habilita la

reapropiación de una categoría históricamente ausente en el fútbol de mujeres, como la de trabajadoras. En ese sentido, se convierte en una herramienta para disputar sentidos y transformar los marcos desde los cuales se piensa el deporte como trabajo. Nombrarse trabajadora, entonces, no es simplemente constatar una situación, es también intervenir activamente sobre ella.

Estas formas de identificación, lejos de ser pasivas, se constituyen como prácticas situadas cargadas de agencia, mediante las cuales las futbolistas disputan no sólo derechos materiales, sino también los sentidos mismos del profesionalismo, el trabajo y lo político en el universo deportivo.

Futbolistas y feminismos

Como venimos señalando, la articulación entre el movimiento feminista y el fútbol de mujeres en Argentina ha sido particularmente potente en la última década, contribuyendo a visibilizar desigualdades históricas y a impulsar conquistas como la profesionalización. Esta asociación ha sedimentado cierta percepción, en términos de imaginarios sociales, de que las futbolistas estarían intrínsecamente ligadas al feminismo, ya sea ideológica o políticamente. La misma se refuerza en el discurso que interpreta los avances de la disciplina como resultado directo de la lucha feminista. Sin embargo, al analizar las experiencias y posicionamientos de las jugadoras, esta relación dista de ser lineal o exenta de tensiones.

En términos generales, puede afirmarse que las jugadoras reconocen el papel central que ha tenido el movimiento feminista en los avances del fútbol practicado por mujeres, tales como la conquista de la profesionalización, la mayor visibilidad mediática o la paulatina revalorización social de la disciplina. Muchas se inscriben en una genealogía de lucha que recupera la historia de Las Pioneras del siglo pasado, apoya las protestas de la Selección Nacional frente a la AFA o reivindica acciones como la de Macarena Sánchez en 2019, constituyendo así una forma de memoria activa que no solo construye identidad, sino que disputa sentidos en el presente (Jelin, 2002). No obstante, estas formas de reconocimiento o pertenencia simbólica no siempre se traducen en una identificación política como feministas. Las jugadoras desarrollan prácticas que podrían inscribirse en un feminismo práctico, esto es, en acciones o en la identificación con acciones que desafían el orden patriarcal sin que medie necesariamente una

autoidentificación ideológica (Broggi et al., 2019). Participar de una marcha callejera, reclamar por mejores condiciones o solidarizarse frente a situaciones de violencia institucional son ejemplos de este tipo de politización no siempre nombrada como tal.

A diferencia de lo que ocurre con jugadoras/celebridades, cuyo activismo por la igualdad ha sido mayormente aceptado[12] e incluso celebrado, en Argentina esto puede llegar a constituirse en algo incómodo o riesgoso para las futbolistas. Como señalan Garton y Moreira (2020), en el contexto argentino, quienes se pronuncian políticamente o denuncian situaciones de injusticia son estigmatizadas como "quilomberas"[13] o "desagradecidas" (p. 6). Esos adjetivos funcionan como dispositivos disciplinadores y producen sentidos acerca de los límites del comportamiento aceptable en el deporte profesional. Lo ocurrido con Luciana, una jugadora que fue desvinculada arbitrariamente de su club antes de finalizar su contrato, evidencia cómo estas sanciones exceden lo simbólico y se traducen en consecuencias de otro orden sobre sus trayectorias deportivas: *La militancia te pasa factura. Yo estaba muy activa en la Coordinadora de Fútbol Feminista*[14] *(...) Un día me citaron en una estación de servicio para decirme que no me iban a tener en cuenta. Fue un momento en el que quise dejar el fútbol porque pensé "este no es un lugar para mí"*. Este tipo de experiencia muestra que, más allá del consenso en torno a la importancia de la lucha colectiva, ser futbolista y, como en este caso, activista feminista, implica asumir costos incluso laborales.

En ese contexto, las futbolistas expresan una amplia gama de posicionamientos en torno al feminismo, que van desde el compromiso militante hasta la cautela o el rechazo. Algunas se reconocen abiertamente como feministas y participan activamente

[12] Sobre el caso estadounidense, Cavalier y Allison (2021) muestran que el activismo político de las futbolistas tiende a ser percibido por gran parte del público como legítimo, incluso como un derecho ganado frente al sexismo estructural que históricamente las ha afectado. En ese contexto, la libertad de expresión aparece como un valor reconocido y socialmente habilitante para sus posicionamientos políticos, sea cual fuera su orientación.

[13] En Argentina, la palabra "quilombo" se usa popularmente para referirse a un desorden, caos o situación confusa. Su origen se remonta a los quilombos brasileños, asentamientos de esclavos liberados que simbolizaban resistencia. Sin embargo, el lunfardo argentino distorsionó su sentido original y el vocablo adquirió un sentido peyorativo, asociado a prostíbulos, especialmente si involucraban a mujeres de ascendencia africana. Esta transformación del significado ha generado controversia y acusaciones de racismo debido a su carga histórica y social.

[14] La "Coordinadora Sin Fronteras de Fútbol Feminista" es una red de hinchas, jugadorxs, periodistxs, dirigentxs y organizaciones que militan por visibilizar experiencias y problemáticas de mujeres y disidencias vinculadas al fútbol. Ver (Coorfutfem, s.f.)

en acciones colectivas; otras, aunque comparten muchas de las causas del movimiento y apoyan sus luchas, prefieren no asumirse públicamente con esa identificación.

Esta cautela no siempre obedece a desacuerdos ideológicos –aunque también los hay–, sino a los efectos que atribuyen a ese posicionamiento: temor a represalias institucionales, juicios del entorno o la percepción de que se requiere cierto capital cultural o político para reivindicar esa etiqueta. Giovanna, por ejemplo, expresa: *Yo apoyo el feminismo, pero no digo que soy feminista porque siento que no tengo mucho conocimiento sobre el tema. Hay otras que están más metidas y pueden hablarlo mejor*. De forma similar lo hace Agustina: *Me considero feminista, banco desde afuera y todo, pero no tengo tanto conocimiento de política como para hablarlo*. En ambos casos, el feminismo aparece como una categoría exigente, asociada a saberes y credenciales militantes y políticas de las que creen carecer.

También se delinean demarcaciones internas entre futbolistas que se consideran "más comprometidas" con las causas del movimiento feminista y quienes prefieren desempeñarse en lo estrictamente deportivo. Para algunas, el solo hecho de ser mujer en un ámbito históricamente hostil como el fútbol supone un compromiso político mayor. Como sostiene Juana: *En el fondo, toda futbolista sabe que en cualquier momento puede perder lo que tiene, te involucres de lleno o no, sos consciente de eso (...) Me enoja cuando algunas están en esa de "juego al fútbol y listo". Hay que movilizar, hay que seguir luchando en la calle por otros temas que son de todas las mujeres*. Así también, hay quienes adoptan formas de participación o involucramiento que consideran más apacibles, vinculadas con apoyos simbólicos o la expresión individual. Por ejemplo, Milagros: *Siempre comparto en redes cuando salimos con consignas de Ni Una Menos o cuando fue el caso de abuso de las futbolistas*[15] *(...) En esas cosas me siento cómoda, siento que tiene más que ver conmigo*. Estas diferencias no siempre implican oposición, pero sí dan cuenta de distintos modos de habitar la politicidad dentro del campo del fútbol de mujeres.

Las demarcaciones que se trazan en torno al feminismo también movilizan una serie de moralidades de género sobre cómo debe actuar (o no actuar) la "futbolista

[15] En mayo de 2022, con la consigna #SíLoSabían, las futbolistas se manifestaron en la sede social de la AFA para acompañar los reclamos por la destitución del director técnico Diego Alberto Guacci, quien en 2020 fue denunciado por cinco jugadoras por acoso sexual y conducta abusiva.

feminista". En ciertos relatos, se construye una figura de la jugadora con ese tipo de politización como excesiva o inapropiada. Gabriela, una jugadora extranjera de Gimnasia que rechaza identificarse con el feminismo argentino y como feminista, expresa que muchas de las demandas dentro del fútbol practicado por mujeres le resultan desmedidas: *Hay mucha queja permanente y esas actitudes las alejan de un comportamiento profesional. Ahora es tu trabajo, es tu responsabilidad (...) Hay que demostrar que estamos a la altura*. Desde esta perspectiva, reclamar se vuelve sinónimo de ingratitud y se contrapone a una idea de profesionalismo asociada a la condescendencia, la disciplina y la adaptación. Subyace así una expectativa sobre las futbolistas, quienes deben ser agradecidas y "estar a la altura" del lugar que ocupan, evitando confrontaciones que puedan ponerlo en riesgo.

Incluso entre quienes se asumen y se identifican como feministas, aparece una preocupación por regular los modos de expresar ese posicionamiento. Así lo considera Julieta, una de las capitanas de Estudiantes: *Soy feminista, pero también soy razonable y cuidadosa. No me gusta hacer quilombo por boludeces. Al ruido lo hago en equipo y todas juntas, si no, no sirve (...) Ante cada situación me siento a pensar si vale la pena, hasta dónde conviene exponernos para no perjudicar a mis compañeras*. Su postura condensa una lógica de acción premeditada, cuyo cálculo responde al conocimiento tácito de que ciertas actitudes no son toleradas, y que correrse de esos márgenes podría implicar sanciones, fracaso en la acción o pérdida de legitimidad en el grupo. Además, el relato de esta jugadora es particularmente ilustrativo al contrastar el "ser feminista" con el "ser razonable y cuidadosa". Esa contraposición proyecta un riesgo sobre la figura de la feminista una carga negativa: el de excederse, no controlar los impulsos y actuar guiada por "pasiones". Así, el feminismo se percibe como desmedido, irracional o disruptivo, y se le exige ser "encauzado" para ser legítimo y productivo.

Ahora bien, dentro de los equipos las futbolistas con perfiles militantes o activistas –impulsados por una conciencia feminista–, suelen emerger como las referentes naturales. Encabezan reclamos, canalizan inquietudes colectivas y tienden puentes entre las jugadoras y los cuerpos dirigenciales. Su referencia trasciende lo deportivo y se vuelve estratégico en contextos de conflicto o negociación. Ana, una de las jugadoras más experimentadas de Gimnasia, relató que durante los primeros años de la era profesional, ante la incertidumbre por la falta de contratos, organizó una reunión

con sus compañeras que dio lugar a un canal de diálogo con las autoridades del club. En línea con esta idea, Florencia, capitana del mismo plantel, reflexiona que *en el fútbol femenino pasa algo con las capitanas, no tanto de ser ejemplos a seguir en lo deportivo, sino de saber plantarse y defender*. La elección de las referencias no responde solamente a méritos deportivos, sino a la capacidad de respaldar al grupo frente a situaciones adversas. Se valoran, especialmente, aquellas figuras capaces de sostener al equipo, no solo desde lo táctico, sino también desde el cuidado, la contención y la interlocución política.

En definitiva, antes que pensar la relación entre futbolistas y feminismos en términos de adhesión o rechazo, es fundamental entenderla como un vínculo situado. Las tensiones y ambivalencias que se desprenden de sus relatos y experiencias son evidencia de un campo dinámico atravesado por relaciones de poder. Lo que está en juego no es solo una identidad política, sino también estrategias cotidianas para sostener los espacios ganados y preservarse individual y colectivamente.

Precariedad y potencia política

Aunque impulsadas por procesos más amplios de politización feminista, la profesionalización y la emergencia de las futbolistas como sujetas políticas no deberían entenderse como meras consecuencias del avance de los feminismos contemporáneos. A la vez, podrían leerse como una producción activa de sentidos, narrativas y prácticas disonantes con el orden dominante, que tuvieron lugar en un tiempo histórico dado, dialogando con los feminismos (sus demandas, métodos y pedagogías) y, al mismo tiempo, contribuyendo a su producción (Brown, 2014).

El periodo observado dió lugar a nuevas formas de politización: futbolistas semiprofesionales, trabajadoras del fútbol, e incluso futbolistas feministas, se constituyeron como modos de identificarse y/o posicionarse frente a la desigualdad y el disciplinamiento. Se verifica que, como toda identificación social (Hall, 1996), no son fijas ni autoevidentes, sino dinámicas y relacionales, en tanto que surgen, se activan y también se desactivan situacionalmente, y en interacción con un contexto y los modos en que los otros –sean reales o imaginarios– definen y producen expectativas sobre sí (Dubar, 2002). Ahora bien, en esta producción de nuevas identificaciones, la precariedad tiene un lugar central, no sólo como condición material, sino especialmente

como categoría política, porque actúa como la fuerza capaz de movilizar nuevas posibilidades de existencia, de solidaridad e incluso de organización colectiva (Butler, 2017).

La identificación de *semi*-profesionales involucra la precariedad como una condición constitutiva; sin embargo, no trata únicamente de hacer visible una carencia de condiciones materiales y derechos laborales, sino de convertirla en una posición que interpela y denuncia, con el objetivo de transformar una situación existente. Del mismo modo, al enunciarse trabajadoras del fútbol en determinados contextos, las jugadoras despliegan tácticas discursivas para hacer existir públicamente esa condición, tornándola reconocible y reivindicable. Ambas formas de identificación se constituyen desde la escasez o la falta, haciendo emerger subjetividades que reclaman para sí legitimidad y generan potencia política desde lo precario, lo inestable o lo no reconocido (Gago, 2020).

Por su parte, las tensiones en torno a la politización feminista –como identificación política o filiación ideológica– evidencian lo que Fraser (2011) denomina la tensión entre redistribución y reconocimiento: mientras se conquistan derechos materiales, persisten formas de exclusión simbólica que operan con fuerza en el plano identitario. La figura de la "futbolista feminista" adquiere un sentido ambivalente: puede ser reconocida como referente, protectora y portavoz del colectivo, pero también es estigmatizada como problemática o inconveniente. Esta segunda acepción reactualiza mecanismos de control y vigilancia –como los estigmas de la "marimacho" o la "lesbiana"– que perpetúan estereotipos de género en torno a los comportamientos esperados de las deportistas. En ese marco, la reticencia y, en ocasiones, el rechazo a identificarse como feministas no necesariamente implica desacuerdo con las transformaciones que dicho movimiento promueve, sino que puede leerse como una forma de negociación y autocuidado frente a un entorno que penaliza ciertas marcas políticas. Estas reticencias no son ingenuas, y en ellas operan moralidades que, sobre la base de esos mismos estigmas, delimitan formas de ser futbolista y feminista que resultan legítimas, y cuáles son percibidas como indeseables o disruptivas respecto de una "buena profesional".

Como afirmamos al inicio de este trabajo, la presunción de apoliticidad en el deporte opera como supuesto normativo y mecanismo de disciplinamiento. En el caso de los deportistas, cuando un futbolista se expresa políticamente se lo acusa de "contaminar" el deporte, reforzando la idea de que debe permanecer al margen de los conflictos sociales. Podríamos decir que esta sanción se verifica en el caso de las futbolistas, particularmente cuando sus actuaciones se inscriben en un campo ideológico o de la política feminista. La figura de la "futbolista feminista" no solamente incomoda por introducir lo político en el terreno deportivo, sino que es doblemente disruptiva por encarnar una forma específica de politización que cuestiona y desestabiliza los fundamentos androcéntricos del propio campo. No obstante, y a pesar de toda forma de disciplinamiento, las jugadoras han asumido con frecuencia prácticas de denuncia frente a las injusticias, constituyéndose en actoras clave de los procesos recientes de politización del deporte argentino.

Consideraciones finales

En un texto escrito en la primera década de este siglo, Branz (2008) advertía que el fútbol practicado y vivido por mujeres no parecía disputarle hegemonía ni sentidos al modelo masculino dominante. Desde su perspectiva, la invisibilidad de las mujeres en la política y la gestión de su propia práctica deportiva, anulaba la posibilidad de un conflicto abierto: "todos pensamos el fútbol por y para los hombres" (p. 54). Del mismo modo, poco después, sostuvimos que las narrativas futbolísticas seguían siendo "producidas, reproducidas, protagonizadas y administradas por hombres" (Alabarces, 2013, p.29). A más de una década de esas afirmaciones, los procesos recientes de politización feminista que atravesaron el fútbol parecen revocar esas imposibilidades. No sólo porque comienzan a disputarse más activamente los espacios de juego y de poder, sino porque convirtieron al fútbol en una trinchera desde la cual interpelar las estructuras de género que aún lo sostienen. Todavía más, en la última década, el fútbol practicado por mujeres se consolida no solamente como un campo de disputa política, sino como un espacio estratégico para la igualdad de género y la defensa de los derechos humanos, uniéndose a luchas más amplias por la justicia social.

Desde este nuevo escenario, a lo largo del capítulo se atendió a la emergencia de algunos modos de politización (que pueden pensarse como estrategias micropolíticas

que surgen desde lo precario) que las futbolistas despliegan para habitar y negociar su lugar en el campo deportivo. Se argumentó también que su relación con los feminismos se produce como un proceso complejo, en medio de tensiones entre el reconocimiento y el estigma, entre la profesionalización formal y algunas formas de amateurismo persistentes y entre el impulso de demandas feministas y los límites que estas encuentran en un terreno hostil a sus reivindicaciones. A través de actos de enunciación –novedosos, pragmáticos y, algunas veces, contradictorios– disputan activamente visibilidad, legitimidad y derechos.

Aunque no siempre se reconocen como "políticas", sus acciones y posicionamientos –como identificarse como semiprofesionales, asumirse trabajadoras del fútbol, demandar mejores condiciones laborales u organizar canales de diálogo y negociación con las dirigencias– constituyen interpelaciones a lo establecido, desbordando lo socialmente admitido en este espacio y revelando, desde nuevas modalidades, la dimensión política que el campo de las prácticas deportivas pretende negar. Finalmente, este trabajo también ha buscado mostrar que, una vez más, el fútbol es un escenario donde lo deportivo, lo político y la política se entrelazan, permeando y construyendo la propia sociedad de manera persistente.

Bibliografía

ABOFEMARGENTINA (30 de enero de 2019). *Nota realizada a @melisagarcia.abogada titular del estudio @estudiomelisagarcia por la situación del #futbolfemenino en general y el caso del despido/desafectación de @macasanchezj en particular*. https://www.instagram.com/p/BtRH9WEg_1R/

ALABARCES, P. (2009). *El deporte en América Latina*. Razón y palabra, N°69. https://deporteparatodos.com/imagenes/documentacion/ficheros/20091224095338el_deporte_en_america_latina.pdf

ALABARCES, P. (2013). *Fútbol, leonas, rugbiers y patria El nacionalismo deportivo y las mercancías*. Nueva Sociedad, 248, pp. 28-42.

ÁLVAREZ LITKE, M. *¿Fútbol femenino o feminista? Disputas de sentido en torno al género y el deporte en Argentina*. Kula. Antropología y Ciencias Sociales, N°22, pp. 9-26, 2020.

https://ri.conicet.gov.ar/bitstream/handle/11336/171921/CONICET_Digital_Nro.13a7ad8b-3260-46ab-9b70-b98e72a3e97a_B.pdf?sequence=2&isAllowed=y

ANDERSON, P. (2015). *Sporting Women and Machonas: negotiating gender through sports in Argentina, 1900–1946*, Women's History Review, *24*(5), 700–720. https://doi.org/10.1080/09612025.2015.1028210

ARAMBUENA, R. L. (2022). *En torno de la situación de las jugadoras de Primera División de dos clubes platenses: Apuntes para reflexionar sobre la noción de futbolista profesional.* [Ponencia] XI Jornadas de Sociología de la UNLP. https://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/library?a=d&c=eventos&d=Jev15516

BACKHOVEN, M. (2025). *De Diosas a cracks: el cambio de representación de mujeres en el Diario Olé*. Ludopédio, São Paulo, v. 188, n. 3, 2025.

BERARDI, M. J.; Russo, C.; Aon, J.; Dominich, V.; Royano, E.; Lozano, J. y Santino, M. (2019). *La Nuestra Fútbol Feminista: experiencias de un juego posible*. FuLiA/UFMG, Minas Gerais, v. 4, n. 1, jan.-abr., 2019. https://www.academia.edu/114517608/La_Nuestra_F%C3%BAtbol_Feminista_experiencias_de_un_juego_posible

BERDULA, L. I. (2019). *Historias de-vidas, derivas de la dirección técnica a un fútbol a un fútbol feminista. [Ponencia] 13 Congreso Argentino de Educación Física y Ciencias*. http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.12911/ev.12911.pdf

BOURDIEU, P. (1990). *¿Cómo se puede ser deportista?*, en Sociología y cultura. México: Editorial Grijalbo S.A.

BRANZ, J. B. (2008). *Las mujeres, el fútbol y el deseo de disputa: Cuando lo deportivo debe volverse político*. Educación Física y Ciencia 1045-57. ISSN 2314-2561

BROGGI, D. (comp.). (2019). *Territorios Feministas: Experiencias, diálogos y debates desde el feminismo popular*. Batalla de ideas.

BROWN, V. (2014). F*eminism, time, and nonlinear history*. Breaking feminist waves.

BUTLER, J. (2012). *Cuerpos que importan: sobre los límites discursivos del sexo*. Paidós.

CLARÍN (16 de marzo de 2019a). *Un cambio histórico: acuerdo entre la AFA y Agremiados para profesionalizar el fútbol femenino*. https://www.clarin.com/deportes/futbol/acuerdo-afa-agremiados-profesionalizar-futbol-femenino_0_olO9E1vHS.html?srsltid=AfmBOopJE2peaLnoQYgB2Bf9yR0HgLq24M1V0vfC_EgLRWDdwZmdwkKZ

CLARÍN (1 de abril de 2019b). *Fútbol femenino profesional: la mirada de quienes militan con la pelota*. https://www.clarin.com/entremujeres/genero/futbol-futbol-femenino-profesionalizacion-afa_0_zCWddbIU4.html

COORDINADORA sin fronteras de Fútbol Feminista (s.f.). *Infografía*. https://drive.google.com/file/d/19X0pYfilyIeUikFvXhF4exkWI7xsgOEL/view?usp=sharing

COORDINADORA Fútbol Feminista [@coorfutfem] (6 de marzo de 2019). *Este viernes #8M nos juntamos en Av. Callao y Av. Rivadavia a las 16:30 hs. Marchamos para conseguir un fútbol más inclusivo, feminista, disidente y profesional.* [Fotografía]. Instagram. https://www.instagram.com/p/BurLw8dgrT7/

CRUZ, N. (2022). *"Los clubes son de los socios, no de los empresarios": Nuevas formas de militancia y organización*. Un análisis de la Coordinadora de Hinchas. En Actas publicadas. https://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.15866/ev.15866.pdf

DASKAL, R. y Moreira, M. V. (2017). *Clubes argentinos: debates sobre un modelo*. UNSAM Edita.

ELSEY, B. (2018). *Fútbol feminista: Energized by the #NiUnaMenos movement, women's soccer teams take on the patriarchs of the beautiful game in Latin America.* NACLA -REPORT ON THE AMERICAS, Vol. 50, No.4, pág. 423-429. https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/10714839.2018.1551466

FIFPro (2020). *Raising our game. Informe sobre el fútbol femenino*. https://fifpro.org/media/fmdmahmw/fifpro-womens-report_spa-lowres.pdf

FRASER N. (2011). *¿De la redistribución al reconocimiento? Dilemas de la justicia en una era "postsocialista"*. En Fraser, Nancy; Carbonero Gamundí, Maria Antonia y Valdivielso Navarro, Joaquín Miguel (coords.), pp. 217-254. Universidad de las Islas Baleares.

GAGO, V. (2019). *La potencia feminista. O el deseo de cambiarlo todo*. Tinta limón ediciones.

GARTON, G. (2019). *Guerreras: Fútbol, mujeres y poder.* Capital Intelectual.

GARTON, G., Hijós, N. y Alabarces, P. (2021). *Playing for change: (semi-)professionalization, social policy, and power struggles in Argentine women's football.* Soccer and Society, pp. 626-640. https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14660970.2021.1952692

GARTON, G. y Moreira, M. V (2021). *Football, nation, and women in Argentina: redefining the field of power.* Movimento, Porto Alegre, v. 27. https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/109761

GUTIÉRREZ, A. (1997). *"Pierre Bourdieu. Las prácticas sociales"*. Editorial Universitaria, Universidad Nacional de Misiones.

HANG, J. (2020). *Feministas y triperas: Mujeres y política en el área de género del club Gimnasia y Esgrima La Plata*. Debates en sociología, (50), pp. 67-90. https://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.13898/pr.13898.pdf

HANG, J. y Moreira, M. V. (2020). *Deporte, género y feminismos: rupturas, negociaciones y agencias en un campo desigual*. Ensambles Otoño 2020, año 7, n.12, pág. 2-9, 2020. Disponible en: https://revistas.ungs.edu.ar/index.php/ensambles/article/view/315/377

HIJÓS, N. (2019). *Ahora que sí nos ven: ¿ya somos negocio?* Espóiler Revista de Política, FSCO-UBA, 21 de junio de 2019. http://espoiler.sociales.uba.ar/2019/06/21/ahora-que-si-nos-ven-ya-somos-negocio/

IBARRA, M. E. (2021). *"Somos futbolistas": Disputas de sentidos en torno al fútbol en la ciudad de Salta durante los años 2014-2020*. 2021. Tesis (Doctora en Ciencias Sociales) en la Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales, Universidad Nacional de Jujuy.

INFOBAE (16 de marzo de 2019). *Conquista histórica: el día que "Fútbol Femenino Profesional" dejó de ser una consigna y se convirtió en una realidad*. https://www.infobae.com/deportes-2/2019/03/16/conquista-historica-el-dia-que-futbol-femenino-profesional-dejo-de-ser-una-consigna-y-se-convirtio-en-una-realidad/

JANSON, A. (2022). *La profesionalización en el fútbol femenino: del jugar por jugar al jugar en serio*. Aurelia Rivera.

LAMAS, M. (2020). *Dolor y política: Sentir, pensar y hablar desde el feminismo*. Editorial Océano

MAJUL, D. *Abriendo la cancha: fútbol feminista y experiencias situadas*. Etcétera, Cordoba, N°8, 2021. https://revistas.unc.edu.ar/index.php/etcetera/article/view/33909/34343

OLÉ (9 de febrero de 2019a). *Amenazan de muerte a Maca Sánchez.* https://www.ole.com.ar/informacion-general/macarena-sanchez-amenaza_0_nAy8S9apc.html

OLÉ (16 de marzo de 2019b). *La conquista del fútbol femenino*. https://www.ole.com.ar/futbol-femenino/futbol-femenino-tapia-anuncio_0_or94PDWaO.htmll

OLÉ (19 de mayo de 2019c). *¿Qué opinan las jugadoras de la profesionalización?*. https://www.ole.com.ar/futbol-femenino/futbol-femenino-profesionalizacion-afa_0_TGuBN1tvh.html

Página 12 (17 de marzo de 2019a). *Cambio de época: el fútbol femenino será profesional*. https://www.pagina12.com.ar/181426-cambio-de-epoca-el-futbol-femenino-sera-profesional

Página 12 (17 de marzo de 2019b). *El fútbol también es de las pibas*. https://www.pagina12.com.ar/181431-el-futbol-tambien-es-de-las-pibas

PIS DIEZ, N. (2019). *La marea verde/violeta, lo popular y el contexto: una reconstrucción y algunos elementos sobre el movimiento feminista en Argentina.* Libertas, v.19, n.2. https://periodicos.ufjf.br/index.php/libertas/article/view/28896

PUJOL, A. (2019). *¡Qué jugadora!: Un siglo de fútbol femenino en la Argentina*. Ariel.

RIAL, C. y Almeida, C. (2023). *Football, lesbianianity and feminism in Brazil: subversive acts*. Soccer and Society, DOI https://doi.org/10.1080/14660970.2023.2265200

ROCKWELL, E. (2009). *La experiencia etnográfica: historia y cultura en los procesos educativos*. Editorial Paidós.

SÁNCHEZ, M. (2020). *El fútbol es mi rebeldía: Un sueño que se convirtió en lucha*. Montena.

SANTINO, M.; Haber, T.; Ossés, J. (2021). *Pioneras Argentinas: un pase a la historia*. Grupo Editorial Sur.

SCHARADROWSKY, P. (2014). *Las feministas y "su mirada sobre la Educación Física" femenina. Argentina, primeras décadas del siglo XX*. CAMBLOR, Ezequiel Pablo; RON, Osvaldo Omar; HERNÁNDEZ, Néstor Fabián; y otros, (coords.) Prácticas de la Educación Física. La Plata: Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación (UNLP), pp. 331-343.

TORRICELLA, A. (2024). *La reacción cultural y la cuestión de género*. En Grimson, A. "Desquiciados: los vertiginosos cambios que impulsa la extrema derecha". pp. 147-168, Siglo XXI.

WILLIAMS, J. (2007). *A Beautiful Game*. International Perspectives on Women's Football. Oxford: Berg.

A mídia esportiva e as Copas do Mundo do Futebol de Mulheres: da invisibilidade à visibilidade

Sports media and the Women's Football World Cups: from invisibility to visibility

Soraya Barreto Januário
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
Recife, PE
soraya.barreto@ufpe.br
https://orcid.org/0000-0002-0405-6381

Recebido em: 2 de junho de 2025
Aceito em: 3 de fevereiro de 2026

Resumo:

O artigo propõe uma análise comparativa da cobertura midiática brasileira dedicada às Copas do Mundo de Futebol de Mulheres da FIFA, nas edições de 2015, 2019 e 2023. O objetivo é identificar permanências e rupturas nos achados de pesquisa relativos aos espaços de visibilidade, às temáticas mobilizadas e às formas de representação das jogadoras, da modalidade e do evento. O referencial teórico articula os estudos de gênero e futebol, com base nas contribuições de autoras como Silvana Goellner, Ludmila Mourão, Márcia Morel, Mariane Pisani e Aira Bonfim. A metodologia adotada é a análise comparativa, conforme proposta por Odília Fachin. Os resultados apontam avanços significativos na visibilidade e na representação das jogadoras, na construção da memória da modalidade e na ampliação da diversidade de personagens e discursos presentes na cobertura esportiva. Todavia, observam-se também a persistência de práticas e narrativas sexistas ainda enraizadas no universo futebolístico.

Palavras-chave: Futebol das Mulheres. Copa do Mundo. Cobertura Midiática.

Abstract:

This article proposes a comparative analysis of Brazilian media coverage dedicated to the FIFA Women's World Cups in 2015, 2019, and 2023. The objective is to identify continuities and ruptures in research findings related to spaces of visibility, themes addressed, and forms of representation of the players, the sport, and the event. The theoretical framework articulates gender and football studies, based on the contributions of authors such as Silvana Goellner, Ludmila Mourão, Márcia Morel, Mariane Pisani, and Aira Bonfim. The methodology adopted is comparative analysis, as proposed by Odília Fachin. The results point to significant advances in the visibility and representation of the players, in the construction of the memory of the sport, and in the expansion of the diversity of characters and discourses present in sports coverage. However, the persistence of sexist practices and narratives still rooted in the football world is also observed.

Keywords: Women's Football. World Cup. Media Coverage.

Introdução

No Brasil e em várias regiões do mundo, a trajetória do futebol foi moldada e consolidada dentro de estruturas que privilegiam premissas de masculinidades dominantes, frequentemente associadas a atributos como força física e virilidade (Goellner, 2005; Connell, 2020; Pisani, 2018; Bonfim, 2019). O percurso do futebol praticado por mulheres foi historicamente marcado por proibições, permissões pontuais, atos de resistência, enfrentamentos e conquistas, desde sua origem até sua consolidação em âmbito global (Bonfim, 2019; Goellner, 2005; Pisani, 2018).

Entre 1941 e 1979, algumas modalidades esportivas não poderiam ser praticadas por mulheres no Brasil. Essa interdição foi iniciada através do Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, assinado pelo então presidente Getúlio Vargas, que refletia normas sociais conservadoras, discursos médicos e jurídicos que afirmavam que "Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país".

Esse decreto criou a base para as resoluções do Conselho Nacional dos Esportes, que posteriormente veio a vedar especificamente o futebol e outras modalidades esportivas. Segundo Westin (2023, s/p) "A partir de então, foram frequentes os jogos femininos cancelados por ordem do Conselho Nacional de Desportos (CND), repartição subordinada ao Ministério da Educação. Houve até partidas encerradas à força pela polícia". Tal fato teve impactos profundos e duradouros na visibilidade midiática e na própria mercantilização da modalidade até os dias de hoje (Barreto Januário, 2022). Mesmo com avanços recentes, o futebol de mulheres ainda enfrenta barreiras estruturais resultantes desse longo período de invisibilização e marginalização.

A memória é uma construção moldada por contextos familiares, sociais, políticos, culturais e econômicos. Nesse sentido, as formas de dominação, hierarquização e estratificação social se estendem a mecanismos simbólicos (Bourdieu, 2007). A memória, portanto, é um campo de disputa política, onde diferentes grupos lutam para impor suas formas de recordar o passado como as mais legítimas (Munslow, 2006). A visibilidade de certos eventos em detrimento de outros não é inerente aos fatos em si, mas resultado de complexas operações políticas e sociais que privilegiam a capacidade de grupos hegemônicos ou regiões em detrimento de outros.

A mídia desempenha um papel crucial na construção da memória, especialmente a institucional e a coletiva, ao participar ativamente do processo de atribuição de significado aos acontecimentos. Ela não apenas legitima memórias do passado, como contribui para a construção de memórias voltadas para o futuro (Gensburger, 2016).

A sociedade contemporânea, com sua complexidade, individualismo, tecnologia e excesso de informação, enfrenta uma crise de memória (Simson; Giglio, 2001). Para combater o esquecimento, é crucial preservar o passado, mas também estar atenta à história que está sendo contada, especialmente em temas interditados, propositalmente, por uma cultura midiática e patriarcal. No caso do futebol de mulheres, certos silenciamentos são tão significativos quanto os discursos explícitos, influenciando a institucionalização de uma memória hegemônica e moldando o imaginário social (Rial; Almeida, 2024; Dos Santos; Fernandes, 2020).

Historicamente negligenciado pela grande mídia esportiva, o futebol de mulheres passou a ser abordado sob uma perspectiva mais ampla na preparação da cobertura da Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2023. O resgate de registros audiovisuais de edições anteriores da Copa do Mundo, de partidas icônicas da Seleção Brasileira e de momentos decisivos na trajetória de jogadoras como Sissi, Fanta, Marta e Formiga, por exemplo, tem desempenhado um papel essencial na construção de uma memória coletiva da modalidade. Essa abordagem tem permitido ao público acessar referências que, por muito tempo, permaneceram dispersas ou pouco documentadas nas mídias hegemônicas. Cabe lembrar o alerta de Mariane Pisani (2018) que, ao analisar como o futebol funciona como um campo simbólico fortemente masculinizado na sociedade brasileira, apontou a existência de um *gênero da bola*. A autora afirma que, desde a infância, meninos são incentivados a jogar bola, enquanto meninas são desencorajadas, num processo que ajuda a construir o futebol como um espaço *natural* dos homens e reforça desigualdades de gênero.

Pretende-se neste artigo observar e analisar de forma comparativa os resultados de três pesquisas realizadas no âmbito do projeto *Observatório do Futebol de Mulheres*, realizado pelo Grupo de Pesquisa Obmídia UFPE. As análises concentram-se na forma como os portais de notícia esportivos contribuíram, por meio de suas coberturas midiáticas das Copas do Mundo de Futebol de Mulheres, para a construção de uma memória coletiva sobre a modalidade.

Nesse contexto, são destacadas três edições recentes da Copa do Mundo Feminina da FIFA: a edição de 2015, realizada no Canadá, entre os dias 6 de junho e 5 de julho; a edição de 2019, sediada na França, entre 7 de junho e 7 de julho; e, por fim, a edição de 2023, que teve como sedes a Austrália e a Nova Zelândia, ocorrendo entre 20 de julho e 20 de agosto. Ao observar a maneira como essas competições foram noticiadas, busca-se compreender não apenas os enquadramentos jornalísticos utilizados, mas também as estratégias narrativas que contribuíram para a consolidação, ou apagamento, da trajetória do futebol praticado por mulheres no imaginário esportivo brasileiro.

Segundo Renata Mendonça (2019), em reportagem publicada no portal Dibradoras, Ellen Wille, representante do Comitê de Mulheres da Noruega, durante uma reunião de executivos da FIFA realizada às vésperas da Copa de 1986, no México, exigiu maior atenção ao futebol feminino. Havia uma demanda reprimida: a prática do futebol por mulheres havia sido proibida por anos no Reino Unido, na Holanda, na Alemanha e no Brasil; em países como a França, embora as mulheres pudessem jogar, eram impedidas de se filiar às federações locais. Para Wille, era urgente investir na modalidade.

O discurso de Willie impressionou o então presidente da FIFA, o brasileiro João Havelange, resultando na realização de um Mundial experimental em 1988, na China, com 12 seleções. O sucesso do evento levou a FIFA a definir a primeira Copa do Mundo feminina oficial para dali a três anos, em 1991, também na China. Todavia, a entidade ainda hesitava em usar o nome do torneio masculino para a competição de mulheres. Optou, então, por batizar o campeonato com a marca do principal patrocinador. Dessa forma, nascia a *M&M's Cup*, a Copa do Chocolate.

Desde então, a Seleção Brasileira esteve presente em todas as edições do torneio. Os melhores desempenhos foram em 2007, com o vice-campeonato, e em 1999, com o terceiro lugar. Porém, a cobertura midiática brasileira foi historicamente limitada. Segundo Barreto Januário *et. al* (2020), as transmissões ocorreram de forma esparsa: ESPN Brasil exibiu jogos em 2003, TV Bandeirantes em 2007, e, em 2015, o torneio foi transmitido pela TV Brasil, Bandeirantes e SporTV. Cabe ressaltar que foi só em 2019, durante a Copa da França, que todos os jogos da Seleção Brasileira foram televisionados em TV aberta, pela Globo. Naquele torneio, o jogo contra a França, em

23 de junho, alcançou mais de 35 milhões de telespectadores, estabelecendo um recorde para o futebol de mulheres no Brasil.

Sobre o crescimento da competição, cabe ressaltar que a sétima (Canadá) e oitava (França) edições do torneio contaram com 24 seleções, sendo a principal mudança a transição do gramado artificial para o natural, um tema controverso na edição do Canadá. O uso do gramado sintético afeta a qualidade do jogo e aumenta o risco de lesões, sendo um fator que evidencia a desigualdade entre as modalidades masculina e feminina. Esse debate reforçou as críticas ao tratamento diferenciado dado às mulheres no esporte.

A nona edição, de 2023, trouxe a ampliação para 32 seleções e ainda maior visibilidade midiática. A cobertura expandida reflete o crescimento da modalidade e a luta por condições mais equitativas. A TV Globo, maior emissora de televisão aberta do Brasil, anunciou a transmissão não apenas da Copa do Mundo de 2023, mas também do Campeonato Brasileiro e da Supercopa do Brasil de Futebol Feminino, ampliando o espaço do esporte na mídia.

Esta análise busca compreender as manutenções e transformações na cobertura midiática da Copa do Mundo Feminina, identificando avanços e desafios. O crescente agendamento midiático da modalidade aponta para mudanças no reconhecimento e valorização do futebol de mulheres no cenário esportivo e midiático.

Metodologia

Este estudo realizou uma revisão comparativa de três pesquisas sobre a Copa do Mundo de Futebol Feminino, abordando as edições de 2015, 2019 e 2023. Para sistematizar os resultados, foram elaborados resumos das pesquisas analisadas, destacando convergências e divergências entre os temas e unidades de análise.

Conforme Fachin (2001), o método comparativo permite estudar fenômenos a partir de suas semelhanças e diferenças, possibilitando a análise de dados concretos e a identificação de padrões e variações. Segundo a autora, a análise segue seis etapas essenciais para a análise de fenômenos, objetos ou fatos.

A primeira fase é a definição do objeto de estudo, que se deu através da escolha dos resultados das três pesquisas mencionadas. A segunda é a coleta de dados, que reuniu as informações das pesquisas estudadas, por meio dos artigos publicados nas

edições de 2015 e 2019 e os primeiros achados da edição de 2023, visto que a pesquisa está em andamento. Posteriormente, partimos para a identificação de semelhanças e diferenças, no qual foram analisados os dados coletados nas duas primeiras edições citadas, para encontrar convergências e divergências entre os fenômenos comparados, que apresentaremos à frente. Em seguida, foi realizada a etapa de classificação e categorização, que resultou na organização dos dados em categorias temáticas para facilitar a comparação. A quinta etapa foi a análise comparativa, que examinou os padrões encontrados, interpretando os resultados e verificando conexões entre os elementos comparados. Por fim, chegamos à etapa das conclusões e interpretação dos achados, na qual se deu a elaboração de sínteses a partir da análise comparativa, destacando implicações e possíveis inferências.

Copas do mundo de futebol de mulheres na mídia esportiva: edições 2015 e 2019

A primeira pesquisa a compor nosso *corpus* foi publicada em 2016, no periódico científico Eptic (2016), intitulada: *Mulher, Mídia e Esportes: A Copa do Mundo de Futebol Feminino sob a ótica dos portais de notícias pernambucanos*. O estudo tinha como objetivo examinar a cobertura da mídia nos portais de notícias a partir de uma perspectiva alinhada à economia política feminista. Nesse sentido, os objetos de análise selecionados foram os seguintes veículos: Leia Já, Pernambuco.com, Folha de Pernambuco, NE10 e G1 Pernambuco.

Embora as pesquisadoras inicialmente tivessem como proposta uma abordagem regional, a investigação acabou assumindo um alcance nacional. Isso se deve ao fato de dois dos portais com maior número de publicações estarem vinculados a grandes conglomerados de mídia nacionais: o portal G1 é parte do Grupo Globo, enquanto o NE10 fazia parte do portal UOL. Os demais sites analisados produziram conteúdos provenientes de agências de notícias de abrangência nacional

Na pesquisa, o percurso metodológico selecionado foi o estudo de caso descritivo e interpretativo, por meio da análise qualitativa dos discursos e narrativas. A coleta dos objetos a serem estudados foi realizada através da busca pautada em palavras-chaves, tais como: *mundial de futebol feminino*, *Copa do Mundo Feminina*, *futebol de mulheres*, *futebol feminino, Copa do Mundo e mulher* etc. O estudo se centrou na abordagem teórica alinhada aos estudos de gênero e à teoria crítica feminista

na análise das 69 matérias identificadas, que foram organizadas e classificadas em quatro categorias. De acordo com as autoras (2016), essas categorias são as seguintes:

1. *Notícias Padrão*: Relatos sobre os jogos, focando em resumos das partidas e lances importantes, sem entrevistas ou aprofundamento (Figura 1).

Figura 1 - Matéria Uol Esporte sobre as semifinais da Copa do Mundo de 2015



Fonte: Portal Uol - redirecionada pelo NE10. Disponível em: https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/efe/2015/06/27/eua-vencem-china-e-enfrentam-a-alemanha-nas-semifinais-do-mundial-feminino.htm Acesso: 21 ago. 2015

2. *Notícias Marta e Cia*: Essa categoria foi regida pelo uso da imagem de Marta como protagonista das notícias, seja em entrevistas com a atleta ou pelo uso da expressão *Marta e cia* substituindo o termo Seleção Brasileira. Isso pode ser percebido em um trecho da matéria do Blog de Primeira: "[...] A situação é diferente da que Marta e companhia encontraram diante da Coreia do Sul, que jogou de forma mais retrancada" (FolhaPE.com, 2015). Pode ser percebida uma tendência de utilizar a jogadora como estrela da seleção. No composto geral das matérias, percebe-se que apenas Marta e o então técnico Vadão falam em nome da seleção.

Figura 2 - Notícia Globo Esporte sobre Marta.



Fonte: Ge.com redirecinado pelo G1PE Disponível em: https://ge.globo.com/sp/sorocaba/futebol/noticia/2015/06/com-marta-confiante-no-titulo-selecao-viaja-para-copa-do-mundo-feminina.html Acesso: 20 ago. 2015

3. *Notícias Destaque Positivo*: a categoria apresenta matérias de cunho positivo, ou seja, aquelas que se propuseram a destacar o bom desempenho das jogadoras, suas vitórias, bem como toda e qualquer exaltação positiva em relação ao Mundial Feminino. A matéria publicada no dia 06 de julho de 2015 pelo portal UOL - Obama elogia vitória da seleção dos EUA em mundial feminino de futebol - ilustra bem esta categoria. A notícia destaca os comentários do presidente americano sobre a vitória da seleção no Mundial, bem como as falas do esportista Tiger Woods[2], também comemorando a vitória estadunidense.

Figura 3 - Matéria Uol sobre elogio do ex-presidente Obama à seleção dos EUA



Fonte: UOL - redirecionado pelo NE10 - Disponível em : https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/afp/2015/07/06/obama-elogia-vitoria-da-selecao-dos-eua-em-mundial-de-futebol-feminino.amp.htm Acesso em: 20 ago. 2015.

4. *Notícias Desvalorização do gênero feminino*: Trazem textos, falas ou expressões que, de certo modo, inferiorizam a mulher e/ou a prática de futebol por mulheres. Tais situações decorrem de comparações com o masculino ou associação da imagem feminina muito ligada a aspectos de beleza e graciosidade, reforçando sexismo e as construções sociais de papéis de gênero. Como exemplo disso, a reportagem: "Estilo Beckham: EUA investem na imagem de Alex Morgan no Mundial", veiculada no Globoesporte.com (2015), percebemos que o texto compara o desempenho da atleta com o do jogador David Beckham. Outro ponto importante é a evidência dada às características físicas de Morgan. Ao iniciar o texto com *Bonita e boa de bola*, a reportagem descreve, inclusive, o equipamento utilizado pela atleta: "*Outdoors* em Nova York, campanhas de moda e até chuteira especial do mesmo 'calibre' da usada por Neymar" (Figura 4).

Figura 4- Matéria do Globo Esporte sobre o investimento na imagem da seleção dos EUA



Fonte:GE.com redirecionado pelo G1PE - Disponível em : https://ge.globo.com/futebol/mundial-feminino/noticia/2015/06/estilo-beckham-eua-investem-na-imagem-de-alex-morgan-no-mundial.html Acesso em: 12 jul. 2015

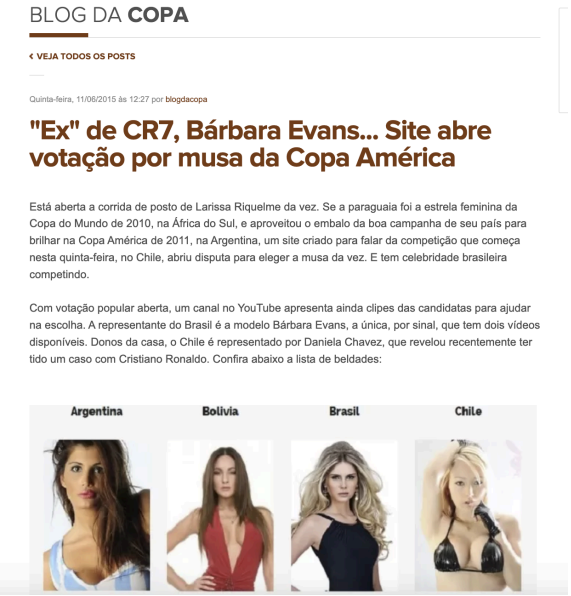
A análise realizada evidencia de forma clara a invisibilização e o descaso da mídia em relação à competição, perceptíveis pela quantidade reduzida de matérias publicadas e pelas escassas temáticas abordadas. O apagamento do futebol praticado por mulheres e sua exclusão da agenda midiática (McCombs, 2004) tornam-se aspectos centrais.

Outro elemento fortemente destacado pelas autoras é a presença de um sexismo sutil nas reportagens, que frequentemente estabelece comparações inadequadas e desproporcionais entre as e os atletas, como a jogadora Marta ser *Pelé de saias*. Mesmo que aparentemente seja elogiosa a comparação, ela ignora as profundas desigualdades em termos de infraestrutura, treinamentos e investimentos. Nesse sentido, a ênfase na aparência física e na sexualização dos corpos das atletas aparece como um padrão recorrente, refletindo os valores de uma sociedade ainda marcada pela misoginia. Termos como *musa* e *bela* são comumente utilizados para se referir às jogadoras, reforçando estereótipos que esvaziam sua competência esportiva.

Chamou nossa atenção uma matéria sobre a Copa América de Futebol Masculino, incluída na amostra em razão dos critérios de recorte e das palavras-chave utilizadas. No mesmo período, enquanto a cobertura sobre o futebol de mulheres e a

Copa do Mundo de mulheres era escassa, circularam matérias que destacavam a disputa pela *torcedora mais bonita*, evocando a figura da paraguaia Larissa Riquelme, celebrada como *a sensação* da edição da Copa América de 2010. As imagens hipersexualizadas dessas mulheres, exibidas ao lado dos nomes de seus países e marcadas por forte apelo sexual, revelam a forma recorrente de representação feminina no contexto do futebol masculino, uma abordagem que reforça o olhar *voyeurista* e a objetificação das mulheres (Figura 5).

Figura 5 - Blog da Copa do Globo Esporte sobre ex-namoradas do jogador português Cristiano Ronaldo



Fonte: Globo esporte redirecionado pelo G1PE - Disponível: https://ge.globo.com/blogs/especial-blog/blog-da-copa/post/ex-de-cr7-barbara-evans-conmebol-abre-disputa-por-musa-da-copa-america.html Acesso: 13 jul. 2015

No que diz respeito à representação midiática das atletas, destaca-se a centralização da narrativa na figura da jogadora Marta. Apesar de seus feitos notáveis, como as seis conquistas do prêmio de melhor jogadora do mundo, a cobertura tende a focar exclusivamente nela, silenciando outras atletas igualmente relevantes, como Formiga, Cristiane, Andressa Alves, que também compunham a seleção brasileira e possuem trajetórias de destaque. Essa característica nos evoca o conceito do *perigo da história única*, popularizado pela escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie

(2019), que refere-se à ideia de que, quando uma só perspectiva ou versão de um evento ou realidade é contada repetidamente, ela passa a ser vista como a única possível, ignorando outras histórias, vivências e perspectivas. Isso leva a uma visão unidimensional de pessoas, grupos e culturas, o que pode perpetuar estereótipos, injustiças e até uma noção equivocada de representatividade.

A segunda etapa da pesquisa foi concebida como uma continuidade do estudo anterior e publicada no periódico científico Observatorio (OBS*) (2020), intitulada: *Futebol de mulheres na agenda da mídia: uma análise temática da cobertura da Copa do Mundo de 2019 em sites jornalísticos brasileiros*. O foco foi ampliado para uma observação de caráter nacional. Para isso, foram selecionados cinco dos principais portais de notícias esportivas do Brasil: UOL Esporte, Globo Esporte, ESPN e Torcedores.com. A seleção teve como critério o *ranking* da Similarweb de maio de 2019 dos jornais esportivos mais acessados do Brasil, considerando aqueles que publicaram matérias sobre futebol de mulheres na Copa do Mundo.

De acordo com Barreto Januário et al. (2020), os dados revelaram um crescimento expressivo tanto em quantidade quanto em qualidade no volume de notícias analisadas. A pesquisa utilizou uma abordagem metodológica que combinou análise de conteúdo qualitativa e quantitativa. No aspecto quantitativo, o avanço foi notável, com um aumento de 533% no número de matérias – passando de 69 para 437 textos únicos, desconsiderando duplicações em ambas as amostras.

Diante desse novo cenário, torna-se importante compreender as categorias de análise propostas. O estudo identificou onze categorias distintas para examinar a cobertura midiática da Copa do Mundo de Futebol Feminino, sendo que algumas delas se mantiveram iguais ou bastante semelhantes às já apresentadas na investigação anterior. Iremos exemplificar através de imagens das matérias apenas as novas categorias:

1. Notícia Padrão: Informações padrão do jornalismo esportivo sobre partidas, resultados, escalações e contexto geral do torneio, sem aprofundamento de cunho mais crítico; 2. Mídia sobre mídia: A atenção inédita da mídia ao torneio foi tratada como notícia, destacando impacto e surpresa (Figura 6); 3. Efeito Marta: Matérias que enfatizam a relevância da jogadora Marta, conferindo-lhe protagonismo e explorando seu reconhecimento global (Figura 7); 4. Desempenho do Brasil: Análises críticas e

opinativas sobre a atuação da Seleção, com foco na tática, organização e talentos individuais (Figura 8); 5. Manifestações e militância: Notícias sobre protestos e posicionamentos de jogadoras em defesa da igualdade de gênero e outras pautas políticas (Figura 9); 6. A Copa em números: Reportagens sobre recordes, público nos estádios e impacto financeiro do evento (Figura 10); 7. Perspectivas para a modalidade: Discussões sobre o futuro do futebol de mulheres com base nos resultados da Copa (Figura 11); 8. Trajetória de profissionais: Histórias de vida e desafios de atletas e técnicas, frequentemente enquadradas sob a ótica da superação (Figura 12); 9. Campanha de outras seleções: Cobertura de seleções estrangeiras e debates sobre o futebol de mulheres em outros países (Figura 13); 10. Polêmica: Notícias envolvendo controvérsias relacionadas ao evento (Figura 14); 11. Outros: agrupou conteúdos que não se encaixavam nesses padrões, mas eram relevantes para a análise.

Figura 6 - Matéria do Globo Esporte sobre a Semifinal da Copa do Mundo



Fonte: Globo Esporte - GE - Disponível em: https://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo-feminina/noticia/semifinal-entre-inglaterra-e-eua-e-o-evento-televisivo-mais-assistido-do-ano-no-reino-unido.ghtml. Acesso em 03 jul. 2019

Figura 7- Matéria sobre a decisão de jogar sem patrocínio da jogadora Marta



Fonte: Uol - Disponível em: https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2019/06/14/por-opcao-marta-joga-sem-patrocinio-esportivo-e-carrega-recado-em-chuteira.htm Acesso em: 15 jun. 2019

Figura 8 - Matéria da ESPN sobre o recorde da jogadora Cristiane



Fonte: ESPN Brasil - Disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_/id/5713944/cristiane-supera-recorde-de-cristiano-ronaldo-em-copas-do-mundo Acesso em: 20 jul 2019

Figura 9 - Reportagem do Globo Esporte sobre a crítica da jogadora Megan Rapinou ao calendário das finais da Copa do Mundo



Rapinoe detona calendário com três finais e pede mais respeito da Fifa: "Não sei como permitiram"

Em coletiva marcada por discurso forte, atleta vê Copa histórica, mas faz questão de apontar o tratamento desigual da entidade. Capitã americana se diz pronta para atuar contra a Holanda

Por Amanda Kestelman — Lyon, França
06/07/2019 11h07 · Atualizado há 5 anos

Fonte: Globo Esporte - GE - Disponível em: https://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo-feminina/noticia/rapinoe-detona-calendario-com-tres-finais-e-pede-mais-respeito-da-fifa-nao-sei-como-permitiram.ghtml Acesso em: 20 jul 2019

Figura 10 - Matéria do Globo Esporte sobre o número de ingressos vendidos na competição



Copa do Mundo Feminina na França chega a um milhão de ingressos vendidos

São 14 das 52 partidas com lotação esgotada, incluindo semifinais e final

Por GloboEsporte.com — Paris, França
11/06/2019 09h26 · Atualizado

Fonte:Globo Esporte - GE - Disponível em: https://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo-feminina/noticia/copa-do-mundo-feminina-na-franca-chega-a-um-milhao-de-ingressos-vendidos.ghtml Acesso em: 21 jul 2019

Figura 11 - Matéria da ESPN sobre a possível saída de Marta e Formiga da seleção brasileira



Há vida pós-Marta, Formiga e Cristiane na seleção feminina? Brasil dá passos, mas renovação pode demorar

Igor Resende e Mariana Spinelli

23 de jun, 2019, 21:57

Compartilhar

"Não vai ter uma Formiga para sempre, não vai ter uma Marta para sempre, não vai ter uma Cristiane, e o futebol feminino depende de vocês para sobreviver".

Fonte:Globo Esporte - GE - Disponível em: https://www.espn.com.br/espnw/artigo/_/id/5763947/ha-vida-pos-marta-formiga-e-cristiane-na-selecao-feminina-brasil-da-passos-mas-renovacao-pode-demorar Acesso em: 12 jul 2019

Figura 12 - Matéria do Uol sobre Ludmila, atacante da seleção brasileira



Fonte: Uol - Disponível em: https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2019/08/25/atacante-da-selecao-conta-como-superou-overdose-da-irma-e-abandono-dos-pais.htm Acesso em: 28 ago. 2019

Figura 13- Matéria do Uol sobre a seleção jamaicana



Fonte: Uol - Disponível em: https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2019/06/09/jamaica-faz-historia-na-copa-com-torcida-de-bolt-e-ajuda-de-filha-de-marley.htm Acesso em: 10 jul. 2019

Figura 14 - Matéria do Torcedores.com sobre fala da técnica Emily Lima



Fonte: Torcedores.com - Disponível em: https://onefootball.com/pt-br/noticias/emily-lima-prega-respeito-mas-polemiza-o-que-marta-cristiane-e-formiga-conquistaram-26234120 Acesso em: 10 jul. 2019

Do ponto de vista qualitativo, observa-se um avanço encorajador, especialmente pela ampliação da diversidade temática identificada, refletida na expansão de quatro para onze categorias de análise (Barreto Januário, 2020). Além disso, destaca-se o crescimento expressivo de reportagens com um viés mais crítico e reflexivo sobre o futebol de mulheres, assim como de conteúdos que conferem visibilidade a pautas relevantes para o fortalecimento da modalidade. Essas matérias também evidenciam as lutas protagonizadas por mulheres em busca de melhores condições e maior equidade no cenário do futebol mundial.

Identificamos uma necessidade crescente de narrar com mais profundidade a trajetória da modalidade e da seleção brasileira, buscando historicizar a modalidade, especialmente nas matérias veiculadas pelo Globo Esporte às vésperas da Copa do Mundo de 2019[1]. Nesse contexto, observa-se o início, mesmo que diminuto e tímido, de uma atenção mais consciente à escrita da história do futebol de mulheres na mídia, com o resgate e uso de arquivos históricos como recurso narrativo.

Copa do Mundo de 2023: uma análise comparativa das Copas

Adentrando de forma mais consistente na terceira pesquisa, cujos primeiros achados apresentamos a seguir, utilizamos a mesma metodologia do segundo estudo sobre a Copa de 2019. O *corpus* de análise sofreu algumas alterações, mesmo utilizando a mesma metodologia de escolha dos veículos de comunicação da pesquisa anterior, isto é, o *ranking* dos jornais esportivos mais acessados do Brasil,[2] dessa vez associado ao critério de diversidade de audiências.

Foram selecionados o Globo Esporte, enquanto veículo de maior audiência vinculado a um grupo de TV aberta; ESPN, o maior portal especializado associada a TV paga; Lance!, por ser o portal nacional mais acessado dos jornais esportivos; e Dibradoras, um canal brasileiro de jornalistas feministas e independentes, que cobre apenas modalidades esportivas praticadas por mulheres, por ter o conteúdo alternativo de maior audiência, em termos de material especializado em futebol e esportes de mulheres no Brasil. Resultando em 626 unidades de análise e no aumento de 43,7% em

[1] Disponível em: https://interativos.ge.globo.com/futebol/selecao-brasileira/especial/historia-do-futebol-feminino Acesso em: 30 jul 2019

[2] Ranking de maio de 2023 da Similar Web. Disponível em: https://www.similarweb.com/pt/top-websites/sports/ Acesso em 02 jun 2023.

relação ao número de notícias em portais da edição de 2019.

Mesmo que ainda em curso, a pesquisa sobre a Copa de 2023 já identificou as categorias temáticas proeminentes no *corpus*: São elas: 1. Notícia Padrão: assim como nas pesquisas anteriores, as publicações desta categoria são informações básicas sobre partidas, resultados, escalações e contexto geral do torneio, sem aprofundamento analítico. Porém, nesta edição, esta categoria apresentou três subcategorias: a. Notícias do pré-jogo e pós-jogo, com informações gerais da partida; b. Resumão do dia: um formato padrão do jornalismo esportivo que condensa todas as partidas do dia, com curiosidades sobre os jogos, atletas e times; c. Serviços e notas: com notas rápidas e serviços sobre partida, escalação de maneira bem breve e diminuta.

As categorias Efeito Marta; Desempenho do Brasil; Manifestações e militância; A Copa em números; Perspectivas para a modalidade, Polêmica e Outros; seguem com premissas iguais às apresentadas na Copa de 2019. Já a categoria Trajetória de profissionais tem as mesmas inferências, porém, apresenta três subcategorias: a. Trajetória do percurso profissional da atleta: falando das histórias e currículo das atletas no futebol; b. Trajetória de vida pessoal da atleta: contando sobre desafios, dificuldades e curiosidades da vida pessoal das atletas e c. Trajetórias de outras mulheres ligadas ao futebol: árbitras, técnicas e comentaristas foram personagem de matérias e reportagens de forma mais sistemática e presente.

A categoria Campanha de Outras Seleções sofreu uma ampliação de cobertura, com dados mais críticos e amplos das campanhas das demais seleções. Dela emergiram duas subcategorias: a. Perfis das jogadoras de outras seleções: perfilando também atletas de outras seleções, como já acontecia com a seleção nacional; b. Notícias sobre a campanhas das equipes estrangeiras*:* com dados, números e curiosidades sobre as seleções estrangeiras.

Além disso, surgiram duas categorias novas. A primeira, Memória e História do Futebol de Mulheres, engloba matérias e reportagens que recuperam a história do futebol de mulheres, trazendo, por exemplo, as pioneiras na seleção nacional, a história do troféu da competição e a história das equipes e jogadoras. Muitas se utilizam de acervos fotográficos de museus e do acervo pessoal das equipes e das jogadoras (Figura 15 e 16), o que sedimenta de forma mais contundente a preocupação da mídia em historicizar a modalidade e suas personagens. Já a categoria Violações dos Direitos Humanos traz denúncias e abordagens sobre assédio sexual e homofobia para a

centralidade do debate (Figura 17 e 18), como foi o caso do beijo forçado à Jenni Hermoso, dentre outros. Assim, a terceira pesquisa perfaz um total de 12 categorias de análise.

Figura 15 - Matéria do Globo Esporte sobre o primeiro gol da seleção feminina em Copas

\



Fonte: Globo Esporte - GE - Disponível em: https://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo-feminina/noticia/2023/07/20/historico-veja-o-primeiro-gol-da-selecao-brasileira-feminina-em-copas.ghtml Acesso em 21 jul. 2023

Figura 16 - Matéria do Globo Esporte sobre a Taça da Copa do Mundo



Fonte: Globo Esporte - GE - Disponível em: https://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo-feminina/noticia/2023/08/09/taca-da-copa-do-mundo-feminina-como-e-peso-historia-e-mais.ghtml Acesso em 21 ago. 2023

Figuras 17 - Matéria do Globo Esporte sobre coletiva encerrada



Fonte: Globo Esporte - GE - Disponível em: https://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo-feminina/noticia/2023/07/25/zambia-tem-coletiva-encerrada-apos-perguntas-sobre-abuso-sexual.ghtml Acesso em 21 ago. 2023

Figura 18 - Matéria do Globo Esporte sobre o assédio sofrido por Jenni Hermoso na entrega da taça



Fonte: Globo Esporte - GE - Disponível em: https://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo-feminina/noticia/2023/08/20/jenni-hermoso-da-espanha-leva-beijo-na-boca-durante-entrega-da-taca-da-copa-veja-video.ghtml Acesso em 23 ago. 2023

A permanência da maioria das categorias de análise nos sugere a ideia de continuidade da visibilidade e de temas de importância já observados na Copa de 2019, quando ocorre o que chamamos de *boom do futebol de mulheres na mídia esportiv*a. A emergência de subcategorias nos remete a um aprofundamento do debate em torno da modalidade, dando visibilidade a outras personagens do universo do futebol, sejam atletas, técnicas ou árbitras, e evidenciando a preocupação em construir a memória da modalidade.

Ao analisarmos as categorias temáticas identificadas nas três edições da pesquisa, foi possível organizar os dados em cinco unidades de análise, dando continuidade a comparações inicialmente publicadas sobre as copas de 2015 e 2019 no periódico Mosaico (2023), intitulada: *Copa do Mundo e Futebol das Mulheres: a cobertura midiática nas edições de 2015 e 2019, numa perspectiva de gênero.* Todavia, a nomenclatura e características de algumas categorias sofreram atualizações mediante os achados da Copa de 2023.

A primeira delas diz respeito às *Manutenções*, ou seja, categorias que se repetem nas diferentes edições, mantendo o mesmo enfoque ou apresentando similaridades significativas entre as duas pesquisas. A segunda unidade refere-se aos *Avanços de visibilidade da modalidade*, evidenciando uma cobertura midiática mais abrangente e detalhada do futebol de mulheres e das campanhas de outras seleções que não apenas a brasileira. Observa-se, nesse caso, a presença de matérias que acompanham todos os jogos do campeonato, diferente do que foi visto nas copas de 2015 e 2019, com descrições mais elaboradas dos aspectos técnicos e táticos, além de, como dito, a inclusão de informações sobre outras seleções, recordes e estatísticas que ampliam a compreensão da prática esportiva de mulheres em nível global.

A terceira unidade analítica contempla os *Avanços na visibilidade das jogadoras e mulheres profissionais do futebol*, com destaque para a ampliação das vozes de autoridade ouvidas pela mídia. Nesse aspecto, nota-se a emergência de uma maior diversidade de personagens, com atenção às trajetórias, desafios e conquistas de diferentes atletas e profissionais, indo além das figuras já consagradas.

O quarto eixo refere-se a *Transformações e avanços sociais no futebol de mulheres*. Essa categoria reúne matérias que trazem à tona discussões de relevância social, mobilizadas a partir das falas de jogadoras, comissões técnicas e demais pessoas envolvidas no espetáculo esportivo. Essas vozes, por vezes, confrontam discursos históricos marcados por sexismo e estereótipos, ainda presentes em parte da cobertura da grande mídia.

A última unidade temática dialoga com a *Espetacularização do futebol de mulheres pela e para a mídia*, processo que evidencia uma dinâmica de retroalimentação (Nöth, 2001), em que o espetáculo midiático é construído e legitimado de forma reiterada e contínua pelos próprios veículos de comunicação. É importante destacar que essas categorias não são excludentes e podem coexistir em uma mesma

matéria, uma vez que cada unidade de análise reúne conteúdos que frequentemente abordam múltiplas dimensões e permitem diferentes interpretações.

Na categoria das *Manutenções*, observamos que três das unidades temáticas se perpetuam ao longo das edições estudadas, e apresentam recortes e linhas temáticas semelhantes. A primeira diz respeito às *Notícias padrão*, que mantêm a mesma estrutura conceitual nas três pesquisas. Trata-se, essencialmente, da mesma unidade de análise em todos os estudos, com a diferença principal do surgimento de subcategorias na edição de 2023, que revelam uma maior variedade de formatos jornalísticos e modos de abordagem da informação, como exemplo os resumões do dia, com placares, principais lances e curiosidades naquele dia da competição. É pertinente ressaltar que este formato, que já era comum na cobertura do futebol praticado por homens, é novidade na cobertura da Copa das mulheres.

A segunda unidade, que em 2015 foi nomeada *Marta e Cia* e nas Copas de 2019 e 2023 aparece como *Efeito Marta*, mantém fundamentos bastante semelhantes. Em todas as edições, a jogadora Marta se destaca como figura central em um volume expressivo de matérias, seja por suas conquistas individuais, seja por sua atuação decisiva nas partidas. Com efeito, ela é a personagem constantemente procurada pela imprensa como porta-voz da equipe, consolidando sua posição de protagonismo. Nesse contexto, é importante destacar o processo de celebritização da atleta. Douglas Kellner (2004:6), afirma que para que uma pessoa seja reconhecida como celebridade é necessário que seja "reconhecida como uma estrela no campo do espetáculo, seja no esporte, no entretenimento ou na política". Com o aumento da visibilidade do futebol de mulheres, outras jogadoras, como a norte-americana Megan Rapinoe, também começam a despontar na cobertura midiática, aspecto que será aprofundado adiante.

A terceira unidade ligada às *Manutenções* refere-se às categorias *Destaque Positivo* (Copa de 2015) e *Desempenho do Brasil* (Copa de 2019), ambas caracterizadas por uma abordagem crítica e analítica sobre os jogos e as atletas, tanto sob uma ótica qualitativa quanto quantitativa. Já a categoria *Violações dos Direitos Humanos*, surgida na análise da Copa de 2023, aponta para a permanência de práticas abusivas e desrespeitosas em relação aos corpos e aos direitos das mulheres no futebol. O diferencial aqui é a forma mais explícita e direta com que esses temas são abordados, com denúncias que, muitas vezes, partem das próprias mulheres e/ou seleções, contrastando com o caráter mais velado das narrativas anteriores.

A segunda categoria da análise comparativa, que nomeamos como *Avanços na visibilidade da modalidade,* revela um interesse crescente da mídia, que passa a cobrir o torneio de forma mais abrangente e aprofundada, oferecendo um panorama mais completo do futebol de mulheres. Categorias como *Copa em números*, *Perspectivas para a modalidade* e *Campanhas de outras seleções* ilustram esse movimento, com a mídia promovendo um agendamento mais consistente do tema (McCombs, 2004). Tais dados contrastam com a cobertura da Copa de 2015, em que elementos semelhantes apareciam de forma tímida, agrupados na categoria *Destaque Positivo*. A ampliação da variedade de matérias — com foco em estatísticas, desempenho das seleções, históricos e conquistas — reflete um avanço importante em relação à cobertura das edições anteriores do torneio.

A terceira unidade comparativa, *Visibilidade das Jogadoras e Mulheres Profissionais do Futebol*, evidencia ampliação da diversidade de personagens representadas e maior complexidade na abordagem de suas trajetórias. Em comparação com edições anteriores, é possível observar que a cobertura da mídia em 2023 passou a dedicar mais espaço à vida das atletas fora das quatro linhas, evidenciando seus percursos pessoais, lutas, conquistas e contextos sociais. Esse movimento marca uma inflexão importante na forma como o futebol de mulheres é representado: deixa de se restringir ao campo esportivo e passa a abarcar dimensões políticas, culturais e afetivas.

As matérias jornalísticas passam a destacar não apenas os feitos técnicos das jogadoras, mas também suas histórias de superação, sua atuação como líderes e porta-vozes de causas sociais e de igualdade de gênero, além de sua inserção em lutas por direitos no esporte. Esse processo é evidenciado, por exemplo, por atletas como a brasileira Marta, a estadunidense Megan Rapinoe, a espanhola Alexia Putellas e a australiana Sam Kerr, que são apresentadas à opinião pública não apenas como estrelas do futebol, mas como símbolos de resistência, diversidade e empoderamento das mulheres, em mais uma evidência do processo de celebritização já mencionado.

Para Douglas Kellner (2004), a celebridade moderna é construída a partir da visibilidade constante nos meios de comunicação de massa, onde a figura pública passa a encarnar valores culturais, disputas simbólicas e narrativas ideológicas. No caso do futebol de mulheres, esse processo se entrelaça com a crescente atenção da mídia e da sociedade para pautas relacionadas aos feminismos, à diversidade e aos direitos humanos, conferindo às atletas um *status* de heroínas contemporâneas, debate que

traçaremos à frente.

A quarta categoria é mobilizada pelas *Transformações e Avanços Sociais no Futebol de Mulheres*. Nessa dimensão, observam-se categorias que se contrapõem e revelam transformações importantes na forma como a modalidade vem sendo representada. Apesar da permanência de diversas desigualdades, os avanços conquistados nos últimos anos são significativos. Um exemplo disso é a comparação entre a categoria *Desvalorização do Gênero,* identificada na pesquisa sobre a Copa de 2015, e a unidade de análise *Manifestações e Militância*, que emerge com força nas edições de 2019 e 2023. A partir dessa contraposição, destacam-se elementos fundamentais para compreender essa transição.

Importa ressaltar primeiramente o maior espaço que a mídia confere à discussão sobre igualdade de gênero nos meios de comunicação de massa. Embora esse debate tenha se intensificado nas ruas e redes sociais, fenômeno que estudiosas como Brito (2017) definem como *primavera feminista* e Hollanda (2018) como *explosão feminista*, a mídia tradicional passou a reverberar essas pautas de maneira mais constante e estruturada, num reflexo do agendamento midiático descrito por McCombs (2004). Como resultado, verifica-se uma queda nos episódios explícitos de sexismo e desrespeito, como as chamadas *piadinhas* e analogias depreciativas antes comuns na cobertura esportiva.

Apesar disso, a edição de 2023 da Copa do Mundo de Mulheres de Futebol, mesmo ficando marcada na história do esporte em termos de visibilidade, audiência e desempenho técnico da competição, ficou profundamente associada ao episódio de violência física e simbólica (Bourdieu, 2007) e a concretude da violação do corpo de Jenni Hermoso: o beijo não consentido dado na jogadora por Luis Rubiales, então presidente da Federação Espanhola de Futebol, durante a cerimônia de premiação da seleção campeã.

O dirigente, em entrevistas posteriores, chamou o gesto de inadequado e impulsivo, numa expressão de como opera o sistema patriarcal, que persiste mesmo em espaços de suposta celebração da conquista das mulheres. O corpo de Hermoso, naquele momento, foi reduzido a um objeto de apropriação simbólica por uma figura masculina em posição de poder, reiterando dinâmicas históricas de dominação e controle sobre o corpo das mulheres. O episódio explicita como, mesmo diante do sucesso esportivo e da veiculação mundial em TV aberta, ainda é necessário lutar por respeito, autonomia e

dignidade das mulheres. A recusa de Hermoso em consentir o beijo e sua posterior denúncia, assim como a mobilização das jogadoras e da sociedade civil em apoio a ela, revelam um movimento de resistência que rompe o silêncio e confronta diretamente estruturas de poder machistas no esporte.

Outro aspecto central está relacionado ao processo de *Espetacularização do Futebol de Mulheres pela e para a Mídia*. As categorias *Mídia sobre Mídia* e *Polêmicas*, destacadas na Copa de 2019, evidenciam uma nova configuração discursiva em torno da modalidade. A construção de pautas que extrapolam a prática esportiva em si, envolvendo audiência, consumo, controvérsias e temas sociais, sugere a emergência de um estatuto de espetáculo midiático, tal como discutido por Debord (1997).

Embora o futebol, como um todo, já fosse compreendido como um espetáculo midiático (Debord, 1997), especialmente no caso do futebol masculino, há décadas consolidado nesse lugar, o que se observa atualmente é o início de um processo semelhante no campo do futebol de mulheres. Essa maior exposição midiática mobiliza não apenas interesses jornalísticos, mas também estratégias publicitárias e mercadológicas, o que aponta para uma nova fase de inserção da modalidade nos circuitos do entretenimento e da economia da atenção.

Todavia, como alertam autoras como Silvana Goellner (2005) e Ludmila Mourão e Márcia Morel (2005), é preciso manter um olhar crítico: a visibilidade por si só não garante igualdade estrutural, tampouco autonomia das atletas sobre suas narrativas. A espetacularização pode ser uma via de acesso ao grande público, mas também corre o risco de reproduzir estereótipos ou reduzir a complexidade do futebol de mulheres a fórmulas prontas de consumo.

Em cenário de 2023, num cenário de maior exposição da modalidade, que inclui a cobertura dos campeonatos nacionais do futebol de mulheres, a categoria *Mídia sobre a Mídi*a desaparece, num processo de aparente naturalização da presença da modalidade no ecossistema midiático. Tal abordagem pode estar relacionada também a uma série de outros fatores estruturais e conjunturais no jornalismo esportivo, tais como: 1. A já mencionada maior inserção do futebol de mulheres na mídia tradicional; 2. A naturalização da cobertura midiática na modalidade, já que, com o aumento da visibilidade do futebol de mulheres, a crítica sobre a própria cobertura pode ter perdido espaço, uma vez que o evento já não é tratado como uma exceção na mídia esportiva; 3. O interesse acadêmico e jornalístico pela modalidade; 4. A consolidação e ampliação de

padrões e formatos jornalísticos na cobertura, como é o caso do canal de *streaming* brasileiro Cazé TV, que foi o primeiro e único a transmitir todos os jogos da Copa do Mundo de 2023; 5. A influência das plataformas digitais e da cultura de fãs de futebol de mulheres. O fato é que a modalidade sai da invisibilidade para um processo de visibilidade contínua.

Futebol de Mulheres na Mídia: Narrativas e Construção de uma Memória Coletiva

O cenário atual no que diz respeito ao futebol de mulheres no Brasil é promissor, todavia exige uma análise criteriosa e um acompanhamento contínuo. Afinal, como destaca a célebre frase atribuída a Simone de Beauvoir (1949): "Basta uma crise política, econômica ou religiosa para que os direitos das mulheres sejam ameaçados. Esses direitos nunca são adquiridos. É preciso permanecer vigilante durante toda a vida".

Pesquisas anteriores já haviam identificado um aumento do interesse da mídia pelo futebol de mulheres em momentos pontuais. Mourão e Morel (2005:84) observaram o comportamento cíclico da mídia em propiciar visibilidade ao futebol e esportes de mulheres na mídia, descrevendo-o como um *efeito sanfona*, em que o interesse pelo futebol de mulheres se expande durante grandes eventos, mas rapidamente se retrai após seu encerramento. Evidências mais recentes, contudo, sugerem uma possível inflexão nesse padrão.

A transmissão de torneios anteriormente negligenciados pela grande mídia, como a Copa do Brasil de Futebol Feminino, transmitida pela TV Globo, mesmo que a partir apenas das quartas de final pela primeira vez em 2023, e o Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino (Brasileirão Feminino) em 2023, sinaliza um movimento de maior permanência do tema na agenda midiática. Esse avanço pode representar uma ruptura com o ciclo de visibilidade intermitente apontado por Mourão e Morel (2005), sugerindo um cenário mais estável e comprometido com a cobertura do futebol praticado por mulheres.

Na cobertura da Copa do Mundo Feminina de 2023, algumas diferenças significativas foram observadas em relação às edições anteriores. Uma das principais foi o crescimento do uso de registros históricos e memoriais, especialmente por meio de bancos de imagem, como é exemplo o acervo do Museu do Futebol, em São Paulo. Cabe lembrar que no início da Copa de 2019, o Globo Esporte produziu um material

historicizando o futebol de mulheres de uma forma mais ampla e associada à modalidade. Esse conteúdo foi posteriormente mobilizado para resgatar e contar a trajetória das pioneiras da seleção brasileira, bem como para contextualizar a evolução do futebol de mulheres e do campeonato ao longo do tempo. A presença de narrativas retrospectivas também se estendeu a um mapeamento mais detalhado das trajetórias individuais das jogadoras, incluindo um novo enfoque na perfilação de atletas internacionais. Por isso, a categoria *Memória e Histórias do Futebol de Mulheres* indica mudanças na construção de uma memória coletiva e de um movimento da mídia em direção a uma cobertura mais plural e aprofundada, que não apenas acompanha o presente do futebol de mulheres, mas também valoriza sua história e seus protagonistas em uma perspectiva mais abrangente.

Para Halbwachs (1990), a memória coletiva é a maneira como um grupo social se lembra do seu passado, reconstruindo suas experiências e significados de forma compartilhada. O processo de lembrar e localizar memórias não pode ser plenamente compreendido sem considerar os contextos sociais que servem de fundamento para a reconstrução da memória (Da Silva, 2016). Por meio da noção de memória coletiva, a memória ultrapassa o âmbito puramente individual, já que as lembranças de uma pessoa nunca são inteiramente suas, assim como nenhuma memória existe de forma isolada, desvinculada de um grupo social.

Ao contrário da memória individual, que está centrada na experiência pessoal, o autor destaca alguns pontos de compreensão da memória coletiva: 1. É construída em grupo; 2. Depende de vínculos sociais: família, escola, igreja, mídia, instituições e até espaços físicos são responsáveis por manter vivas determinadas lembranças; 3. É seletiva: só permanecem vivas as memórias que os grupos consideram relevantes para sua identidade naquele momento. Como exemplo disso, temos a forma como o Brasil lembra das Copas do Mundo de Futebol dos homens, num evidente processo de construção coletiva que envolve escola, mídia, família, publicidade etc. Já o futebol de mulheres, por muito tempo, não entrou nessa memória hegemônica.

Na elaboração das narrativas jornalísticas contemporâneas, fatores como critérios de noticiabilidade, interesses mercadológicos e estratégias editoriais dos meios de comunicação influenciam diretamente na escolha dos acontecimentos e histórias do cotidiano que serão transformados em notícia. Esse processo corresponde ao que Barbosa (1995) denomina como uma *reconstituição seletiva do presente*, que também

representa uma forma de *reconstrução histórica seletiva desse presente* (Barbosa, 1995:86). Dessa forma, o jornalismo exerce também uma função de construção de memória coletiva, ao lidar com os elementos que, segundo Pollak (1992), são fundamentais para a formação da memória social. No caso do jornalismo esportivo, sua atuação está profundamente imbricada no contexto social que o cerca, sendo simultaneamente influenciado por ele e influenciador dos modos contemporâneos de produção e circulação de conteúdos midiáticos.

Os conteúdos memorialísticos que se destacaram na construção de reportagens especiais e documentários exibidos em diferentes plataformas, seja na cobertura de nicho das Dibradoras, seja na mídia *mainstream* do Globo Esporte (GE), trouxeram à tona desde a primeira participação do Brasil em Copas do Mundo Feminina até a evolução do torneio como um todo. O GE, por exemplo, revisitou arquivos de transmissões passadas e produziu materiais que relembravam o histórico da equipe brasileira na competição. Já o portal Dibradoras apresentou conteúdos abordando a construção do futebol de mulheres no Brasil, suas dificuldades e os momentos mais marcantes das edições anteriores do Mundial (Figura 19), trazendo relações entre as seleções estrangeiras e a seleção nacional, por exemplo.

Figura 19 - Dibradoras sobre a história da seleção brasileira em Copas



Fonte: Dibradoras - Disponível em: https://dibradoras.com.br/2023/07/28/quando-a-franca-passou-o-brasil-no-futebol-feminino/ Acesso em 30 jul. 2023

O uso de imagens de arquivo e conteúdos memorialísticos na cobertura da Copa do Mundo Feminina de 2019 (Figura 20) e de 2023, bem como as informações de como essa história está sendo reescrita (Figura 21), não apenas reforçou a importância histórica do torneio, mas também atuou como um mecanismo de reparação simbólica e memorial em relação ao apagamento histórico da modalidade nos grandes veículos de comunicação. Com isso, a imprensa esportiva brasileira deu um passo significativo na construção de uma memória mais robusta e acessível sobre o futebol de mulheres, promovendo maior reconhecimento e engajamento do público com a competição.

Figura 20 - A história do Futebol Feminino no Brasil



Fonte: Globo Esporte - GE - Disponível em: https://interativos.ge.globo.com/futebol/selecao-brasileira/especial/historia-do-futebol-feminino Acesso em 01 agos. 2019

Figura 21 - Matéria GE sobre a delegação da seleção brasileira em 2023



Fonte: Globo Esporte - GE - Disponível em: https://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo-feminina/noticia/2023/07/27/selecao-brasileira-faz-foto-oficial-da-maior-delegacao-da-historia-em-copas-do-mundo-feminina.ghtml Acesso em: 29 jul. 2023

Na análise conjunta das três pesquisas, reforça-se a ideia de que há uma construção contínua e crescente de visibilidade para o futebol de mulheres, tanto no Brasil quanto no exterior, evidenciado pela ampliação dos formatos jornalísticos, o aprofundamento das análises críticas e temáticas, e o crescente interesse pela memória e história da modalidade, abrangendo tanto as equipes quanto às trajetórias individuais das jogadoras.

Com efeito, ainda persistem questões complexas, como o assédio moral e sexual, que infelizmente estão presentes em toda sociedade e instâncias, que agora estão sendo mais denunciadas e expostas pela mídia. É fundamental continuar monitorando o desenvolvimento da modalidade, suas trajetórias e o comportamento da mídia, na expectativa de que a modalidade, finalmente, seja mantida em destaque, com sua continuidade garantida nos meios de comunicação de massa e de nicho, favorecendo mudanças importantes no cenário social.

Importa dizer ainda que percebemos que dois veículos tiveram papéis de destaque na cobertura: 1. O Globo Esporte tem sido o mais preponderante no uso de resgate histórico e numa reescrita da história da modalidade e da seleção; 2. O Dibradoras, apesar de um quantitativo menor de matérias, tem trazido reportagens mais profundas e completas sobre assuntos de interesse, como as campanhas das seleções e temas sensíveis da cobertura pouco trabalhados na mídia *mainstream*, como casos de assédio e violações de direitos humanos.

Por fim, cabe ratificar que os achados da pesquisa nos sugere que saímos de uma cobertura tímida e protocolar de 2015 para uma evidente relação de visibilidade para demonstrada pelo aumento significativo de unidade de análise, temáticas e aprofundamento do debate em categorias já sedimentadas, especialmente nas Copas de 2019 e 2023. Como afirmam Carmen Rial e Caroline Almeida (2024:113)

> [...] o movimento feminista e o futebol parecem se reencontrar nos departamentos de esporte de rádios , TV's e jornais, nas vozes e nas matérias publicadas em sites e jornais por jornalistas mulheres e por jornalistas homens que defendem o futebol praticado por mulheres, condenam as expressões de machismo e procuram tornar a bola um gênero neutro.

Ainda que reconheçamos que o jornalismo muitas vezes opere sob a lógica neoliberal de mercado e contribua para a mercantilização do futebol de mulheres, é também por meio dessa visibilidade midiática que se abrem caminhos para a conquista de melhores condições de trabalho e remuneração mais justa para as profissionais da modalidade. Com efeito, é fundamental problematizar o tipo de cobertura realizada, pois nem toda exposição resulta em valorização. Quando pautado por estereótipos ou por interesses exclusivamente comerciais, o jornalismo pode reforçar desigualdades em vez de combatê-las. Dessa forma, torna-se necessário um compromisso ético com uma cobertura que promova, de fato, uma maior inclusão e equidade de gênero no esporte.

Considerações finais

Os meios de comunicação desempenham um papel fundamental na legitimação e valorização de sujeitos e agendas sociais, influenciando valores culturais e ampliando perspectivas. Durante muito tempo, o futebol foi um esporte exclusivamente masculino e, apesar dos avanços, ainda é dominado por homens nos salários, na visibilidade midiática, na gestão e no mercado esportivo.

As Copas do Mundo têm se consolidado como mega eventos de grande relevância não apenas para o esporte, mas também para os conglomerados midiáticos e os meios de comunicação especializados (Barreto Januário *et al.*, 2020). Esses eventos têm sido cada vez mais reconhecidos como produtos estratégicos, com um impacto significativo tanto na audiência quanto na monetização, visando a competição e a modalidade como produtos de consumo. As transmissões da Copa, por exemplo, atraíram um número massivo de telespectadores, o que despertou o interesse de grandes

empresas de mídia em garantir os direitos de transmissão e aproveitar a visibilidade proporcionada pelo evento (Barreto Januário; Leal., 2024).

Cabe ressaltar que, além dos tradicionais canais de televisão, como a TV Globo e ESPN, plataformas alternativas e de nicho, como a Cazé TV, também passaram a se destacar na cobertura das Copas, trazendo uma abordagem mais personalizada e voltada para um público específico. É pertinente repetir que a Cazé TV foi o primeiro veículo/plataforma de mídia a transmitir todos os jogos da Copa do Mundo, na edição de 2023, no Brasil. Esse movimento de plataformas alternativas evidencia uma mudança no paradigma de consumo de mídia esportiva, com a democratização das narrativas e a ampliação do espaço para diferentes formas de cobertura e análise. Há muito o que se observar e continuar analisando sobre a representação e, agora, a visibilidade do futebol de mulheres e das mulheres no universo futebolístico.

A partir das ideias de Halbwachs (1990), especialmente de que a memória coletiva é um fenômeno socialmente construído e sustentado por grupos sociais, podemos compreender que a crescente visibilidade do futebol de mulheres na mídia atua diretamente na formação de uma nova cultura e de novos quadros de memória coletiva. O apagamento simbólico vivenciado pelo futebol de mulheres influenciou na construção de uma memória coletiva sobre o futebol brasileiro, numa perspectiva da prática e presença de mulheres. A partir dessa ampliação que se tem constatado nos espaços de fala das mulheres, das lutas feministas por visibilidade, e da atuação de coletivos, pesquisadoras, jornalistas e atletas, assistimos emergir uma reconfiguração desses quadros de memória.

A análise identificou cinco categorias que ajudam a compreender avanços, permanências e a diversidade de temas anteriormente silenciados. Embora haja progressos, ainda é incerto se este é um momento de transformação definitiva ou apenas uma tendência passageira, mesmo que o efeito sanfona (Mourão; Morel, 2005) pareça ter esmorecido. A edição de 2023, em especial, foi marcada por mudanças significativas, sobretudo na recuperação da memória da modalidade e no reconhecimento e valorização de equipes e atletas. Acompanhar essa cobertura permitirá avaliar de que forma a mídia contribui para a construção de uma memória coletiva e histórica do futebol de mulheres, visando sua consolidação sociocultural. O desafio permanece: observar e analisar o impacto de longo prazo dessas transformações.

Cabe lembrar que, às vésperas da Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2027, que ocorrerá no Brasil, o cenário do futebol de mulheres nacional revela contradições marcantes. Isso tem muito a dizer sobre como ainda há muito para caminhar, mesmo com conquistas importantes e evidentes. Apesar do crescimento da modalidade nos últimos anos, observa-se uma retração no apoio institucional, destacada pela perda de três patrocinadores importantes, Neoenergia, Riachuelo e Binance, no Campeonato Brasileiro de Futebol de Mulheres. Isto é, a competição tem ocorrido sem patrocinadores. Essa situação revela os desafios enfrentados para consolidar o futebol de mulheres no país. Também evidencia a persistente desigualdade nas estruturas de financiamento e visibilidade em relação ao futebol dos homens.

Referências:

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo,Companhia das Letras, 2019.

BARBOSA, Marialva. *Senhores da Memória*. Intercom, Revista Brasileira de Comunicação, São Paulo, v. 7, n. 2, p.84 -101, jul./dez., 1995.

BARRETO JANUÁRIO, Soraya; DA CONCEIÇÃO VELOSO, Ana Maria; FERREIRA CARDOSO, Laís Cristine. *Mulher, Mídia e Esportes: A Copa do Mundo de Futebol Feminino sob a ótica dos portais de notícias pernambucanos*. Revista Eptic Online, v. 18, n. 1, 2016.

BARRETO JANUÁRIO, Soraya; RODRIGUES LIMA, Cecília Almeida; LEAL, Daniel. *Futebol de mulheres na agenda da mídia: uma análise temática da cobertura da Copa do Mundo de 2019 em sites jornalísticos brasileiros*. Observatorio *(OBS*)*, v. 14, n. 4, 2020.

BARRETO JANUÁRIO, Soraya Maria Bernardino. *Copa do Mundo e Futebol das Mulheres: a cobertura midiática nas edições de 2015 e 2019, numa perspectiva de gênero*. Revista Mosaico, v. 14, n. 1, p. 02-13, 2023.

BARRETO JANUÁRIO, Soraya; LEAL, Daniel. *O sucesso por trás dos números: uma análise sobre os recordes de audiência no futebol de mulheres*. Alceu: Revista de Comunicação, Cultura e Política, v. 24, n. 52, 2024.

BRITO, Milena. *Primavera feminista: a internet e as manifestações de mulheres em 2015 no Rio de Janeiro*. In:Seminário Internacional Fazendo Gênero, Anais Fazendo Gênero, v. 11, 2017, p. 1-11.

BONFIM, Aira. *Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1951-1941)*. Dissertação (Mestrado em História Política e bens culturais), *Centro de* Pesquisa e documentação de história contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2018.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção*. São Paulo, Edusp , 2007.

CONNELL, Raewyn. *Masculinities*. Londres, Routledge, 2020.

DA SILVA, Giuslane Francisca. *A memória coletiva*. Revista Aedos, v. 8, n. 18, p. 247-253, 2016.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo.* Rio de Janeiro, Contraponto , v.1, p. 85-102, 1997.

FACHIN, Odília. *Fundamentos de metodologia*. 3. ed. São Paulo, Saraiva, 2001.

GENSBURGER, Sarah. *Halbwachs' studies in collective memory: A founding text for contemporary 'memory studies'*?. Journal of Classical Sociology, v.16, n.4, p. 396-413, 2016.

GOELLNER, Silvana. V. *Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem a história*. Pensar a prática. V.8 n.1, p. 65, 2005.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Vertice, São Paulo, 1990.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade*.São Paulo, Editora Companhia das Letras, 2018.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia e o triunfo do espetáculo*. Revista Líbero, v. 6, n. 11, p. 4-15. 2004.

MCCOMBS, Maxwell. *A teoria da agenda: a mídia e a opinião pública*. Petrópolis, Vozes, 2004.

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. Revista estudos históricos, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

MOURÃO, Ludmila.; MOREL, Márcia. *As narrativas sobre o futebol feminino: A diferença que faz uma medalha de prata*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 26, n. 2, p. 73-86, 2005.

MUNSLOW, Alun. *Deconstructing history*. Londres, Routledge, 2006.

MURDOCK, Maureen. *The heroine's journey: Woman's quest for wholeness*. Berkeley,Shambhala Publications, 2020.

VOGLER, Christopher. *A jornada do escritor: estrutura mítica para escritores*. Aleph, Seiva, 2015.

NÖTH, Winfried. *Comunicação: os paradigmas da simetria, antissimetria e assimetria.* Matrizes, v. 5, n. 1, p. 85-107, 2011.

RIAL, Carmen; DE ALMEIDA, Caroline Soares. *O "gênero da bola": Mulheres e futebol na mídia*. ALCEU, v. 24, n. 52, p. 84-119, 2024.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von; GIGLIO, Zula Garcia. *A arte de recriar o passado: história oral e velhice bem-sucedida.* In: NERI, Anita Liberalesso (org). Desenvolvimento e Envelhecimento: Perspectivas Biológicas, Psicológicas, Sociológicas. Coleção Vivacidade,Campinas, SP: Papirus, 2001.

PISANI, Mariane. *Sou feita de chuva, sol e barro: o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, São Paulo, Universidade de São Paulo, 2018.

Lugar de mulher é onde o Vasco estiver: configurações do torcer e alianças de mulheres vascaínas em Santa Catarina

A woman's place, it's where Vasco is: fan settings and alliances of Vasco women in Santa Catarina

Thais Rodrigues de Almeida
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Florianópolis, SC
takaprofe@gmail.com
https://orcid.org/0000-0002-0202-0035

Franciane Maria Araldi
Universidade do Sul de Santa Catarina, Brasil
Tubarão, SC
franciane.m.araldi9@gmail.com
https://orcid.org/0000-0003-0526-127X

Caroline Soares de Almeida
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Florianópolis, SC
almeidacarol82@gmail.com
https://orcid.org/0000-0003-1361-6616

Recebido em: 10 de março de 2025
Aceito em: 12 de janeiro de 2026

Resumo:

Nesta pesquisa, analisamos a diversidade de configurações do torcer, nas quais possuir vínculo com o clube, acompanhar os jogos, frequentar os estádios, são pontos em comum nas vivências torcedoras, e neste trabalho destacamos as relações estabelecidas por mulheres torcedoras vascaínas residentes em Santa Catarina. Nossas interlocutoras, envolvem-se nas práticas torcedoras identificadas com uma equipe de outra região/estado. A estratégia identificada em nosso estudo, foi a inserção em uma torcida organizada do seu clube desde o estado de Santa Catarina. Nosso objetivo, foi compreender as configurações torcedoras assim como os discursos e representações envolvendo gênero assim como a diversidade do torcer, para tanto, realizamos uma etnografia acompanhando torcedoras vascaínas. Concluímos que vivenciar a cultura torcedora relaciona-se a estabelecer estratégias de alianças e negociações onde futebol, gênero e identidades são constantemente permeados por resistências, desafios e a produção de vínculos torcedores os quais redimensionam as expectativas de rivalidades, distância e regionalidade.

Palavras-chave: Futebol. Mulheres Torcedoras. Gênero.

Abstract:

In this research, we analyze the diversity of fan configurations, in which having a connection with the club, following games, and attending stadiums are common points in the fan experiences. In this work, we highlight the relationships established by female Vasco fans living in Santa Catarina. Our interlocutors engage in fan practices identified with a team from another region/state. The strategy identified in our study was to join an organized fan group of their club from the state of Santa Catarina. Our objective was to understand the fan configurations as well as the discourses and representations involving gender and the diversity of fandom. To this end, we conducted an ethnography following female Vasco fans. We concluded that experiencing fan culture is related to establishing strategies of alliances and negotiations where football, gender, and identities are constantly permeated by resistance, challenges, and the production of fan bonds that reshape expectations of rivalries, distance, and regionality.

Keywords: Football. Women Fans. Gender.

Introdução

O título deste artigo toma de empréstimo uma expressão amplamente utilizada em movimentos feministas “lugar de mulher é onde ela quiser”, o qual foi repaginado em campanhas voltadas para o público feminino de um grupamento organizado do clube Vasco da Gama, “lugar de mulher é onde o Vasco estiver”. A articulação entre mulheres torcedoras e gênero é relevante e um dos pontos centrais deste trabalho, porém outras relações ganham visibilidade no contexto investigado, onde mulheres torcedoras do clube Vasco da Gama, residentes em Santa Catarina reúnem-se e organizam-se junto à outros torcedores de seu clube do coração, e desta forma buscam o espaço, representatividade e práticas torcedoras e identitárias.

Neste estudo, ao voltarmos o olhar para o futebol, buscamos analisar este fenômeno esportivo tendo em vista que é comum no contexto brasileiro, associar os valores desta prática à representações de uma masculinidade viril a qual prioriza e estabelece no campo da normalidade o 'sexo e gênero da bola' (Goellner, 2005; Pisani, 2018). Tais representações de masculinidades, se dão em relação à condição masculina como uma construção cultural produzida e reproduzida socialmente e que não pode ser definida fora das condições históricas, culturais, econômicas e políticas em que esse sujeito constitui sua masculinidade (Kimel, 1998).

Nesse sentido, permite compreender o futebol como um dispositivo social que não apenas espelha as hierarquias de gênero vigentes, mas que também opera de modo ativo na sua produção, legitimação e naturalização. Desta forma, o ambiente futebolístico se constitui como um espaço privilegiado de atualização de normas e expectativas que organizam as relações entre homens e mulheres, reiterando desigualdades sob a aparência de tradição ou pertencimento. Conforme argumenta Connell (1995), as masculinidades não correspondem a atributos fixos ou essências naturais, mas a configurações históricas de práticas e significados socialmente produzidos, estruturadas em relações de poder tanto entre diferentes formas de masculinidade quanto na sua articulação com as mulheres.

Simone Guedes em seu capítulo no livro Universo do Futebol (1982) sinalizou que gostar de futebol envolvia entender sobre futebol e nesse sentido saber praticar, possuir experiência com a bola nos pés, dado o contexto social e temporalidade de sua

pesquisa, o futebol praticado e debatido por homens, e naquele contexto a própria autora como alguém fora da norma a investigar e produzir saberes para além do campo de jogo. A inspiração para a realização desta pesquisa, parte justamente do entendimento de que dada a realidade brasileira na qual as pedagogias do jogo nem sempre são acessíveis à todos e em especial às mulheres, as quais por 40 anos foram inclusive proibidas de praticar futebol, o envolvimento de gostar e o exercício do torcer por um time do coração, denota sentidos e especificidades em um ambiente onde, por muito tempo as mulheres estiveram às margens, e ainda hoje buscam legitimar sua presença seja no campo do jogo ou nas arquibancadas. Se as pedagogias do torcer envolvem os gestos, quando sentar, quando levantar em uma partida, os cânticos e inclusive os xingamentos, tais pedagogias foram pensadas e são expressas a partir de um currículo de masculinidades, uma pedagogia normativa a partir da qual todos os sujeitos torcedores são pensados e inclusive hierarquizados nos estádios (Bandeira; Seffner, 2022), e em relação à esta norma configuram-se representações e expressões de identidade, pertencimento, protagonismo e resistências.

A partir dessa compreensão, passamos a observar as pedagogias do torcer como processos que atravessam os corpos e as experiências no estádio, ensinando de maneira contínua como ocupar aquele espaço e quais formas de torcer são reconhecidas como legítimas. Se os estádios operam como um currículo de masculinidades, conforme problematiza Bandeira (2010) , tornou-se possível perceber, no trabalho de campo, que as mulheres torcedoras também são interpeladas por esse conjunto de prescrições, ainda que frequentemente posicionadas sob vigilância, suspeita ou constante necessidade de legitimação. Nos cânticos, nas cobranças por participação, nas exigências de disposição corporal e na valorização reiterada da raça, da garra e da virilidade, aprendem-se códigos que delimitam como torcer e quem pode fazê-lo sem ser questionada. Nesse movimento, a presença feminina passa a demandar uma performance contínua de pertencimento, na qual o conhecimento sobre o clube, a intensidade afetiva e a fidelidade são mobilizados como provas de autenticidade. Ao mesmo tempo, ao ocuparem as arquibancadas, essas mulheres não apenas assimilam tais códigos, mas também os tensionam e ressignificam, produzindo fissuras nesse currículo generificado e evidenciando que a experiência torcedora extrapola os modelos masculinos que historicamente estruturaram o futebol.

Portanto, frequentar um estádio, possuir um vínculo com o clube, com a torcida, acompanhar os jogos, é uma escolha permeada por desafios que vão desde as condições financeiras (valores dos ingressos, viagens, vestimentas), a segurança antes, durante e depois dos jogos, as relações estabelecidas com os demais membros torcedores organizados ou não (Campos, 2010; Januário 2019), o apoio familiar, os gestos, vestimentas, cânticos, expressões, a alegria e o sofrimento compartilhados implicam na construção das identidades dos sujeitos e na constituição do ser torcedor(a), neste sentido ser mulher torcedora.

Neste texto, apresentaremos aspectos relevantes da investigação etnográfica e do percurso desenvolvido durante o trabalho de campo, descreveremos especificidades encontradas junto ao grupo das interlocutoras vascaínas, e realizaremos articulações com referenciais teóricos feministas que, ao olhar para as mulheres torcedoras amparam as problematizações suscitadas na investigação realizada.

Futebol e torcedoras

Na literatura específica sobre futebol e torcidas nas Ciências Humanas e Sociais, diferentes autores argumentaram sobre perfis específicos de torcedores, através dos quais elencaram identidades, comportamentos, violência, diversidade entre outros temas, assim como apontaram um número maior de estudos e pesquisas realizadas nas regiões sudeste e sul do Brasil (Giglio; Spaggiari, 2010; Fensterseifer; Saad, 2018; Batista; Abrahão, 2022). Um ponto em comum encontrado em vários trabalhos de levantamento de produção do conhecimento sobre a temática futebol e torcidas e/ou futebol e torcedores, é a predominância de pesquisas que privilegiaram o público masculino, ou seja , as torcidas de futebol, vem recebendo investimentos políticos e acadêmicos no sentido de buscar a compreensão dos sentidos, embates, especificidades das mesmas, porém em termos de mulheres torcedoras ou torcidas femininas, os estudos ainda são insipientes pois frequentemente as mulheres são invisibilizadas em relação ao mais popular do país (Costa 2007, Januário 2019). Diante disso, nosso objetivo foi compreender as configurações torcedoras assim como os discursos e representações envolvendo gênero assim como a diversidade do torcer, e para tanto, realizamos uma etnografia multissituada composta por observação participante e a realização de entrevistas com interlocutoras privilegiadas.

Ao abordarmos a especificidade das torcidas, ressaltamos que estas são as responsáveis pelas expressivas manifestações em massa no contexto do futebol. Em sua constituição podem ser institucionalmente organizadas ou formadas por espectadores sem vínculos, trazendo como um todo a ideia de heterogeneidade, apesar de estudos sobre as torcidas apontarem para uma maioria jovem e do sexo masculino (Teixeira, 1998; Reis, 2016), tendo em comum o pertencimento clubístico a partir do qual é possível vivenciar uma sociabilidade composta por sentimentos de solidariedade, companheirismo e fazer parte do grupo, amplamente fomentada por discursos de iniciativa ao clube assim como repúdio às equipes rivais (Reis, 1998; Damo, 2014).

Em relação às formas de manifestações das torcidas e a exaltação da rivalidade em discursos de ódio e repulsa às equipes rivais, a violência decorrente abrange tanto atos empíricos quanto simbólicos, e é foco de inúmeros estudos analisados pela academia tanto no contexto europeu, com os estudos inaugurais em relação ao hooliganismo quanto no brasileiro com crescente número de pesquisas nas décadas de 80 e 90 em diante (Murad, 2007). Em nível nacional, a violência relacionada à sujeitos torcedores tornou-se um problema desestabilizador, acarretando mobilizações governamentais as quais culminaram com a proibição de torcidas organizadas com histórico de atos violentos, banimento de lideranças e de torcedores, assim como na elaboração do estatuto de defesa do torcedor o qual foi amplamente questionado pelos coletivos organizados de torcidas (Murad, 2007; Reis, 2010). No entanto, estudos recentes indicam que em se tratando dos grandes clubes de futebol brasileiro, diante do espectro de milhares de torcedores uma minoria no interior das torcidas é que realmente está relacionada à atos violentos, inclusive há o questionamento de sujeitos infiltrados nas torcidas com o objetivo de cometer delitos em meio à turbulências geradas nos dias de jogos e aglomerações decorrentes destes contextos (Souza, 2016).

As torcidas de futebol, portanto, vem recebendo investimentos políticos e acadêmicos no sentido de buscar a compreensão dos sentidos, embates, especificidades das mesmas, porém em termos de mulheres torcedoras ou torcidas femininas, os estudos ainda são insipientes pois frequentemente as mulheres são invisibilizadas em relação ao mais popular do país (Costa 2007, Januário 2019). Ao realizarmos um recorte histórico sobre a participação feminina no universo do torcer nas primeiras décadas do século XX, a participação das mulheres para a popularização das partidas de futebol era

inclusive incentivada, para que trouxessem um viés mais elitizado aos confrontos. Neste sentido, a presença das torcedoras legitimava o jogo enquanto um evento social, ao mesmo tempo em que oportunizava as moças a vivência fora do ambiente doméstico, em relação ao próprio termo torcedora, uma das versões de sua origem amplamente aceita é a de que se popularizou através dos noticiários e mídia impressa ao descreverem as moças aflitas ao observarem as partidas e torcerem suas luvas (Murad, 2012). Porém, a partir da popularização do esporte abrangendo outros extratos sociais, acabou por modificar os discursos, os quais produziram hierarquias, normatizações e privilegiaram a presença massiva masculina nas arquibancadas, o que ocasionou o afastamento das mulheres dos espaços de eventos futebolísticos (Costa, 2007).

A partir destes recortes históricos, podemos traçar um paralelo ao contexto atual, no qual eleger as experiências das mulheres torcedoras enquanto foco de estudo, passa por compreender o exercício do torcer como um espaço de disputas e negociações, o qual conduz à necessidade de observarmos os discursos naturalizados envolvendo gênero e sexualidade, e as formas como instituem relações de poder produzindo hierarquias e efeitos de verdade no meio futebolístico. Neste esporte, aparentemente os sujeitos desviantes das normas de gênero e sexualidade, são marcados como diferentes, transgressores, sendo instituída uma ideia de ilegalidade, clandestinidade, ante aqueles estabelecidos, normatizados na representação naturalizada e, portanto, invisível da masculinidade. Denota também refletir sobre a ocupação e envolvimento das mulheres em relação às suas experiências no meio futebolístico, se enquanto jogadoras na trajetória brasileira o futebol foi uma prática legalmente proibida a partir do período do Estado Novo, e somente autorizada em meados dos anos 80, deixando uma evidente lacuna em termos do desenvolvimento do esporte feminino, atualmente do ponto de vista legal todos os esportes são permitidos às mulheres, praticá-los, ou envolver-se enquanto torcedora, representa uma atitude ainda suscetível a representações que persistem associando determinadas práticas como o futebol a um referencial exclusivamente masculino, questionando as feminilidades, comportamentos e condutas das mulheres que se aventuram nesse meio.

Ao analisarmos alguns recortes históricos de grandes clubes brasileiros, das muitas anônimas que frequentaram estádios, algumas personagens mulheres obtiveram destaque e registro, inclusive servindo de inspiração para o reconhecimento por parte

das torcidas e gestões de alguns clubes. Exemplos podem ser suscitados quanto à fundação inicial dos clubes como a participação de Dona Chiquitota na história do Botafogo, a qual por ser avó de um dos fundadores opinou pela modificação do nome do clube, inspirando-se no local de moradia o bairro de Botafogo no Rio de Janeiro, participação reconhecida nos relatos históricos da fundação do clube. Outra figura que podemos destacar é Alice Neves, mãe de Mário Neves, um dos fundadores do clube Atlético Mineiro, segundo registros históricos responsável por costurar os primeiros uniformes e primeira bandeira do clube, assim como organizou o primeiro coletivo de mulheres apoiadoras (em grande medida parentes da diretoria ou jogadores) do clube (Ribeiro, 2018). Em ambos os casos de Dona Chiquitota, quanto de Alice Neves, sobressai a figura da matriarca, da mulher que por conta dos laços familiares acabou intervindo nessa organização inicial de clubes que depois vieram a se desenvolver.

Em contrapartida, personagens consideradas torcedoras símbolos como Dona Elisa Alves no Corinthians e Dulce Rosalina no Vasco da Gama, as quais figuraram em destaque por sua participação ativa nos jogos de seus respectivos clubes. Dona Elisa Alves, eleita torcedora símbolo do Corinthians a qual possui inclusive um memorial em seu nome no Parque São Jorge, foi reconhecida frequentadora das arquibancadas em especial no período de jejum de títulos do Corinthians entre 1954 e 1977. Já Dulce Rosalina é uma representante singular (Araújo, 2019), pioneira em relação à efetiva participação política e de liderança sendo a primeira mulher presidente de uma torcida organizada na TOV (Torcida Organizada do Vasco), referenciais que nos movem a refletir sobre as invisibilidades e as resistências em ambientes majoritariamente masculinos, os quais ainda persistem em grande parte no interior dos clubes e as disputas internas por representatividade.

A partir dos referenciais citados, observamos que no Brasil, a relação das mulheres com as práticas esportivas historicamente possui pouca visibilidade e uma trajetória margada por proibições legais, pouco incentivo governamental e a insistência em demarcar determinadas modalidades a partir da norma masculina, heterossexual e branca, ainda assim, pesquisadoras vem buscando fomentar novas narrativas que incluam e visibilizem trajetórias de personagens que a seu tempo insistiram em acessar as pedagogias do jogo até então negadas a elas (Bonfim, 2019). A inclusão das discussões sobre esporte e gênero assim como demais categorias interseccionais, raça,

classe social, durante muito tempo não foi vista como uma problemática contemplada nos estudos feministas e de gênero no Brasil, como assinala Rial (2021) os estudos feministas chegam ao nosso país através de mulheres com formação acadêmica no exterior para as quais o futebol estava distante de fazer parte prioritária da agenda.

A demora das investigações sobre mulheres e futebol tornarem-se uma temática incorporada aos questionamentos e análises feministas em nosso país, traz como pano de fundo o fato das protagonistas que se interessavam pela prática serem em grande medida dos subúrbios, afastadas da academia, compostas por dissidências de corpo, gênero e sexualidades ante as normatizações até então vigentes. Para Pisani (2022), a introdução da categoria gênero para os estudos sociológicos sobre esportes no Brasil, traz atrelada às demandas relacionais de feminilidades e masculinidades no esporte, as relações entre corpo, sociabilidades, poder, subjetividades, ou seja, amplia olhares para perspectivas interdisciplinares e interseccionais de análises, um movimento também de disputas políticas.

Ao focar o estudo sobre as mulheres que torcem, vibram e envolvem-se com o universo futebolístico, apesar dos desafios permeados por representações culturais, sociais e de gênero, salientamos a necessidade de romper com representações hegemônicas as quais com frequência categorizam mulheres torcedoras a partir de rótulos os quais destacam seus atributos físicos de beleza, como meras acompanhantes dos homens, como figuras maternais, marias - chuteira ou ainda como masculinizadas (Costa, 2007; Januário, 2019). Elencamos além da diversidade de representações não hegemônicas, as possibilidades de expressar e vivenciar o lugar do protagonismo do exercício torcedor, além de romper com a figura de acompanhantes ou menos interessadas em relação ao currículo de masculinidades normativo, agentes ativas na formação e organização coletivas, assim como nas parcerias com grupamentos torcedores aliados. Neste ponto podemos destacar os agrupamentos de torcedoras que serão investigados, e as condutas de iniciativas e ações de resistência ante às adversidades que muitas vezes se impõem na manutenção e legitimação do espaço de seu lugar de torcedora, seja na colocação de uma faixa nas arquibancadas, ou na garantia de seguridade para ir e vir dentro e fora dos estádios, movimentos necessários para ampliar as representações identitárias de ser mulher e torcedora, do individual à coletividade.

Notas sobre o trabalho de campo

Durante o percurso etnográfico da investigação, percebemos em grande medida que a experiência torcedora não estava estritamente vinculada ao fato de as interlocutoras frequentarem o estádio, aliás em meio à diversas barreiras sociais, econômicas e de violências, o ato de torcer toma configurações diversas. Nesse sentido, ao realizarmos o trabalho de campo, nos deparamos com o grupo de torcedores do Vasco da Gama, que frequentava as dependências da Torcida Mancha Azul, vinculada ao Avaí Futebol Clube. Torcidas amigas, ou chamadas torcidas aliadas, possuem relações que tangenciam o senso comum relativo a torcidas organizadas e a relação direta às masculinidades, violências e demais questões problemáticas, amplamente visibilizadas. Desta forma, as torcidas aliadas, estão em diferentes estados e possuem símbolos, acordos, e inimigos em comum que muitas vezes perpassam a identificação clubística comum para os demais torcedores. Sendo assim jogo de irmãos podem acontecer mesmo quando os clubes dos torcedores rivalizam em campo, o fato da aliança torcedora sobrepõe-se à representação de adversários[1].

Em nosso contexto local, uma questão colocada como importante dado de campo, foi a rivalidade local entre os grupos torcedores e como isso influenciou em nossa conduta, em relação aos riscos do estar em campo como abordam Fleischer e Bonetti (2010) a respeito de uma etnografia arriscada. Por trabalharmos com a etnografia multissituada, acabávamos circulando tanto em jogos do Avaí Futebol Clube, quanto do Figueirense Futebol Clube. A partir do momento em que nos aproximamos das torcidas organizadas Mancha Azul (Avaí) e Força Jovem (Vasco), nos foi orientado através de nossas interlocutoras de que precisaríamos escolher um lado para a realização da pesquisa, visto que não seria possível estar em ambos os locais, pois frequentando o espaço dos torcedores e torcedoras organizados estaríamos cientes de algumas regras. Nesse sentido é proibido estar nos espaços do adversário (Figueirense), até mesmo porque não poderiam garantir a nossa segurança caso fossemos reconhecidas como frequentadoras da torcida rival. Em parte, essa situação causou desconforto e abreviou

[1] Sobre esta temática indicamos a tese de Renato Saldanha: SALDANHA, R. M. Nem guerra entre as torcidas, nem paz entre as classes: decifrando as torcidas antifascistas unidas do Norte e do Nordeste. Orientador: Prof. Silvio Ricardo da Silva. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, p. 184, 2023.

um trabalho de campo que se estenderia por mais tempo no espaço do Clube e torcidas do Figueirense, mas, por outra perspectiva, tal proibição e nossa concordância em cumprir as regras, nos trouxe o reconhecimento como pessoas que faziam parte, ou seja o pertencimento ao grupo, ainda que o tempo todo nos declarássemos pesquisadoras.

Podemos destacar que as torcedoras investigadas, tomaram condutas de iniciativas e ações de resistência ante às adversidades que muitas vezes impõem-se na manutenção e legitimação do espaço de seu lugar torcedor, o distanciamento geográfico constituído no fato de torcer para uma equipe de outro estado, contrasta com as estratégias de ações coletivas, as quais possibilitaram o acompanhamento junto à organizada da Força Jovem do Vasco e a frequência na sede e jogos de uma torcida aliada (Mancha Azul) vinculada ao Avaí Futebol Clube, desta forma a garantia de seguridade para ir e vir dentro e fora do estádio local e de estádios da região Sul, assim como as reuniões para assistir em um bar local os jogos do Vasco televisionados seja em transmissões de emissoras abertas ou fechadas.

Foto 1 – Dia de jogo do Vasco, torcida Força Jovem assistindo a partida em um bar.



Fonte: arquivo pessoal das pesquisadoras, 2024.

Durante o trabalho de campo, observamos a integração das torcedoras ocupando inclusive papéis de liderança na organização dos encontros e ações coletivas da torcida, ainda que por vezes nas excursões para jogos com rivais com histórico de conflitos, sua presença era barrada pelos demais integrantes como forma de garantir a sua segurança, o que também se configura a partir das expectativas de gênero dos lugares ocupados por homens e mulheres neste grupamento. Ainda assim, destacamos que em mais de uma ocasião, ainda que não fizessem parte da caravana para assistir as partidas, tomaram ações independentes para ir assistir e participar dos jogos por conta própria destacando-se do grupo maior formado pelos homens torcedores, o que ao nosso olhar e pelos relatos das interlocutoras foram ações de resistência e legitimidade do seu lugar e papel como torcedoras ativas e atuantes onde e quando consideraram, ou seja onde o Vasco estivesse.

Além dos aspectos relatados, em nosso estudo, o grupo de torcedoras e torcida organizada mais ampla do Vasco denominada Família 28 da torcida Força Jovem, configuram-se em uma categoria torcedora considerada torcedor "misto", a qual segundo Vasconcelos (2011) expressa torcedores que torcem para mais de uma equipe, ou anda, que torcem apenas para uma equipe de outro estado. Porém neste ponto chama a atenção o fato de que geralmente na literatura brasileira sobre torcedores, os trabalhos relacionaram tal configuração em relação à torcedores das regiões norte e nordeste e não abordaram especificamente torcedores do Sul do Brasil torcendo para equipes do Eixo Rio – São Paulo, e esta também se configura como uma questão relevante para a contextualização da pesquisa realizada.

Considerações finais

Concluímos que para as mulheres torcedoras investigadas, vivenciar a cultura torcedora relaciona-se a estabelecer estratégias de alianças e negociações onde futebol, gênero e identidades são constantemente permeados por resistências, desafios e a produção de vínculos torcedores os quais redimensionam as expectativas de rivalidades, distância e regionalidade. Em muitos momentos, observamos que o pertencimento coletivo das torcidas aliadas, trouxe um vínculo mais expressivo em comparação à rivalidade comum entre grupamentos de diferentes clubes. Assim como, os ritos de cordialidade, amizade e acolhimento entre coletivos torcedores organizados foram

amplamente visibilizados, a despeito de episódios violentos que frequentemente são relacionados e identificados nas mídias e senso comum.

Em nossa pesquisa, ainda que nossas interlocutoras não se definissem como feministas, a partir de suas práticas e estratégias de resistência exerciam um ativismo em oposição às barreiras comumente impostas pelo clube e/ou torcedores homens. Além disso, a própria presença nos espaços de torcer é uma questão política simbólica, e tensionamos que esta também é uma pauta para os feminismos. Desta forma, consideramos que as relações e interações observadas em relação às mulheres presentes nestes grupamentos, constituem-se de movimentos necessários para ampliar as representações identitárias de ser mulher e torcedora, nos quais regionalidade, pertencimento e resistência são interseccionados.

Referências

BANDEIRA, G. A. *"Eu canto, bebo e brigo... alegria do meu coração": currículo de masculinidades nos estádios de futebol.* 2009. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2009.

BANDEIRA, G. A.; SEFFNER, F. *O androcentrismo do torcer: do Universo do Futebol ao estádio contemporâneo.* Conexões, Campinas, SP, v. 20, n. 00, p. e022016, 2022. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8668348. Acesso em: 15 jun. 2023.

BANDEIRA, G. *Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol*. Revista Brasileira de Educação, v. 15, n. 44, p. 342-351, 2010. Acesso em 07 fev. 2026.

BATISTA, C.; ABRAHÃO, B. O. L. *Estudos sobre os torcedores de futebol: uma revisão sistemática.* FuLiA/UFMG , *[S. l.]*, v. 7, n. 1, p. 82–102, 2022. DOI: 10.35699/2526-4494.2022.36792. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/36792. Acesso em: 10 dez. 2023.

BONFIM, A. F. *Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição*

(1915-1941). Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2019.

CAMPOS, P. *Mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão.* Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

COSTA, L. M. *"O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e autorrepresentação do público feminino do futebol"*. Esporte e Sociedade. v. 2, n.4, 2007. Disponível em: https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/48008. Acesso em: 2 jan. 2024.

CONNELL, R. W. *Masculinities*. Berkeley: University of California Press, 1995.

DAMO, A. S. *O espetáculo das identidades e das alteridades: as lutas pelo reconhecimento no espectro do clubismo brasileiro*. In: CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela (org.). Futebol objeto das ciências humanas. São Paulo: Leya, 2014, p. 23-55.

FENSTERSEIFER, A.; SAAD, M. A.; MORO, A. R. P. *Futebol: Uma Investigação do Estado do Conhecimento das Dissertações e Teses Produzidas no Brasil*. Pensar a Prática, Goiânia, v. 21, n. 2, 2018. DOI: 10.5216/rpp.v21i2.44088. Disponível em: https://revistas.ufg.br/fef/article/view/44088. Acesso em: 22 fev. 2023

FLEISCHER, S; BONETTI, A. *Etnografia arriscada: dos limites entre vicissitudes e "riscos" no fazer etnográfico contemporâneo*. Teoria & Pesquisa Revista de Ciência Política, São Carlos, v. 19, n. 1, 2010. DOI: 10.4322/tp.v19i1.205. Disponível em: https://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/view/205. Acesso em: 28 fev. 2025.

GIGLIO, S. S.; SPAGGIARI, E. *A produção das Ciências Humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009)*. Revista de História. São Paulo, n. 163, p. 293-350, 2010. DOI: https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v0i163p293-350. Disponível em: Acesso em: 16 jan. 2024.

GOELLNER, S. *Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades.* Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 19 n. 2, 2005. DOI:

https://doi.org/10.1590/S1807-55092005000200005. Diponível em: https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16590. Acesso em: 16 jan. 2024.

JANUÁRIO, S. *Mulheres no Campo: o ethos da torcedora pernambucana*. São Paulo: Fontenele Publicações, 2019.

KIMELL, M. *"A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas"*. Horizontes Antropológicos**.** Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social /UFRGS, n. 9,p. 103-117, 1998.

PISANI, M. *Gênero: um conceito útil para a análise esportiva e futebolística (versão impressa)*. In: Claudia Samuel Kessler, Leda Maria da Costa, Mariane da Silva Pisani. (Org.). As mulheres no universo do futebol brasileiro. 1ed.Santa Maria: Editora UFSM, 2022, v. 1, p. 327-343

PISANI, M. *'Sou feita de chuva, sol e barro': o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo*. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. doi:10.11606/T.8.2018.tde-11102018-110139. Acesso em: 2024-11-04.

REIS, H. *Futebol e Sociedade: as manifestações da torcida*. Tese de Doutorado – Departamento de Estudos do Lazer, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, São Paulo, 1998.

REIS, H. *O perfil do torcedor organizado e a política brasileira para o futebol espetáculo*. Tríade: Revista de Comunicação, Cultura e Midia. 4. p. 172-189. 2016.

RIAL, C., *#Déjala trabajar: el fútbol y el feminismo en Brasil.* In: Thomas Fischer; Romy Kôlher; Stefan Reith. (Org.). Fútbol y Sociedad en América Latina. 1ed.Frankfurt: editorial Vervuert, 2021, v. 1, p. 241-256.

TEIXEIRA, R. C**.** *Os perigos da paixão: filosofia e prática das torcidas jovens cariocas*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). PPGSA, UFRJ, 1998.

VASCONCELOS, A. A. *Identidade futebolística: os torcedores "mistos" do Nordeste.* Dissertação de mestrado, PPGS/UFC, 2011.

Rola a bola, rola o poder: reflexões sobre a Copa do Mundo de futebol masculino do Catar 2022[1]

The ball rolls, the power rolls: reflections on the Men's Football World Cup Qatar 2022

Luiz Henrique Zart
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Florianópolis, SC
luizhenriquezart@hotmail.com
https://orcid.org/0000-0001-9219-8197

Recebido em: 10 de março de 2025
Aceito em: 12 de janeiro de 2026

[1] Este estudo é uma adaptação de um trecho da dissertação de mestrado do autor.

Resumo:

A Copa do Mundo de Futebol masculino é considerada o evento esportivo de maior magnitude do planeta. A partir deste entendimento, este artigo pretende refletir, de uma perspectiva ensaística, sobre o mundial do Catar, realizado em 2022. A proposta é reconhecer o local em que o jogo é disputado, pensando megaeventos como espaços simbólicos privilegiados, sobretudo em um contexto de globalização, midiatização e mercantilização do esporte imposta pelo capitalismo-neoliberal. São abordados o processo de escolha do país-sede, manobras de bastidores e a tentativa do Catar de usar um poder suave para criar um discurso positivo sobre si diante do mundo. Entende-se que o cenário geopolítico e a pressão de atores em busca de influência, e o desrespeito aos Direitos Humanos em países autocráticos passaram a integrar a discussão pública além da esfera esportiva. No Catar, antes de a bola rolar, começou um outro jogo: o jogo de poder e interesses.

Palavras-chave: Copa do Mundo. Catar. Futebol. Poder.

Abstract:

The Men's Football World Cup is considered the largest sporting event on the planet. Based on this understanding, this article intends to reflect, from an essayistic perspective, on the 2022 Qatar World Cup. The proposal is to recognize the place where the game is played, thinking of mega-events as privileged symbolic spaces, especially in a context of globalization, mediatization and mercantilization of sport imposed by neoliberal capitalism. The process of choosing the host country, behind-the-scenes maneuvers, in Qatar's attempt to use soft power to create a positive discourse about itself in front of the world are covered. It’s understood that the geopolitical scenario and the pressure from actors seeking influence, and the disrespect for Human Rights in autocratic countries, have become part of the public discussion beyond the sporting sphere. In Qatar, before the ball rolled, another game began: the game of power and interests.

Keywords: World Cup. Qatar. Football. Power.

Introdução

Reconhecer o local em que um jogo de futebol será disputado é indispensável porque considera questões de contexto e permite um entendimento mais apurado sobre as condições em que a bola rola. Por isso, é interessante tratar sobre Copas do Mundo de futebol – neste estudo, destacando-se, as masculinas, em especial a 22ª edição, realizada no Catar. Isso porque, segundo ressaltam Helal e Mostaro (2020, p. 112-113), os mundiais são um dos principais palcos em que são vistas a exacerbação da identificação simbólica, a emulação de Estados-Nação, além das construções identitárias e geopolíticas em um império de globalização que atravessam as relações estabelecidas no futebol.

Com o futebol, um fenômeno sociocultural relevante. Especialmente em Copas do Mundo, há a ocupação de um espaço simbólico privilegiado, um território que possibilita uma variação narrativa diferenciada para a construção noticiosa – desde o vínculo afetivo (Barthes, 2008), a identificação com valores ligados a clubes e seleções, além do êxtase das vitórias, a angústia da espera, a tristeza das derrotas, identificação com algum atleta, histórias de interesse humano, indicações sobre comportamentos coletivos e ilustrações da vida social, que revelam um "cenário passional e em constante enunciar de aspectos de investimento da subjetividade e das intencionalidades" (Casagrande, 2021, p. 50). É uma condição que permite compreender o jornalismo esportivo enquanto uma instância de produção discursiva que envolve, além da competência técnica e da midiatização, emoções e crenças (Lovisolo, 2011).

Copas do Mundo representam uma outra dimensão dos eventos esportivos. Além de atingirem as identidades das nações, "fazem nascer heróis, ícones e lendas, que não apenas representam sua identidade nacional em um cenário global, mas flutuam num espaço global transnacional, transcendendo os limites do espaço, da identidade ou da cultura de uma nação [...] (Bandyopadhyay; Naha; Mitra, 2016, p. 1, tradução nossa). Segundo Bandyopadhyay, Naha e Mitra (2016, p. 1, tradução nossa), o que torna o futebol um esporte diferente de todos os outros no mundo é a capacidade de atingir uma massa de seguidores, "em todos os níveis, transcendendo a idade, o espaço ou o tempo".

Para os autores, são novos desafios impostos pelo processo acelerado da globalização nas últimas três décadas: comercialização, profissionalização e

midiatização, o que atinge frontalmente a proposta de um mundial de seleções de futebol. Nestes períodos, ganha uma dimensão mais intensa, com a imprensa como "produtora de determinados significados e de representações da realidade, tem alguma capacidade de interferir nas relações sociais. Ela usa, de forma incessante, códigos e símbolos que contribuem para a formação de visões do mundo" (Helal; Mostaro, 2020, p. 79). Desta maneira:

> A Copa do Mundo é muito mais do que um simples torneio de futebol: é um duelo simbólico entre nações que desfilam seus traços culturais através de estilos de jogo e de maneiras de torcer e celebrar. A atração que esse espetáculo esportivo exerce nas pessoas as partes de um processo que simultaneamente une diferenças e proporciona manifestações dessas culturas em estilos, comemorações e performances (Helal, 2021, p. 98).

Se o futebol, em certa medida, constrói suas narrativas a partir de metáforas da vida social que são projetadas no campo, na Copa do Mundo esta perspectiva se destaca ainda mais. Conforme aponta Helal (2021, p. 99), no início da disputa há uma aparente semelhança entre os competidores que, no final, se transforma em uma "inexorável assimetria" – podendo levar mesmo aquela que não é a melhor das equipes a ser a vencedora. Essa tensão é um elemento motivador, entre uma série de possibilidades, como pontua o autor: desde os possíveis erros do/a árbitro/a, a tensão de partidas eliminatórias, equipes piores no papel superando as teoricamente superiores, enquadramentos de heroísmo ou vilania entre os personagens – em uma fronteira agônica entre o êxtase e a frustração. A imprensa, sobretudo a partir das produções jornalísticas em um cenário em mutação, tem papel importante neste sentido, por meio de uma "forma de produção social de conhecimento comprometida com o tempo presente e responsável pela circulação de diversos discursos em sociedade" (Autor, ano, p. 2). O discurso esportivo também atravessa esta dimensão de enunciação.

Também em relação a este contexto, há uma característica contemporânea a respeito das práticas esportivas: o capitalismo transnacional faz com que a cultura de massa se apodere e utilize os megaeventos – já destacadamente marcados pela exploração imagética e sensorial pela mídia – como propulsores do espetáculo. Assim, são diluídos tanto os significados de cultura erudita, popular, quanto as fronteiras, na mesma medida em que a publicidade torna-se responsável por borrar as dimensões dos

gêneros jornalísticos, especialmente responsáveis por levar informação com determinada característica aos públicos (Bettine; Ozdemir, 2023; Autor, ano).

Seria, portanto, não apenas uma competição, mas um produto a serviço da federação que o realiza e dos patrocinadores e demais agentes envolvidos contexto que se dá desde a divulgação de marcas: "nas práticas de vendas de ingressos, construção de novos estádios, incremento do turismo e hotelaria das cidades-sedes, nos avanços da publicidade e propaganda ou nas transmissões pela TV, internet, e na mídia jornalística internacional" (Bettine; Ozdemir, 2023, p. 6).

Assim, Ludvigsen, Rookwood e Parnell (2023, p. 705, tradução nossa) interpretam que pensar sobre megaeventos é importante porque eles têm impacto sociológico, político, cultural e econômico. Nos últimos 20 anos, especialmente, é preciso que se destaque a abertura de horizontes, por exemplo, pelo interesse no estudo dessas ocasiões. Elas têm capacidade de "nos surpreender e nos prover com o vislumbre de processos mais amplos em jogo na vida como um todo", de modo geral porque "nos ajudam a melhor entender e dar sentido ao mundo em que vivemos" (Ludvigsen; Rookwood; Parnell, 2023, p. 705, tradução nossa). Considera-se que:

> Está bem estabelecido que os megaeventos desportivos são social, cultural, financeira, política e historicamente importantes e valiosos. Por exemplo, no mundo moderno, os megaeventos desportivos são normalmente utilizados pelos Estados como ferramentas de poder brando, marca nacional e diplomacia pública (Rookwood e Adeosun 2021). Os eventos são memorizados coletivamente e funcionam como pontos de referência nos calendários sociais das comunidades e na estruturação pública mais ampla do tempo [...] (Ludvigsen; Rookwood; Parnell, 2023, p. 705, tradução nossa).

Este estudo procura desenvolver uma reflexão de caráter ensaístico sobre a Copa do Mundo do Catar, realizada em 2022, para reconhecer por quais caminhos a bola rola. Compreende-se, assim, que saber o lugar onde o jogo é jogado permite pensar sobre as condições de realização de um evento da magnitude do mundial de futebol masculino. Sobretudo na edição realizada no Oriente Médio, tópicos além do campo ganharam espaço nas discussões, sobretudo a construção de um discurso sobre si diante do mundo globalizado -

Catar 2022: sobre quem tem o apito e o controle do jogo

Os significados construídos partem de uma mesma matriz nos megaeventos, considerando que sejam baseados em "espetáculos esportivos". Hartmann, Manning e Green (2023, p. 63, tradução nossa) apontam para a celebração do consumismo, o espaço à influência de corporações globais e a abundância de investimentos na cobertura da imprensa e na transmissão das partidas. Há, primeiro, uma interferência indireta com o reproduzir de hinos, o tremular de bandeiras e a composição dos times, nos quais o patriotismo e o nacionalismo são reforçados durante o evento, com a construção de memórias de longa duração (Giulianotti, 2019). Houve também, no caso do Catar, mensagens conscientes e intencionais: se por um lado os posicionamentos e a consciência social e política de atletas e federações contra posturas do país-sede em relação aos Direitos Humanos aumentaram, recebendo uma reprimenda tão forte quanto. Desta perspectiva:

> A forma como o desporto capta e exibe dinâmicas sociais complicadas é fundamental para o seu poder e significado social no mundo contemporâneo. Megaeventos como a Copa do Mundo oferecem um local incomparável para a dramatização e a luta sobre questões sociais devido ao seu escopo, à variedade de participantes, à cobertura e atenção da mídia global e à paixão e intensidade emocional que o público e os fãs globais trazem para eles (Hartmann; Manning; Green, 2023, p. 64, tradução nossa).

Além do desempenho esportivo, de performance, portanto, é pontual considerar – em uma outra visão – mensagens mais amplas e significados culturais que permeiam a política cultural do esporte, como defendem Hartmann, Manning e Green (2023, p. 64, tradução nossa). Os autores ressaltam que a maioria dos fãs de esporte, e também aqueles que escrevem sobre e interagem com este contexto não costumam "ter olhos, mentes e corações críticos ao próprio engajamento com o esporte". Isso conduz a falhas no tratamento de "problemas sociais e dramas sócio-políticos que se apresentam bem na frente deles – ou, se o fazem, minimizam ou dispensam as complicações do mundo 'real' o mais rápido possível em favor de voltar ao jogo" (Hartmann; Manning; Green, 2023, p. 64, tradução nossa).

Segundo ressalta Eliomar Filho (2023, p. 2), o futebol apresenta um poder político que ajuda a explicar o interesse de atores globais, tanto na esfera política quanto

econômica, sobretudo. Os benefícios a empresas, entidades, dirigentes e Estados Nacionais, para o autor, ilustram um jogo de interesses com diversas armas, tendo na geopolítica uma ferramenta das mais poderosas. Passa a ser, então, uma forma para que Estados-Nação alterem sua imagem diante dos demais, "estabelecendo acordos e laços com entidades, empresas, atores notáveis do cenário global que, por vias diplomáticas, pareciam intransponíveis". Suavizar a visão diante do mundo usando o esporte – aqui destacando-se o futebol como estratégia – é uma prática conhecida como *sportswashing*[2].

Fruh, Archer e Wojtowicz (2022, p. 103, tradução nossa) argumentam que o termo vem de outra expressão: *whitewashing*, usada metaforicamente envolvendo a aplicação de tinta para deixar uma superfície branca, ou com uma luz favorável, que encobre a presença de marcas e outras características duvidosas. O mesmo pode se dizer de *greenwashing*, que se refere às empresas que exageram ou fabricam virtudes ambientais para capitalizar o sentimento dos consumidores. Nos três casos, uma constante: "situa-se entre uma violação moral conhecível, por um lado, e o desejo de que essa violação moral receba menos atenção do que tem recebido, do que poderia receber, ou do que merece receber".

No caso do esporte, o envolvimento passional se torna um veículo estratégico de veiculação ideológica, sobretudo por ser um evento com audiência de mais de três bilhões de pessoas (Fruh; Archer; Wojtowicz, 2022, p. 101-102). Conforme ressaltam Fruh, Archer e Wojtowicz (2022, p. 103, tradução nossa), os objetivos da "lavagem esportiva" podem ser atingidos de diversas maneiras, entre as mais diretas possuir um clube ou sediar um grande evento mundial. As mensagens amplamente veiculadas, com sentido positivo, melhoram a reputação dos envolvidos.

Segundo os autores, é algo como alterar resultados de pesquisa na internet com muito volume de informação e relevância. Dessa forma, "se a primeira página dos resultados da pesquisa por 'Catar' pertencer à Copa do Mundo, menos pessoas chegarão às páginas posteriores onde aparecem resultados relativos a violações dos direitos

[2] Vem da união de duas palavras de origem inglesa para indicar "lavagem esportiva": "termo utilizado pela primeira vez em 2008 pela Anistia Internacional para acusar o Abu Dhabi United Group (de propriedade do xeque Mansour bin Zayed Al Nahyan, meio-irmão do atual presidente dos Emirados Árabes Unidos) de adquirir o clube inglês Manchester City para 'lavar' sua 'imagem manchada' objetivando esconder os crimes cometidos contra opositores, os parcos direitos das mulheres no emirado e a censura vivida pela população" (Eliomar Filho, 2023, p. 2).

humanos" (Fruh; Archer; Wojtowicz, 2022, p. 103, tradução nossa). Como aponta Coelho (2023, p. 14), isso não é novidade:

> [...] quando se trata de Mundiais organizados pela FIFA. Na Copa realizada na Itália, em 1934, e na Argentina, em 1978, o torneio também foi utilizado pelas respectivas ditaduras como forma de angariar apoio interno — e no país sul-americano, em menor medida, tentar se contrapor às denúncias de assassinatos e torturas realizadas pela Junta Militar veiculados na imprensa internacional. Esses exemplos históricos evidenciam a relação próxima da modalidade com a política e contextualizam de que modo o esporte pode ser usado por diferentes regimes autoritários [...] (Coelho, 2023, p. 14).

A Copa do Mundo é realizada desde 1930, de quatro em quatro anos, como um dos principais eventos esportivos na contemporaneidade. Organizada pela Federação Internacional de Futebol Associado[3] (FIFA), movimenta os universos econômico, turístico e midiático, entre tantas outras esferas, e, por isso, há interesses envolvidos em sediar o evento. Neste sentido, é também uma forma pela qual é possível que países adentrem o cenário mundial sem intervenções tão severas. Como foi com tantas outras, é o caso da edição de 2022, realizada no Catar. A história, contudo, começa tempos antes, em 2010.

Naquele ano, mais precisamente em 2 de dezembro, o Comitê Executivo da FIFA se reuniu em Zurique para definir quais países receberiam as Copas do Mundo de 2018 e 2022 – na primeira ocasião em que seriam escolhidos dois anfitriões de uma só vez. Se em 2018 a Rússia superou as candidaturas de Inglaterra e as indicações coletivas de Portugal e Espanha, e Bélgica e Holanda; em 2022, a proposta catari derrotou as de Estados Unidos, Austrália, Coreia do Sul e Japão.

O Catar se tornaria, assim, o primeiro país do Oriente Médio a sediar uma Copa do Mundo. Como lembra Coelho (2023, p. 5), no entanto, antes mesmo de a FIFA anunciar os vencedores, a própria eleição já era rodeada de suspeitas e acusações de corrupção. Dois dos 24 integrantes do Comitê da entidade, Amos Adamu, da Nigéria, e Reynald Temarii, do Taiti, "haviam sido afastados em outubro daquele mesmo ano depois de uma reportagem do *Sunday Times* mostrar que eles estavam dispostos a vender os votos para supostos lobistas americanos" (Coelho, 2023, p. 5).

[3] Em tradução livre.

Eliomar Filho (2023, p. 7) traça uma cronologia para tratar destas questões. O autor aponta a data de 23 de novembro de 2010 como a de um encontro do então presidente francês Nicolas Sarkozy, o da UEFA[4], o compatriota Michel Platini, e o xeque catariano Hamad bin Khalifa Al-Thani: "Esse encontro realizado em Paris, dias antes da escolha pela FIFA dos torneios de 2018 e 2022 apontam indícios de manobras de bastidores para o Catar se tornar sede da Copa, ao invés dos Estados Unidos [...]" (Eliomar Filho, 2023, p. 7). Há, ainda, outras situações[5] que vieram a público por meio da investigação jornalística[6]:

> O jornal inglês The Sunday Times divulgou, em 2019, o pagamento de 880 milhões de euros à FIFA pela rede de televisão catariana Al Jazeera, controlada pelo governo do país, com o intuito de comprar votos pela eleição dos árabes. Em 2013, a revista France Football divulgou uma matéria intitulada "Qatargate" que trazia acusações de compra de votos para a escolha da sede, movimentações suspeitas na véspera do pleito e conchavos políticos. Já o periódico inglês teve acesso a documentos que apontaram que vinte e um dias antes da escolha da sede da Copa a empresa pagou uma primeira parcela, restando outras duas e mais uma bonificação de 100 milhões de euros pelo êxito na operação, no caso a ida do torneio para o Oriente Médio (FRANCE, 2013) (Eliomar Filho, 2023, p. 7-8).

Nesta perspectiva, a motivação para que a FIFA elegesse o Catar como país a receber o torneio é a mesma da série de prisões em série de dirigentes da organização, a partir de 2015: suborno. Coelho (2023, p. 7-8) relembra uma reportagem do jornal *The New York Times*, que revelou investigações do Departamento de Justiça Estadunidense sobre a compra de votos para a escolha de sedes para o mundial de 2010. No texto, os três representantes da América do Sul no Comitê – Julio Grondona, Ricardo Teixeira e Nicolás Leoz – haveriam recebido dinheiro para escolher o Catar como país-sede do torneio de 2022.

[4] Union of European Football Associations (União das Associações Europeias de Futebol, em tradução livre).

[5] Entre as acusações, há diferentes níveis de gravidade: entre o caso de fãs que recebiam entre R$ 14 e R$ 18 da organização para assistir a exibições esportivas no Catar (Bonsanti, 2014), e as acusações de que a candidatura do país do Golfo sabotava os concorrentes com operações secretas, contratando pessoas influentes dentro dos países para fazerem propaganda contrária (Lobo, 2018b).

[6] A *Trivela* desenvolveu uma seção no próprio site, a *Fiscalize Catar 2022*, para tratar "seja em termos de infraestrutura, seja sem termos de organização, as acusações sobre o país que organiza, as questões envolvendo direitos humanos e tudo que envolve a preparação" (Fiscalize Catar, s/d., on-line). As publicações da seção foram feitas de 18 de julho de 2013 a 20 de setembro de 2022.

De fato, a vitória da proposta do Catar era uma surpresa, sobretudo se uma avaliação mais cuidadosa for feita sobre os concorrentes que, em tese, teriam mais chances. O país do Oriente Médio, jamais havia disputado sequer as fases finais da competição, com pouquíssima tradição na modalidade. Além disso, tinha ainda o agravante de ter que mudar o período de realização do evento – normalmente em junho/julho – para novembro/dezembro, por conta das condições climáticas adversas (Chade, 2015).

Por se tratar de uma região desértica, as temperaturas poderiam chegar a 45ºC no meio do ano. No entanto, a FIFA estabeleceu a disputa do torneio entre 20 de novembro e 18 de dezembro, "quando o clima é mais ameno e a temperatura oscila entre 20ºC e 25ºC" (Coelho, 2023, p. 6). Foram condições convenientes para a concretização de objetivos ambiciosos do Catar, sobretudo na tentativa de transformação da imagem do país diante da comunidade internacional – destaque-se, já que o Catar não tem tradição no cenário internacional do esporte, tanto em relação às ligas quanto a nível de seleção, situação comprovada pela participação como país-sede.

Ainda que houvesse protestos de seleções europeias, contrárias à realização do evento, a FIFA manteve a decisão. Como lembra Eliomar Filho (2022, p. 9), é um atestado de que o potencial de mobilização trazido pela Copa no sentido geopolítico é grande, assim como serve a grupos econômicos e entidades: "com o cunho de expansão de territórios a partir de mercados, zonas de influência comercial e estratégias de marketing para a expansão de marcas de caráter global". A imposição feita pela FIFA tinha um objetivo claro, especialmente porque "economicamente e geopoliticamente era fulcral avançar sua presença no mundo árabe" (Eliomar Filho, 2022, p. 9). Conforme aponta Coelho (2023), mesmo apresentando-se como um regime constitucional, o Chefe de Estado do país é um Emir:

> O Catar é governado pela família Al Thani desde meados de 1800 e é uma monarquia absoluta. O atual Emir do Catar é Sheikh Tamim bin Hamad al-Thani. A receita de suas reservas de combustível fóssil transformou-o de um pobre país desértico em um dos países mais ricos do mundo. De acordo com números do Banco Mundial, o Catar tem o maior PIB anual per capita do mundo em $128.3781 e praticamente não tem desemprego entre seus cidadãos (os Cataris) (Bettine; Ozdemir, 2023, p. 14).

No Catar, segundo ressaltam Bettine e Ozdemir (2023, p. 14), o Emir é Chefe de Estado, responsável por controlar o poder legislativo e, também o executivo – e mesmo o judiciário, em última instância. Existe proibição de formação de partidos políticos no território, e a única alternativa que se aproxima de um pleito eleitoral é a que elege um conselho consultivo municipal. Há, ainda, que se considerar a desigualdade gritante. Ao mesmo tempo, o país é extremamente rico e com uma população pequena, pode-se dizer que o Catar conta com o estado de bem-estar social mais bem desenvolvido do Oriente Médio – envolvendo tanto assistência médica gratuita, quanto educação e moradia de baixo custo. Por outro lado: "embora os cidadãos do Catar sejam os mais ricos do mundo, a grande maioria da população (trabalhadores migrantes) não são cidadãos e não têm direitos políticos, sociais, ambientais, cerceamento dos direitos civis e poucas oportunidades econômicas" (Bettine; Ozdemir, 2023, p. 14).

Deste panorama, é importante considerar que os investimentos do Catar para a realização da Copa do Mundo Masculina atravessam não apenas obras de infraestrutura. É uma postura mais agressiva em um projeto que envolve patrocínio a grandes clubes europeus, construção de academias de futebol e a aquisição de clubes, cujo maior exemplo é o francês Paris Saint-Germain (PSG) – com investimentos de milhões de euros na aquisição de estrelas para montar o elenco –, comprado em maio de 2011, portanto, pouco depois da escolha do Catar como país-sede do mundial.

Segundo aponta Coelho (2023, p. 12), o país comprou o PSG "por meio da Qatar Sports Investment (QSI), subsidiária do fundo estatal de investimento Qatar Investment Authority (QIA). Na época, o grupo pagou 50 milhões de euros por 70% das ações do clube", o que significou um aporte bilionário que segue até hoje. O investimento no esporte foi a maneira *suave* encontrada pelo Catar para se mostrar ao mundo, em especial a partir do início do século XXI. A situação é detalhada por Coelho (2023, p. 11-12):

> Em 2003, o governo criou centros de excelência espalhados pelo país e em outras áreas do globo, visando captar e atrair eventuais talentos. Mas foi a partir da década de 2010 que o aporte financeiro no futebol tomou rumos maiores. Dinheiro é o que não falta para o governo local. Além de ser produtor de petróleo, o Catar é um dos principais exportadores de gás natural do planeta, o que gera uma enorme capacidade de investimento para o Estado

> — ainda mais levando em conta o contexto político local, em que o poder é centralizado nas mãos do emir.

O contexto de desenvolvimento dos países do Golfo num geral é associado à descoberta de fontes de petróleo e gás, que sustentou um crescimento econômico e demográfico acelerado especialmente entre os anos 1970 e o início dos anos 2000. Então, ainda que seja importante mencionar a construção em massa de uma infraestrutura capaz de receber o evento, entre oito estádios, hotéis, estradas e redes de comunicação, questões sociais emergem e ganham relevância na discussão pública (Hartmann; Manning; Green, 2023, p. 62).

O envolvimento com o esporte global, portanto, segue uma tendência recente de Estados autocráticos e repressivos com muitos recursos a serem investidos como parte de uma política de diplomacia. Assim, prevalece o entendimento trazido por Bettine e Ozdemir (2023, p. 1), quando indicam que o país do Golfo "utiliza o esporte em quatro pilares de atração, sediar eventos esportivos internacionais; investir em esportes globais; promover o sucesso do país no nível esportivo de elite e engajar estrelas do esporte como diplomatas esportivos". No entanto, ao mesmo tempo em que a estratégia de aumento de visibilidade procurava estabelecer o país no cenário mundial, também trouxe mais vigilância internacional, questionando os interesses estratégicos envolvidos nos investimentos (Bettine; Ozdemir, 2023). Seria a proposta do *soft power*[7] posta em prática.

Neste sentido, conforme argumentam Ludvigsen, Rookwood e Parnell (2023), um megaevento como uma Copa do Mundo levanta questões de governança e quanto aos impactos gerados. No primeiro caso, por conta de envolver uma diversidade de atores – entre organizações esportivas, cidades e países-sede, corporações internacionais como patrocinadoras e grandes conglomerados de mídia, responsáveis pela transmissão. Além disso, há questões envolvendo o legado: sobre a reconfiguração e gentrificação dos espaços urbanos, o deslocamento de populações residentes em um processo de higienização social dos grandes centros e o desrespeito ao meio ambiente. Deste

[7] Uma espécie de "poder brando", em tradução literal, definido como a "capacidade de alcançar objetivos por meio da atração em vez da coerção" na arena global (Al-Dosari, 2020a, 2020b; Tajseer, 2021 *apud* Bettine; Ozdemir, 2023, p. 6). Florenzano (2022, p. 2) indica que o conceito foi originalmente elaborado "pelo cientista político Joseph Nye para analisar o modo pelo qual um agente estatal almeja desempenhar um papel relevante na arena global, sem recorrer à força militar".

contexto, entende-se que são levantadas variadas questões sobre regulação e transparência na realização de megaeventos.

Desde a escolha do Catar como local de realização da Copa do Mundo de 2022, doze anos antes da realização do evento, foram diversas as críticas envolvendo o desrespeito dos Direitos Humanos, além de alegações de suborno, corrupção e discriminação (Al-Dosari, 2020). Além da homofobia, de legislações racistas, capacitistas ou contrárias aos diretos das mulheres e da população LGBTQIA+, o Catar foi amplamente acusado de violar direitos, em especial da mão de obra migrante vinda do continente asiático "submetida a condições de trabalho desumanas na construção dos estádios e da infraestrutura do evento da FIFA" (Florenzano, 2022, p. 2). Sobre esta condição, vale mencionar: segundo Bettine e Ozdemir (2023, p. 15), a Confederação Sindical Internacional (ITUC), a Anistia Internacional (2016) e a *Human Rights Watch* (2020) denunciaram abusos trabalhistas em escala no setor da construção – entre condições precárias de alojamento, salários atrasados, confisco de passaportes e ameaças de retaliação, "como a proibição de deixar o Catar, caso alguns deles continuassem a se negar a trabalhar" (Escudeiro, 2016, on-line).

A pressão internacional, tanto da imprensa quanto de órgãos como organizações ligadas aos Direitos Humanos e a própria Organização das Nações Unidas, veio por conta da prática de um regime chamado Kafala. Esse sistema, já de longa data vigente nos países do Golfo, obriga os trabalhadores a serem patrocinados por algum residente, geralmente o próprio empregador, para conseguir a validade do visto e seguir no país (Khan, 2014). No entanto, essa situação criava uma dependência do patrão, que tinha poderes – durante cinco anos – para definir sobre se, como e quando seus empregados receberiam salário pelo trabalho prestado (Coelho, 2023). Além disso, neste modelo, trabalhadores só podem se deslocar e/ou trocar de emprego com autorização, sob pena de serem acusados de desrespeito à lei e terem os passaportes confiscados por autoridades legais (Lobo, 2019). Em dados divulgados pela *Impact Limited*, responsável por uma auditoria externa do mundial, há indicações de que:

> [...] alguns trabalhadores podem trabalhar até 14 horas por dia (quatro horas a mais do que o limite estabelecido na lei catariana), além de 402 horas por mês (o que significa 90 horas além do limite). E as coisas pioram mais: oito das 19 empresas avaliadas têm trabalhadores que trabalham muitos dias

> consecutivos sem folga (o que significa sete dias seguidos). No pior cenário, uma das empresas tinha três trabalhadores que trabalharam 124 e 148 dias consecutivos sem descanso de um dia sequer, o que significa quase cinco meses trabalhando sem pausa (Lobo, 2018a, on-line).

Coelho (2023, p. 6) ressalta que a nação do Golfo "é composta, em sua maioria, por imigrantes provenientes de outras partes do continente asiático, de modo que apenas 15% da população local é de pessoas nascidas no país". Stein (2014, on-line) reitera a situação, ao destacar que "os imigrantes correspondem a 94% dos 1,3 milhão de operários que trabalham no Catar". O regime, então, é uma forma de o governo delegar a função de fiscalização e cuidado com o migrante, em um cenário de abuso (Griffin, 2019). E mesmo que o Catar tenha afirmado abolir a prática a partir de 2020[8], as denúncias ligadas à realização do mundial continuaram, entre abuso de autoridade e salários atrasados. Ainda que o regime tivesse acabado com a exploração laboral imediatamente, o que não aconteceu, dez anos são "bastante tempo para que os trabalhadores empregados nas obras para a Copa tenham sofrido com condições precárias" (Coelho, 2023, p. 9).

Foi o que revelou uma reportagem do jornal britânico *The Guardian*, em fevereiro de 2021: Desde 2011, 6.500 trabalhadores haviam morrido nas construções de estádios e hotéis para o Mundial[9], especialmente migrantes do Paquistão, Índia, Bangladesh, Sri Lanka e Nepal (Coelho, 2023; Florenzano, 2022; Pattinson; McIntyre, 2021). A informação é baseada em dados fornecidos pelas embaixadas dos países no Catar, segundo apontam Bettine e Ozdemir (2023, p. 14). Autoridades cataris, no entanto, dizem que houve entre 400 e 500 mortes relacionadas às obras para a Copa do Mundo no país. Apesar das especulações de troca de sede e mesmo com protestos, principalmente de seleções europeias, contrárias à realização do evento no país árabe, a

[8] Em acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT) das Nações Unidas, em novembro de 2017, o Catar se comprometeu a revisar a legislação (Lobo, 2019). Só então, ao se menos na legislação, estabeleceu um salário mínimo temporário, além da definição de comitês para discutir questões trabalhistas. Essa postura veio após a veiculação de reportagens de veículos como *BBC* e *The New York Times*, retratando as condições degradantes de trabalho. Contudo, como aponta Lobo (2019), "outro problema é que embora o salário mínimo tenha sido estabelecido, ele é de apenas US$ 200 (cerca de R$ 734 reais [à época]). Os tribunais criados para tratar dos abusos dos trabalhadores imigrantes, incluindo o não pagamento de salários, estão sobrecarregados de casos e centenas de trabalhadores voltaram para casa sem terem recebido pelos trabalhos feitos, ou mesmo sem qualquer compensação pelo tempo que ficaram no país".

[9] Em 2019, uma reportagem do jornal britânico *The Guardian* mostrou, por meio de pesquisas médicas feitas por especialistas, que centenas de mortes foram causadas por "estresse por calor".

decisão foi referendada pela FIFA e a Copa aconteceu. Sob um custo financeiro, humanitário e social altíssimo, sobretudo.

Considerações finais

A proposta de refletir sobre a Copa do Catar neste artigo foi pertinente justamente para que se tivesse uma compreensão para além da esfera esportiva. Como se destacou anteriormente, as Copas do Mundo de Futebol – neste caso, com destaque à masculina – têm uma dimensão diferente no universo das práticas corporais. Ultrapassa as quatro linhas e invade outros espaços, das manifestações individuais e coletivas, do envolvimento simbólico, emocional, identitário, social e político de diversos atores sobretudo no contexto da globalização. Nesse momento específico, em que a comunicação exerce um papel fundamental na circulação discursiva sobre os eventos esportivos, as estratégias dos países-sede também se alteraram: não mais envolvem (apenas) investimentos altíssimos do ponto de vista financeiro, mas também a construção de um poder mais subjetivo, diferente daquele exercido por regimes ditatoriais, sobretudo na América Latina entre as décadas de 1960 e 1980. Depois da virada do milênio, as alternativas que se mostram vantajosas se dão por meio da construção de uma imagem, de um discurso positivo dos países-sede sobre si, e, necessariamente, da ocultação de qualquer vestígio que possa se opor a isso.

Em um contexto em que a midiatização toma conta do esporte, é também ela que se relaciona com os desafios contemporâneos: incluindo a transformação de eventos da magnitude de um mundial de futebol em espetáculos. Espetáculos não só do ponto de vista esportivo, mas também no sentido de mercantilização de uma sociedade capitalista-neoliberal que comercializa não só o "produto", mas tudo que deve deriva: captura ações, emoções, sentimentos, enfim, a mobilização provocada por esse fenômeno, em certa medida. Todo este pano de fundo aparece misturado a um caldo cultural já presente em mundiais anteriores, sem tanto apelo midiático: uma disputa de sentidos entre os entendimentos de cada país para consigo e para com o outro, um confronto de formas de ver o mundo – tudo isso transportado para dentro de campo, além do espectro esportivo, e redimensionado por determinadas representações da realidade. Foi possível notar o quanto um mundial de futebol se configura como um espaço discursivo de projeção de estereótipos, de histórias que exploram, pela dimensão

simbólica, o aflorar de identidades e identificação entre os heróis, vilões e personagens que surgem. Mas que vai além.

Ao pensar os megaeventos esportivos como catalisadores de influência, pode-se dizer que, na contemporaneidade, também são influenciados por uma série de atores interessados. Corporações globais, governos, personalidades, autocratas e outros personagens tomam um espaço privilegiado no tabuleiro das relações proporcionadas por um mundial de um evento massivo e significativo como o futebol. A perspectiva ensaística permitiu notar que os investimentos econômicos e ideológicos na exploração da Copa do Mundo têm efeitos relevantes na realização e no significado da competição. Alteram os movimentos da geopolítica e dão dimensão, por exemplo, da pressão de personalidades e grupos econômicos envolvidos, com suas tratativas expansionistas e de influência que não vêm de uma só vertente.

Atenção projetada pela cobertura da imprensa, uma quantidade absurda de recursos investidos em estrutura – nem sempre (ou quase nunca) com a contrapartida social – no caso do Catar, com um saldo de suor, sangue e mortes a pintar os campos. Sangue de trabalhadores, mas também sangue financiado por projetos autocráticos que se sustentam na tentativa de criar um discurso ilusório para a comunidade internacional – no que se pode chamar de "legado" gerado pelos impactos vindos do evento.

Um pano que encobre temporariamente uma série de problemas profundos e estruturais, como o desrespeito os Direitos Humanos denunciado no primeiro mundial sediado no Oriente Médio. Como se disse, questões além do jogo ganham relevância na discussão pública. Ao mesmo tempo em que se ganha visibilidade internacional, o escrutínio também aumenta – abrandado, em muitos casos, pelo poder do dinheiro e de acordos nada éticos. Regulação e transparência parecem ser palavras que perdem força – acreditamos, sobretudo, pela dimensão lúdica que usualmente é colocada sob o esporte, como algo menos sério ou que mereça menos atenção. Como se percebe, é justamente nesta área cinzenta, nesse espaço de sombra, que o poder e a influência atuam.

É sobretudo, como dissemos, um jogo de influência: de interesses de atores nas esferas econômica e política, com a intenção de obter capital, desde entidades privadas e multinacionais até Estados-Nação. Este estudo se enveredou brevemente pelo processo

de escolha do país-sede, pelas manobras de bastidores, reveladas pelo trabalho de investigação jornalística. Mesmo porque se estava diante de uma justificativa evidentemente insustentável do ponto de vista esportivo: em um país com condições climáticas extremas e de pouca relevância no cenário futebolístico internacional.

Pensando brevemente a respeito deste estudo, compreende-se que a abrangência tem limitações por motivos variados. A proposta ensaística é mais aberta, permite a discussão de determinada temática sem que se faça um recorte concreto sobre a materialidade do que se analisa. Na mesma medida, por se tratar de um evento relativamente recente, entende-se que este artigo cumpre a proposta inicial de refletir sobre a Copa do Mundo do Catar – um país mais isolado, ao menos aos parâmetros ocidentais. Pode, com isso, projetar outras observações acerca do evento, com mais tempo e ponderação, e também permite projetar algo para os próximos grandes eventos esportivos que possam vir a estar no foco de pesquisadores.

No caso do mundial de 2022, foi uma clara cartada, uma aposta alta de investimento na *suavidade* do discurso esportivo para tentar introduzir uma transformação da interpretação externa sobre o país que recebe o mundial – algo que não é novidade, mas atualmente ganha outros contornos. Mais que isso, megaeventos se fixam em um contexto de impacto social, cultural, e atravessado por questões de geopolítica, com implicações variadas. No caso do Catar – e não só lá, ressalte-se –, o jogo aconteceu, mas não apenas com a bola, dentro do gramado. Talvez antes dela rolar, o que role seja um outro jogo: o jogo de poder.

Referências

AL-DOSARI, Khalifa Nasser. *Analysis of the Impediments to the Effective Management of Mega Sporting Events: A Case of the FIFA 2022 World Cup in Qatar*. European Journal of Business and Strategic Management, 2020, 5 (1): p. 70–95. Disponível em: https://www.iprjb.org/journals/index.php/EJBSM/article/view/1115/1230. Acesso em: 07 jun. 2024.

BANDYOPADHYAY, Kausik; NAHA, Souvik; MITRA, Shakya. *FIFA World Cup and beyond: sport, culture, media and Governance*. Sport in Society, p. 1-8, 2016.

Disponível em: http://dx.doi.org/10.1080/17430437.2016.1158475. Acesso em: 08 set. 2023.

BETTINE, Marco; OZDEMIR, Marina. *A Copa do Mundo masculina do Catar 2022 pelas lentes da mídia ocidental: soft power, diplomacia esportiva e sportswashing*. Revista Esporte e Sociedade, Rio de Janeiro, n. 38, p. 1-25, 2023. Disponível em: https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/59731/35896. Acesso em: 07 jun. 2024.

BONSANTI, Bruno. *Catar ensina: para colocar gente nos estádios, basta pagar os torcedores*. Trivela, [s. l.], 19 dez. 2014, Fiscalize Catar 2022. Disponível em: https://trivela.com.br/asia-oceania/catar-ensina-para-colocar-gente-nos-estadios-basta-pagar-os-torcedores/. Acesso em: 10 jun. 2024.

CHADE, Jamil. *Política, propina e futebol: como o Padrão FIFA ameaça o esporte mais popular do planeta*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

COELHO, João Pedro. *A Copa no Catar: o ápice de um projeto de Estado para melhorar a imagem do país*. Revista Avesso: Pensamento, Memória e Sociedade, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 1–19, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.23925/2675-8253.2022v3n2A3. Acesso em: 07 jun. 2024.

ELIOMAR FILHO, José. *Geopolítica na Copa do Mundo de Futebol Masculino: (para além do) Catar 2022*. RecordE: Revista de História do Esporte, Rio de Janeiro v. 16, n. 2, p. 1-25, 2023. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/62431/39823. Acesso em: 07 jun. 2024.

ESCUDEIRO, Leo. *Anistia Internacional denuncia trabalho forçado nas obras de estádio para a Copa de 2022*. Trivela**,** 31 mar. 2016, Copa do Mundo. Disponível em: https://trivela.com.br/copa-do-mundo/anistia-internacional-denuncia-trabalho-forcado-nas-obras-de-estadio-para-a-copa-de-2022/. Acesso em: 10 jun. 2024.

FISCALIZE CATAR 2022. *Trivela***,** [s. d.]. Disponível em: https://trivela.com.br/copa-do-mundo/fiscalize-catar-2022/. Acesso em: 10 jun. 2024.

FLORENZANO, José Paulo. *Editorial: as configurações do jogo: Contextos, agentes e significados.* Revista Avesso: Pensamento, Memória e Sociedade, São Paulo, v. 3 n. 2, p. 1-10, 2022. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/avesso/article/view/61921/42184. Acesso em: 07 jun. 2024.

FRUH, Kyle.; ARCHER, Alfred.; WOJTOWICZ, Jake. *Sportswashing: Complicity and Corruption*. Sport, Ethics and Philosophy, v. 17, n. 1, p. 101–118, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.1080/17511321.2022.2107697. Acesso em: 07 jun. 2024.

GIULIANOTTI, Richard. *Football Events, Memories and Globalization.* Soccer & Society, v. 20 (7–8): p. 903–911, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1080/14660970.2019.1680490. Acesso em: 09 jun. 2024.

GRIFFIN, Thomas Ross. *National identity, social legacy and Qatar 2022: the cultural ramifications of FIFA's first Arab World Cup*. Soccer & Society, v. 20, n. 7-8, p. 1000-1013, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1080/14660970.2019.1680499. Acesso em: 05 jun. 2024.

HARTMANN, Douglas; MANNING, Alex; GREEN, Kyle. *Postgame Analysis: Qatar 2022 and the Social Significance of Global Sport*. Contexts, v. 22, Issue 3, p. 62-64, 2023. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/15365042231192501. Acesso em: 07 jun. 2024.

HELAL, Ronaldo. *Sobre futebol, esporte e cultura.* Curitiba: Appris, 2021.

HELAL, Ronaldo; MOSTARO, Filipe. (orgs.). *Narrativas do esporte na mídia: reflexões e pesquisas do LEME*. 1 ed. Curitiba: Appris, 2020.

KHAN, Shahrukh. FIFA's *Calling: giving Qatar the red card*. Harvard International Review, v. 36, n. 1, p. 50-52, 2014. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/43649249. Acesso em: 08 jun. 2024.

LOBO, Felipe. *Anistia Internacional cobra Catar por descumprimento de melhorias trabalhistas em obras da Copa*. Trivela**,** 05 fev. 2019, Copa do Mundo. Disponível em: https://trivela.com.br/copa-do-mundo/anistia-internacional-cobra-catar-por-descumprimento-de-melhorias-trabalhistas-em-obras-da-copa/. Acesso em: 10 jun. 2024.

LOBO, Felipe. *Trabalhadores de obras da Copa 2022 ficam até cinco meses sem folga, segundo relatório*. Trivela, 09 mar. 2018a, Copa do Mundo. Disponível em: https://trivela.com.br/copa-do-mundo/trabalhadores-de-obras-da-copa-2022-ficam-ate-cinco-meses-sem-folga-segundo-relatorio/. Acesso em: 10 jun. 2024.

LUDVIGSEN; Jan Andre Lee; ROOKWOOD, Joel; PARNELL, Daniel. *The sport mega-events of the 2020s: Governance, impacts and controversies.* Sport in Society, v. 25, n. 4, p. 705-711, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.1080/17430437.2022.2026086. Acesso em: 07 jun. 2024.

PATTINSON, Pete; McINTYRE, Niamh. *Revealed: 6.500 migrant workers have died in Qatar since World Cup awarded.* The Guardian, Londres, 2021. Disponível em: https://www.theguardian.com/global-development/2021/feb/23/revealed-migrant-worker-deaths-qatar-fifa-world-cup-2022. Acesso em: 9 jun. 2024.

STEIN, Leandro. *Como é ver a final da Copa em um campo de trabalhos forçados no Catar de 2022*. Trivela**,** 17 jul. 2014, Copa do Mundo. Disponível em: https://trivela.com.br/copa-do-mundo/como-e-ver-final-da-copa-em-um-campo-de-trabalhos-forcados-qatar-de-2022/. Acesso em: 10 jun. 2024.

Futebol diante da morte: narrativas da mídia sobre o caso Juan Izquierdo

Football facing death: media narratives of Juan Izquierdo's case

Leonardo Turchi Pacheco
Universidade Federal de Alfenas, Brasil
Alfenas, MG
leonardoturchi@gmail.com
https://orcid.org/0000-0003-0390-1608

Recebido em: 10 de março de 2025
Aceito em: 12 de janeiro de 2026

Resumo:

Este artigo tem como proposta realizar reflexões sobre as narrativas da mídia televisiva brasileira e uruguaia sobre a morte do jogador Juan Izquierdo. Para esse objetivo toma os discursos produzidos pelos programas, reportagens e mesas-redondas dos canais Teledoce, El Pais Uruguay, SportTV, Rede Globo e ESPNBrasil e faz uso de aspectos da etnografia de tela para interpretar as narrativas e imagens elaborados por estes meios de comunicação. Evidencia-se que, quando o futebol se vê diante da morte, as narrativas midiáticas destacam, principalmente, a medicalização desta, a comunhão do luto e o desordenamento da organização familiar.

Palavras-chave: Futebol. Morte. Mídia. Narrativas.

Abstract:

The aim of this paper is to reflect on the narratives of Brazilian and Uruguayan television media about Juan Izquierdo's death. To accomplish that the images and narratives produced by the programs, reports and round tables of the channels Teledoce, El Pais Uruguay, SportTV, Rede Globo and ESPNBrasil are focused and interpreted employing some aspects of screen ethnography's method. The findings suggests that, when football is faced with death, the media's highlight is on its medicalization, the communion of mourning and the disruption of family organization.

Keywords: Football. Death. Media. Narratives.

Introdução

Já passava dos 40 minutos do segundo tempo no Estádio Morumbis. O São Paulo Futebol Clube ganhava de dois a zero do Nacional, equipe uruguaia de muita tradição na Copa Libertadores da América. Na tela do canal Paramount Pictures Brasil, detentora dos direitos de exibição da competição sul-americana, o que se viu foi a imagem de um jogador que vai perdendo o equilíbrio no meio de campo. As suas pernas se cruzam. Ele vai se movendo para a esquerda. Cambaleia e cai. Os jogadores próximos gritam. Outros põem as mãos a cabeça e gesticulam de modo frenético pedindo ajuda. A câmera enfoca rostos desesperados e mãos para o alto em prece.

A ambulância entra em campo e o zagueiro uruguaio é levado para o hospital Albert Einstein. A partida recomeça e logo termina. Durante este período restante do jogo, e nos dias seguintes os relatos sobre a situação de saúde do jogador se multiplicam entre os meios de comunicações tradicionais e virtuais. As narrativas exploram seu estado de saúde durante o percurso ao hospital, durante a sua estadia nesta instituição e especulam sobre seu estado de saúde pregresso. Estas narrativas se desenvolvem por quatro dias.

Entre o quarto e o quinto dia de sua internação no hospital Albert Einstein o atleta não resiste e morre: uma morte encefálica, após uma parada cardiorrespiratória associada a arritmia cardíaca. A morte penetra no espaço do futebol pelo inesperado falecimento de um jovem jogador: Juan Manuel Izquierdo. Um incidente que envolve (e comove) principalmente dois países: Brasil, local do jogo, da internação e morte do atleta e Uruguai, nacionalidade da equipe em que atuava o jogador e local de nascimento, residência do atleta e de sua família.

A partir das circunstancias apresentas, o objetivo deste artigo é o de identificar e compreender o sentido das narrativas da mídia televisiva, do Brasil e Uruguai, sobre a morte e o moribundo. Por conseguinte, a proposta é a de identificar os temas abordados e seus desdobramentos quando o futebol, através da mídia, se vê diante da morte.

Antes de explorar estas questões é necessário, em primeiro lugar, revelar quais são os meios de observação destas narrativas, e ainda, as escolhas metodológicas para analisá-las.

Em um tempo em que as redes sociais se tornam uns dos instrumentos preferidos das Ciências Sociais para se acessar conhecimentos sobre a realidade social, o uso de imagens e narrativas produzidos por mídias mais convencionais, como matérias e reportagens de televisão, podem soar anacrônicos. Mas não acredito que sejam. E nesta direção concordo com as argumentações de Abu-Lughod (1997); Ginsburg; Abu-Lughod e Larkin (2002) sobre a importância da televisão com prática social que possui a capacidade de organizar, articular e transformar a experiência cotidiana e o imaginário coletivo da audiência.

Quando estas autoras se debruçam sobre os meios de comunicação em seus estudos, elas revelam que a televisão não detém o controle absoluto sobre a interpretação da audiência. Se pensada como uma prática social, as diversas mídias até auxiliam na organização das experiências cotidianas e estabelecem articulações entre temas ficcionais e vividos concretamente, porém, ao se apropriarem de narrativas e imagens construídas pela mídia, a audiência tem o poder de dar outro sentido a mensagem original. Em outras palavras, mesmo que os produtores das narrativas de um determinado evento tenham a intenção de atribuir relevância e enfocar certos temas, ideias e valores em detrimento de outros, eles não controlam os efeitos que suas intenções têm na audiência e tampouco controlam os desdobramentos dos significados produzidos por seu programa, reportagem, mesa redonda; etc. Em síntese a mensagem possui certo grau de controle, a interpretação não.

Mas não é só isso. Na própria atividade de produção de conteúdo midiáticos há uma relação entre diferentes instâncias de informações que se retroalimentam. É isso que indicam as reflexões de Hine (2001) e Boellstorff (2012), sobre o entrelaçamento de conteúdo – narrativas, discursos, práticas – que são produzidas nas redes sociais, nas mídias convencionais e nas interações face a face. Neste sentido, a mídia tradicional – televisão e rádio – não somente responde aos estímulos e reverbera as controvérsias semeadas nas redes sociais, mas estabelece diálogos com o virtual e se faz presente neste espaço. Haja vista os e as jornalistas que possuem perfis e programas em plataformas como o *X*, o *Instagram*, *YouTube*, entre outros.

Levando em consideração o entrelaçamento dessas mídias foram escolhidos alguns canais de televisão do Uruguai e Brasil – que têm programas e reportagens exibidas na plataforma de compartilhamento de vídeos *YouTube* – para refletir sobre as

narrativas da morte de Juan Izquierdo. As matérias, as reportagens e mesas redondas foram selecionadas dos canais *Teledoce, El Pais Uruguay*[1]. Rede Globo, SPORTTV e ESPN Brasil[2].

A escolha metodológica para analisar as narrativas sobre o futebol diante da morte está fundamentada em duas abordagens: a primeira propõe ver a "vida como texto" (Geertz, 2009, p. 53) em sentido amplo e interpretar as narrativas das matérias, reportagens e mesas redondas. A segunda, dialoga com a primeira e está fundamentada na perspectiva de análise textual proposta por Rial (2004) denominada etnografia de tela: "(...) partindo do método etnográfico, buscam ir além do texto e ao encontro do contexto, das redes complexas em que estes textos se inserem e das quais emergem" (Rial, 2004, p.30).

Levando em conta o que foi dito até o momento, o presente artigo está dividido em três seções. A primeira seção trata das narrativas sobre a medicalização da morte e a autoridade do saber médico para a compreensão da morte do jogador. A segunda trata da comunhão e da comunidade que se cria em torno deste evento. A gramática do luto e a suspensão das rivalidades são destacadas. A terceira aborda narrativas sobre paternidade e a fragmentação da família em face da morte e do desordenamento de projeto futebolístico. Nas considerações finais são retomadas algumas das reflexões apresentadas nas seções, no intuito de indicar possíveis desdobramentos das narrativas midiáticas da morte de Juan Izquierdo.

Cenas de um cardiologista

A privatização e a medicalização da morte são temas similares nos escritos de Elias (1991; 2001) e Ariés (1981, 1990 e 2012). Na perspectiva eliasiana há uma dificuldade das pessoas jovens cheias de vitalidade em se identificar com os velhos e os moribundos. Isso porque, por um lado o processo de envelhecimento evoca a finitude, e

[1] A Teledoce e sua filiada El Pais Uruguay pertencem ao Grupo Disco. Ambas são sediadas em Montevidéu, mas possuem cobertura em todo o território uruguaio. Ademais, a emissora tem acordos com várias redes na América Latina, incluindo a Rede Globo no Brasil. A justificativa para escolher e analisar a cobertura sobre a morte de Izquierdo nestas duas emissoras uruguaias se dá pela abrangência de transmissão no território uruguaio e seu diálogo com outras emissoras, inclusive brasileiras.

[2] A Rede Globo e a SPORTTV do Grupo Globo se justificam pela dimensão de sua cobertura e audiência em território brasileiro. A ESPN Brasil, recentemente adquiria pela *Walt Disney Company*, possui grande relevância histórica em cobertura esportiva e mesmo sendo um canal de televisão paga, tem grande audiência.

por outro a finitude torna presente a morte: um fenômeno natural que o processo civilizador silenciou e retirou da cena social.

Quando se detém sobre o processo civilizador, Norbert Elias compreende que transformações históricas de longo prazo alteraram a dinâmica de poder entre os grupos sociais, colocando o monopólio da violência nas mãos do estado e em paralelo, pacificando as relações entre os indivíduos. O Estado como detentor do monopólio da violência contribuiu para o aumento da segurança entre os indivíduos. E estes, através do autocontrole cada vez mais rígido de suas condutas e emoções contribuíram para a pacificação de suas relações. Tudo isso fez da morte e do morrer algo distante e quase esquecido do cotidiano social.

Phillipe Ariés (1981, 1990 e 2012), realiza um resgate histórico da atitude dos seres humanos perante a morte no período entre a Idade Média e a Contemporaneidade. A sua abordagem sobre este tema é similar à de Elias. Nela a morte é cada vez mais ocultada e o moribundo cada vez mais isolado do convívio social. O corpo do moribundo desaparece da visão dos entes queridos, parentes, amigos e conhecidos. O ritual do adeus se transforma em um ritual de isolamento – coisa individual[3].

Concomitante a esta transformação ganha força outra: a medicalização da morte. Com o avanço das ciências médicas a família dá lugar ao médico, e a casa dá lugar ao hospital no momento da morte. O hospital afasta a família do contato com o moribundo e faz da morte um fenômeno técnico – um momento em que não se pode mais prolongar a vida da pessoa. Portanto a morte é um fracasso deste prolongamento de vida e também revela o fracasso dos procedimentos médicos: "Morre-se no hospital porque os médicos não conseguiram curar (...) A morte é um fenômeno técnico causado pela parada de cuidados, ou seja, de maneira mais ou menos declarada, por decisão do médico e da equipe hospital" (Ariés, 2012, p.86).

Refletindo sobre a morte pelo viés da Antropologia, Koury (2008) vê uma mudança na percepção da morte e do luto nas camadas medias da sociedade brasileira contemporânea. Ao contrário de DaMatta (1991) – que pensou na morte como um

[3] Ao tratar do tabu da morte, Rodrigues (2006) associa a individualização da morte com as transformações sociais e econômicas por que passou a sociedade Ocidental. Na concepção deste autor, com a emergência do sistema capitalista e da burguesia como classe dominante, o medo da morte se fez presente. Este medo está relacionado com o *ethos* desta classe e da perda dos bens que foram adquiridos e acumulados ao longo da vida.

fenômeno relacional no caso brasileiro, portanto um fenômeno social que relacionava no mesmo caldo cultural vivos e mortos, presente e passado, este mundo (casas e rua) e o outro mundo, dádivas, contra dádivas e memória dos ancestrais – Koury revela mudanças fruto do "processo de individualização das relações sociais e das formas de agir e pensar individuais" (Koury, 2008, p.85) que transforma o comportamento brasileiro diante da morte. Na argumentação deste autor a individualização da morte reforça a ideia de medicalização e privatização do morrer.

Em suas palavras:

> O morrer e a morte vêm sendo retirados progressivamente do ritual público que o circundava, movido em parte pela emergência de um novo discurso de poder, o poder do médico, junto a ações de políticas públicas sanitárias e higiênicas para as cidades, e também pela emergência da insalubridade, causada pelas doenças e pela morte, no imaginário popular" (Koury, 2008, p.87).

Essas transformações apresentadas por estes historiadores e antropólogos são perceptíveis no enfoque midiático da morte de Izquierdo. Quando Juan Pablo Romero, jornalista do canal uruguaio *El Pais,* entra em uma chamada especial no programa *Polideportivo*[4] da rede *Teledoce*, o que se vê em cena, atrás dele, em segundo plano, é a fachada do hospital Albert Einstein de São Paulo.

Em seu relato fica-se sabendo que o estado de saúde do jogador é grave e delicado, pois ele se encontra na Unidade de Tratamento Intensivo (UTI). O ancora não pode dizer exatamente qual é a sua condição verdadeira, já que aguarda o boletim médico. Em seguida, revela que as informações mais intimas são trocadas entre membros da diretoria do Nacional e a equipe médica. Estes são os atores que estão em contato constante. Acrescenta que os dirigentes aguardam a família de Izquierdo, que viajam do Uruguai para São Paulo. Assim que chegarem; os médicos lhes explicarão a real situação do jogador e as possíveis sequelas, informa o jornalista uruguaio.

Daí em diante, há uma interação entre a mesa redonda em Montevidéu e o jornalista em São Paulo, um vaivém de perguntas e respostas na qual os temas se multiplicam e se entrelaçam. Da gravidade da situação da saúde do jogador, à incerteza

[4] O Polideportivo é um programa de mesa de debate composto pelos jornalistas Federico Buysan, Rodrigo Romano, Alberto Kesman, Diego Jokas, Nadia Fumeiro, Gerardo Pelusso e Héctor Puchi García.

do que dirá o boletim médico, da presença da família e dos dirigentes no hospital, da solidariedade dos colegas de equipe e de jogadores da equipe adversária que estão pagando pelo procedimento médico ao protocolo de salvamento em campo: tudo entra em pauta. Neste momento, apesar da situação inquietante, ainda há esperança de vida.

Na sequência do programa o médico esportivo e cardiologista, Dr. Gonzalo Varela agrega-se a mesa redonda. A sua apresentação técnica sobre as causas possíveis de problemas e ataques cardíacos é longa. São vinte e três minutos que intercalam explicações com densa terminologia médica e questionamentos dos apresentadores.

A questão que salta aos olhos se dá no início da entrevista: o médico se expressa de maneira vagarosa, uma fala que mescla articulação e tranquilidade. Isso dá ao expectador uma sensação de confiança e autoridade que permeia toda a entrevista. É cuidadoso ao mencionar a família do jogador e afirmar que será cauteloso em suas palavras. É imperativo ao dizer que a assistência ao jogador foi rápida e o protocolo de salvamento foi seguido à risca. Portanto não houve negligência.

Ademais, o atleta foi levado a um hospital que ficava a dois minutos de distância do Estádio Morumbis; o hospital referência Albert Einstein. Neste instante a tela se reparte e ficam de um lado o as imagens do hospital e do outro a do doutor que conclui a fala eximindo de culpa os colegas que trabalham no Nacional. Ele afirma que tem ciência de que os exames do jogador não revelavam problemas cardíacos pregressos. De uma vez só desmonta as informações que circulavam nas redes sociais de que havia exames de quando o jogador era das categorias de base que identificam problemas cardíacos e ainda elogia os médicos do time do Nacional e a equipe médica do hospital Albert Einstein de São Paulo.

Neste momento é possível verificar a autoridade dos sistemas peritos frente às notícias falsas e os ruídos produzidos virtualmente. Essa disputa é recente, como ensina Cesarino (2022, p.228), e está ligada a emergência dos "mercadores da dúvida" – grupos de extrema direita que transitam nas esferas políticas, médicas e do entretenimento virtual. Inclusive são estes atores que dominam a comunicação em canais virtuais e disseminam ideias baseadas na "eu-pistemologia" (experiências particulares tornadas universais), tratamentos alternativos, desqualificação dos métodos científicos e dos *peer-review* das revistas cientificas, lógica da polaridade

amigo-inimigo e nas causalidades ocultas (teorias da conspiração) para conceber as relações cotidianas e dar sentido a informações da mídia tradicional, como faz crer a autora. Estes grupos, principalmente durante a pandemia de Covid-19 contribuíram para estremecer a autoridade do sistema de peritos – médico, acadêmico e cientifico.

Na mesma direção que a mídia uruguaia, a mídia brasileira, através do Fantástico, programa de reportagens da Rede Globo, utiliza dos mesmos recursos dos sistemas de perito ao veicular uma reportagem no domingo seguinte à morte do jogador.

O Fantástico enfoca em sua matéria jornalística o evento da morte de Izquierdo. Associa a sua tragédia a outra acontecida no mesmo local no ano de 2004[5]. Explica as causas fisiológicas de um ataque cardíaco típico e arremata com o depoimento do cardiologista Fabricio Braga. Este cita uma pesquisa de uma revista cientifica que indica para a sobrevida dos atletas que sofreram convulsões e receberam desfibrilação em menos de 3 minutos. Por fim, a reportagem sugere que não houve erros de protocolo e nem médico.

Nessas narrativas verifica-se que tanto na mesa redonda uruguaia, quanto a reportagem brasileira há um favorecimento e consequente legitimação do discurso da medicalização da morte. Isso se revela no sentido em que ambos os programas se valeram dos saberes de médicos cardiologistas para elucidar as causas da morte do jogador. Acrescenta-se ao discurso médico, uma sugestão de que os "mercadores da dúvida" perdem espaço neste contexto, pois que os ruídos virtuais perdem força ao serem elucidados pelo saber médico.

Cenas de um funeral.

A literatura antropológica clássica verteu muita tinta para tratar de aspectos relacionados a morte. Durkheim (1996), Hertz (2016) e Van Gennep (1978) se ocuparam dos ritos piaculares, dos funerais e da representação coletiva da morte. Em todos estes autores há uma ênfase, em maior ou menor grau, na comunhão coletiva que perpassa o momento de luto. A comunidade se sente desintegrada e é preciso que ela

[5] O jogador Serginho do São Caetano faleceu atuando contra o São Paulo no mesmo campo em que morreu Izquierdo. Em decorrência desta morte trágica, desde 2004, todos os estádios possuem (ou devem possuir) desfibriladores e ambulâncias.

seja novamente integrada. O luto e os rituais funerários possuem esta capacidade de reintegração social.

Ao abordar os ritos piaculares Durkheim (1996) indica que é a dor sentida em comum que faz a sociedade se integrar e se sentir viva:

> O que está na origem do luto é a impressão de enfraquecimento que sente o grupo quando perde um de seus membros. Mas esta impressão tem por efeito aproximar os indivíduos uns dos outros, colocá-los mais intimamente em contato, associá-los num mesmo estado de alma, e de tudo isso resulta uma sensação de reconforto que compensa o enfraquecimento inicial. Se existe pranto em comum, é que uns sempre podem contar com os outros e a coletividade, apesar do golpe que sofreu não está desmantelada. Claro que nesse momento só se põem em comum emoções tristes; mas comungar na tristeza é ainda comungar, e toda comunhão das consciências, seja sob a forma que for, eleva a vitalidade social (Durkheim, 1996, p.440).

Uma abordagem similar tem Van Gennep (1978) sobre a comunhão estabelecida entre os vivos nos ritos funerários. Estes têm a função de integrar os mortos no outro mundo. Neste processo é frequente a comunidade se sentir diminuída pela perda de um dos seus membros. O luto, o compartilhamento de emoções servem como uma maneira de manter o equilíbrio social.

Hertz (2016) argumenta na mesma direção. Para este autor, a morte representa, em várias culturas, uma transição de um mundo a outro (passagem de uma existência a outra). Nessa passagem, diversos ritos são realizados para tornar a "viagem" do moribundo de um mundo ao outro tranquila e eficaz. Mas não só isso. A morte, em sociedades não Ocidentais, não é um processo instantâneo e sim duradouro, que se repete várias vezes – vários ritos, várias moradas do corpo e de seu "desencarnamento". Estes ritos tornam a comunidade integrada, segura e unida recuperando desta maneira "a própria base de sua existência (que) está desestabilizada" (Hertz, 2016, p.85). Por conseguinte, os rituais funerários e o luto são fenômenos coletivos encenados pela comunidade em busca de sua comunhão e de sua reintegração enquanto grupo que perdeu um dos seus membros. Assim, pode-se afirmar que a morte desordena a comunidade e os ritos servem para que a comunidade volte a se organizar.

Portanto, nestas ocasiões, a expressão obrigatória dos sentimentos como uma gramática das emoções coletivas adquire seu sentido pleno: "Mas todas essas expressões coletivas, simultâneas, de valor moral e de força obrigatória dos sentimentos dos indivíduos e do grupo são mais do que simples manifestações, são sinais, expressões compreendidas, em suma, uma linguagem" (Mauss, 2005, p.332).

Essa gramática e idioma das emoções nas relações entre as pessoas não passa despercebida por Coelho e Rezende (2010) que, ao apresentarem o trabalho de Catherine Lutz e Lila Abu-Lughod sobre os discursos e a micropolítica das emoções, apontam para a importância do contexto social para a definição da situação da expressão dos sentimentos. Os discursos das emoções – a sua expressão – na perspectiva de Abu-Lughod e Lutz (1990) compõem uma linguagem, uma gramática, um idioma que comunica não somente sentimentos e emoções, mas vai além e comunica ideias, valores, visões de mundo, relações de gênero e conflito social.

Levando essas argumentações em consideração, a saber, a comunhão de uma comunidade desintegrada que precisa dar sentido a sua perda e a gramática do luto é que as cenas do funeral de Izquierdo comunicam questões relevantes ao "mundo do futebol".

A *Teledoce,* através da sua filial a *El Pais Uruguay*, transmite algumas cenas do funeral em ininterruptos oito minutos de silencio. Somente se ouve o som ambiente: vozes, passarinhos e ruídos de embrulho de flores. A filmagem inicia com a bandeira da equipe do Nacional afixada em uma grade na sede do clube. Nela se lê: "Juan, gracias por defender estos colores".

Na segunda tomada o enfoque é sobre uma folha de caderno pintada com as cores azul e vermelha, que se encontra pregada de forma rudimentar em um outro ponto da grade. Nela se lê: "Solo muere quien se olvida y los bolsos[6] no olvidamos. Juan siempre presente en los corazones tricolores". Um cartaz com garranchos, provavelmente desenhado por uma criança, do escudo do Nacional e a filmagem de um portão gradeado com camisas da seleção uruguaia, fotos do jogador, cartazes e flores dependuradas fazem parte da terceira e quarta tomada.

[6] Bolso é o apelido do clube e se refere ao seu início, quando o escudo era bordado nos bolsos das camisas dos jogadores.

A partir deste momento aparecem pessoas: uma mulher idosa amarrando uma homenagem na grade, um idoso enrolado com a bandeira uruguaia afixando flores no portão. Dois jovens, um com a camisa do Nacional e outro com a do Peñarol sobem nas grades para colocar a duas camisetas lado a lado. Na sequência, o silêncio é quebrado com o depoimento de dois recém adolescentes. Seus olhos estão marejados e eles dizem que o ato une diversos clubes e rivais. As tomadas seguintes são de crianças, idosos e flores, flores por todos os lados.

Eis que surge uma família, uma mãe e três filhos. A mãe fala que veio prestar respeito ao jogador e sua família. Os filhos dizem que torcem pelo Liverpool do Uruguai (outro rival do Nacional) e que estão lá em respeito as cores do Uruguai. Emenda que "somos todos iguais, mas com diferentes pensamentos". Aos três minutos e oito segundo a câmera focaliza a fila para o velório. Ouve-se palmas, vê-se uma multidão e outras tantas palmas são ouvidas.

Aos quatro minutos e trinta e oito segundos, a matéria dá voz ao presidente do Nacional – Alejandro Balbi. Ele fala sobre a família e sobre a dor da perda. Em seguida aparece o presidente do Peñarol – Jorge Barrera. Ele lembra do jogador, a felicidade que ele emitia, seu carisma e sua positividade perante a vida. Seguem a estes depoimentos as imagens de pessoas entrando e saindo do velório. Coroas de flores de jogadores de diversos times de futebol adentram o velório e são colocadas ao pé do caixão. Os jogadores do Nacional entram na sede em direção ao caixão. Ouve-se aplausos.

Uma enorme bandeira do Uruguai é filmada. O caixão é carregado e colocado dentro de um veículo funerário. Aplausos. O pai e a mãe do jogador se debruçam sobre o carro e choram copiosamente. A câmera enfoca uma multidão de corpos, uma algazarra. Atrás uma banda de músicos que porta uma bandeira em que se lê: "La Banda del Parque". Entre palmas e lagrimas, se escuta ao fundo uma fanfarra que entoa música e letra referentes ao time do Nacional: "Ni la muerte nos va a separar; desde el cielo voy a alentar; sos mi vida, vos sos la passión; más allá de toda explicación". As pessoas colocam a mão no carro funerário e se despedem. Aplausos em sincronia no ritmo da música. A filmagem termina com a imagem da esposa de Juan Izquierdo sentada no banco traseiro de um carro em movimento. Atrás deste carro, o carro funerário e uma multidão

O que dizem essa sequência de imagens e depoimentos? É significativo observar que nesta situação social, uma morte trágica de um jogador jovem, há o discurso de unidade. As relações de rivalidades são suspensas. Uma trégua é estabelecida entre torcidas. As imagens revelam a presença de torcedores e camisas do Peñarol, Liverpool e Nacional no mesmo espaço social. A presença do presidente do Peñarol na sede do Nacional, se lamentando sobre a morte de Izquierdo e elogiando suas características individuais enquanto estava vivo é a manifestação oficial da suspensão de animosidades entre diferentes torcidas.

A onipresença da bandeira uruguaia, com o sol estilizado em cores amarelas e as listas azuis horizontais tremulantes, nas dependências da sede do Nacional contribui, ainda mais, para o sentimento de coletividade. De uma comunhão, que nesse momento de comoção, agrega e torna homogêneo o luto – torna a Nação uruguaia homogênea, indistinta.

Tendo tudo isso em vista, creio que não seria arriscado, indicar para um aspecto de liminaridade que atravessa todo o drama social da morte do jogador (Turner, 2005): do desmaio em campo, dos dias no hospital, do anúncio da morte, seu translado para o Uruguai, o funeral em si e a continuação da vida. Se pensado nos termos de Turner, a *communitas* se dá em sua maior visibilidade nestas cenas do funeral: há uma homogeneidade temporária. Se por um lado suas bandeiras clubisticas não desaparecem por completo, por outro há um amálgama, um só sentimento de perda, uma unidade indistinta. A reordenação social volta à normalidade quando se inicia o final das filmagens. Neste momento, o enfoque é na heterogeneidade. Somente aparece a torcida do Nacional. Somente seus cânticos são ouvidos. Nos dias que se seguem, na mesa redonda do canal *Teledoce*, o presidente do Nacional, Alejando Balbi vaticina, o campeonato continua, assim como a vida – normalmente: "Aunque suene duro, el ideal es hoy empezar a dar vuelta la página".

Cenas de duas mesas redondas

As homenagens ao jogador foram muitas. No Brasil os canais ESPN Brasil e SportTV dedicaram vários minutos para exprimir condolências e lamentar a morte de Izquierdo. Ambos os programas resgataram as imagens do dia da morte e expuseram

fotos e imagens do jogador, sempre com um sorriso aberto denotando alegria (pela vida).

Na ESPN Brasil a carta que Selena, esposa do jogador, postou na rede social *X* é lida em *off* na reportagem da jornalista Duda Gonçalvez. A matéria enfoca um trecho da postagem que faz alusão a parceria, a paternidade, a um encontro *post mortem* e a saudade do "sorriso que enche a alma". Postagens da Federação Internacional de Futebol (FIFA), da Confederação Brasileira de Futebol (CBF,) Confederação Sul-Americana de Futebol (COMENBOL), diversas equipes e jogadores de futebol são destacadas. Sempre com as menções "perda trágica", "perda irreparável" e a lembrança que Izquierdo deixa a mulher e dois filhos: uma menina de dois anos e um bebê de 12 dias.

Em seguida abre a câmera para a mesa redonda. Quatro jornalistas estão sentados com feições que revelam tristeza e consternação.

O jornalista André Kfouri inicia falando:

> É trágico no sentido mais literal da palavra, pela idade dele, pelos filhos pequenos, um deles com dias de vida, pelo espaço que ele vai deixar na família que ele estava começando a formar, com sua mulher que esteve aqui em São Paulo durante estes dias, uma tragédia para ela acima de tudo. Em relação ao futebol, a gente percebe, a cada vez que uma tragédia como esta acontece. Um jogador ter um mal súbito e infelizmente perder a vida. O clima de consternação que toma conta dos companheiros, dos adversários, dos clubes pelo mundo. A gente vê muita coisa bonita sendo feita, sendo mostrada. (...) o público em geral se assusta e, é natural, quando vê um jogador que não tinha nem trinta anos, com controles médicos a maior parte da sua vida, eu creio. Com acompanhamento que um atleta profissional de futebol precisa ter. E mesmo assim, algo desta natureza acontece assim de repente. Então é triste, absolutamente triste, trágico, uma pena uma coisa indescritível que infelizmente aconteceu.

No canal SportTV, atrás da mesa redonda, uma tela exibe a foto Juan Izquierdo – com sorriso aberto – e sua data de nascimento e morte. O apresentador Felipe Diniz, os repórteres e comentaristas Carlos Eduardo Mansur e Erick Faria repercutem a morte no programa. Assim como na ESPN Brasil, a atmosfera do programa é de tristeza, de lamentos pelo falecimento do jogador

O jornalista Carlos Eduardo Mansur fala:

> Não vai ser fácil falar de futebol hoje. É um dia bastante difícil. É difícil de não ter outra sensação, de não a de vulnerabilidade. Porque (...) Primeiro tudo acontecer no pleno exercício da profissão, num campo de futebol, onde a gente vê e enxerga, em todos aqueles jovens (...) a imagem da saúde, da vitalidade, do vigor. (...) estes jovens também são ultra monitorados, testados, passam por exames durante toda a carreira (...) por checagem frequentes. E aí a gente percebe como a vida é um sopro. E que mesmo assim os casos acontecem.

Em seguida é a vez de Erick Faria dar seu depoimento:

> Prestar os melhores sentimentos possíveis à família do Izquierdo. (...) Quando começa um jogo de futebol, a gente se prepara para tudo, mas nunca para enfrentar uma fatalidade como esta (...) é muito duro falar de futebol com este aspecto da morte por perto. A gente não está preparado para isso. Ninguém tá. Normalmente todos os programas de esporte, quando a gente vem falar de futebol a gente fala de tudo menos de morte. A gente não fala de morte, a gente não gosta de falar de morte, a gente não está acostumado a falar sobre morte.

As duas mesas redondas abordam temas parecidos. Primeiro a vulnerabilidade do ser humano diante da morte é explorada. Faltam palavras, faltam explicações. Não se consegue compreender o evento. O atleta era controlado pelo saber-poder médico (Foucault, 2001): a sua vida estava circundada pelo olhar, pelos exames frequentes e pelos equipamentos mais modernos para detectar qualquer problema de saúde. E ainda assim, não escapou da morte. A evidência de que sempre algo nos escapa, que algo não se controla é lamentada pelos jornalistas. Neste instante a medicalização da morte volta à tona, mas a sensação é do fracasso do saber médico, como diria Ariés (1990, p.640): "A morte deixou de ser admitida como fenômeno natural, necessário. Ela é um fracasso, um *business lost*" (mesmo que de foram trágica e inesperada). Os protocolos médicos em campo poderiam ter salvado a vida de Izquierdo? Um segundo a mais, um a menos. Ninguém tem a resposta.

Em seguida, a família adquire proeminência como tema importante a ser mencionado. Aqui é a família tradicional, patriarcal, casal heterossexual, homem provedor e mulher reprodutora que está em evidência (Durham, 1983). Afinal reitera-se

e lamenta-se a todo momento que o jogador deixou mulher e dois filhos (desprotegidos, desassistidos). Nota-se que as narrativas do homem público, Juan Izquierdo – jogador do Nacional – são deslocadas para a esfera privada – o homem provedor que não mais estará lá para cuidar de sua família.

Nas narrativas dos jornalistas há uma coexistência de duas representações de paternidade: a paternidade tradicional e a "nova paternidade" associada a construção de uma "nova masculinidade" (Whitehead, 2002). Por um lado, evidencia-se a paternidade, masculinidade associada a produção, "à autoridade e à esfera pública e social (...) honra e respeito", como aponta Siqueira (1999, p.187 e p. 189). Por outro, chama a atenção para uma nova organização social familiar e de paternidade. Os trechos da carta de Selena, esposa do jogador, apontam para isso. Enfatiza-se a perda de um parceiro, de uma pessoa atenciosa, amorosa em relação a esposa e com os filhos. Uma identidade masculina associada tanto ao provimento das necessidades básicas, quanto ao afeto e ao cuidado. Creio que é nesta direção que a frase repetida em exaustão por jornalistas, dirigentes, jogadores e familiares, a "lembrança de Izquierdo, como um cara feliz e alegre" revela.

Não me parece gratuito que as imagens do jogador retratem um filho e marido dedicado que construiu a sua casa e a dos pais com as próprias mãos. Em mais de uma reportagem, em mais de uma mesa redonda, tanto no Brasil quanto no Uruguai, há a exibição de imagens do jogador com o peito nu, pés descalços carregando sacos de cimento e tijolos. Sempre remetendo a alegria vivenciada com a parentela, as conquistas compartilhadas em conjunto. Aqui não há imagens do jogador bandido, rebelde, mas justamente o seu oposto: o controle da existência e o enquadramento disciplinador, como diria Florenzano (1998) na imagem do modelo de pai de família do projeto da família futebolística, como veremos, a seguir com Spaggiari (2016).

Se tomarmos como orientação a etnografia de Spaggiari (2016), sobre as relações estabelecidas entre famílias e jovens futebolistas, a morte deste atleta desmantela um "projeto futebolístico" que certamente demandou investimentos financeiros e simbólicos, sacrifícios e renúncias, não somente do núcleo familiar, mas também de uma rede extensa de apoiadores (sua *entourage*).

> Observa-se a construção de um projeto de vida com experiências comuns entre os membros da família, interligados pela prática futebolística, voltada para o futuro que ofereça oportunidades para superar as dificuldades enfrentadas no presente. (...) Revela-se, assim, um desenho de vida que não obedece apenas às escolhas individuais ou do conjunto familiar, mas que articula o projeto individual e projeto coletivo em um *projeto familiar* decisivo para a constituição do jovem futebolista (Spaggiari, 2016, p.253).

A passagem acima revela que o projeto futebolístico é uma mobilização coletiva que engloba o indivíduo, sua família e sua *entourage*. No caso de Izquierdo esse projeto ainda estava em andamento e a sua morte trágica o interrompe. Se pensado como projeto coletivo, todos os atores sociais envolvidos, seja pai, mãe, esposa, filhos, demais familiares, empresário e parceiros, que em alguma medida, participaram e investiram nesse empreendimento estão desamparados e vulneráveis financeiramente e emocionalmente. É para esta desordem, para a destruição de uma figuração social, nos termos eliasianos (1990), provocada pela morte do jogador, que as narrativas dos jornalistas apontam.

Considerações finais

Quais são as narrativas que o futebol produz quando diante da morte? Quais são os possíveis desdobramentos dessas mensagens?

Creio que as narrativas são plurais e polissêmicas. A morte de Juan Izquierdo produziu algumas narrativas importantes para as reflexões sobre os temas da medicalização da morte, da comunhão no momento de luto e da gramática das cenas de seu funeral. Ademais, revelou narrativas sobre o sentimento de vulnerabilidade diante da morte, do desordenamento da família e de um projeto de vida individual e coletivo. Certamente, estas não foram as únicas mensagens. Aqui, foi realizado um recorte reduzido das narrativas da imprensa (esportiva) sobre a morte. Outras possibilidades de abordagem se abrem para pensar a associação entre morte e futebol. Outros moribundos, atores sociais, situações sócio históricas e culturais podem ser exploradas cientificamente.

Tendo em conta as narrativas evidenciadas, creio que é possível indicar ênfases e desdobramentos quando o futebol e a morte se aproximam. No primeiro momento quando as narrativas enfatizam a compreensão da morte através de sua medicalização, é

possível evidenciar a autoridade do saber médico em oposição a outros saberes. Em tempos em que o negacionismo cientifico, a "eu-pistemologia" e os "mercadores da dúvida" (Cesarino, 2022) adquirem mais poder para opinar sobre a realidade social, a presença da autoridade médica, de um perito em saúde, nas mesas redondas e reportagens diz muito sobre o posicionamento das ideias, valores e moral da mídia uruguaia e brasileira. Dar voz ao sistema perito é uma forma de legitimá-lo, autorizando-o assim a produzir um discurso cientifico – normativo, criterioso, rigoroso, baseado em evidências – sobre a morte.

No segundo momento as cenas de um funeral, a gramática do luto coloca em questão a rivalidade. O discurso de unidade se sobrepõe às diferenças entre as predileções clubisticas. Há uma reciprocidade sentimental e uma trégua nos conflitos simbólicos e físicos entre rivais. Acredito que este seja o desdobramento, mais evidente nas relações entre torcedores e clubes rivais: a solidariedade do luto. Mas como foi visto, esta solidariedade tem um limite. Este limiar, que torna todos os uruguaios parte de uma comunidade homogênea, se encerra, definitivamente, quando o presidente da equipe do jogador morto enuncia que a vida tem que continuar. Disso resulta a permissão final para a volta à normalidade e a expressão sem remorso das rivalidades. Fosse outra autoridade, o presidente do Peñarol, por exemplo, a enunciar esta volta à normalidade, certamente haveria sanções morais a observar e a reorganização da realidade seria outra.

Por fim, no terceiro momento, as cenas da mesa redonda refletem sobre a inexplicabilidade da morte e o seu efeito de desordenamento da família. Desmantelamento do projeto de vida de uma família futebolística (Spaggiari,2016). Pois bem, aqui foi possível pensar não somente na representação da masculinidade como provedora, mas também como uma nova masculinidade, mais afetiva com sua parentela e dependente de suas parcerias emocionais e econômicas.

Mas não só isso. Gostaria de finalizar apontando para uma pista que acredito tem desdobramentos quando se associada futebol e morte por um viés de gênero. Creio ser importante evidenciar uma questão baseada nas críticas de Sondra Farganis (1997). Esta autora realiza uma crítica contundente às Ciências Sociais como uma ciência do um conhecimento da realidade e produção deste conhecimento pela experiência e visão de mundo masculina. Em suas palavras: "Se os homens escreveram o direito canônico e

mantiveram um monopólio dos discursos, então, aquilo que aprendemos como "racional" não poderia ser uma não masculina de racionalidade e as mulheres não poderiam chegar a considerar o "racional" de maneira diferente (...) (Farganis, 1997, p.234).

Ora, tomando essa ideia para refletir sobre a morte de Izquierdo; não poderíamos arriscar a dizer que neste caso a morte foi pensada pelas ideias-valores masculinas, já que, historicamente, programas e mesas redondas de esporte são conduzidos por homens para uma audiência masculina? Creio que a maioria das narrativas elaboradas pelos jornalistas levam a esta direção. No entanto, não tenho tanta certeza quanto as imagens nas cenas de um funeral. Nelas são mulheres uruguaias que escolhem o que mostrar no evento. Talvez pudéssemos encontrar diferentes perspectivas entre estes olhares, experiências e visões de mundo masculinos e femininos sobre a morte. Mas, como isso vai além do escopo deste artigo, fica a sugestão – um bom indício - para outras reflexões e pesquisas.

Referências

ABU-LUGHOD, Lila. *The interpretation of culture (s) after television.* Representations, n.59. Special Issue: The fate of "culture": Geertz and Beyond, pp.109-134, 1997. Disponivel em: https://online.ucpress.edu/representations/article-abstract/doi/10.2307/2928817/82438/The-Interpretation-of-Culture-s-after-Television?redirectedFrom=fulltext. Acesso em: 26 Set 2024. https://doi.org/10.2307/2928817.

ABU-LUGHOD, Lila; LUTZ, Catherine. *Introduction: emotion, discourse and the politics of everyday life.* LUTZ, Catherine ; ABU-LUGHOD, Lila. (Ed.). Language and the politics of emotion. New York: Cambridge University Pres, 1990, p.1-23.

ARIÉS. Phillipe. *O homem diante da morte*. Vol.1. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

ARIÉS. Phillipe. *O homem diante da morte*. Vol.1I. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

ARIÉS. Phillipe. As atitudes diante da morte. ARIÉS. Phillipe. *História da morte no Ocidente: da idade média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012, p.29-102.4

"AUNQUE suene duro, el ideal es hoy empezar a dar vuelta la página: Alejandro Balbi". Teledoce, Polideportivo, 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=PVnn0ohJyAU. Acesso em: 08 de setembro de 2024.

BOELLSTORFF, Tom. [Et al.]. (Ed.). *Ethnography and virtual worlds: a handbook of method*. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2012.

CESARINO, Leticia. *O mundo ao avesso – verdade e política na era digital*. São Paulo: UBU editora, 2022.

CRUZ, Florencia; BARTABURU, Faustina. *El adiós a Juan Izquierdo: miles despidieron al jugador de Nacional.* El Pais Uruguay**,** 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vhCGiJ0EmvQ. Acesso em: 10 de setembro de 2024.

DAMATTA, Roberto. *A morte: a morte nas sociedades relacionais: reflexões a partir do caso brasileiro*. DAMATTA, Roberto. A casa e a rua. Rio de Janeiro: Editora Guanabara/Koogan, 1991, p.143-170.

DURHAM, Eunice. Família e Reprodução Humana. FRACHETTO, Bruna; CAVALCANTI, Maria Laura; HEILBORN, Maria Luiza. (Dir**.).** *Perspectivas Antropológicas da Mulher 3.* Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983, p. 13-44.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa.* São Paulo: Martins Fontes, 1996.

EL adiós a Juan Izquierdo: miles despidieron al jugador de Nacional. El Pais Uruguay, 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vhCGiJ0EmvQ. Acesso: 25 de outubro de 2024.

EL cardiólogo Gonzalo Varela afirmó que "no hubo omisión ni negligencia" en los estudios a Izquierdo. Teledoce; Polideportivo, 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=nOwpDeBluZw . Acesso: 01 de setembro de 2024.

ELIAS, Norbert. *O processo Civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos: seguido de envelhecer e morrer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

FLORENZANO, José Paulo. *Afonsinho e Edmundo: a rebeldia no futebol brasileiro.* São Paulo: Musa Editora, 1998.

FOUCAULT, Michel. *O nascimento da medicina social*. FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001, p.79-98.

GEERTZ, Clifford. *Mistura de gêneros: a reconfiguração do pensamento social.* GEERTZ, Clifford. O Saber Local. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p.33-56

GINSBURG, Faye; ABU-LUGHOD, Lila; LARKIN, Brian. Introduction. GINSBURG, Faye; ABU-LUGHOD, Lila; LARKIN, Brian (Ed.). *Media worlds: anthropology on new terrain.* Berkeley; London; Los Angeles: University of California Press, 2002, p. 1-35.

HERTZ, Robert. *Contribuição para um estudo sobre a representação coletiva da morte.* HERTZ, Robert. Sociologia, religiosidade e folclore. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016, p.17-96.

HINE, Christine. *Virtual ethnography*. London: Sage Publication, 2001.

KOURY. Mauro Guilherme Pinheiro**.** *Sociologia da emoção: o Brasil urbano sob a ótica do luto.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

LA situación de Juan Izquierdo es grave y delicada, esto va para largo. Teledoce Polideportivo, 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=F59oP17vYYE. Acesso: 01 de setembro de 2024.

MAUSS, Marcel. *A expressão obrigatória dos sentimentos (rituais orais funerários australianos)*. MAUSS, Marcel Ensaios de sociologia**.** São Paulo: Perspectiva, 2005, p 325-331.

MORRE Juan Izquierdo, atleta do Nacional do uruguai de 27 anos. SPORTTV; Troca de Passes, 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7wj2R8M3j7k. Acesso em 12 de Setembro de 2024.

MORTE de Izquierdo roda o mundo e gera onda de comoção entre clubes e jogadores. ESPN Brasil**,** 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Tx9iHQOu2Ds&ab_channel=ESPNBrasil. Acesso em: 17 de setembro de 2024.

REPORTAGEM do Fantástico sobre a morte do jogador Juan Izquierdo. WPNEWS**,** 2024. Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=BUIGBDR5n-w&ab_channel=WPNews. Acesso: 01 de setembro de 2024.

REZENDE, Claudia Barcelos; COELHO, Maria Claudia. *Antropologia das emoções.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

RIAL, Carmen. *Antropologia e Mídia: um breve panorama das teorias da comunicação.* Antropologia em primeira mão. Programa de Pós-Graduação em Antropologia social, Universidade de Santa Catarina, n.1, Florianópolis: UFSC, 1995 (2004).

RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da morte*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.

SIQUEIRA, Maria Juraci Toneli. *Novas formas e paternidade: repensando a função paterna à luz das práticas sociais.* DA SILVA, Alcione Leite; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira. (Org.). Falas de gênero: teorias, analises, leituras. Florianópolis: Editora mulheres, 1999, p.187-202.

FARGANIS, Sondra. *O feminismo e a reconstrução da Ciência Social*. In: JAGGAR, Alison; BORDO, Susan (Org.). Gênero, corpo, conhecimento. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos tempos, 1997, p. 224- 240

SPAGGIARI, Enrico. *Família joga bola: jovens futebolistas na várzea paulista*. São Paulo: Intermeios; Fapesp, 2016.

TURNER, Victor. *Floresta de Símbolos: aspectos rituais entre os Ndembu Niterói*: EDUFF, 2005.

VAN GENNEP, Arnold. Os funerais. VAN GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1978, p.126-140.

WHITEHEAD, Stephen. *Men and masculinities: key themes and new directions*. Cambridge: Polity Press, 2002.

O Juventus é da Mooca: o embate entre a safização e a tradição na Rua Javari

Juventus belongs to Mooca: the clash between safization and tradition on Rua Javari

Marsiel Pacífico
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Brasil
Dourados, MS
marsiel.pacifico@uems.br
https://orcid.org/0000-0002-2013-2073

Geovane Ferreira Gomes
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Brasil
Dourados, MS
geovanegomes@uems.br
https://orcid.org/0000-0002-1901-9794

Recebido em: 05 de novembro de 2025
Aceito em: 12 de janeiro de 2026

Resumo:

Este artigo investiga o fenômeno da resistência à transformação do Clube Atlético Juventus em Sociedade Anônima do Futebol (SAF), analisando as implicações culturais e identitárias envolvidas. A "safização" tem sido uma tendência crescente no futebol brasileiro, impulsionada por dificuldades financeiras e pela busca por maior competitividade. No entanto, no caso do Juventus da Mooca, observa-se uma forte oposição, sobretudo de sua torcida e do entorno comunitário, que percebem o clube como um elemento fundamental da identidade do bairro. O estudo se baseia em revisão bibliográfica e abordagem qualitativa de estudo de caso, explorando a relação entre futebol, tradição e modernidade. Os resultados indicam que a resistência à SAF no Juventus é impulsionada pela forte conexão entre o clube, a história da Mooca e sua tradição operária e imigrante. Conclui-se que a preservação dessa identidade transcende aspectos econômicos, configurando-se como uma forma de resistência à mercantilização do futebol e à descaracterização de sua memória coletiva. O caso do Juventus exemplifica os desafios enfrentados por clubes que buscam equilibrar tradição e modernização em um cenário de transformações estruturais no futebol brasileiro.

Palavras-chave: Futebol. Lugar. Tradição. Resistência. Modernização.

Abstract:

This article examines the phenomenon of resistance to the transformation of Clube Atlético Juventus into a Sociedade Anônima do Futebol (SAF), analyzing the cultural and identity-related implications involved. "SAFization" has been a growing trend in Brazilian football, driven by financial struggles and the pursuit of greater competitiveness. However, in the case of Juventus da Mooca, strong opposition is observed, particularly from its fans and the surrounding community, who perceive the club as a fundamental part of the neighborhood's identity. This study is based on a literature review and a qualitative case study approach, exploring the relationship between football, tradition, and modernity. The findings indicate that resistance to SAF at Juventus is driven by the club's deep-rooted connection to Mooca's history and its working-class and immigrant traditions. The study concludes that preserving this identity transcends economic aspects, representing a form of resistance against the commercialization of football and the loss of its collective memory. The case of Juventus exemplifies the challenges faced by clubs seeking to balance tradition and modernization in a context of structural transformations in Brazilian football.

Keywords: Football. Place. Tradition. Resistance. Modernization.

Introdução

Com o advento de práticas modernas de gestão e os incrementos técnicos e científicos que deveriam nortear boas práticas nos departamentos que chefiam o futebol nos clubes, muitos times tradicionais brasileiros acabaram ficando para trás em seu nível de competitividade. O modelo de gestão comumente aplicada nos clubes tende a ser passionalizado e amador, visto que quem exerce o comando técnico e administrativo das equipes é um torcedor associado eleito pelos seus pares que, com raras exceções, pouco conhece das particularidades do futebol. Na esteira desse processo, as indicações para os departamentos técnicos que compõem o futebol profissional também passam pelos acordos políticos necessários ao pleito, o que resulta, normalmente, em dirigentes amadores com pouca ou nenhuma qualificação técnica para o assunto.

A falta de um modelo de gestão profissional levou os grandes clubes brasileiros ao superendividamento. Ao mesmo tempo, os clubes que primeiro conseguiram sair dessa situação de estrangulamento financeiro, especialmente Flamengo e Palmeiras, acabaram, gradativamente, abrindo distância técnica dos demais. O cenário de flerte com a falência e de falta de competitividade desportiva abriu espaço para a chegada de uma nova esperança: a SAF.

A "safização" é um termo recém-cunhado no léxico desportivo brasileiro, que remete ao movimento de uma quantidade expressiva de clubes de futebol brasileiros que migram para uma nova natureza jurídica: a Sociedade Anônima do Futebol (SAF).

A Lei nº 14.193, de 6 de agosto de 2021 (Brasil, 2021), instituiu no Brasil a figura jurídica das Sociedades Anônimas do Futebol, popularmente conhecidas como SAFs. Em tal modelo, clubes associativos (natureza que representava quase a totalidade dos clubes de futebol no Brasil) poderiam privatizar o futebol, vendendo-o para investidores ou conglomerados, nacionais ou internacionais, em um processo decisório que competiria a cada time.

No Brasil, ano após ano, o número de SAFs na primeira divisão aumenta: em 2022, 2 clubes iniciaram a competição como SAF; em 2023, foram 6 clubes; já em 2024, 7 clubes eram SAF quando a bola começou a rolar. Em todo território nacional,

conta-se hoje com 63 SAFs filiadas à Confederação Brasileira de Futebol (Aquino, 2024).

Embora o cenário de privatização do futebol pareça uma tendência irrefreável, um caso aparentemente isolado chama a atenção: o Juventus da Mooca. Mesmo estando aquém dos patamares mais altos do futebol nacional, uma parte expressiva da torcida do Clube Atlético Juventus se manifesta contrária à ideia de privatizar o clube. Abrir mão da chance de se tornar competitivo tem uma contrapartida que é, para esses juventinos, mais importante que títulos ou dinheiro.

Outrossim, esse artigo objetiva compreender o movimento de resistência de parte significativa do Juventus ao processo de safização do clube. Para tal, utiliza como metodologia a revisão bibliográfica e o estudo de caso, tendo em vista que:

> O estudo de caso investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um determinado contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos, desta forma, enfrenta-se uma situação tecnicamente empírica em que haverá variáveis na catalogação e análise de dados visando alcançar resultados. (Melo Júnior; Morais, 2018, p. 27)

Na primeira seção, apresentamos as Sociedades Anônimas do Futebol como uma tendência predominante no exterior e no Brasil, citando os casos nacionais e delineando os fatores conjunturais que levaram os clubes ao modelo privado.

Em seguida, exploramos o impacto da "safização" sob a perspectiva histórica e sociocultural, com especial atenção à relação entre identidade, pertencimento e a resistência ao modelo empresarial dentro do contexto do Clube Atlético Juventus. Para isso, investigamos a influência da imigração italiana, da industrialização e do operariado na formação do bairro da Mooca e sua conexão com o time.

Posteriormente, analisamos a resistência da torcida juventina e de outros grupos sociais à privatização do clube, buscando compreender como a defesa da tradição e da identidade local se contrapõe às demandas contemporâneas do futebol empresarial.

A base epistemológica deste trabalho se apoia nos escritos de Marc Augé, Stuart Hall, David Harvey e Anthony Giddens. Nos valemos desses autores para discutirmos

os conceitos de tempo, espaço, modernidade, pós-modernidade, sobremodernidade e tradição.

A safização do futebol: um cenário global emergente

A difusão nacional do esporte bretão, popularmente conhecido como futebol, passou pelo papel ativo dos clubes associativos que o incorporaram ao seu itinerário de atividades. Embora inicialmente restrito a seus membros, rapidamente o futebol pulou o muro dos clubes para ser praticado, ainda que de modo adaptado, nas ruas e terrenos das periferias do Brasil, especialmente no Rio de Janeiro e em São Paulo:

> Na primeira fase histórica do esporte em território nacional, entre os anos de 1890 e 1910, o caráter excludente dos clubes associativos, que detinham os espaços e equipamentos adequados para o jogo, fez com que a população das classes sociais inferiores replicasse o esporte bretão de forma adaptada: em vez da bola de couro, bola de trapo; em vez do gramado, o chão batido da rua. (Gomes; Pacífico, 2024, p. 213)

A popularização do esporte, especialmente com a ascensão da seleção brasileira e do primeiro ídolo nacional, Leônidas da Silva (Ribeiro, 2000), fez com que o mesmo chegasse de forma definitiva à cultural nacional, sendo hoje um dos elementos centrais da nossa identidade e do nosso lugar: Brasil, o país do futebol. Mesmo para os não aficionados, eventos como a Copa do Mundo costumam contagiar a população nacional, produzindo um senso de união e pertencimento raramente experimentado em outros momentos do ano.

A difusão do futebol para além dos clubes, por sua vez, não impediu que eles exercessem papel central na articulação do futebol profissional: de suas sedes nasceram as principais agremiações do esporte, que até o começo dos anos 2020 detinham quase a totalidade dos times no Brasil.

Com um modelo flexível, os clubes que enveredaram pela via da privatização encontraram interessados, arbitraram valores e a porcentagem do clube que estaria envolvida em cada negociação. Entre os clubes da Série A do Campeonato Brasileiro, o Cuiabá Esporte Clube (Costa, 2023) foi o primeiro a aderir ao modelo. Todavia, a transição do time mato-grossense foi menos abrupta devido à sua natureza original como Clube Empresa, um modelo distinto, mas também privado. Em seguida, clubes

associativos tradicionais, como Botafogo, Vasco e Cruzeiro seguiram o mesmo caminho, colhendo valores financeiros e resultados esportivos bastante distintos (Magatti, 2023). Enquanto o Botafogo venceu o Campeonato Brasileiro de 2024 e conquistou o inédito título da Libertadores da América, o Cruzeiro e o Vasco continuam sem títulos de expressão.

Outro aspecto importante da implementação do modelo de SAF é o financeiro. Nesse sentido, os clubes supracitados também encontraram caminhos e valores distintos: o Botafogo, que vendeu 90% ao *Eagle Football Holdings Limited*, presidido por John Textor, arrecadou 1,4 bilhão de reais (Dutra, 2022) em sua transação. Já o Cruzeiro foi arrematado por 400 milhões de reais pelo ex-jogador Ronaldo (Globo Esporte, 2022), que já revendeu o clube para o empresário Pedrinho BH. O Vasco, por sua vez, foi vendido por 1,428 bilhão de reais (Abrahão; Parrela, 2022) para a 777 Partners e, após não receber parte do valor acordado, retomou o controle do clube via liminar (Almeida, 2023).

A implementação de modelos privados de futebol não é uma prática que tenha se originado no Brasil. Nas principais ligas do mundo, muitos clubes tradicionais abandonaram o modelo associativo. Na Premier League, por exemplo, os seis grandes clubes (Manchester United, Manchester City, Arsenal, Tottenham, Liverpool e Chelsea), chamados de *Big Six,* são propriedades privadas, tendo o Manchester United, inclusive, ações ofertadas na Bolsa de Valores de Nova York (Brown; Cabral, 2006). Da mesma forma, a Itália tem seus maiores clubes privatizados (Inter, Milan e Juventus), assim como a França (PSG e Olympique Lyonnais) e Portugal (Benfica, Porto e Sporting). No contexto do futebol europeu, dentre os clubes mais competitivos, Barcelona, Real Madrid e Bayern de Munique ainda se mantêm por meio do modelo associativo. Além disso, a *Major League Soccer* (MLS/EUA) norte-americana é uma liga completamente formada por clubes privados.

A respeito do entendimento amplo a respeito da aceitação da SAF na esfera dos clubes e pelo fato de um grande número de clubes tê-la adotado entre dezembro/2021e janeiro/2022, é importante ressaltar dois pontos que consideramos causas influenciadoras da decisão dos clubes em se tornar SAF.

A primeira, muitas vezes negligenciada, era o risco, já percebido por alguns jornalistas, que o futebol brasileiro caminhava para um processo de espanholização, ou seja, a concentração dos principais títulos na mão de poucos clubes (Gomes, 2021). Se tomarmos como referência o período de 2015 a 2021, em sete anos, quatro times sagraram-se campeões da série A do campeonato brasileiro e três deles ganharam o título duas vezes cada um. Se nesse mesmo período olharmos as posições dos três primeiros colocados, o que nos dá um universo de 21 possibilidades, apenas dois times, Flamengo e Palmeiras, ocuparam dez dessas posições, demonstrando que aquela máxima, de que o encanto e a dificuldade do campeonato brasileiro era que muitos times poderiam ser campeões, poderia estar definitivamente com os dias contados. Como Flamengo e Palmeiras remetiam à ideia de grandes patrocínios e à gestão adequada do futebol, a transformação de vários times em SAF poderia ser, de fato, uma maneira de retomar o equilíbrio do campeonato brasileiro.

A nosso ver, esse temor de ser rebaixado para uma segunda prateleira dos maiores times do Brasil já fazia parte das preocupações de grandes clubes que, de certa maneira, podiam ser considerados decadentes ao final dos anos 2020. Dito de outra maneira, parecia que alguns times monopolizariam os títulos enquanto outros seriam meros coadjuvantes.

O declínio de desempenho de clubes outrora dominantes no cenário nacional, observado no final dos anos 2010, e a consequente migração para o modelo de SAF foram fortemente influenciados pelo endividamento dessas instituições. Muitos times estavam sem folga nas receitas mensais para cobrir as despesas recorrentes e o pagamento das dívidas há muito tempo contraídas. O mecanismo de criação da SAF dava a condição de o time passar a ter um saldo mensal em conta para quitar as dívidas a partir das receitas oriundas da privatização do futebol. A rigor, clubes como Cruzeiro, Vasco e Botafogo, caminhavam para a falência e a SAF era vista como uma tábua de salvação. Não à toa, tão logo o Cuiabá inaugurou o modelo, quase que imediatamente Cruzeiro e Botafogo migraram para essa forma de gestão.

Além dos times grandes que poderiam ser considerados decadentes ao final dos anos 2010, é perceptível que há um outro grupo específico de clubes que aderiram à SAF: clubes do que podemos chamar de periferia do futebol brasileiro, ou seja, clubes mais ou menos consolidados, mas que ocupam posições de baixo da tabela da primeira

divisão ou que lutam nas divisões inferiores para mudarem seu status. Enquadram-se nessa categoria clubes como Cuiabá (MT), América (MG), Fortaleza (CE), Bahia (BA) e Novorizontino (SP). O Bragantino (SP) poderia ser colocado nesse grupo, mas a maneira como firmou parceria com a marca *Red Bull*, o categoriza como clube-empresa, e a análise escapa do escopo deste trabalho.

Indagamos, diante desse cenário, quais seriam elementos motivacionais que levariam esses dois tipos de time, os grandes decadentes e os pequenos organizados, a aderirem à SAF. A nosso ver, a maneira como enxergam o tempo: os grandes precisam da SAF para recuperar uma posição de destaque que possuíam em um passado recente a fim de desespanholizar o campeonato nacional. Os pequenos possuem um olhar voltado para o futuro a fim de que o passado não torne a repetir. Portanto, uns querem o passado e outros querem o futuro. Portanto, o que, a rigor, diferencia esses dois grupos, é a expectativa diante do tempo.

Voltando à questão do Moleque Travesso - apelido que designava o clube e que foi criado pelo jornalista esportivo Tommaso Mazzoni, pelo fato de que o time da Mooca ser costumeiramente um adversário difícil para os times tradicionais, especialmente o Corinthians (Manto Juventino, 2023) - em que sua torcida, ao menos a organizada, parece optar por manter a identidade em vez de se tornar competitivo, novamente a questão do tempo se faz presente.

Nesse caso, também remete ao passado, mas a nosso ver não diz respeito a retornar ao que era em um passado mais ou menos recente, como o dos clubes decadentes. O passado aqui é um pouco mais distante, e relacionado à tradição. Percebe-se, a nosso ver, que uma abordagem da questão, e da própria resistência à transformação em SAF, demanda uma reflexão a respeito do tempo e da tradição. Trata-se de discutir, a rigor, o próprio conceito de modernidade e sua superação, a chamada pós-modernidade, e como conceitos de tradição e tempo também precisam ser analisados para entender a maneira como esses dois períodos históricos influenciam a maneira de pensar dos clubes, isto é, de seus dirigentes e torcida. Mas antes de destacarmos esse ponto, faz-se necessário conhecer a Mooca, bairro em que o Juventus está sediado.

A Mooca que parla, a Mooca que luta: imigração italiana, industrialização e movimento operário na construção da identidade local

A partir de 1887, o Brasil, e especialmente a cidade de São Paulo, passa por um processo de transformação intenso, protagonizado pelo fluxo imigratório. A combinação dos interesses do Estado em fomentar a colonização para fins produtivos com a complexa rede de acontecimentos políticos na Europa, que culminaram na Primeira (1914-1918) e na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), além da ascensão de regimes totalitários e sua decorrente barbárie, fizeram com que três milhões de imigrantes viessem ao Brasil (Seyferth, 2007).

Os impactos decorrentes de um processo profundo de transformação da cidade de São Paulo podem ser representados pelos números: em 1890, portanto antes do processo de imigração, a população da cidade era de 65 mil habitantes; ao final dos anos de 1920 São Paulo chegava aos impressionantes 560 mil habitantes (Pacheco e Patarra, 1997).

As profundas transformações na dinâmica social paulistana do início do século XX refletiram diretamente na ocupação do espaço geográfico. A cidade, que recebeu um grande fluxo de imigrantes, construiu sua identidade a partir da diversidade de culturas que passaram a coexistir. No entanto, devido à expressiva presença de imigrantes italianos nesse processo – aproximadamente 1,5 milhão (Mazer, 2014, p. 4) –, os italianos tiveram uma influência que se tornou especialmente marcante na formação cultural e urbana de São Paulo.

Dentre os bairros formados pelos imigrantes italianos na capital paulista, um em especial diz respeito à nossa temática investigada: a Mooca.

No início do século XXI, o Brasil adentra uma nova fase de sua trajetória como sociedade pluriétnica, desafiando a noção amplamente difundida de uma suposta harmonia racial ou étnica. Esse mito da "democracia racial" - frequentemente associado à cordialidade nacional, ao sincretismo cultural e à miscigenação - sempre se sustentou em um triplo mecanismo histórico de apagamento da diferença: a integração compulsória no âmbito social, a assimilação no plano cultural e a miscigenação no

campo biológico. Agora, esse modelo dá lugar a um período em que diferentes grupos populacionais revisitam e ressignificam suas identidades étnicas. Essas reconstruções ocorrem após um longo processo de esvaziamento cultural, fruto de pressões diretas e indiretas que desestimularam a preservação das alteridades étnicas ao longo do tempo.

Na cidade de São Paulo, essa diversidade se manifesta em bairros historicamente marcados pela imigração italiana, onde gerações de descendentes mantêm vínculos com suas origens. Um dos exemplos mais emblemáticos desse fenômeno é a Mooca, cujo desenvolvimento reflete a complexidade desse processo. O bairro surgiu a partir do desmembramento de antigas chácaras e sítios situados nas áreas planas próximas ao rio Tamanduateí, no sopé da colina onde se formou o núcleo colonial da cidade. Essa localização estratégica fez da Mooca um ponto de passagem essencial para as antigas estradas que conectavam São Paulo ao litoral e ao Rio de Janeiro, especialmente a ferrovia São Paulo Railway. No final do século XIX, essas mesmas rotas facilitaram a instalação de ferrovias, impulsionando a chegada das indústrias e moldando o perfil operário do bairro, que passou a abrigar a crescente população de trabalhadores (Pereira, 2017, p152).

No mar de imigrantes italianos que chegavam a São Paulo buscando melhores condições de vida estava Rodolfo Crespi, que havia saído de seu país natal com quase nenhum dinheiro e uma passagem de terceira classe em um navio (Pacciarotti, 2020). Após se casar com a filha da abastada família Regoli e ser bem sucedido nas suas exportações de produtos italianos para o Brasil, Crespi, que seria mais tarde nomeado Conde pelo próprio Mussolini (Pacciarotti, 2020), inaugurou em 1897 a Indústria Têxtil Cotonifício Rodolfo Crespi, empresa que chegou a empregar mais de 6 mil funcionários na região da Mooca.

Para além de se tornar um marco econômico da região da Mooca, a Indústria Crespi também foi palco de um movimento histórico bastante singular. Nos anos de 1917, as condições de vida dos trabalhadores eram fadadas “ao círculo vicioso: trabalho extenuante - custo de vida alto - baixos salários - necessidade de sobrevivência” (Santos, 2018, p.22). A precarização da vida do proletário gerou formas de associação inspiradas no anarquismo em que, sediadas no prédio da Liga Operária do Bairro da Mooca, os trabalhadores, em sua grande maioria mulheres, organizaram uma greve geral sem precedentes até aquele presente momento. O movimento conhecido como

Greve Geral de 1917 foi iniciada dia 8 de junho com a reivindicação de 20% de reajuste salarial para os empregados. Mesmo após ameaças de demissão em massa, repressão policial e até a morte do militante espanhol José Gimenez Martinez, as manifestações só ganharam mais força, tomando espaço em outras indústrias também, como a Fábrica do Ipiranga (Toledo, 2017). Após tais conflitos, foi articulada uma rodada de negociações entre os líderes do movimento grevista e os industriais, na qual a reivindicação original de 20% de aumento foi atendida, além do compromisso de não se demitir ou se punir criminalmente os envolvidos na greve.

Dentre as melhorias nas condições de vida dos operários está a criação de um clube associativo, lugar onde foi inaugurado o campo de futebol atualmente chamado Estádio Conde Rodolfo Crespi. Ali, a partir da prática do esporte pelos operários e seus familiares, criou-se o Cotonifício Rodolfo Crespi Futebol Clube, em 20 de abril de 1924. Essa relação entre clubes operários e clubes de futebol foi uma tônica da cidade de São Paulo:

> Inúmeros clubes surgiram de partidas de futebol improvisadas na rua ou no pátio da fábrica, durante o intervalo para o almoço. Aos poucos, a brincadeira ia ganhando organização. Como muita gente queria participar, os times começaram a ser formados no interior de cada seção de uma mesma indústria. Com o crescimento do número de times, mais partidas iam sendo realizadas, aumentando o tempo do jogo. Logo, só o intervalo para o almoço já não bastava. Estendeu-se, então, a atividade para os fins de semana. (Antunes, 1994, p.104)

Já em 1930, por iniciativa do próprio Rodolfo Crespi, o clube passou a ser chamado de Clube Atlético Juventus. O nome e a escolha pela cor grená do uniforme foram formas de homenagear a colônia italiana tão marcante na construção do bairro: Juventus remete à Juventus de Turim, tradicional time italiano; a escolha da camisa grená, por sua vez, imita as cores da Torino e foi uma tentativa de se diferenciar dos vários clubes de futebol que utilizam preto e branco em seus uniformes (Manto Juventino, 2024).

As tensões trabalhistas travadas entre a classe operária organizada e seus patrões, a imigração italiana, o caráter operário e o futebol juventino foram os principais elementos constitutivos do então emergente bairro da Mooca. A natureza desses episódios históricos traçou formas específicas da organização da vida social daquele

lugar, constituindo a identidade do bairro, mas também de seus moradores. As lutas daqueles que atravessam o oceano para buscar uma vida melhor em um país desconhecido, assim como aqueles que se organizam na reivindicação de condições dignas de trabalho e renda forjaram a cultura do bairro da Mooca e também inspira o espírito de seu filho travesso, o Clube Atlético Juventus.

Cannoli do seu Antônio, presente! lugar e resistência no caso do Juventus da Mooca

Como vimos na seção anterior, a amálgama da imigração italiana, da indústria e do proletariado combativo inspiraram o nascimento do Juventus. Sua existência extrapola o sentido futebolístico, mas é a conjugação da própria identidade da Mooca. Como explica Hamilton Kuniochi, mesmo aqueles moradores do bairro que não acompanham intensamente o futebol, ainda assim levam nos adesivos de seus carros ou em suas roupas o logo do Moleque Travesso (Pensamento em Gotas, 2025) A ostentação do símbolo não é aqui uma demonstração de engajamento com o resultado esportivo do time; é, por sua vez, um signo de identidade que comunica: sou da Mooca.

A valorização da Mooca enquanto lugar parece ser constituída de uma força opositora ao contínuo movimento da sobremodernidade, em produzir não-lugares (Augé, 1994). Em sua obra Não-lugares, Marc Augé (1994) propõe uma distinção entre os espaços carregados de significados, relações sociais e história (lugares) ante aqueles que se caracterizam pela transitoriedade, impessoalidade e anonimato (não-lugares).

Os lugares são marcados por três elementos fundamentais "caracteres identitários, relacionais e históricos. O conjunto destes expressa a produção de experiências, uma vez que, contendo identidade e relação, o lugar antropológico também é histórico" (Martinez; Pacífico, 2022, p. 38). São espaços onde a memória sedimenta-se e as interações sociais constroem um sentido de pertencimento ao coletivo e ao próprio espaço físico. Os não-lugares, por sua vez, são definidos pela efemeridade, pela estética pasteurizada e pelo distanciamento. Um aeroporto, uma rodovia, uma franquia de *fast food* ou um *shopping center* são exemplos emblemáticos: neles, os indivíduos transitam sem estabelecer laços duradouros ou construir memórias coletivas:

> O dito lugar, que é o espaço onde cada pessoa se identifica e toma posse do ambiente em uma relação de pertencimento-pertencente, é também o momento em que cada um se encontra consigo mesmo, produzindo sua identidade compartilhada com os outros, em um ambiente em que se têm histórias construídas e ligações, com ensinamentos dos antepassados e da própria cultura. Ao olhar desatento, o não-lugar se assemelha com o lugar, todavia imprime uma diferença substancial, visto que o lugar é o ambiente em que as pessoas consideram parte de si, por reconhecerem ali sua identidade, relações e história. (Martinez; Pacífico, 2022, p. 38)

Enquanto produtora de valor, a escassez induz à repercepção do espaço e do tempo. Nesse sentido, em um mundo sobremoderno, a proliferação de não-lugares faz do bairro da Mooca um valoroso *lócus* de resistência. Enquanto muitos bairros da grande cidade são formados por prédios altos e cinzentos, com lojas multinacionais invadindo suas galerias, tornando-os similares a uma metrópole qualquer do mundo, na Mooca as cantinas italianas, as ruas estreitas e os antigos galpões industriais convertem-se em marcos de memória, diferenciando o bairro dos espaços genéricos e massificados. Dentre os espaços que produzem a identidade visual do bairro, destaca-se o estádio Conde Rodolfo Crespi, também conhecido como estádio da rua Javari.

O estádio, com sua arquitetura e visual que preservam as características fundamentais da época de sua inauguração, conta a história do próprio bairro, permitindo um resgate vivo de um passado tão protagonista da identidade daquelas pessoas. Seu estádio é um microcosmo da Mooca: pequeno, tradicional e profundamente vinculado à memória coletiva de seus torcedores. Ir ao jogo do Juventus não é apenas assistir a uma partida de futebol, é partilhar aquilo que as gerações antepassadas vivenciaram, no mesmo espaço e pela mesma mediação ritualística: o futebol. A magia da vivência juventina propicia a sensação de continuidade e identidade, driblando as fronteiras do tempo ao permitir que tataravôs e tataranetos comunguem da mesma experiência, no mesmo lugar e com a mesma camisa grená.

A valorização dos rituais transtemporais vivenciados na Javari se materializa em uma única pessoa: Seu Antônio. Antônio Pereira da Silva, popularmente conhecido como Antônio Cannoli, é um senhor de quase 75 anos que há 65 vende seus cannoli no estádio Crespi. O tradicional doce italiano, que consiste em uma massa folhada

cilindrica, com recheio e polvilhada de açúcar, é parada obrigatória para quem vai assistir o Juventus. Ali, ao levarem seus filhos e netos para o ritual adocicado de iniciação juventina, torcedores que foram levados por seus pais e avós passam o bastão do tempo para as novas gerações. O mesmo doce, do mesmo senhor, no mesmo cenário:

> Se o leitor nunca foi a um jogo na Rua Javari, recomendo que vá. Eu estive lá na derrota do time para o São Caetano e foi como uma viagem no tempo: o placar é de madeira, não tem refletores de luz (a promessa é que sejam instalados se alguém comprar o clube) e tem um senhor de 74 anos vendendo cannolo —ou cannoli, no plural, como é mais conhecido o doce típico siciliano. Ir a um jogo do Juventus é perceber que não é sobre ganhar ou perder, mas sobre pertencer. Essa é a beleza e a riqueza deste e de tantos clubes espalhados pelo Brasil. E isso não tem preço. (Tironi, 2024)

Como bem expressa Eduardo Tironi, a venda do Juventus para investidores significaria passar a tutela da história, da identidade, dos rituais e da memória que fazem da rua Javari um lugar. Não há garantias, no caso da venda do clube, que seu novo dono não levará o time para outra cidade - como ocorreu com o Grêmio Barueri -, ou mudará seu escudo - como ocorreu com o Boavista -, ou suas cores - como o Cardiff City, que era vermelho e virou azul -, ou até mesmo o seu nome - como o Monarcas que agora chama Mazatlán. Pela lógica do capital, o que seria mais rentável: assinar um contrato com uma franquia de *fast foods* ou a barraca de cannoli do Seu Antônio?

Ante a possibilidade de ser mais competitivo e a volumosa quantia em dinheiro que tem sido a tônica das safizações pelo Brasil, a torcida juventina, em sua maioria, parece ter feito a sua escolha: a tradição.

Mooca: moderna, tradicional e pós-moderna

O termo tradição, aparentemente simples, carrega certa complexidade. Ao se recorrer ao dicionário, encontramos a ideia de costume arraigado, intergeracional e relacionado a uma região específica, ou seja, uma espécie de "herança cultural" (Tradição, 2025). Dito de outra maneira: algo que é como sempre foi e, portanto, perene.

Segundo Hall (2006), entretanto, tradições, analisadas por ele na forma de culturas nacionais, não são eternas e tampouco existem desde sempre; ao contrário,

apresentam-se na forma de discursos capazes de estabelecer significados e de influenciar até a percepção que temos de nós próprios e, como consequência, de construir identidade. Indica que há cinco etapas para se construir o que chama de "comunidade imaginada" (Anderson, 1983 *apud* Hall, 2006), e a própria ideia de construção carrega consigo a ideia que não existiu desde o começo.

A primeira etapa se constitui na forma de narrativa que é sempre relembrada; a segunda como algo que relacionado à origem da própria instituição e, portanto, atemporal e imutável. A terceira maneira de se estabelecer a comunidade imaginada é por meio da própria invenção da tradição, tendo como base a ideia que em algum momento determinada narrativa foi criada, mas a partir daquele ponto em diante, esquece-se de quando foi criada, o que ajuda a sedimentar a quarta forma de estabelecimento da tradição, que é a ideia de mito de origem. Por fim, a ideia de pureza e que remete à ideia da existência de um povo puro, lá na origem criação da comunidade (Hall, 2006).

Todas essas características, com mais ou menos intensidade, estão presentes no imaginário do que seria um Juventus. Tomando como referência o moleque travesso, símbolo que o identifica, é algo que é sempre lembrado e rememorado, perde-se no tempo de quando se iniciou essa prática de derrotar os grandes, de forma que a própria invenção do conceito, imbricado na ideia de mito de origem, cria a perspectiva de que desde o começo o Juventus fosse uma espécie de Robin Hood do futebol, e construído por um povo único e singular: os operários descendentes de italianos, habitantes da Mooca. Tradição parece ser um sinônimo para Juventus.

Entretanto, se por um lado isso vai de encontro à ideia de que a tradição não encontraria espaço na modernidade, afinal, conforme aponta Giddens (1991), as rotinas da vida moderna não encontram uma ligação com o passado, por outro lado o mesmo autor argumenta que não é possível afirmar que a tradição não encontre espaço na modernidade e qualquer generalização no sentido de mostrar essa desconexão entre tradição e modernidade se mostra temerosa.

Isso porque Giddens (1991) associa modernidade a um "[...] estilo, costume de vida, ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência" (p. 11). Nessa

perspectiva de modernidade, o Juventus é dela um representante significativo, na medida em que nasce em um bairro industrial, marca dessa modernidade e assim, de certa maneira, reproduz em escala diminuta a relação do trabalhador com o futebol, como ocorreu, por exemplo, na Inglaterra no final do século XIX em que, indica Hobsbawn (2000), a distribuição geográfica dos times de futebol no final do século XIX refletia a localização das cidades industriais inglesas. Interessante notar que o Juventus é representante tanto da modernidade por meio de uma classe operária, quanto da tradição.

Ainda analisando as características da modernidade, Giddens (1991) destaca a importância da reflexividade nessa etapa do desenvolvimento humano, e diz respeito à situação em que "as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz da informação renovada sobre essas próprias práticas" (p. 45), de forma que, dito em outras palavras, o agente da ação estará sempre avaliando sua conduta buscando readaptá-la conforme exigido pela situação.

Por entender que a reflexividade dos agentes é parte integrante do ser humano, enquanto nas comunidades pré-modernas a tradição é uma referência balizadora da ação – ou seja, faz-se assim porque sempre foi feito dessa maneira -, na modernidade seria o conhecimento obtido a partir da contínua reflexão da ação o que validaria a prática, em um período histórico que a tradição não esteja completamente descartada (Giddens, 1991). Portanto, se o conhecimento validador for o resultado de uma partida de futebol em que o moleque travesso tenha vencido algum time grande, a tradição seria renovada pois, conforme aponta Giddens "Ela é introduzida na própria base da reprodução do sistema" (1991, p. 45), numa espécie de moto-contínuo de reforço.

O mal-estar da tradição na modernidade é que a própria dinâmica da modernidade impõe mudanças no espaço o que afeta fortemente a tradição. A Mooca sofreu esses impactos também, afinal, como apresentam Vitiello *et al.* (2019), já não é mais o bairro industrial que recebeu imigrantes italianos após a Primeira Guerra Mundial e tampouco o local de casas e vilas operárias. As fábricas foram demolidas e novas construções mudaram a cara do bairro a partir do *boom* imobiliário na primeira década deste século. Houve um adensamento urbano graças à verticalização das moradias, o que fez o bairro sair da casa dos 63 mil habitantes em 2000, para quase 76 mil em 2010, para cerca de 81 mil habitantes em 2015.

Mas não foi apenas a arquitetura do bairro que mudou: os novos empreendimentos imobiliários promoveram uma alteração significativa no perfil sociocultural dos moradores: "[...] se antes havia a preservação das tradições, da memória do bairro, com o convívio de vizinhança e conversa à porta de casas assobradadas, há agora uma ruptura gerada por altas edificações cercadas por muros, que "devora a afetividade provinciana" do bairro da Mooca" (Vitiello *et al.*, 2019, p. 182).

A rigor, o trecho acima é, por si só, parte da construção de uma "comunidade imaginada". É o que Sales Pereira (2017, p. 160) chama de "tradição inventada", isto é, de que a Mooca seria um "bairro-nação" italiano. De fato, aponta que as tradições italianas são até bem recentes: como exemplo, a festa de San Gennaro foi criada em 1973 e o hino e brasão do bairro são de 1991. Ou seja, a tradição não é tão antiga como em geral as pessoas pensam.

Depara-se aqui, portanto, com um choque de cultura: a Mooca e seus moradores, herdeiros da tradição operário-italiana que foi sendo paulatinamente construída e que se encontra estabelecida como comunidade imaginada pelos seus moradores ao final do século XX, vê a chegada de uma nova população, afinal, conforme nos apresenta Sales Pereira (2017) mais de 90 condomínios verticais construídos foram construídos entre 1993 e 2009. Tomando como referência o clube, é como se o Juventus, nascido na Mooca moderna – isto é, industrial –, mas que se tradicionalizou ao longo do tempo, se deparasse com uma terceira mudança: uma invasão populacional que afetou o bairro e seus moradores. E não foi uma pequena mudança, pois um bairro secular como a Mooca teve um incremento populacional de quase 30% da população nos 15 primeiros anos do século XXI.

Essa mudança afetou marcadores importantes: o espaço foi alterado, tanto pelo aumento populacional, quanto arquitetonicamente. Consequentemente, a tradição veio a sofrer impactos. Vale notar que como a tradição é associada a períodos pré-modernos, essa explosão demográfica acaba por produzir uma segunda modernidade na Mooca. Porém, como essa segunda modernidade não vem acompanhada pelos símbolos da primeira, como a questão das fábricas, que foram demolidas para receberem os empreendimentos imobiliários, tomamos a liberdade de associar essa mudança ao que seria a entrada da Mooca na pós-modernidade.

O que diferenciaria a modernidade de sua superação, a pós-modernidade, é, segundo Giddens (1991) e Harvey (2001), a maneira como esses períodos históricos lidam com os conceitos de tempo e espaço. Enquanto para Harvey ocorreu uma compressão espaço-tempo, para Giddens tempo e espaço se separaram no estágio presente do que seria essa pós-modernidade.

Para Harvey (2001), o fenômeno da compressão espaço-tempo pode ser entendido como uma aceleração ou encolhimento do tempo de execução das atividades, sobretudo as relacionadas ao modo de produção capitalista nos seus processos de criação e manufatura, ou seja, as inovações vão sendo aceleradas, ao mesmo tempo em que se encolhe o tempo de vida útil dos produtos. Em outras palavras, de maneira cada vez mais rápida, novas mercadorias são lançadas ou atualizadas, ao mesmo tempo em que, dada a velocidade contínua de criação e recriação, mais e mais produtos inundam o mercado, a ponto de acelerar a obsolescência dos produtos existentes que vão sendo cada vez mais rapidamente substituídos.

Vale notar que não estamos apostando no conceito puro de obsolescência programada, tão caro ao filósofo István Mészáros (2011). Entendemos que a taxa de utilização decrescente no capitalismo como esse autor advoga, reduz o tempo de vida das mercadorias, mas criticamos a ideia de obsolescência planejada, muitas vezes tratada como um plano – pensado de maneira racional – de aceleração do envelhecimento prematuro das mercadorias. A leitura que fazemos de Harvey e de seu conceito de compressão espaço-tempo, é que a inovação é a consequência do processo de aceleração – ou seja, da compressão espaço-tempo –, que, como consequência, acelera a obsolescência das mercadorias sem que fosse algo planejado de antemão, como uma leitura vulgar de Mészáros pode levar a entender. Ocorre de fato "o abandono ou o aniquilamento de bens e serviços que oferecem um potencial de utilização intrinsecamente maior" (Mészáros, 2011, p. 670), mas muitas vezes como resultado de inovações que surgem após o desenvolvimento da mercadoria original.

Já para Giddens (1991), a ideia de separação entre tempo e espaço é mais fácil de ser compreendida se tomarmos como referência a maneira como tempo e espaço se comportavam em épocas pré-modernas. Antes da Revolução Industrial, tempo e espaço, ou melhor, tempo e lugar, eram quase sinônimos, afinal, não era possível informar o horário do dia sem que estivesse referenciado a algum lugar. Entendemos que, por

exemplo, se um indivíduo informasse que choveu ontem no meio da tarde, certamente seu interlocutor poderia afirmar que ele se molhou, pois no meio da tarde ele estaria invariavelmente no meio da sua lavoura sem ter como se proteger da chuva. Dito de outra forma, o horário determinava o local em que se estava.

A modernidade, segundo Giddens (1991), separou essas variáveis a ponto de o tempo passar a ser socialmente definido. Por exemplo, imagine o trabalho no campo e o trabalho na indústria: enquanto em eras pré-modernas o clima influenciava a localização do agente, como no caso de uma chuva forte que viesse a impedir o trabalho, a sirene de início do expediente na fábrica faz com que os operários estejam lá faça chuva ou faça sol.

Outra mudança significativa para esse autor é que enquanto em etapas pré-modernas "[...] as dimensões espaciais da vida social são, para a maioria da população, e para quase todos os efeitos dominadas pela 'presença' – por atividades localizadas" (Giddens, 1991, p. 27), isso deixa de ocorrer na pós-modernidade. Ele afirma que "O advento da modernidade arranca crescentemente o espaço do tempo fomentando relações entre outros 'ausentes', localmente distantes de qualquer situação dada ou interação face a face" (Giddens, 1991, p. 27). Para exemplificar, considere uma intervenção na Mooca, como a construção de uma casa. Em etapas pré-modernas, as partes interessadas, isto é, construtor, dono do terreno e futuro morador, estariam frente a frente decidindo local de paredes e coisas do tipo. Agora, no período pós-moderna, muitas dessas decisões ocorrem distanciadas tanto das pessoas, como do próprio lugar onde essas mudanças ocorrerão.

Isso foi materializado na aprovação do novo Plano Diretor do município de São Paulo realizada em 2002. Foi essa mudança, aprovada pela Câmara Municipal, que permitiu a construção de edifícios com mais de 30 andares em condomínios fechados (Sales Pereira, 2017). Da mesma maneira como uma empresa pode decidir pela manutenção ou fechamento de uma fábrica localizada em algum país situado em outro continente, sem que o *board* da empresa sequer precise visitar para conhecer o lugar, é assim que foi decidida a maneira como a Mooca seria ocupada no século XXI.

Portanto, a Mooca é uma zona de fricção, em que modernidade, tradição e pós-modernidade se encontram e se chocam. O Juventus, símbolo deste local, repercute

esses eventos que ocorrem no seu entorno e sofre também os impactos. Portanto, a implantação ou não da SAF passa também pelos interesses de diversos agentes, que não obrigatoriamente convergem.

Para compreender melhor a questão da SAF aplicada ao Juventus se faz necessário conhecer esses agentes.

A quem interessa a safização do Juventus?

Na página da Wikipedia dedicada ao Juventus (Clube Atlético Juventus, s.d.) encontra-se uma foto que mostra a torcida "Setor 2". As faixas penduradas no alambrado, todas nas cores grená e branco, e a maioria escrita no idioma italiano, representam bem a comunidade imaginada em torno do moleque travesso. Algumas exaltam a origem operária e a "italianidade" do time. Outra faixa relembra, pela data, os títulos de campeão da Primeira Divisão da Associação Paulista de Esportes Atléticos em 1929, da Taça de Prata da Confederação Brasileira de Futebol em 1983 e da Série A2 do Campeonato Paulista de 2005. Outra expressa a paixão pelo time: "*Dio come ti amo*". Acima de todas, a faixa com o nome da torcida e a frase "*La Famiglia*".

Na foto da capa do perfil atribuído à torcida no Facebook (Famiglia Setor 2, s.d.) identificamos o que provavelmente são camisetas dobradas em que o distintivo do clube aparece em destaque, uma espécie de flâmula, um pequeno totem, duas velas acesas e ao lado de cada uma delas, um cartão. No cartão da esquerda, além do distintivo do clube nomes de pessoas: Nori, Pando, A. Minhoca e Buzzeto. No cartão da direita se repete o distintivo do clube e alguns anos: 1924, 1934, 1971, 1983, 2005 e 2007.

Os nomes no cartão da esquerda remetem a ídolos do time: Clóvis Nori, que possui até um busto no clube, inaugurado em 1994 (Portal da Mooca, s.d.). José Pando, famoso por ter sofrido uma lesão em um choque com Pelé (Silva, s.d.). Antoninho Minhoca, ponta direita que jogou no Juventus nos anos 1960 (Terceiro Tempo, s.d.). Milton Buzzeto, além de ter sido jogador, é reconhecidamente o técnico mais famoso da história do time, tendo atuado nessa função por sete anos (Milton Buzetto, *s.d.*), e famoso por instituir um esquema tático defensivo, a retranca, difícil de ser vencido e que engrandeceu o mito do moleque travesso, pois recorrentemente impedia vitórias dos grandes times de São Paulo (Hiar, 2018).

As datas presentes no cartão da direita são anos de glória do time. Destacam-se a fundação do clube em 1924 e as conquistas do campeonato paulista de 1934, do paulistinha de 1971, da taça de prata de 1983, da série A2 do campeonato paulista em 2005 e da copa paulista de 2007.

A tradição parece ser a marca da torcida organizada e se posicionam de maneira contrária a implantação de uma possível SAF, aventada entre o grupo de torcedores. Entende que a SAF não é uma panaceia e representa uma iniciativa que "só atende interesses particulares, ao invés de suprir o necessário, pensando no bem da instituição Clube Atlético Juventus" (Setor 2, 2024). Se dispõem a apresentar alternativas à SAF e entendem que o problema maior se encontra na gestão do clube.

Mas a torcida organizada não é o único interessado no tema. Conforme aponta Hamilton Kunioshi, o clube social é parte interessada também, afinal, é quem sustenta o time junto com os patrocinadores. Por causa disso, há sócios que preferem que as verbas sejam destinadas às instalações do clube social em vez manter o time de futebol (Pensamento em Gotas, 2025). Sob esse prisma, entendemos que na visão desses torcedores a SAF poderia ser vantajosa para o clube social, pois a receita oriunda dessa transação aumentaria os recursos para a área social.

Entretanto, essa separação entre o clube social e o time de futebol que ocorreria com a implantação da SAF traz riscos capazes de afetar a identidade não apenas da torcida, mas do próprio bairro. A Setor 2 aventa a possibilidade de que o time de futebol do Juventus possa até sair do bairro (Setor 2, 2022), e nos parece que eles se mostram muito realistas nesse ponto, pois o processo de safização torna possível à gestora do time muda-lo de cidade, como fizeram com o já citado Grêmio Barueri. Em outro exemplo, ainda que não fosse com o esquema de SAF, o time do Guaratinguetá, sediado na cidade de mesmo nome no estado de São Paulo, mudou-se para a cidade de Americana-SP e, nesse processo, mudou o uniforme e até o mascote do time (Vnews, 2010), ainda que posteriormente tenha retornado à Guaratinguetá-SP (Globo Esporte, 2011).

É notável que, sob a perspectiva de oposição à corrente de pensamento que considera a SAF como a única solução para o futebol, Hamilton Kunioshi observa que há a manifestação de uma forma de contracultura (Pensamento em Gotas, 2025). Essa

manifestação se traduz em esforços e paixão voltados tanto ao resgate do "futebol raiz" quanto à resistência à sua mercantilização. Diante disso, torna-se complexo definir a posição da torcida organizada em relação a esse tema. Embora represente a tradição e se oponha à transformação do time em SAF, o que poderia, em última análise, reforçar um tradicionalismo conservador, ela simultaneamente busca soluções de gestão organizacional, como nas áreas de comunicação e marketing, demonstrando potencial para modernizar a administração do futebol.

Vale salientar ainda que há torcedores individuais que gostariam de ver o Juventus transformado em SAF mesmo, a ponto de discutirem com os membros da Setor 2 nos comentários de posts do Facebook, argumentando que a chegada de dinheiro novo poderia revitalizar o futebol (Setor 2, 2022).

Ainda com relação aos *stakeholders* envolvidos na questão da safização do Juventus, é importante, a nosso ver, envolver os novos moradores da Mooca que vieram com a expansão imobiliária do bairro nas últimas décadas. Acreditamos que talvez esteja nesse grande contingente populacional o elemento capaz de revitalizar o que é ser torcedor do Juventus. Se como afirma Hall (2006, p. 62), que "A Europa Ocidental não tem qualquer nação que seja composta de apenas um único povo, uma única cultura ou etnia", a ponto de chama-las de "híbridos culturais", podemos pensar na torcida do Juventus também como um híbrido, ou seja, uma matriz que integra não apenas povos diferentes e distanciados de maneira espacial ainda que no mesmo bairro, como a torcida organizada, os sócios e os dirigentes do clube social, os torcedores individuais e os novos moradores do bairro, mas também grupos sociais distanciados em tempos diferentes. Uns envolvidos em um passado de tradição e outros ansiosos pelo futuro, de forma a conectar a tradição, a modernidade e a pós-modernidade do bairro e de seus habitantes.

Isso seria possível se os novos moradores começassem a fazer parte daquela comunidade imaginada. Tomando como referência a esfera nacional, Hall (2006, p. 58) nos indica que há três elementos capazes de amalgamar "uma cultura nacional como uma comunidade imaginada: as memórias do passado; o desejo por viver em conjunto; a perpetuação da herança".

Quanto ao primeiro elemento, falta um local no bairro para proteger essa memória. Talvez o ideal fosse um museu, mas nem isso é necessário. A camisa e outros símbolos do Juventus espalhados e em destaque nos estabelecimentos comerciais da Mooca podem ser suficientes. Como aponta a Setor 2, o marketing mostra-se necessário. O desejo por viver em conjunto depende dos lugares em que as pessoas se orgulham em estar: na Mooca em si e na Rua Javari, endereço do estádio do Juventus. Já a perpetuação da herança, de bairro-nação-italiano-operário, entendemos que é mais que isso. A herança agora já não se restringe apenas ao passado que pode ser mantido como mito de origem, mas há outras conformações arquitetônicas e econômicas que já se fazem presente, como os próprios novos condomínios e seus moradores. Saber receber essa nova comunidade, pode ser a receita para recuperar a importância do time e, quem sabe, a partir dessa nova conformação social, convergir interesses, espaços e tempos tão distintos.

Considerações finais

Em um primeiro instante exploramos as Sociedades Anônimas do Futebol como um modelo em expansão tanto no Brasil quanto no exterior, destacando exemplos nacionais e analisando os fatores contextuais que impulsionaram os clubes a adotar essa estrutura privada, a saber: formas pouco profissionais da gestão dos clubes associativos, endividamento progressivo e um processo de espanholização do futebol competitivo.

Em um segundo instante, procuramos entender a ideia de resistência à implantação da SAF no Juventus a partir de um olhar de pertencimento e identidade relacionado ao lugar. Especificamente ao bairro da Mooca. A sobremodernidade tem promovido a expansão dos não-lugares, esvaziando espaços de significado e de história. No entanto, a Mooca resiste a esse fenômeno, preservando-se como um lugar antropológico por meio de sua memória, de seus laços sociais e de seus símbolos culturais. O Clube Atlético Juventus emerge como um elemento central desse processo, consolidando a Mooca como um espaço de pertencimento e identidade. Em um mundo onde a transitoriedade se impõe sobre a permanência, a Mooca e o Juventus representam uma forma de resistência ao apagamento da história, reafirmando a importância dos lugares como espaços essenciais para a construção das subjetividades e das relações humanas.

Na sequência, propusemos compreender o propósito da própria SAF tentando localizar pontos de convergência entre os que a adotaram. Localizamos dois grupos distintos: o dos grandes, porém decadentes times de futebol, e os do "meio da tabela" que almejam ganhar importância. A partir dessa análise percebemos que para esses dois grupos, a SAF enquanto salvação os posicionavam em períodos temporais diferentes: os que querem uma volta a um passado de importância e outros que buscam o protagonismo no futuro. De posse desse entendimento, fomos analisar a maneira como o Clube Atlético Juventus e a Mooca se encontram imbricados.

Descobrimos que a Mooca é uma área de fricção em que tradição, modernidade e pós-modernidade se fazem presentes. De maneira espelhada entre esses tempos históricos estão os grupos sociais no entorno do Juventus, mas com sutilezas. Por exemplo, a torcida organizada é ao mesmo tempo tradicional e com um pé na modernidade da história italiana-operária, mas também, preocupada com novas formas de gestão, que podemos dizer flexíveis, por envolver Marketing e Mídia, o que nos permite coloca-la na estante da pós-modernidade.

Vimos ainda interesses distintos em diversos públicos.

Conclui-se, portanto, que o mais importante sob o ponto de vista cultural é reaglutinar o bairro em torno da ideia de comunidade imaginada por meio do que podemos pensar em assimilação cultural dos novos moradores. Talvez isso pudesse revitalizar o time e a partir disso, pensar a questão da SAF.

Referências

ABRAHÃO, G.; PARRELA, L. *Contrato da venda da SAF do Vasco é revelado; veja os valores.* CNN Brasil, 23 ago. 2022. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/futebol/vasco-da-gama/contrato-da-venda-da-saf-do-vasco-e-revelado-veja-os-valores/. Acesso em: 8 jan. 2025.

ALMEIDA, P. I. *Vasco associativo consegue liminar, justiça afasta 777 e assume controle da SAF*. ESPN Brasil, 14 fev. 2023. Disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/vasco/artigo/_/id/13665768/vasco-associativo-consegue-liminar-justica-afasta-777-assume-controle-saf. Acesso em: 17 fev. 2025.

ANTUNES, F. M. R. F. *O futebol nas fábricas*. Revista USP, São Paulo, n. 22, p. 102–109, 1994. Disponível em: https://revistas.usp.br/revusp/article/view/26963. Acesso em: 26 fev. 2025.

AQUINO, M. *Com 63 SAFs no Brasil, oito estados ainda não têm clubes que aderiram ao modelo; veja quais são*. GE Globo, 16 nov. 2024. Disponível em: https://ge.globo.com/pb/futebol/noticia/2024/11/16/com-63-safs-brasil-oito-estados-ainda-nao-tem-clubes-aderiram-modelo-veja-quais-sao.html. Acesso em: 22 fev. 2025.

AUGÉ, M. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Campinas:
Papirus, 1994.

BRASIL. *Lei nº 14.193*, de 6 de agosto de 2021. Institui a Sociedade Anônima do Futebol e dispõe sobre regras de constituição, governança, controle e transparência. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 6 ago. 2021. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/l14193.htm. Acesso em: 10 jan. 2025.

BROWN, A.; CABRAL, R. *«Not for sale»? A destruição ea reforma das comunidades futebolísticas na aquisição do Manchester United pelos Glazer*. Análise social, p. 555-582, 2006.

CLUBE Atlético Juventus. *In:* Wikipedia, a enciclopédia livre. [s.d.]. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Clube_Atl%C3%A9tico_Juventus. Acesso em: 25 fev. 2025.

COSTA, G. *Clube-empresa desde a fundação, Cuiabá vira SAF e abre caminho dentre os times da Série A*. GE Globo, 18 jan. 2023. Disponível em: https://ge.globo.com/mt/futebol/times/cuiaba/noticia/clube-empresa-desde-a-fundacao-cuiaba-vira-saf-e-abre-caminho-dentre-os-times-da-serie-a.ghtml. Acesso em: 22 jan. 2025.

DUTRA, D. *É oficial: empresário da Premier League compra o Botafogo por R$ 400 milhões*. PressFut, 14 mar. 2022. Disponível em: https://pressfut.com/post/e-oficial-empresario-da-premier-league-compra-o-botafogo-por-r-400-milhoes/. Acesso em: 29 jan. 2025.

FAMIGLIA SETOR 2. *Página oficial*. Facebook, s.d. Disponível em: https://www.facebook.com/famigliasetor2. Acesso em: 26 fev. 2025.

FURONI, E. C. *O Cotonifício Crespi e a Greve Geral de 1917*. 2006. 74 f. Monografia (Graduação em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em:

https://www.stavale.com/acervo/Monografia%20de%20Eliane%20Cristina%20Furoni%20sobre%20o%20Cotonificio%20Crespi%20e%20a%20Greve%20Geral%20de%201917.pdf. Acesso em: 26 fev. 2025.

GLOBO ESPORTE. *Americana anuncia volta de sede e nome para Guaratinguetá*. GE Globo, 28 nov. 2011. Disponível em: https://glo.bo/tR6E8D. Acesso em: 26 fev. 2025.

GLOBO ESPORTE. *R$ 50 milhões? R$ 400 milhões? Em carta, Ronaldo esclarece valores de aporte no Cruzeiro*. GE Globo, 17 mar. 2022. Disponível em: https://ge.globo.com/futebol/times/cruzeiro/noticia/2022/03/17/r-50-milhoes-r-400-milhoes-em-carta-ronaldo-esclarece-valores-de-aporte-no-cruzeiro.ghtml. Acesso em: 14 fev. 2025.

GOMES, G. F.; PACÍFICO, M. 7 A 1: *Uma década depois, o que aprendemos sobre o Brasil?* História, Debates e Tendências. v. 24, n. 3, p. 205-221, set./dez. 2024

GOMES, J. *Bem-vindos à espanholização do futebol brasileiro!* Uol**,** 09 mar. 2021. Disponível em: https://www.uol.com.br/esporte/colunas/julio-gomes/2021/03/09/bem-vindos-a-espanholizacao-do-futebol-brasileiro.htm. Acesso em: 21 fev. 2025.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade.* Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARVEY, D. *Condição pós-moderna***.** São Paulo: Edições Loyola, 2001.

HIAR, R. Mortes: *'Doutor Retranca' fez história com um futebol defensivo*. Folha de S.Paulo, 2018. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/09/mortes-doutor-retranca-fez-historia-com-um-futebol-defensivo.shtml. Acesso em: 26 fev. 2025.

HOBSBAWN, E. *Mundos do Trabalho***.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

MAGATTI, R. *Quantos times do Brasileirão são SAFs? Veja lista e quem mais pode virar clube-empresa*. O Estado de S. Paulo**,** 17 jan. 2023. Disponível em: https://www.estadao.com.br/esportes/futebol/quantos-times-do-brasileirao-sao-safs-veja-lista-e-quem-mais-pode-virar-clube-empresa/?srsltid=AfmBOorWN2sOxfAnk6WLgeHwRkCgUVFayIXOZ9QShj01Dfn4ZA4bMO6d. Acesso em: 5 fev. 2025.

MANTO JUVENTINO. *A origem do Moleque Travesso, o mascote do Juventus | Manto Juventino. Manto Juventino.* YouTube, 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=a_8HjlZwRYk. Acesso em: 26 fev. 2025.

MANTO JUVENTINO. *A história do nome e das cores do Juventus da Mooca | Juventus 100 anos. Manto Juventino*. YouTube, 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=pcN8Fbx10LU. Acesso em: 26 fev. 2025.

MARTINEZ, T. G. C.; PACÍFICO, M. *Seria a escola um não-lugar?* Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais, Anápolis, v. 11, n. 1, p. 36-50, 15 dez. 2022. Disponível em: https://www.revista.ueg.br/index.php/sapiencia/article/view/12877. Acesso em: 27 fev. 2025.

MELO JUNIOR, A.; MORAIS, R. *Estudo de Caso Como Estratégia de Investigação Qualitativa*
em Educação. Ensaios Pedagógicos (Sorocaba), vol.2, n.1, jan./abr. 2018, p.26-33.

MÉSZÁROS, I. *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*. São Paulo: Boitempo, 2011.

MILTON BUZETTO. In: Wikipedia - A enciclopédia livre, 2025. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Milton_Buzetto. Acesso em: 26 fev. 2025.

PACCIAROTTI, J. *Rodolfo Crespi, il conte di Busto Arsizio*. ArteVarese.com, 2020. Disponível em: https://www.artevarese.com/rodolfo-crespi-il-conte-di-busto-arsizio/. Acesso em: 26 fev. 2025.

PACHECO, C. A.; e PATARRA, N. L. *Movimentos migratórios anos 80: novos padrões?*. In: PATARRA, N; BAENINGER, R.; BOGUS, L. e JANNUZZI, P. (orgs). Migração, condições de vida e dinâmica urbana: São Paulo 1980-1993. Campinas: Unicamp, 1997.

PEREIRA, V. S. *Memória Social, Imigração Italiana e Gentrificação no Bairro da Mooca.* Projeto História, São Paulo, n. 58, pp. 148-181, Jan.-Mar. 2017. Disponível em: http://dx.doi.org/10.23925/2176-2767.2017v58p148-181. Acesso em: 20 fev. 2025.

PENSAMENTO EM GOTAS. *Bate-Papo com Manto Juventino: Sobre o Juventus e a Mooca*. Youtube, 22 fev. 2025. 1h 05 min 59 seg. Disponivel em: https://www.youtube.com/watch?v=LY09rQzHf94. Acesso em: 26 fev. 2025.

PORTAL DA MOOCA. *Busto de Clóvis Nori – o maior ídolo juventino – completa 25 anos.* Portal da Mooca. [s.d]. Disponível em: https://portaldamooca.com/busto-de-clovis-nori-o-maior-idolo-juventino-completa-25-anos/. Acesso em: 26 fev. 2025.

RIBEIRO, A. *Diamante Eterno: biografia de Leônidas da Silva*. São Paulo: Gryphus, 2000.

SALES PEREIRA, V. *Memória social, imigração italiana e gentrificação no bairro da Mooca.* Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, *[s. l.]*, v. 58, 2017. DOI: 10.23925/2176-2767.2017v58p148-181. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/30953. Acesso em: 23 fev. 2025.

SETOR 2. **O Juventus pode acabar!** Facebook**,** 2 jun. 2022. Disponível em: https://www.facebook.com/famigliasetor2. Acesso em: 26 fev. 2025.

SETOR 2. *Se SAF não é solução, o que fazer?* Facebook, 3 ago. 2024. Disponível em: https://www.facebook.com/famigliasetor2. Acesso em: 26 fev. 2025.

SEYFERTH, G. *Os estudos da imigração no Brasil: notas sobre uma produção multidisciplinar.* In: SEYFERTH, G. et al. Mundos em movimento: Ensaios sobre migrações. Santa Maria: Editora UFSM, 2007.

SILVA, T. Pando - *Ex-lateral esquerdo do Juventus,* Terceiro Tempo s.d. Disponível em: https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/pando-3220. Acesso em: 26 fev. 2025.

TERCEIRO TEMPO. *Que fim levou? Antoninho Minhoca*. Terceiro Tempo, s.d. Disponível em: https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/antoninho-minhoca-2665

TIRONI, E. *Uma SAF não pode comprar a alma de um clube*. Folha de S.Paulo, São Paulo, 6 ago. 2024. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2024/08/uma-saf-nao-pode-comprar-a-alma-de-um-clube.shtml. Acesso em: 26 fev. 2025.

TOLEDO, E. *Um ano extraordinário: greves, revoltas e circulação de ideias no Brasil em 1917*. Estudos Históricos (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 30, n. 61, p. 497-518, maio/ago. 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/eh/a/4pzvZkq8Cmf54NrbCfC7pCD/. Acesso em: 26 fev. 2025.

TRADIÇÃO. *In:* DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2025. Disponível em: https://www.dicio.com.br/tradicao/. Acesso em: 21 fev. 2025.

VITIELLO, S. C. B.; CONTI, D. de M.; OLIVEIRA, E. A. de A. Q.; QUARESMA, C. C.; MIZUTANI, M. N. P. *A influência das políticas públicas na produção do espaço urbano: o caso do bairro da Mooca / São Paulo – Brasil.* Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional, *[S. l.]*, v. 15, n. 2, 2019. Disponível em:

https://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/4462. Acesso em: 23 fev. 2025.

VNEWS. *Guaratinguetá oficializa mudança para cidade de Americana*. Globo.com, 15 out. 2010. Disponível em: https://glo.bo/1v4OqFh. Acesso em: 26 fev. 2025.

Torcidas Organizadas para além do futebol e pesquisas para além do texto: notas de uma etnografia multimodal

Organized supporters beyond soccer and research beyond the text: notes from a multimodal ethnography

Roberto Souza Junior[1]
Universidade Federal de São Carlos, Brasil
São Carlos, SP
r.alencarjunior@hotmail.com
https://orcid.org/0000-0002-1391-6750

Recebido em: 10 de abril de 2025
Aceito em: 12 de março de 2026

[1] Este artigo é fruto das pesquisas financiadas pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processos n.º: 2022/14384-4; 2025/03366-3.

Resumo: Neste artigo discuto a etnografia multimodal como prática e horizonte metodológico a partir da experiência de campo com Torcidas Organizadas que extrapolam o futebol e se constituem também como Escolas de Samba, em São Paulo, Brasil. Ao acompanhar esses coletivos entre arquibancadas e avenidas, busco compreender como suas formas de pertencimentos e sociabilidades se expandem no cotidiano urbano, exigindo, assim, um deslocamento constante do olhar etnográfico em direção a modos mais múltiplos, sensíveis e inventivos de observação e produção do conhecimento. Com base nisso, o texto propõe a insurgência de metodologias comprometidas com deslocamentos etnográficos que atravessam não apenas a experiência em campo, mas também suas formas de confecção, relação e difusão, em diálogo com interdisciplinaridades artísticas como o desenho, a fotografia, o podcast e as produções fílmicas. O audiovisual, nesse contexto, emerge como vetor de interlocução capaz de tensionar a centralidade da escrita acadêmica e reconfigurar as relações entre pesquisador(a), interlocutores e formatos de devolutivas. A multimodalidade afirma-se, assim, como eixo do fazer etnográfico, ao incorporar imagens, sons e gestos como dimensões constitutivas das relações e da própria produção de conhecimento das Torcidas Organizadas para além do futebol, e das pesquisas para além do texto. A partir desse percurso, defendo a experimentação metodológica como condição para melhor apreender e dialogar com a expansão e a complexidade das experiências urbanas contemporâneas em torno do futebol e seus atravessamentos socioculturais.

Palavras-chave: Etnografia Multimodal. Antropologia das Práticas Esportivas. Antropologia Visual. Torcidas-Escolas. Pertencimentos e sociabilidades.

Abstract: This article discusses multimodal ethnography as both a practice and a methodological horizon, drawing on fieldwork with Brazilian Torcidas Organizadas that extend beyond football and also operate as Escolas de Samba in São Paulo, Brazil. By engaging with these collectives across stadium terraces and carnival avenues, it seeks to understand how forms of belonging and sociability expand within everyday urban life, thus requiring a continuous shift in the ethnographic gaze toward more multiple, sensorial, and inventive modes of observation and knowledge production. From this perspective, the article proposes the emergence of methodologies committed to ethnographic displacements that traverse not only fieldwork itself but also the processes of making, relating, and disseminating knowledge, in dialogue with artistic interdisciplinary practices such as drawing, photography, podcasting, and filmmaking. In this context, the audiovisual emerges as a key vector of interlocution, capable of challenging the centrality of academic writing and reconfiguring relationships between researcher, interlocutors, and modes of feedback. Multimodal ethnography thus asserts itself as a central axis of ethnographic practice by incorporating images, sounds, and gestures as constitutive dimensions of both social relations and knowledge production. This is particularly evident in the study of Torcidas Organizadas beyond football, as well as in research practices that move beyond text-based formats. From this perspective, I argue that methodological experimentation is a necessary condition to better apprehend and engage with the expansion and complexity of contemporary urban experiences surrounding football and its sociocultural entanglements.

Keywords: Multimodal Ethnography. Anthropology of Sports Practices. Visual Anthropology. Torcidas-Escolas. Belongings and sociabilities.

Considerações iniciais

Pensar sobre as Torcidas Organizadas para além das dinâmicas unicamente atreladas ao futebol não é uma tarefa simples. Um dos primeiros desafios é fugir do mantra discursivo que os próprios torcedores e suas torcidas acionam como uma espécie de mito fundante de suas primeiras narrativas: "existimos em prol do clube…". O que obviamente carrega em si um fato fundacional, mas está longe de ser a única fonte de existência e pertencimento das torcidas na contemporaneidade.

Para além desse primeiro desafio, um outro logo se apresenta quando o assunto é fazer pesquisa entre torcedores organizados: como fugir da obviedade temática do futebol e suas manchetes já dadas? Como resistir ao prato cheio de querer etnograficamente responder, ainda que em contraponto, a pautas jornalísticas que reduzem o coletivo e suas questões sociais complexas, em meras práticas elementares de festas e/ou violências em torno do jogo e suas rivalidades antagônicas?

Por meio de um experimento que não tem a menor pretensão de encerrar aqui a discussão e/ou apontar melhores e piores caminhos, proponho algumas (auto) críticas sobre as metodologias que tenho visto e utilizado em meu trabalho etnográfico. E discuto, a partir disso, como nossas metodologias em geral podem nos afastar e/ou nos aproximar de um mergulho mais profundo no universo que pretendemos desbravar, como é o caso aqui das Torcidas Organizadas, mas também do campo mais amplo de pesquisas sobre o Futebol e seus entornos socioculturais.

Neste artigo, reflito especificamente sobre dois aspectos primordiais em nossos trabalhos etnográficos: a confecção e a produção. A partir disso discorro sobre as possibilidades de ampliação dos produtos de nossas pesquisas (artigos, monografias, dissertações e teses) para experimentos multimodais que extravasam o texto e a academia. No entanto, adianto que, não se trata de uma questão unicamente de formato final do que fazemos, mas sim da relevância que o diálogo entre *como fazer* (processo etnográfico) e *como mostrar* (produto da etnografia) podem mudar e influenciar a perspectiva de toda a pesquisa. E em meio a essa relação indissociável e não linear de ambas as coisas, é que insiro este texto.

Por isso, ao indicar a multimodalidade como alternativa para os trabalhos contemporâneos com as Torcidas Organizadas, me refiro a todo o processo etnográfico voltado a pluralidades de observações, análises e devolutivas. Pois, acredito que tomar esse caminho de repensar o que fazemos e como fazemos, é também uma maneira de abandonarmos o conforto do já sabido em nosso campo, e nos permitirmos a imprevisibilidade de novas questões que podem e devem emergir em nossas experiências etnográficas. E com isso, enfim nos abrirmos para novos temas que sempre estiveram ali, mas raramente foram percebidos com a devida atenção e relevância.

Por exemplo: quem são os torcedores organizados para além dos que vivem em torno do torcer pelo futebol? Quais são os rostos e corpos invisíveis que apesar de estarem ali nunca aparecem como expressão do que é ser torcedor organizado? Quantas histórias não estão sendo contadas por não serem sobre paixão clubística, embates físicos e violência, torcedores símbolos, ou grandes aventuras em caravanas? Onde estão as mulheres nas torcidas organizadas, e quais suas histórias e enfrentamentos em meio a essa estrutura coletiva em torno da masculinidade hegemônica? E os homens que possuem masculinidades dissidentes, como enfrentam o cotidiano nesses ambientes? Como é envelhecer dentro de estruturas organizadas em torno da vitalidade juvenil? Como é ser LGBTQIAP+ em torcidas organizadas? Como é amar o carnaval e não gostar de futebol dentro de uma Torcida-Escola? Como se dão as dinâmicas de racialidade e poder nas estruturas internas das torcidas?

Lamento pelo spoiler, mas essas perguntas disparadoras não serão respondidas aqui. Apesar de me ater a cada uma delas (e outras tantas) em meu processo etnográfico, aqui elas surgem apenas como uma pequena fresta em meio às portas que historicamente tem se fechado, pela mídia e também por pesquisas acadêmicas, que insistem em observar e representar as torcidas organizadas como apenas um fenômeno hegemônico atrelado ao futebol e a virilidade. Parece até que nada mais existe para além disso. O que etnograficamente se mostra uma grande e desnecessária ilusão reducionista, que na mesma toada ignora questões complexas e atores marginais dentro dos movimentos, e preconceituosa, pois reduz tudo a uma única coisa odiosa.

Caminhar por outra perspectiva, porém, significa um tensionamento do olhar apressado, pois ver diferente é consequência de um caminhar etnográfico direcionado a outras coisas e com isso também a negociação de outros lugares em campo. Por isso,

nessa busca de (vi)ver as *torcidas organizadas para além do futebol*, nos últimos anos tenho ido em todo tipo de atividade cotidiana das agremiações, como reuniões, rodas de samba, feijoadas, aulas de artes marciais, cursinhos preparatórios, futsal feminino, capoeira, festas, ensaios de carnaval, desfiles, esquentas pré e pós jogo, encontros diversos, etc. E para isso, senti a necessidade de algumas atualizações metodológicas já nas formas de confecção da pesquisa. E é nesse cenário que insiro a discussão sobre multimodalidade etnográfica, desde a forma inicial de conceber a pesquisa até seus produtos finais, comprometidos com uma noção de contrapartida social, política e de utilidade aos nossos interlocutores.

Portanto, ao decorrer deste artigo apresento brevemente a etnografia multimodal, e dou ênfase ao que acredito ser relevante trazer para a discussão contemporânea sobre os estudos socioculturais em torno do futebol. Também relaciono constantemente meu atual exercício etnográfico audiovisual entre as Torcidas Organizadas que também são Escolas de Samba na cidade de São Paulo, as quais chamo de Torcidas-Escolas, com outras experimentações multimodais de pesquisadoras e pesquisadores de outros campos, temáticas e linguagens.

A partir disso, objetivo lançar luz ao debate sobre a importância, para o campo de estudos em torno das torcidas (e do futebol), da experimentação de formas multimodais de confecção das pesquisas e seus produtos finais. Como aqui proposto a partir de um experimento etnográfico multimodal entre Antropologia, Etnomusicologia e Audiovisual.

Como a etnografia multimodal chegou em mim?

Em *O efeito etnográfico*, Marilyn Strathern (2017) nos diz que a etnografia começa muito antes de chegarmos no campo de pesquisa, e termina bem depois que vamos embora dele. Para a autora o pensar sobre como será a pesquisa, o pré campo, e o processo de análise e escrita de artigos, dissertação ou tese, o pós campo, tudo isso faz (além do próprio campo, obviamente) parte do *momento etnográfico*.

No audiovisual existe uma palavrinha mágica que atravessa todos os estágios de uma produção, seja ela qual for: *roteiro*. É ele quem determina para onde todos os outros passos serão dados, tanto na pré quanto na própria produção e também na pós.

Diria, grosso modo, que é o equivalente ao nosso "projeto de pesquisa". E apesar do roteiro, assim como o projeto, não ser uma coisa fechada e inalterável até o fim da produção, ainda assim ambos exercem um certo controle narrativo de confecção das coisas. O que não é errado, só não se encaixa em todas as propostas e situações.

Por exemplo, na produção de um documentário, seja ele curta ou longa duração, o roteiro passa a ocupar um lugar chamado de *pré-roteiro*. Ou seja, ele traça um esqueleto imaginado dentro das expectativas do diretor(a), mas já sob a consciência de que o controle narrativo não será uma premissa somente sua (como no roteiro), pois isso passa a depender diretamente do que as personagens trarão em seus depoimentos. E é por isso que um documentário se constrói também na *montagem* (edição) póstuma e não só na roteirização prévia.

No processo de me tornar um documentarista vi bastante semelhanças com o fazer etnográfico. E na relação de ambas as práticas (em mim) passei a internalizar que em meus afazeres, o roteiro e o projeto de pesquisa eram meras ilusões de um controle que eu não queria ter. Afinal, uma das coisas que mais me cativava na antropologia é seu encantamento pelo não saber prévio, e seu flerte constante com o imprevisível do campo, o descobrimento. O que de certa forma também dialoga bastante com o futebol em si.

Entendo e valorizo os pormenores de cada uma das amarras metodológicas atreladas ao roteiro no audiovisual e ao projeto na antropologia, e seus passos no cumprimento de propósitos específicos são indiscutíveis. Mas em meus objetivos atuais de explorar vivências torcedoras para além do que por anos se convencionou catalogar, não me parecem mais surtirem tanto efeito. E por isso, a partir do que o campo tem me apresentado, decidi então me aprofundar de fato nesse processo de *montagem etnográfica* que uma relação multimodal em campo tem me proporcionado. O que significa dizer, largar o controle da narrativa e dos caminhos etnográficos a priori, e abrir, a partir da perspectiva multimodal, a pesquisa a diversas possibilidades que só serão de fato conectadas no processo posterior de *montagem* disso tudo.

Passei a pensar dessa maneira principalmente porque o universo observado entre carnaval e futebol, no qual estão imersas as Torcidas-Escolas que pesquiso na cidade de São Paulo, têm demandado cada vez mais metodologias sensoriais de análise e

produção etnográfica para além do texto e da observação participante. Não à toa, a questão imagética da etnografia sempre esteve como ponto central da percepção analítica das sociabilidades e pertencimentos em minhas pesquisas, justamente por compreender a importância estética e sensorial que os próprios interlocutores atribuem aos seus associativismos e formas de expressão visual.

A minha primeira experimentação multimodal foi em diálogo com a fotografia. E desde a pesquisa de Iniciação Científica (Processo FAPESP: 2018/23956-6), perpassando a de mestrado (SOUZA JUNIOR, 2022) e agora também na de doutorado (Processo FAPESP: 2022/14384-4) e a BEPE (2025/03366-3), somaram-se a prática de pesquisa minha aptidão enquanto fotógrafo e profissional do audiovisual. E a partir disso tenho explorado ainda mais as visualidades também nas produções científicas desde então (SOUZA JUNIOR, 2021; 2024a; SOUZA JUNIOR & ANDRADE, 2021a; 2021b; 2022a; 2022b; 2023).

No entanto, na atual pesquisa em andamento tenho buscado ampliar ainda mais o universo imagético da fotografia em contexto etnográfico para o campo mais múltiplo do audiovisual como um todo. Seja na captação de imagens e(m) movimentos, sons, falas e ambiências, ou na junção de ambas as coisas na experimentação cada vez mais constante de peças audiovisuais como curta metragens, documentários, filmes etnográficos e *videoclipes etnograficamente fundamentados* (RANOCCHIARI & GIORGIANNI, 2018; 2020; RANOCCHIARI & LUQUE, 2023). E por isso passei a ocupar também o papel de documentarista em campo, além de fotógrafo e pesquisador.

Essa ampliação, da pesquisa e do pesquisador em contexto etnográfico, tem surgido a partir de dois eixos principais: 1. da percepção de que se multiplicam as possibilidades de criar e desenvolver relações de interlocução por meio do uso das ferramentas de atuação audiovisual em campo, como bem explorado nas práticas da antropologia visual brasileira (BOUDREAULT-FOURNIER; HIKIJI & CAIUBY NOVAES, 2016; 2020; CAIUBY NOVAES, 2010; 2014; 2015); 2. E da possibilidade de retribuição, ao próprio campo, dos dados etnográficos observados ao longo de toda a pesquisa e suas experiências de imersão, sobretudo em uma linguagem que os próprios interlocutores valorizam e se sentem orgulhosos de receber, como as peças audiovisuais (DAMÁSIO, 2024; RANOCCHIARI, 2016; 2023).

Aqui também faço questão de pontuar que, me parece cada vez mais urgente que os estudos socioculturais em torno do futebol, sejam mais responsáveis e conscientes de seu compromisso social e político. Pois trabalhar com assuntos diretamente atrelados a cultura popular de interesse social e midiático, faz com que nossas produções precisem necessariamente dialogar mais com esses meios de diálogo e difusão dos saberes. Se nossos interlocutores não estão entendendo nossas pesquisas, não se interessam pelo que fazemos, ou se os assuntos só circulam em congressos e artigos científicos entre nossos pares, é porque não estamos conscientes e criativos o suficiente de nosso papel enquanto estudiosos das sociabilidades em torno do futebol. E acredito que a multimodalidade e o trabalho colaborativo podem nos ajudar com essa correção de rota.

A partir da experiência que tenho tido, posso dizer que não têm sido poucos os esforços para que esse movimento etnográfico seja embasado técnica e antropologicamente. Pois pouco adianta usarmos outras linguagens sem que as dominemos de fato. Por isso tenho buscado o aperfeiçoamento constante como profissional do audiovisual, mas também como antropólogo visual, e foi justamente traçando com mais afinco esse caminho bibliográfico e formativo que me deparei com a perspectiva multimodal, principalmente a proposta por Dario Ranocchiari (2016; 2023), em seus trabalhos etnográficos entre etnomusicologia, antropologia e audiovisual.

Foi aí que entendi que meus incômodos não eram só meus, e que muita gente já vinha repensando maneiras mais atuais de se fazer pesquisa, sobretudo compromissadas com novas experiências de *como fazer* e *como mostrar*.

O curioso é que, em minha caminhada etnográfica entre as Torcidas-Escolas, o caráter de atualização metodológica sempre existiu. Mas antes eu pensava que se tratava “apenas” de uma atualização teórica, de sair do eixo naturalizado de análise a partir do "pertencimento clubístico" para a proposição de ter como base o "pertencimento torcedor".

> Pertencimento torcedor conceitua atos contínuos e inconclusos, operador de sociabilidades menos reificadas pelas centralidades do clubismo. Metodologicamente, suas premissas buscam ampliar as possibilidades analíticas e etnográficas sobre práticas torcedoras, fazendo interagir novos recortes e renovados temas (...). (ANDRADE, SOUZA JUNIOR & TOLEDO, 2021, p. 5).

Mas depois de me deparar com os estudos de multimodalidade etnográfica, percebi que pouco adiantaria mudar a perspectiva teórica sem alterar também meu processo etnográfico e os produtos de minha pesquisa. E para seguir nesse caminho de tensionamento constante entre a forma de observação e a produção de conhecimento dos temas antes invisibilizados e agora colocados em perspectiva a partir do *pertencimento torcedor*, passei a me amparar nos preceitos da etnografia multimodal. Interessado justamente em unir a ampliação teórica da antropologia visual e da etnomusicologia com a aplicação técnica dessa multimodalidade também através das ferramentas audiovisuais.

E foi assim que compreendi, a partir do campo, como bem aponta Strathern (2017), que para levar a fundo minha proposta original de ver as *Torcidas Organizadas para além do futebol*, era preciso que eu também atuasse para além do papel tradicional de pesquisadores que por esse tema já se debruçaram. Afinal, em campo percebi que muitas coisas que são feitas para serem vistas e sentidas não vinham sendo mostradas e percebidas nas pesquisas até então, e muito disso, penso eu, por um caminhar etnográfico pouco direcionado às dinâmicas de sociabilidade do campo em torno de suas visualidades, sonoridades e ambiências.

Multimodalidade e co-utilidade nos estudos socioculturais do futebol

É importante demarcar que aqui não apresento uma única definição sobre etnografia multimodal, e isso é proposital. Pois o intuito é justamente demonstrar como existem muitas formas e maneiras de se explorar o fazer antropológico, sobretudo em diálogo com outras áreas e linguagens, e encontrar caminhos entre esses cruzamentos constantes, é o que faz um trabalho ser de fato multimodal.

A multimodalidade etnográfica já vem sendo discutida na literatura nos últimos anos. Em contextos internacionais, além de trabalhos já consolidados, sobretudo, na antropologia visual e outras linguagens artísticas correlacionadas (COLLINS; DURINGTON & GILL, 2017; BOULDREAULT-FOURNIER, 2020; RANOCCHIARI, 2016; 2023), destaco também o recente kit de avaliação de trabalhos multimodais em antropologia, lançado em Berlim, na Alemanha. Escrito por Judith Albrecht, Tomás Criado, Ignacio Farías, Andrew Gilbert, Carla J Maier, e publicado CC POR SA Institut für Europäische Ethnologie · HU Berlim, em 2025. O material visa discutir os desafios

de ensino e avaliação de propostas multimodais atreladas a linguagens mais artísticas que acadêmicas[2].

No Brasil a etnografia colaborativa tem explorado cada vez mais múltiplas modalidades de observação, e ampliado seus produtos finais para além do texto, seja nas já estabelecidas obras entre audiovisual, antropologia e etnomusicologia (BOUDREAULT-FOURNIER; HIKIJI & CAIUBY NOVAES, 2016; 2020; LEAHA, 2019; 2020, 2021), como também em experimentações ainda em curso, como por exemplo no compilado de teses multimodais que tenho visto e partilhado, de colegas com as mesmas inquietações, e que muito em breve hão de sair do forno. No entanto, no que tange o campo de pesquisa da Antropologia das Práticas Esportivas, ou mais especificamente das Torcidas-Escolas, tal discussão ainda me parece ser bastante inicial, para não falar inexistente.

Apesar de termos importantes produções das mais diversas linguagens na área mais ampla do futebol e seus fenômenos socioculturais, seja com documentários (PISANI, 2018; GASTALDO, 2019), exposições multissensoriais[3], ensaios visuais (SOUZA JUNIOR, 2024a; SOUZA JUNIOR & ANDRADE, 2025; SOARES DE ALMEIDA & PISANI, 2018) e demais produções imagéticas. São poucas as experiências que têm uma relação direta da confecção com o produto. Em resumo, é possível vermos pesquisas etnográficas que posteriormente têm seus dados utilizados em produções audiovisuais, mas são poucos os casos em que a confecção de ambas as coisas é também uma estratégia relacional da pesquisa. O que aqui proponho.

Da parte mais geral da etnografia colaborativa realizada no Brasil, em diversos contextos de pesquisa, a multimodalidade tem sido cada vez mais acionada de maneira bastante inventiva. E isso pode ser melhor visualizado nos trabalhos mais contemporâneos e que ainda estão em andamento e circulação nesse circuito mais experimental do fazer etnográfico multiforme (BOUDREAULT-FOURNIER; HIKIJI & CAIUBY NOVAES, 2016; 2020; CAIUBY NOVAES, 2010; 2014; 2015; DAMÁSIO, 2022a; 2022b; 2024; HIKIJI & CHALCRAFT, 2020; VELAME, 2023; 2024).

[2] Disponível em: https://www2.hu-berlin.de/multimodalappreciation/kit/. Acesso em: 18 de março de 2026.
[3] Um exemplo pode ser visto na exposição temporária do Museu do Futebol em São Paulo: “Vozes da Várzea”, 2025. Com curadoria de Alberto Luiz dos Santos e Diego Viñas.

No entanto, a maioria dos trabalhos esteve ou está direcionado, ao menos a meu ver, a exploração de novas formas que comuniquem o que nós pesquisadores achamos úteis expressar. E por isso, acredito que a principal contribuição de novas possibilidades multimodais pode fazer mais sentido para o nosso campo em torno dos estudos socioculturais do futebol, quando atreladas ao princípio de *co-utilidade*. Ou seja, a proposição de que as coisas também expressem o que nossos interlocutores julgam úteis em nossa atuação em campo e produção a partir dele.

A junção desses dois termos, multimodalidade e *co-utilidade* - como princípio de sua concepção é recente (RANOCCHIARI, 2023). E isso, a meu ver, tem apresentado um caráter multimodal inovador ao trabalho antropológico que temos desenvolvido. Afinal, não se trata só de pensar em seu processo de confecção, mas também em suas múltiplas formas de ampliar a utilidade final das etnografias para o próprio campo e a sociedade como um todo.

> O que é importante aqui é ultrapassar as barreiras impostas pela modalidade de transmissão de conhecimentos e produzir resultados de investigação que possam ser compreendidos tanto dentro como fora do meio acadêmico. Não se trata de um problema de suporte, de utilizar escritos em vez de audiovisuais, espetáculos ao vivo ou qualquer combinação destes (ou seja, através de ecossistemas digitais). É definitivamente uma questão de modo: como é que damos forma aos conhecimentos originados pela nossa experiência de investigação partilhada de uma forma igualmente eficiente para todos os sujeitos implicados? (RANOCCHIARI & GIORGIANNI, 2020. p. 15 [tradução própria]).

É preciso pontuar que, Ranocchiari (2016; 2023) argumenta, em seu contexto de trabalho com a produção de *videoclipes etnograficamente fundamentados* para grupos musicais[4], que os videoclipes como produto final não são etnográficos em si. Ou seja, não são feitos para apresentar a pesquisa e seus dados obtidos, mas para expressarem uma auto representação dos interlocutores sobre si mesmos - o que eles querem mostrar. Ao ocupar o papel de cineasta e cinegrafista, o (também) antropólogo assimila a narrativa que os interlocutores querem trazer em seu videoclipe musical. Ali, não

[4] Um exemplo pode ser visto em: <https://www.youtube.com/watch?v=Yglrt0SX6yY&list=RDYglrt0SX6yY&start_radio=1>. Acesso em: 03/03/2025.

importa o que a pesquisa quer dizer, mas o que o campo deseja naquele momento mostrar.

Segundo o autor, é no seu processo de confecção colaborativa que acontece a etnografia, pois a negociação de papéis entre pesquisador, cineasta, editor, produtor, e tantas outras funções necessárias nessa dinâmica criativa de fabricação do videoclipe, faz com que cada troca traga dados etnográficos valiosos e úteis para a pesquisa. Por isso a co-utilidade, afinal, enquanto todo o processo de elaboração é útil para o etnógrafo e seus interesses acadêmicos, o videoclipe como produto final é útil para os interlocutores e suas demandas sociais por visibilidades outras.

Trazendo este exemplo para o olhar mais geral em torno do futebol como fenômeno sociocultural, o princípio de co-utilidade ganha protagonismo nessa atualização metodológica aberta a novas possibilidades etnográficas, sobretudo como a que aqui proponho entre as Torcidas-Escolas. Afinal, "Nesta perspectiva, fazer investigação colaborativa ou partilhada não significa apenas desenvolver uma metodologia eficiente de co-investigação, mas também encontrar uma forma de produzir resultados que sejam igualmente úteis para os diferentes sujeitos envolvidos" (RANOCCHIARI & GIORGIANNI, 2020. p. 15 [tradução própria]).

E justamente por compreender a relevância atual de um trabalho sobre *Torcidas Organizadas para além do futebol* (SOUZA JUNIOR, 2025), como constantemente espetacularizado na mídia, é que tenho dado tanta ênfase a necessidade de me ater também ao produto final da etnografia. Principalmente por entender que:

> (...) o problema dos produtos finais é um dos menos considerados na literatura sobre investigação colaborativa. Quase sempre "o processo [de co-investigação] é justamente considerado mais importante do que o produto, ou, por outras palavras, o processo é o produto, o resultado" (Miguel, Ranocchiari & Sardo 2020: 377). Mas se quisermos que o impacto de uma investigação partilhada ultrapasse o círculo restrito de pessoas que tiveram a oportunidade de participar nela, é muito importante transformar o processo efémero da co-investigação em produtos mais persistentes (e partilháveis). (RANOCCHIARI & GIORGIANNI, 2020. p. 15 [tradução própria]).

Portanto, para além da discussão teórica sobre antropologia e multimodalidade etnográfica, é justamente o trabalho empírico e recente, de produção audiovisual baseado no *fazer etnográfico colaborativo de co-utilidade* (RANOCCHIARI, 2016; 2023; RANOCCHIARI & GIORGIANNI, 2018; 2020; RANOCCHIARI & LUQUE, 2023), que aqui proponho e me amparo.

Pois, "Se queremos realmente fazer investigação respeitando o princípio da co-utilidade, o desafio é produzir resultados transmodais que sejam capazes de transcender estas modalidades fechadas de transmissão de conhecimento" (RANOCCHIARI & GIORGIANNI, 2020. p. 15 [tradução própria]). A seguir abordo alguns exemplos dessa multimodalidade, e discuto como o processo de *fazer* pode e deve estar constantemente atrelado às ideias de como *mostrar*.

Experimentações multimodais - Como fazer? Como mostrar?

Antes de entrar nos exemplos do que seria esse fazer etnográfico multimodal de co-utilidade, faço questão de reafirmar algumas coisas: 1. A base argumentativa que tenho buscado sustentar é a de que deve haver uma relação direta entre o produto etnográfico, seja ele qual for, e a prática cotidiana de pesquisa. Saber *como mostrar* é parte do processo de saber *como fazer*, e vice-versa; 2. A multimodalidade não tem o intuito de eliminar o texto ou de tornar dele menos importante no fazer etnográfico, mas busca complementar camadas que tornem nossas produções úteis, social e politicamente, para os próprios detentores da pesquisa, a saber, os interlocutores.

Também é importante demarcar que a multimodalidade não é uma exclusividade do diálogo da antropologia com a etnomusicologia e o audiovisual. Tomei esse caminho aqui como exemplo por ser o que tenho trilhado em minhas andanças enquanto antropólogo urbano, fotógrafo e documentarista, entre as Torcidas-Escolas. Mas as possibilidades são diversas, e sempre vai depender da necessidade que o campo apresenta em relação às aptidões e desejos de quem o etnografa.

Até por isso, outra questão fundamental é a compreensão de que a multimodalidade muda a relação do pesquisador com o campo. Se tornar de alguma maneira útil para seus interlocutores, te reposiciona em campo, e faz com que você não precise mais necessariamente tentar entrar, e sim seja puxado para dentro a fim de

atender as demandas que eles julgam necessárias. E saber lidar com esse novo lugar negociado também faz parte do processo de pesquisa.

Além disso, pontuo que o trabalho multimodal também pode, e em alguns casos até deve, ser colaborativo. E por isso temos que abandonar a velha máxima de que uma etnografia colaborativa é apenas aquela feita entre quem etnógrafa e seus interlocutores, pois uma das maiores potencialidades do trabalho colaborativo é o diálogo que podemos provocar com profissionais de outras áreas e/ou disciplinas. Por que naturalizamos a contratação de um profissional de tradução de um artigo que vamos publicar, mas nem sequer cogitamos um desenhista para retratar algo do nosso campo de uma maneira mais artística? Não saber fazer não pode mais ser justificativa para negar a necessidade da produção multimodal. O processo colaborativo é uma saída interessante, pois existe uma rede cada vez maior de artistas interessados nessa colaboração com a antropologia[5].

Exemplo 1 - fotografia em contexto etnográfico

A fotografia talvez seja a linguagem mais conhecida e consolidada no diálogo com a antropologia. No entanto, vejo que essa relação nem sempre é bem aproveitada, seja pela inaptidão técnica do antropólogo com a câmera e sua linguagem fotográfica, ou pela desconexão entre o que se mostra (a foto) com o que se faz (a etnografia). Penso que para fugir do perigo de usar a fotografia como ilustração do texto ou fragmentos da realidade, se faz necessário compreender que a fotografia não é sobre o contexto etnográfico mas parte dele. O que significa dizer que é também por meio da câmera que o corpo que pesquisa se modifica e se amplia no conjunto de relações de interlocução para além da observação (pseudo) participante. Com a câmera você de fato passa a participar da criação imagética daquele contexto.

Por isso, para produzir fotografias que retratem questões etnográficas, elas também precisam ser parte constante do processo da pesquisa de campo. O que significa que elas também devem ser inseridas nas relações de interlocução, seja como dádivas para os próprios interlocutores emitirem suas opiniões e as usarem, ou para até mesmo

[5] Não saber fazer não é um problema. Se sente aptidão tente aprender e estude para ficar bom, afinal num nascemos sabendo antropologia. Caso não veja aptidão ou desejo, pense num roteiro e discuta suas ideias com artistas, crie sua rede de pitacos e contrate bons profissionais para fazerem esse trabalho colaborativo contigo.

servirem como força de atração para que se explique a pesquisa e fomente ainda mais os vínculos etnográficos.

> (...) a fotografia passou a ser utilizada por antropólogos como elemento de troca na pesquisa ou como modo de dar visibilidade às pessoas que nossa sociedade insiste em tornar invisíveis. (...) Em certo sentido as imagens têm poder de agência. Elas tornam visível o que não era, subvertem o senso comum, denunciam com sensibilidade única e, por isso mesmo, agem. (CAIUBY NOVAES, 2015. p. 15).

Além disso, penso que as fotografias precisam estar em conexão estética com o que o trabalho visa demonstrar, e por isso úteis também para publicização em ensaios visuais que rompam estereótipos do campo (KIM, 2015; SOUZA JUNIOR, 2024a; SOUZA JUNIOR & ANDRADE, 2025), textos imagéticos (SOUZA JUNIOR & ANDRADE, 2021a; 2021b; 2022a; 2022b; 2022c; 2022d; 2023), redes sociais e exposições fotográficas (SOUZA JUNIOR, 2024b; 2025a; 2025b).

Exemplo 2 - filmes etnográficos

A produção fílmica tem mudado bastante em contexto etnográfico ultimamente. Penso que por dois motivos principais: 1. o avanço técnico de antropólogos que se tornam de fato cineastas e desenvolvem cada vez mais produtos inovadores em diálogo com o audiovisual e as experimentações etnográficas; 2. pelo avanço e adaptação da própria técnica audiovisual às novas plataformas de difusão das redes sociais de vídeos. O que impacta diretamente os formatos e linguagens fílmicas, os tornando cada vez mais curtos e rápidos para atender as demandas tecnológicas das novas mídias sociais.

Apesar da nossa tendência conservadora achar que esse segundo ponto é apenas ruim e catastrófico, ele também tem sido uma alternativa para novas possibilidades etnográficas no audiovisual. Produzir um vídeo curto (reels) no Instagram ou Tik-Tok também pode ser uma importante ferramenta de difusão temática, e que não exige um nível profissional de atuação. Ainda assim, pode ser um significativo chamariz de interesse dos próprios interlocutores que passam a ver onde sua pesquisa de fato pode chegar, como no exemplo de diários de campo (áudio)visuais (DAMÁSIO, 2022b).

Assim como propostas experimentais de média duração no Youtube, geralmente no formato de vlogs. Ou seja, da pessoa que interage com a câmera que literalmente

acompanha seu dia a dia e afazeres. Quando aplicados a temáticas da pesquisa ou sobre o cotidiano na pesquisa de campo, essa linguagem pode alcançar uma potencialidade etnográfica interessante. Pois tem espaço para uma autodescrição narrativa do próprio pesquisador, mas também flerta com camadas documentais de depoimentos de outras pessoas e linguagens cinematográficas de composição de cena.

Ademais, para além do filme etnográfico mais tradicional, os formatos estão cada vez mais diversos, o que amplia em muito nossas possibilidades de experimentação (DEVOS & VEDANA, 2018; 2021). Desde os já citados documentários, que podem ser curta (+/- 15 minutos) ou longa duração (+/- 1h30); aos Curta metragens propriamente ditos[6], que podem ser produzidos para festivais e editais, mas também postados no Youtube ou plataformas como Vimeo e demais acervos audiovisuais[7].

Vale pontuar que para além do formato em si, novas linguagens fílmicas têm sido exploradas nessa relação entre antropologia e audiovisual, aqui destaco uma delas, a *etnoficção* (BOUDREAULT-FORNIER; HIKIJI & CAIUBY NOVAES, 2016; 2020). Ou seja, a utilização de cenas ficcionais, encenadas na maioria das vezes pelos próprios interlocutores ou pessoas próximas (não atores), para representar em um filme narrativas reais descobertas por meio da etnografia. Na maioria das vezes a etnoficção é acionada para representar cenas que de outra forma seria impossível captar, como ambientes familiares, práticas ilícitas, ou até mesmo contextos de difícil acesso e filmagem (BOUDREAULT-FORNIER & HIKIJI, 2020)[8].

[6] Exemplos de documentários: "Lá do Leste" (2010), dirigido por Carolina Caffé e Rose Satiko. Disponível em: <https://lisa.fflch.usp.br/node/58>. Acesso em: 10/03/2025; "Sou feita de chuva, sol e barro: Futebol feminino na várzea paulistana", 2018. Dirigido por Mariane Pisani. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TqfQ8pvI1AM>. Acesso em: 10/03/2025.

[7] Como por exemplo o Acervo do Laboratório de Imagem e Som em Antropologia (LISA) da USP. Um verdadeiro banco de dados com todo tipo de produção audiovisual na antropologia e áreas correlatas. Disponível em: <https://lisa.fflch.usp.br/acervo-banco-de-dados>. Acesso em: 10/03/2025.

[8] Como exemplo de etnoficção: "Fabrik Funk" (2015), dirigido por Alexandrine Boudreault-Fournier, Rose Satiko Gitirana Hikiji e Sylvia Caiuby Novaes. Disponível em: <https://lisa.fflch.usp.br/node/22>. Acesso em: 10/03/2025.

Exemplo 3 - desenhos etnográficos

Outra linguagem de longa data que tem se relacionado com a antropologia é o desenho. Me interessam em especial os trabalhos que relacionam o desenho com o campo etnográfico, ao menos a meu ver, não de uma perspectiva explicativa ou ilustrativa, mas com um caráter criativo de imersão visual (AZEVEDO, 2016; DAMÁSIO, 2022a; 2022b; VELAME, 2023; 2024; KUSCHNIR, 2014). Que visam, a partir disso, adentrar o cotidiano dos interlocutores por meio do olhar artístico em que as coisas e as pessoas não são meros objetos de observação, mas a arte que se relaciona com o fazer etnográfico. Como no caso do ensaio visual de Velame (2023, p. 3), o qual, por meio da arte do desenho, teve "(...) como objetivo criar montagens que, a um só tempo, apresentam os resultados da pesquisa desenvolvida e elicitam um exercício etnográfico".

Na área da antropologia das práticas esportivas, o desenho me parece um caminho ainda a ser explorado. E penso ser uma alternativa crucial na representação de cenas e subjetividades que a fotografia nem sempre é capaz de captar, sobretudo em contexto em que a possibilidade de registro não é uma opção. Desenhar cenas de conflitos, deslocamentos pela cidade, e até mesmo relacionar com diálogos escritos no próprio desenho, me parece ser um caminho interessante de multimodalidade etnográfica que outras modalidades dificilmente comportam.

Exemplo 4 - sonoridades etnográficas

Um importante instrumento tem ganhado protagonismo agora quando o assunto é difusão etnográfica, trata-se dos podcasts. O formato de um programa de rádio gravado e devidamente catalogado em um canal de plataformas sonoras, faz com que a circulação de diálogos e conversas possam ganhar de alguma forma protagonismo massivo[9].

Outra possibilidade interessante são as sonoridades de nossos campos de pesquisa. Para além das falas em si, os sons também podem e devem permear nosso fazer etnográfico multimodal, e nesse caminho a etnomusicologia tem dado ótimos

[9] Como exemplos cito: "Antro, como se faz?", por Ana Clara Damásio; "Urbanidades", por UrbanData-Brasil (USP); e "Som das Torcidas", por Matias Pinto e Xico Malta. Ambos disponíveis no Spotify.

exemplos de como é possível seguir os sons nessa caminhada de apreender o(s) mundo(s) (FELD, 2015; OLIVEIRA PINTO, 2001; VEDANA, 2018; 2019).

Por exemplo, em meu campo de pesquisa com as Torcidas-Escolas me deparei com algo muito associado à música e as sonoridades de ambiências. Pois a música não é só acionada em momentos específicos da sociabilidade torcedora e/ou sambista, mas ela é literalmente a camada de fundo em quase todos os ajuntamentos coletivos. Por isso, no trabalho de pós-produção dos vídeos captados durante as incursões etnográficas, notei que a camada de áudio quase sempre preenchida, por músicas que eles colocavam, era parte essencial da ambiência de cada uma daquelas sociabilidades em jogo. E tomar isso como um importante vetor no qual as narrativas se constroem, como no caso dos videoclipes etnograficamente fundamentados (RANOCCHIARI & GIORGIANNI, 2018; 2020; RANOCCHIARI & LUQUE, 2023), tem sido um importante caminho dessa multimodalidade que aqui proponho por meio das sonoridades também como protagonistas nos arranjos da vida social (MENEZES BASTOS, 2014; HIKIJI, 2006; SEEGER, 2008; VEDANA, 2018; 2019; PRADO, 2021).

A etnografia multimodal que tenho feito

Com base nos exemplos brevemente supracitados no tópico anterior, tentarei explorar agora minimamente a correlação direta entre *como fazer* e *como mostrar* que tenho feito, ou seja, a etnografia multimodal que tenho esboçado entre as Torcidas-Escolas.

Estou neste campo de pesquisa há aproximadamente oito anos, e nele já me moldei enquanto etnógrafo de muitas formas, das mais tradicionais dos tempos de um pesquisador iniciante, as mais experimentais de quem já se sente confortável em campo e maduro o suficiente enquanto antropólogo em seu exercício de pesquisa. Mas foi sobretudo o caminhar dos últimos quatro anos em campo que percebi que a multimodalidade etnográfica não era uma alternativa, mas uma necessidade de me reposicionar etnograficamente.

Vale pontuar que meu campo é constantemente entre torcidas rivais, a saber, Mancha Verde (Palmeiras), Gaviões da Fiel e Camisa 12 (Corinthians), o que em si já é bastante desafiador de transitar. No entanto, foi justamente através do emprego da

diversidade de papeis em campo, como pesquisador, fotógrafo e documentarista, que vi a possibilidade de me movimentar a partir da utilidade de minhas funções para os próprios interlocutores e suas torcidas. Com o tempo percebi que era muito mais aceitável para eles saberem que eu estava produzindo documentários e fotografias sobre sua torcida e sua rival, do que apenas ouvir que sou um pesquisador que frequenta ambos os lugares sem "torcer" para um e "falar mal" do outro.

De início percebi que ir a campo com uma câmera profissional na mão já me posicionava também enquanto fotógrafo nas Torcidas-Escolas. Mas a partir do momento que passei a incorporar mais equipamentos direcionados a filmagens (como microfone direcional, gaiola estabilizadora, tripés), passei a ser ainda mais "procurado" pelos interlocutores para gravar o que eles queriam que fosse visto. Essa ampliação no campo etnográfico me fez perceber que talvez a maior contribuição, para nós etnógrafos, do emprego da multimodalidade, esteja na diversidade de caminhos e possibilidades que podem se abrir em nossos processos etnográficos em campo.

O acesso em campo que tenho hoje, e a mobilidade para além dos clubismos em jogo, faz com que o meu próprio objetivo de pesquisa - de explorar as sociabilidades e os pertencimentos das torcidas organizadas para além do futebol -, seja de fato possível de ser observado de perto, de dentro.

Para além do que tem me sido útil enquanto pesquisador que responde constantemente às expectativas acadêmicas e científicas, o caminhar enquanto cineasta tem permitido dividir a utilidade de minha estadia e produção em campo. Ou seja, cada vez mais tenho produzido materiais audiovisuais que não só são entendíveis e vistos pelos interlocutores, mas também apropriados por eles mesmos, e suas Torcidas-Escolas, para se auto expressarem (audio)visualmente em suas redes sociais, sites e demais manifestações públicas.

Portanto, seja por meio de ensaios e exposições visuais, textos imagéticos, com produções de curta metragens e documentários, ou até mesmo com fotos enviadas para as entidades e seus participantes a cada incursão em campo. A etnografia multimodal tem sido construída com base nos preceitos de que não faz mais sentido, ao menos no meu fazer etnográfico, estar ali sem que a utilidade de minha participação seja também partilhada entre os interesses de ambas as partes implicadas.

Considerações finais

Nos últimos congressos que participei, nacionais e internacionais, tentar passar um simples vídeo era como estar em um daqueles filmes clichês, *a la Missão Impossível*. O primeiro desafio era convencer os coordenadores dos grupos de trabalho que aquilo era necessário, possível e não ia atrapalhar seus cronogramas. “Mas ele é muito importante para sua apresentação?”, “Precisa de áudio? Quanto tempo ele tem?”. O espanto maior, dos responsáveis e demais pesquisadores presentes, vinha após minha resposta: “Sim, precisa de áudio, tem sete minutos, e ele é a minha apresentação”.

Curioso pensar como nos preparamos para todo tipo de argumentação, e não nos importamos em aprender o básico dos afazeres práticos que envolvem as tecnologias que compõem nossos trabalhos. O projetor se torna o mais difícil dos algoritmos, e usar ele para além do *powerpoint* ou do PDF em zoom horrível na tela, é de uma subversão abissal, a ponto de terem que literalmente chamar algum monitor responsável pela parte técnica do evento. Quando o assunto é tecnologia básica, a partida entre pesquisadores analfabetos e prédios totalmente despreparados parece terminar empatada.

Entre dificuldades técnicas, falta de estrutura e baixa receptividade entre nossos pares - que consideram isso uma espécie de mera perfumaria -, fica um tanto desmotivador seguir nessa toada. No entanto, quando me volto para meu campo de pesquisa, e vejo como para meus interlocutores um vídeo qualquer é recebido com orgulho e gratidão por estarem enfim sendo vistos e mostrados como de fato desejam, isso muda tudo. Ali eles criam a estrutura e fazem acontecer independente de qualquer dificuldade técnica.

É fato que muitos dos trabalhos textuais sobre torcidas organizadas já os retratavam dessa maneira complexa, mutável e relacional como de fato são. Mas isso eles raramente tinham acesso, e as palavras mal circulavam entre nossos pares, quanto mais adentravam a esfera pública e demais mídias sociais. A questão que tentei aqui abordar é que precisamos entender que o trabalho que fazemos não é apenas nosso, e se não mudarmos drasticamente a forma de como o *fazemos* e o *mostramos*, ficaremos cada vez mais isolados em nós mesmos e nossos slides.

A proposta de uma fazer etnográfico multimodal, sobretudo para as pesquisas em torno do futebol e seus fenômenos socioculturais, visa estabelecer um compromisso metodológico com a ciência que fazemos e para quem a fazemos. Nós escolhemos o que pesquisamos e o porquê pesquisamos, e trabalhar com a cultura popular exige que banquemos a responsabilidade de nossa escolha, e aceitemos que com ela vem um compromisso político e social de dialogarmos diretamente com as linguagens de transmissão dos saberes populares.

Por isso, o que tentei aqui foi me basear na breve discussão sobre as múltiplas vivências e pertencimentos das Torcidas-Escolas para além do futebol, para demonstrar como no meu caso a multimodalidade se tornou uma necessidade. E por meio do diálogo constante entre as antropologias visual, multimodal e das práticas esportivas, com o audiovisual e a etnomusicologia, tentei explorar as possibilidades que tenho encontrado de experimentações que têm afetado diretamente *como faço* e *como mostro* o trabalho etnográfico.

As sugestões de novas possibilidades multimodais, como fotografias, filmes, desenhos e sonoridades em contextos etnográficos, não foi no intuito de apenas inferir sobre nossos produtos finais vivências para além do texto. Mas também um alerta de que talvez estejamos perdendo importantes vetores de relações de interlocução, expressão visual e sonora das formas de sociabilidades e pertencimentos presentes nas dinâmicas cotidianas de nossos campos. E com isso quem deixa de *aparecer* são exatamente aqueles que em tese mais queremos *mostrar*; nossos interlocutores.

Portanto, aceitar a co-utilidade como princípio de nossa prática etnográfica não é uma novidade absurda que deve abalar todas as nossas estruturas. E sim uma (auto) reflexão que nos faz lembrar que a pesquisa não é nossa, e por isso a forma como fazemos as coisas importam para muitos além da gente e de nossos pares.

Referências

ANDRADE, Marianna; SOUZA JUNIOR, Roberto; TOLEDO, Luiz Henrique. *Pertencimento clubístico e pertencimento torcedor: materialidade e gênero numa torcida organizada de futebol*. Revista Esporte e Sociedade, 2021.

AZEVEDO, Aina Guimarães. *Diário de campo e diário gráfico: contribuições do desenho à antropologia*. Áltera Revista de Antropologia, 2, n. 2, 101 - 119, ago 2016.

BOUDREAULT-FOURNIER, Alexandrine. *Sonic Methodologies in Anthropolog*y. In: Bull, Michael e Cobussen, Marcel (eds.). The Bloomsbury Handbook of Sonic Methodologies. London: Bloomsbury Academic, 2020. p. 35-56.

BOUDREAULT-FOURNIER, Alexandrine - HIKIJI, Rose Satiko Gitirana – CAIUBY NOVAES, Sylvia. Filme etnoficcional: *Fabrik Funk*. Dirigido por Alexandrine Boudreault-Fournier, Rose Satiko Gitirana Hikiji e Sylvia Caiuby Novaes. Disponível em: <https://lisa.fflch.usp.br/node/22>. Acesso em: 10/03/2025

BOUDREAULT-FOURNIER, Alexandrine - HIKIJI, Rose Satiko Gitirana – CAIUBY NOVAES, Sylvia. Etnoficção: *uma ponte entre fronteiras*. In: A experiência da imagem na etnografia. São Paulo: Terceiro Nome; 2016.

BOUDREAULT-FOURNIER, Alexandrine - HIKIJI, Rose Satiko Gitirana – CAIUBY NOVAES, Sylvia. *Fabrik Funk: the Fabrication of the Everyday Reality of a Dream*. Visual Ethnography, 9(1), 2020.

CAFFÉ, Carolina & SATIKO, Rose. Documentário: *Lá do Leste*. Dirigido por Carolina Caffé e Rose Satiko. Disponível em: <https://lisa.fflch.usp.br/node/58>. Acesso em: 10/03/2025

CAIUBY NOVAES, Sylvia. "*Brasil em Imagens: caminhos que marcam e antecedem a antropologia visual no Brasil*". In: DIAS DUARTE, Luiz Fernando (Org.) Horizontes das Ciências Sociais no Brasil – Antropologia. São Paulo: ANPOCS, 2010. Coedição Instituto Ciência Hoje, Editora Barcarola e Discurso Editorial. p. 457-487.

CAIUBY NOVAES, Sylvia. *O silêncio eloquente das imagens fotográficas e sua importância na etnografia*. Cadernos de Arte e Antropologia, Salvador, v. 3, n. 2/2014, p.57-67, 2014.

CAIUBY NOVAES, Sylvia (org.). *Entre arte e ciência: a fotografia na antropologia*. São Paulo: Edusp, 2015.

COLLINS, Samuel Gerald, DURINGTON, Matthew e GILL, Harjant. *Multimodality: An Invitation*. American Anthropologist, v. 119, n. 1, p. 142–146, 2017.

DAMÁSIO, ANA CLARA. *Grafias Contra-Coloniais: re-desenhando subjetividades*. Cadernos de Campo (USP), v. 31, p. 1-16, 2022a.

DAMÁSIO, ANA CLARA. *Agora sei o que você faz, você conta histórias! notas etnográficas sobre um Diário de Campo Visual Público,alteridade, colonialidade e posicionalidade.* Cadernos de Campo (USP), v. 31, p. 1-24, 2022b.

DAMÁSIO, ANA CLARA. *Nem precisa ler o que tá escrito, mas olha as fotos de mãe aí: Notas etnográficas sobre devolução em campo e família*. Áltera Revista de Antropologia, v. 18, p. 1-21, 2024.

DEVOS, Rafael Victorino; VEDANA, Viviane. *Escutar no som: gravação e edição de etnografias sonoras a partir do paradigma ecológico*. Ilha – Revista de Antropologia, v. 20, n. 1, p. 117-144, 2018.

DEVOS, Rafael Victorino; VEDANA, Viviane. *Movimento, Câmera, percepção: não necessariamente o filme etnográfico sensorial.* In: Dominguez, Maria Eugênia; Montardo, Deise Lucy Oliveira (org.). Arte, som e etnografia. Florianópolis: Editora da UFSC, 2021. p. 148-182.

FELD, Steven, *"Acoustemology"* In: David Novak e Matt Sakakeeny (orgs.), *Keywords in Sound*, Duke University Press, 2015.

GASTALDO, Documentário: *TORCEDORES: vida, paixão e morte no país do futebol*. Direção: Édison Gastaldo, 2019, 66min.. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LiVX-3go8g0&t=1s>. Acesso em: 10/03/2025.

HIKIJI, Rose Satiko. *"Das possibilidades de uma audição da vida social"*. In HIKIJI, R.S.G. A música e o risco. São Paulo, Edusp/Fapesp, 2006, p. 47-70.

HIKIJI, Rose Satiko Gitirana; CHALCRAFT, Jasper. *Collaborative post-production* In: Vannini, Phillip (ed.). The Routledge International Handbook of Ethnographic Film and Video. Abingdon / New York: Routledge, 2020. p. 214-223.

KIM, Joon Ho. *O rúgbi em cadeira de rodas: um breve ensaio sobre a (des)construção da imagem da deficiência física.* In: Caiuby Novaes, Sylvia (org.). Entre arte e ciência: a fotografia na antropologia. São Paulo: EdUSP, 2015, 43-70.

KUSCHNIR, Karina. *Ensinando antropólogos a desenhar: uma experiência didática e de pesquisa.* Cadernos de Arte e Antropologia, v. 3, n. 2, p. 23-46, 2014.

LEAHA, Mihai. *Multimodal spaces, atmospheres, modulations*. Experiencing the independent electronic music scene of São Paulo, Entanglements Journal, v. 2, n. 1, p. 143-160. 2019.

LEAHA, Mihai. *Filming 'Papoula'. Multimodal collaborations and experience making*. Visual Ethnography Journal, v. IX, n. 1, p. 38- 57, 2020.

LEAHA, Mihai. *"Saudades da festa!" Triggering sensory memories of DIY electronic music trough multimodal practices*. Multimodality & Society, v. 1, n. 3, p. 407-424, 2021.

MENEZES BASTOS, Rafael José de. *Esboço de uma teoria da música: para além de uma antropologia sem música e de uma musicologia sem homem.* ACENO - Revista de Antropologia do Centro-Oeste, v. 1, n. 1, p. 49-101, 2014.

OLIVEIRA PINTO, Tiago de. *"Som e música: questões de uma antropologia sonora"*. Revista de Antropologia. São Paulo, USP, v. 44, n.1, p. 222-286, 2001.

PISANI, Mariane da Silva. Documentário: *Sou feita de chuva, sol e barro: Futebol feminino na várzea paulistana*. Direção: Mariane da Silva Pisani, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TqfQ8pvI1AM>. Acesso em: 10/03/2025.

PRADO, Yuri. Documentário: *Dois Irmãos*. Direção: Yuri Prado. Produção: Laboratório de Imagem e Som em Antropologia (LISA). 32 min., 2021.

RANOCCHIARI, Dario. *Algunas reflexiones sobre una experiencia de coproducción de vídeos musicales en la isla de San Andrés (Caribe Occidental)*. II Congreso de Antropología AIBR. Barcelona, 2016.

RANOCCHIARI, Dario. *Forthcoming Towards shared research practices on music. From an experience of music video production to the concepts of co-utility and transmodality.* TRANS Revista Transcultural de Musica. 2023

RANOCCHIARI, Dario - GIORGIANNI, Eugenio. *Music video clips. Collaborative filmmaking and digital circulation as a research method in Ethnomusicology*. In Ethnomusicology in Audiovisual Times. H. Yu, Y. Defrance, & L. D'Amico (eds.). Hangzhou: Zhejiang University Press, 2018.

RANOCCHIARI, Dario; GIORGIANNI, Eugenio. *Doing Ethnographically Grounded Music Videos.* Visual Ethnography, v. 9, n. 1, p. 8-18, 2020.

RANOCCHIARI, Dario e LUQUE, Jara María Romero. Tefla Madlouma. *Resiliencias femeninas y memoria cultural saharaui a través de la realización de un vídeo musical etnográficamente fundamentado.* El oído pensante, v. 11, n. 2, p. 111-141, 2023.

SEEGER, Anthony. *"Etnografia da música"*. In Cadernos de Campo, São Paulo, n. 17, p. 237-260, 2008.

SOARES DE ALMEIDA, Caroline & PISANI, Mariane da Silva. *100 anos de Torcida: A presença feminina nas arquibancadas de futebol em Florianópolis, ontem e hoje*. Fotografia, 2018.

SOUZA JUNIOR, Roberto. *Um preto e branco colorido: (des)construindo a imagem de torcedores organizados através da fotografia etnográfica*. Pensata: Revista Dos Alunos Do Programa De Pós-Graduação Em Ciências Sociais Da UNIFESP, 9(2), 2021

SOUZA JUNIOR, Roberto. *Torcidas organizadas entre futebol e carnaval: uma etnografia sobre a materialização do torcer e do sambar nos Gaviões da Fie*l. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2022.

SOUZA JUNIOR, Roberto. *O samba em torcidas organizadas: narrativas caminhantes, (sobre) vivências imagéticas que não ganham manchetes*. Fotocronografias, [S. l.], v. 10, n. 24, p. 160–179, 2024a.

SOUZA JUNIOR, Roberto. *Exposición - O carnaval das Torcidas Organizadas no Brasil: sociabilidades e ancestralidades para além do futebol*. Muestra de fotografía etnográfica documental. Inst. promotora: ALA – UNR, cidade: Rosário, 2024b.

SOUZA JUNIOR, Roberto. *Torcidas Organizadas para além do futebol. Brasil de Fato.* Disponível em: <https://https://www.brasildefato.com.br/2025/01/10/torcidas-organizadas-para-alem-do-futebol>, 2025.

SOUZA JUNIOR, Roberto. *Exposición - De la grada al carnaval: cuerpos que mueven la ciudad - desde São Paulo, Brasil*. Fotografia. Inst. promotora: La Cabrera, cidade: Granada, Espanha, 2025a.

SOUZA JUNIOR, Roberto. *Exposição - Torcidas-Escolas de samba: o cotidiano invisível do sambar no torcer.* Fotografia. Inst. promotora: RAM – UFBA, cidade: Salvador, Bahia, Brasil, 2025b.

SOUZA JUNIOR, Roberto; ANDRADE, Marianna. *Uma galeria fotoetnográfica dos Gaviões da Fiel (parte 1): a materialidade do torcer.* Ludopédio, São Paulo, v. 146, n. 26, 2021a.

SOUZA JUNIOR, Roberto; ANDRADE, Marianna. *Uma galeria fotoetnográfica dos Gaviões da Fiel (parte 2): a materialidade do torcer.* Ludopédio, São Paulo, v. 146, n. 50, 2021b.

SOUZA JUNIOR, Roberto; ANDRADE, Marianna. *"Que saudade que eu tava de torcer pelo carnaval": um ensaio fotoetnográfico dos Gaviões da Fiel (parte 1)*. Ludopédio, São Paulo v. 155, n. 7, 2022ª.

SOUZA JUNIOR, Roberto; ANDRADE, Marianna. *"Que saudade que eu tava de torcer pelo carnaval": um ensaio fotoetnográfico dos Gaviões da Fiel (parte 2)*. Ludopédio, São Paulo, v. 155, n. 21, 2022b.

SOUZA JUNIOR, Roberto; ANDRADE, Marianna. *Retratos do cotidiano: torcedores organizados.* Ludopédio, São Paulo, v. 164, n. 19, 2023.

SOUZA JUNIOR, Roberto; ANDRADE, Marianna. *As Gavias da Fiel: um ensaio visual das mulheres nas torcidas organizadas de futebol.* GIS - Gesto, Imagem e Som – Revista de Antropologia, v. 9, p. 1-19, 2025.

STRATHERN, Marilyn. *O efeito etnográfico: e outros ensaios*. São Paulo: Ubu, 2017. 544 p. Tradução de: Iracema Dulley, Jamille Pinheiro e Luisa Valentini.

VEDANA, Viviane. *Escutar no som: gravação e edição de etnografias sonoras a partir do paradigma ecológico*. Ilha – Revista de Antropologia, v. 20, n. 1, p. 117-144, 2018.

VEDANA, Viviane. *Paisagens sonoras urbanas: um ensaio sobre as sonoridades das cidades.* In: Raposo, Paulo; Allende, Renck; Head, Scott (org.). Cidades rebeldes: invisibilidades, silenciamentos, resistências e potências. 1ed.Florianópolis: UFSC, 2019.

VELAME, João Vítor. *Uma coleção de desenhos etnográficos: os ritmos e movimentos no ambiente de um mercado público paraibano*. Cadernos de Campo (São Paulo - 1991), [S.L.], v. 32, n. 2, p. 1-12, 4 dez. 2023.

VELAME, J. V.. *Caderno (Etno)Gráfico: a construção de uma (etno)grafia desenhada sobre os carrinhos presentes em um mercado público brasileiro*. Desde el Sur, 16(2), e0021, 2024.

"Futebóis" em disputa: cuidado, sociabilidades e sentidos do jogar bola

"Futebóis" in dispute: care, sociability, and meanings of playing football

Maurício Rodrigues Pinto
Universidade de São Paulo, Brasil
São Paulo, SP
maorodrigues@usp.br
https://orcid.org/0000-0002-2221-4187

Talita Nunes Costa
Universidade Federal da Bahia, Brasil
Salvador, BA
talitanc@yahoo.com.br
https://orcid.org/0000-0002-1777-987X

Recebido em: 10 de março de 2025
Aceito em: 25 de janeiro de 2026

Resumo:

Neste trabalho, abordamos práticas e apropriações do futebol que tensionam a predominância masculina cisheternormativa característica deste esporte. As etnografias foram realizadas nas cidades de São Paulo (SP) e Salvador (BA), entre 2020 e 2022, em meio à pandemia de COVID-19, no acompanhamento de treinos, torneios, jogos e "resenhas" de dois times de futebol: o Meninos Bons de Bola, coletivo paulistano formado por homens trans e pessoas transmasculinas; e As Veteranas, time que se reunia em um bairro popular de Salvador (BA), composto majoritariamente por mulheres cisgênero lésbicas, acolhendo também pessoas transgênero. Embora esses times tenham como referência alguns códigos do esporte oficial, são considerados dissonantes por desestabilizarem convenções de gênero e de corporalidades do futebol masculino espetacularizado. Assim, disputam e produzem outros sentidos sobre o jogar bola e o pertencer a um time, o que envolve estratégias de ocupação de espaços públicos e afirmação política para seus corpos e práticas de cuidado que promovem o seu bem-estar físico e mental.

Palavras-chave: Futebol. Gênero. Cuidado. Etnografia em contexto pandêmico.

Abstract:

In this paper, we analyze practices and appropriations of football that tension the cisheternormative male dominance that characterizes this sport. The ethnographies were conducted in São Paulo (SP) and Salvador (BA) between 2020 and 2022, amid the COVID-19 pandemic, following training sessions, tournaments, games, and "resenhas" of two football teams: Meninos Bons de Bola, a São Paulo collective formed by trans men and transmasculine people; and As Veteranas, a team that met in a working-class neighborhood of Salvador (BA), mainly composed of cisgender lesbian women, but also welcoming transgender people. Although both teams follow some of the codes of official football, they are considered dissonant because they destabilize gender and body conventions of spectacularized men's football. Thus, they dispute and produce other meanings about playing and being part of a team, which involves strategies for occupying public spaces and political affirmation for their bodies and caring practices that promote their physical and mental well-being.

Keywords: Football. Gender. Care. Ethnography in pandemic context.

Introdução

Este trabalho resulta da articulação de nossas[1] pesquisas e distintas vivências etnográficas em cenários urbanos, acompanhando times de futebol amador e praticado como lazer[2], formados majoritariamente por pessoas com corpos e/ou identidades de gênero diversas em relação à cisnormatividade (Vergueiro, 2015). Refletimos sobre a ocupação coletiva de espaços públicos por sujeitos majoritariamente racializados, cujos corpos e performances são consideradas dissonantes da perspectiva hegemônica do esporte. Também discutimos os sentidos do futebol em espaços outros que não o futebol espetacularizado[3] e do fazer parte de um time, para além das vivências nos campos de jogo.

Camargo (2016) trabalha com as ideias de corpos e práticas esportivas dissonantes em relação ao esporte dito *mainstream*, protagonizadas por sujeitos cujos corpos e performances são lidos como desviantes do ideal normativo que prevalece nas disputas esportivas, o qual se caracteriza pela regulação de "desejos, práticas sexuais, expressões e identidades de gênero" pautada na cisgeneridade e na heterossexualidade (Silvestrin; Vaz, 2021: 3). Nessa perspectiva, o desvio desse padrão seria encarnado por pessoas LGBTI+[4], pessoas com deficiência e até mesmo por mulheres lidas como excessivamente masculinas (Pires, 2021), que apresentam corpos e performances consideradas inconformes ou abjetas (Butler, 2003) e que historicamente foram estigmatizadas e segregadas das práticas esportivas:

> […] [Corpos dissonantes são] aqueles que se colocam nos limites fronteiriços dos corpos normativos, considerados desviantes da "norma" ou "abjetos", que se afastam, por exemplo, dos idealizados padrões de beleza, estética e/ou eficiência propostos pelas sociedades ocidentais contemporâneas e que estão em vigor em disputas esportivas, como Jogos Olímpicos e Mundiais. (Camargo, 2016: 1339)

[1] Por ser uma escrita compartilhada, utilizaremos a 1a pessoa do singular para nos referirmos às nossas práticas etnográficas e a 1a pessoa do plural ao aludirmos às reflexões em parceria.
[2] A distinção entre futebol profissional, amador e praticado como lazer é apontada por Pisani (2018).
[3] O futebol espetacularizado é uma categoria proposta por Damo (2007) ao pensar na pluralidade de matrizes futebolísticas e, mais especificamente, sobre o futebol masculino profissional.
[4] A sigla LGBTI+ refere-se às distintas orientações sexuais e algumas identidades de gênero: lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transgêneros, intersexuais e outras.

Pisani (2018), em sua pesquisa de doutorado sobre a prática do futebol de mulheres na cidade de São Paulo, ao apresentar o conceito de *gênero da bola*, faz uma análise crítica da literatura, inclusive acadêmica, produzida sobre o futebol no Brasil e a centralidade dada ao futebol masculino. No senso comum, o futebol profissional masculino não precisa ser adjetivado, sequer generificado. A ele cabe o status de *futebol*, sendo convertido em uma matriz de inteligibilidade sobre o que é o jogo de futebol. Nesse processo histórico, foi-se naturalizando a ideia de um gênero da bola masculino, já que o futebol e a própria narrativa histórica sobre a modalidade foram moldadas hegemonicamente a partir da perspectiva de homens cisgêneros heterossexuais. Isso fez com que formas de futebol jogadas (e narradas) por mulheres e outros grupos sociais dissidentes da masculinidade cisheteronormativa ocupassem lugares de *outros* do futebol:

> A grande maioria dessas produções reconstitui a história social desse esporte sob a perspectiva dos homens, seja na qualidade de jogadores, de torcedores e/ou daqueles que escreveram e produziram a memória da modalidade [...]. As mulheres sempre seguiram à margem na participação do esporte em si e na produção histórica sobre o futebol brasileiro. Até o ano de 1920, quando mencionadas nas crônicas esportivas e colunas sociais, as mulheres apareciam como meras espectadoras que traziam beleza e charme para as arquibancadas. (Rodrigues Filho, 1964 *apud* Pisani, 2018: 121)

Ao evidenciar formas diversas de se praticar e vivenciar o jogo de futebol no Brasil e influenciades[5] pela noção de *futebóis*[6], trabalhada por Damo (2018, 2020),

[5] Utilizamos a linguagem generificada no masculino e no feminino ao citarmos os(as) integrantes do grupo de futebol soteropolitano, pois os(as) jogadores(as) referiam-se entre si desse modo. A linguagem neutra será empregada ao mencionarmos e descrevermos de forma generalizada os interlocutores que participaram da observação participante em São Paulo. Ainda que a maioria das pessoas que integravam o time no período do trabalho de campo se identificassem como homens trans e pessoas transmasculinas, optamos por não descrever integrantes do IMBB de forma genérica no masculino. A linguagem neutra é utilizada para reafirmar uma compreensão não dicotômica das identidades de gênero e para dar visibilidade à existência e ao protagonismo de pessoas não binárias. Para Dri Azevedo (2022: 62-63), a linguagem neutra rompe também com a produção de corpos e suas materialidades ditada pelo "discurso binário e cisheteropatriarcal", além de legitimar os "corpos que não se adequam a essas normas, [...] que não são vistos pela sociedade como 'verdadeiros' ou 'legítimos'. Existir na linguagem é ter a sua subjetividade reconhecida".

[6] Damo (2018: 37) discute o uso do termo "futebóis" ao longo do desenvolvimento dos estudos esportivos nas ciências sociais. A princípio, os trabalhos não se limitavam ao futebol de espetáculo, de modo que o conceito buscava oferecer uma "horizontalidade epistemológica" frente a uma ampla gama de "práticas futebolísticas pesquisáveis" e para diferenciar a discursividade acadêmica da midiática, proeminente à época. Posteriormente, o termo serviu para reafirmar uma visão crítica sobre a centralidade atribuída ao futebol de espetáculo e à natureza do futebol androcêntrico hegemônico, evidenciando práticas futebolísticas não hegemônicas e praticantes, por vezes, dissonantes - o que justifica sua inclusão no título

refletimos sobre percursos metodológico-epistemológicos que retiram do "futebol de espetáculo seu posto hegemônico" (Damo, 2020: 332).

As etnografias foram feitas durante a pandemia de COVID-19, com o acompanhamento presencial de treinos, jogos, *"peladas"*[7], torneios, *"rodas de conversa*" e "*resenhas"*[8] das equipes (registradas por meio de fotos e diário de campo), sendo atravessadas por momentos de inviabilidade de atividades e encontros presenciais e a realização de pesquisas *online*, por meio da navegação nas páginas dos dois times etnografados na rede social *Instagram* e no acesso ao grupo de *WhatsApp* restrito aos integrantes do time amador. Além disso, foram mantidas interações individuais *online* com integrantes de ambos os grupos, via *WhatsApp* e chamadas de vídeo que possibilitaram a elaboração de "narrativas biográficas" (Kilomba, 2018) de integrantes do time amador, partindo de sua relação com o jogo de futebol.

Os coletivos etnografados foram o *Meninos Bons de Bola (IMBB)*[9], equipe sediada na cidade de São Paulo, formada inicialmente por homens trans e pessoas transmasculinas[10] e que atualmente congrega também mulheres trans, travestis e não bináries praticantes de futsal; e *As Veteranas*, time que se reunia em um bairro central e popular de Salvador (BA), composto por mulheres majoritariamente lésbicas cisgênero e que acolhia também pessoas transgênero masculinas e femininas. O período abrangido

e no corpo de nosso trabalho. A alusão à diversidade inerente ao conceito não se perdeu, apenas se modificou.

[7] Neste trabalho, as expressões e falas dos(as) interlocutores(as) e seus pares estão grafadas entre aspas e em itálico. "*Pelada*" é uma expressão popular existente em diferentes cidades brasileiras para se referir ao jogo informal de futebol geralmente praticado como lazer. Em Salvador-BA, também é utilizada a denominação "*baba*".

[8] Em Salvador, "r*esenha*" denomina a reunião dos(as) praticantes após as partidas, frequentemente em algum bar do bairro, para comerem, beberem e conversarem sobre os jogos e outros temas.

[9] A opção pelo uso da sigla IMBB ao longo do trabalho vem do atual nome da equipe *Instituto Meninos Bons de Bola*, que decorre do fato de o time ter se tornado uma pessoa jurídica sem fins lucrativos. Além de time de futebol amador voltado para pessoas trans, o IMBB, por meio de recursos provenientes de parcerias e apoios externos, tem viabilizado bolsas para as pessoas que participam regularmente de atividades do time e tem também realizado ações educativas por meio da prática do futebol com o objetivo de sensibilizar sobre a inclusão de pessoas trans nas práticas esportivas.

[10] Por muito tempo, o IMBB apresentou-se como o "primeiro time de homens trans do Brasil". Para Almeida (2012), o uso da categoria "homem trans" como categoria política serviu, inicialmente, para abarcar múltiplas experiências e identificações transmasculinas que tinham em comum a desidentificação com o binarismo cisgênero. No decorrer dos anos, e com o crescente ingresso de jogadores que se autoidentificavam como "*transmasculinos*", "*não bináries*", "*boycetas*", entre outras categorias, a categoria "homem trans" passou a não mais comportar a pluralidade que fazia parte do time, tornando-se mais frequente a apresentação como uma equipe "formada por homens trans e pessoas transmasculinas". Para Almeida e Carvalho (2020: 335), as pessoas que fazem parte da coletividade transmasculina "[…] compartilham entre si, simultaneamente, o fato de terem sido compulsoriamente assinalados sob os signos da feminilidade no momento do nascimento, tendo ao longo das suas vidas, em diferentes momentos e sob circunstâncias diversas, reivindicado para si uma identidade de gênero situada no campo das masculinidades".

pelas etnografias estendeu-se de março de 2020 - momento a partir do qual, no Brasil, foi decretado o estado de quarentena da COVID-19 e entraram em vigor as primeiras medidas sanitárias de isolamento e distanciamento social - até o ano de 2022.

No contexto da prática esportiva, dentro e fora das quadras, percebemos que os coletivos e seus integrantes adotaram distintas modalidades de cuidado. Essas estratégias articularam saberes e práticas populares e biomédicas, integrando seres humanos e entidades espirituais, além de vincularem os sujeitos aos seus respectivos grupos esportivos, às suas famílias e às comunidades do entorno. Ao mesmo tempo, esses estratagemas de cuidado eram atravessados por políticas, éticas, relações, moralidades, emoções e ocorriam em meio às condições materiais e ao "caos cotidiano", em um mundo habitado de forma interdependente por humanos e não-humanos (remédios, espíritos, plantas, vírus, objetos etc.), como explicam Bellacasa *et al.* (2023:116).

Com base nessa noção de cuidado polissêmico, ambivalente e situado (Bellacasa *et al.,* 2023), sugerimos que as experiências futebolísticas etnografadas constituíram uma tecnologia de cuidado favorável ao bem-estar físico e mental de seus integrantes, afetades pela "naturalização da cisnorma" (Jesus, 2021: 26). Por um lado, o bem-estar adviria do esporte praticado como lazer, permeado pelo prazer e por inúmeras medidas de cuidado consigo e com outrem; por outro, o bem-estar resultaria das noções de coletividade, de pertencimento e de auto(re)conhecimento, constituídas entre pares em torno dessa modalidade esportiva. Isso inclui a possibilidade de ocupação de espaços públicos para praticarem o esporte, como também afirmarem politicamente suas existências e gozarem do direito de expor seus corpos e suas subjetividades[11] (Butler, 2018).

Ao abordarmos práticas e vivências esportivas de pessoas lidas como dissonantes em uma modalidade que se caracteriza pela reiteração da hegemonia masculina (Pisani, 2018), tendo a cisgeneridade e o binarismo como normas reguladoras (Camargo, 2020; Pires, 2020), tratamos de pedagogias corporais (Camargo, 2020) que questionam e contestam a "supremacia cis" (Oliveira; Dias; Prestes, 2021:10) e se destacam pelo seu potencial de cuidado individual e coletivo (Nascimento, 2023).

[11] Denominamos subjetividade o resultado de nossa inserção paulatina, nos âmbitos público e privado, em uma sociedade sociohistórica e politicamente determinada, por meio da qual elaboramos e atribuímos significado às "nossas vidas, corpos, desejos, afetos e experiências" até nos tornarmos "aquilo que somos", atravessados por marcadores sociais da diferença (Pisani, 2018:115).

Reafirmamos a importância de considerarmos as problemáticas enfrentadas diariamente por pessoas cujas corporalidades, identidades de gênero e sexualidade divergem da métrica cisheteronormativa. Também reiteramos a necessidade de haver "novos modos de atenção" (Bellacasa *et al.*, 2023:116) destinados a essas populações, como aqueles produzidos por meio de suas práticas de cuidado de si e coletivas, na contramão da estigmatização e da violência física e simbólica que lhes são impostas, atentando-se, por exemplo, às suas estratégias de viabilizar espaços de sociabilidade e de possibilidades de existência mais inclusivos e plurais. Por fim, ratificamos o "potencial disruptivo do cuidado" acionado de diferentes formas pelas pessoas que foram nossas interlocutoras, o qual "opera deslocamentos em hierarquias de valor estabelecidas" e gera possibilidades (*Ibid.*, 2023:117).

A seguir, apresentamos as duas experiências de campo e as especificidades acerca da formação de cada time. Buscamos evidenciar as estratégias adotadas por cada coletivo para ocuparem espaços públicos para a prática do futebol amador e recreativo, além de reivindicarem o direito de aparição de suas corporalidades. Em meio a escrutínios, hostilidades e violências às quais essas pessoas, por vezes, estavam expostas, analisamos os sentidos atribuídos ao colocar o corpo "pra jogo" e integrar times nos quais se sentiam acolhidas. Também exploramos a construção de espaços de socialização e as múltiplas estratégias de cuidado favoráveis ao seu bem estar físico e mental em torno da prática do futebol, evidenciando uma interface particular entre jogar bola, sociabilidades e cuidado.

Meninos Bons de Bola

Foi em agosto de 2016 que Raphael Henrique Martins, o Rapha, um homem trans negro, periférico, então educador social que trabalhava no Centro de Referência da Diversidade do município de São Paulo (CRD), teve a ideia de convidar e realizar um encontro de homens trans residentes na Grande São Paulo com o propósito de construir um momento de sociabilidade e um canal de diálogo sobre questões que os atravessavam enquanto sujeitos transmasculinos. O mote desse encontro, que aconteceu no Parque da Juventude, situado no bairro do Carandiru, na Zona Norte da capital paulista, era a realização de um jogo de futebol para homens trans. Com o apoio de colegas que trabalhavam no CRD, Raphael reuniu cerca de 15 homens trans – alguns acompanhados de familiares, companheires e pessoas amigas – e o grupo conseguiu

ocupar uma das quadras de futsal públicas do parque. Nas palavras de Raphael, mais do que um encontro e momento de trocas entre homens trans, ali começava uma "*relação do futebol com o mundo trans"* que deu origem ao *Meninos Bons de Bola*.

Assim como Rapha, muitas pessoas que participaram daquele encontro, tinham se distanciado do futebol à medida que perceberam que seus corpos e performatividades tensionavam convenções de gênero e sexualidade e o binarismo característicos das práticas esportivas. A permanência no esporte, em alguma medida, se apresentava como uma impossibilidade, visto que suas expressões de gênero confrontavam convenções e normas de espaços futebolísticos. Ao decidirem tornar pública sua transição de gênero, não se sentiram acolhides e à vontade para integrar times masculinos e femininos, amadores ou de alto rendimento. Também havia pessoas que, pela primeira vez, praticavam um esporte que, por tanto tempo, parecia-lhes interditado; e decidiram fazê-lo pela possibilidade de conciliar o jogar bola com a participação em um espaço de sociabilidade transmasculino.

Essa conjunção de experiências, o inusitado e o inédito de um encontro como aquele, além da busca pela constituição de um espaço de sociabilidade inclusivo e acolhedor para um grupo invisibilizado na sociedade (Peçanha, 2021) e que começou a se articular e a se organizar politicamente no início da década de 2010 (Almeida; Carvalho, 2020; Ávila, 2014; Coacci, 2018; Peixe; Morelli, 2018) dão a dimensão da relevância histórica e política do encontro realizado no dia 26 de agosto de 2016, uma manhã de domingo. Rapha, fundador, jogador e, hoje, presidente do IMBB, compartilhou a memória desse momento inicial do time, em entrevista concedida em março de 2021:

> Pra mim, foi um momento muito mágico, de muito êxtase. Porque eu não tava conseguindo acreditar que existiam pessoas iguais a mim, né. A partir do momento que comecei a olhar aquele monte de moleques chegando pro encontro e com diversas fases da transição, fiquei pensando: "Será que vou chegar até ali? Será que eu vou conseguir? Será que é isso mesmo?" E quando joguei futebol com esses moleques, foi quando olhei assim e falei: "Mano, é isso! Por que eu parei de jogar bola, sendo que tenho vários companheiros que podem seguir nessa trajetória junto comigo?" Poder vivenciar um sonho que foi barrado ali pra gente. Acho que aquele dia foi o melhor dia da minha vida, porque pude conhecer histórias, compartilhar a

> minha história e conhecer pessoas. Pessoas *que compartilhavam os mesmos* medos, as mesmas ansiedades, praticamente os mesmos sonhos que eu […].

Desde então, o time passou por várias mudanças, saídas e entradas de integrantes. A minha aproximação com o coletivo e alguns de seus jogadores teve início em 2017, acompanhando treinos, jogos e eventos. A luta pelo *"direito de existir"* e poder viver o *"sonho de ser jogador de futebol"* - sonho menos movido pelo anseio de vir a se profissionalizar do que pela possibilidade de "viver o futebol" e "viver o esporte entre dramas e alegrias" (Almeida, 2013), uma experiência significativa que faz parte da vida cotidiana -, levou o IMBB a buscar diferentes espaços públicos na cidade ao longo de sua existência para realizar treinos e encontros entre seus integrantes e jogar bola em segurança.

Do Parque da Juventude, local que passou a ser considerado pouco seguro, em função das constantes intimidações e restrições ao pleno acesso às quadras do local, o IMBB se mobilizou para realizar encontros, treinos e partidas em quadras de futsal diversas, localizadas em espaços e em praças públicas - geralmente de uso gratuito, mas, em sua maioria, em condições precárias, sem cobertura que protegesse, por exemplo, da chuva, fator que inviabilizava a realização de treinos e jogos. Também era comum negociar o uso do espaço com outras pessoas, quase sempre homens jovens cis.

Ademais, o time treinou e organizou jogos em quadras de futsal privadas, custeadas por meio de rateio da locação entre seus integrantes ou via recurso financeiro externo obtido por intermédio de parcerias. Isso proporcionou maior segurança e melhores condições para a equipe realizar trabalhos físicos, exercícios de fundamentos do jogo (como passe, domínio de bola, chute a gol, posicionamento em quadra etc.) e os treinos coletivos, nos quais eram formados times que jogavam uns contra os outros.

Os treinos e encontros de integrantes do IMBB aconteciam costumeiramente aos domingos, dia da semana no qual era possível reunir um maior número de pessoas para jogar. A maior parte dos locais nos quais o IMBB realizou seus treinos e jogos se situava no Centro da cidade de São Paulo, região que conta com uma oferta maior de equipamentos de lazer e é atendida por uma extensa rede de transportes públicos (trem, metrô e ônibus), sendo considerada de mais fácil acesso para o deslocamento de integrantes do time, em sua maioria jovens entre 20 e 30 anos de idade, que residiam em

diferentes bairros da capital paulista ou em municípios que fazem parte da Grande São Paulo.

No dia 15 de março de 2020, dias depois do primeiro treino realizado pelo time naquele ano, o governo paulista decretou o estado de quarentena e emergência sanitária, instituindo medidas de isolamento social, o que fez com que várias atividades, inclusive o futebol, profissional e amador, fossem paralisadas. Diante da impossibilidade da realização de treinos e encontros presenciais, me vi impelido a rever o plano de pesquisa e a abordagem etnográfica. Me valendo do acesso concedido ao grupo de *WhatsApp* exclusivo para jogadores e integrantes do IMBB, desenhei possibilidades de me manter vinculado ao time e interagir com seus integrantes, diante da incerteza em relação ao tempo que duraria a pandemia e ao momento em que seria possível retomar encontros presenciais.

Ter uma vivência prévia, acompanhando e participando de atividades do time, possibilitou ao grupo entender melhor o propósito da minha pesquisa e, em especial, o porquê de um homem cisgênero compartilhar um espaço de intimidade de um time transmasculino. Nesse "compartilhar experiências em comum", em alguma medida, eu também me tornava "mais um no time" (Pisani, 2018: 34). Assim, me voluntariei para assumir funções dentro do coletivo, ajudando, por exemplo, na organização de rifas e "vaquinhas" do time a fim de arrecadar recursos para a aquisição de materiais esportivos e de um novo uniforme. Também me coloquei à disposição para elaborar conteúdos para as redes sociais do time, como a produção de perfis de atletas que compunham o grupo naquele momento, trabalho feito em colaboração com integrantes do time. Esses materiais serviram tanto para a pesquisa como para a manutenção das ações do IMBB[12] durante o período sem treinos e jogos.

Alguns temas recorrentes nas interações *online* que acompanhei no grupo fechado de atletas do IMBB também faziam parte das conversas presenciais e momentos descontraídos pré e pós-treino, como questões biomédicas e jurídicas

[12] Em maio de 2020, tomei a iniciativa de auxiliar na produção de conteúdos para a página do time no *Instagram* e favorecer o acolhimento de novos integrantes. Utilizando perguntas disparadoras, estimulei os jogadores a se apresentarem; escolherem fotos pessoais relacionadas ao esporte e ao grupo; e falarem de si, de sua relação com o futebol, sobre o que representava a sua entrada no IMBB e como viviam a experiência de pandemia. O material enviado via *Whatsapp* foi transcrito e editado por mim, compondo as postagens. Outra iniciativa adotada consistiu na proposição de um questionário *online* no qual os integrantes expressaram o impacto dos encontros presenciais realizados em outubro e em novembro daquele ano para sua saúde física e mental, em plena pandemia.

relacionadas à transição de gênero[13], oportunidades de trabalho e estudo dirigidas a pessoas trans e, em menor frequência, vida pessoal e relacionamentos afetivos. Essas trocas de informações e vivências entre homens trans e pessoas transmasculinas compunham o que Braz (2018: 167) definiu como "itinerários e estratégias ligadas à sua visibilização (ou ocultação) em distintas esferas".

No entanto, ficou evidente ao longo da pandemia que as conversas que geravam mais engajamento tratavam da falta que estavam sentindo do jogar bola com colegas de time e as especulações sobre quando haveria condições para o retorno das atividades presenciais do grupo.

Após um breve período de retomada de treinos presenciais no final de 2020, propus a integrantes do time que me respondessem a um questionário *online*. A ideia era a de que relatassem, em poucas palavras, como conheceram o time, as relações prévias com o esporte e as suas impressões sobre aquele período de retorno dos encontros e atividades presenciais durante a pandemia, até aquele momento, sem previsão de quando haveria uma campanha de imunização. As respostas ao questionário mostraram que muitos integrantes do time tiveram de seguir trabalhando fora de casa, sem possibilidade de cumprir o isolamento social mais estrito, apesar do elevado número diário de casos confirmados e de pessoas que perderam suas vidas em decorrência da COVID-19. Para algumas das pessoas respondentes, os momentos de treino e de jogar junto a semelhantes representaram uma *"válvula de escape"*, *"refúgio"* e *"alívio"* em relação aos problemas cotidianos. Jogar bola entre os *"seus"*, compartilhar um espaço e uma prática com pessoas que carregavam marcas e trajetórias com as quais se reconheciam, possibilitava *"extravasar"* as frustrações, além de *"dar força"* para enfrentar o *cis*tema[14].

Pisani (2018) ressalta como o pertencer a um time, especialmente para pessoas provenientes de grupos sociais subalternizados, pode representar uma importante rede de apoio e de superação das dificuldades do cotidiano. Embora a autora se refira à

[13] Algumas questões abordadas foram: o acesso a serviços de saúde especializados, públicos ou privados, para pessoas trans; dúvidas sobre o uso de testosterona e hormonização; receitas médicas e indicações de profissionais de saúde especializados no atendimento de homens trans; trâmites burocráticos e custos relacionados à retificação do nome e da identidade de gênero em documentos e registros civis, entre outras.

[14] Para Vergueiro (2015: 16), "a corruptela 'cistema', entre outras [...] têm o objetivo de enfatizar o caráter estrutural e institucional – 'cistêmico' – de perspectivas cis+sexistas, para além do paradigma individualizante do conceito de 'transfobia'".

experiência de mulheres praticantes de futebol, seu argumento se aproxima da realidade vivida por integrantes do IMBB:

> … É preciso que se compreenda o fenômeno a partir de uma perspectiva mais geral e que se aponte estratégias de sobrevivência e de superação – das violências físicas e simbólicas – elaboradas por mulheres – sejam elas negras ou brancas; crianças, jovens ou adultas; lésbicas ou heterossexuais; moradoras da periferia ou do centro da cidade; das classes mais baixas ou mais altas da sociedade brasileira. Foi a partir de conversas com as atletas que compõem essa etnografia que pude vislumbrar o quão significativo é pertencer a uma equipe de futebol. **Estar inserida em uma rede de apoio auxilia na superação das dificuldades da vida e ajuda a ressignificar o lugar delas no mundo.** (Pisani, 2018: 188, grifo nosso)

O relato de Ale, transmasculino não binário, negro, que ingressou no IMBB no final de 2020, dá essa dimensão do time de futebol como rede de apoio. Tendo participado de treinos realizados durante a pandemia, além do estranhamento inicial de aproximar-se de um grupo novo, com pessoas desconhecidas, Ale lidou com o desconforto de ser uma das poucas pessoas usando máscara, enquanto a maioria dos colegas de time optou por treinar e jogar sem máscara. Ainda assim, para ele, recém-chegado na cidade de São Paulo, foi de extrema importância voltar a fazer uma atividade física que lhe proporcionasse bem-estar, na companhia de um coletivo onde se sentiu acolhido. Em suas próprias palavras: *"Na hora de jogar bola, eu sou mais livre pra me expressar... E eu já me senti totalmente confortável, assim, foi um negócio de um encontro que me fez muito bem"*.

Voltar a jogar futebol em um contexto transcentrado[15], onde se sentiu reconhecido e valorizado, também o ajudou a se sentir mais seguro para transitar e ocupar outros espaços em que seu corpo e subjetividade não eram plenamente respeitados ou se deparava com *"dificuldades de se colocar"*. Reencontrar o prazer jogando futebol e fazer parte da *"família IMBB"*[16], fortaleceu Ale e possibilitou a ele conhecer e construir vínculos com uma coletividade trans/transmasculina.

[15] Scheffel (2022, s/p), ao tratar e refletir sobre as relações transcentradas, afirma que "TRANScentrar é o ato de realizar algo junto às demais pessoas que também são trans".

[16] Pisani e Pinto (2021: 8) consideram a categoria *família* como um dispositivo por meio do qual "mulheres cis e homens trans futebolistas acionam alianças entre seus pares, elaboram estratégias de sobrevivência contra os ataques machistas/misóginos, LGBTfóbicos, se apropriam da prática esportiva futebol, e, [...] tensionam as normas reguladoras dos corpos e subjetividades [...] nesse campo".

Em diálogo com bell hooks (2020), Letícia Nascimento (2023: 77) teoriza sobre o transcentrar e ressalta a importância das relações de afeto e de cuidado entre pessoas trans "como uma prática ética, política e coletiva". Mesmo não isentas de conflitos e rompimentos, coletividades transcentradas assumem um importante papel para as pessoas que delas fazem parte, tanto no cuidado de si como atuando no cuidado de todo o coletivo:

> Quando pessoas transvestigêneres[17] buscam Transcentrar suas relações, tentamos diminuir o excesso de explicações sobre nós mesmes/as que precisamos sempre fazer, além de reduzir nossa exposição à transfobia. Nessa proposição, não busco afirmar que espaços ocupados exclusivamente por pessoas transvestigêneres sejam livres de violências, afinal nossas subjetividades são forjadas, atravessadas pela colonialidade. Entretanto, ao Transcentrar nossas relações, buscamos assumir um compromisso ético e coletivo de uma prática de amor que se desdobra em cuidado coletivo. Ao Transcentrar as relações, as pessoas transvestigêneres descolonizam o espelho, na medida em que esse espelho não opera mais devido a um pacto narcísico, a busca é por perceber-se em outre/a transvestigênere, de modo acolhedor, não para afirmar individualismos, uma vez que as singularidades são respeitadas e fazem parte de trama coletiva de trans(r)es(x)istências. Buscar a si nes/nas semelhantes não para mirar-se sozinhe/a, mas para existir coletivamente. (Nascimento, 2023: 77)

No segundo semestre de 2021, com o avanço da campanha de vacinação e a flexibilização das medidas sanitárias, o time retomou os treinos e encontros presenciais, em uma quadra de futsal pública e descoberta na região central de São Paulo. Naquele momento, ainda sem contar com uma direção técnica, integrantes do time que tinham mais experiência jogando futebol, com passagens por categorias de base de times de futebol, assumiram a responsabilidade de orientar o coletivo na realização de séries de alongamentos, exercícios físicos e no treino de fundamentos técnicos do jogo.

Em seguida, era realizado o coletivo, que muitas vezes virava uma *"pelada"* descontraída, com times separados por coletes coloridos ou, então, na falta de coletes,

[17] Para Nascimento (2023: 14), "o termo transvestigênere aglutina as palavras travesti+trans+gênero a partir de linguagem neutra para se referir a corporalidades e subjetividades que mesmo em suas distinções rompem com a cisgeneridade como forma de identificação, [...] a partir do referido termo: travestis, transexuais, homens trans, transmasculinos(es) e pessoas não-binárias (que não se identificam exclusivamente com um gênero)".

jogando contra si divididos em times com e sem camisa, variante muito comum no futebol jogado na rua por meninos e homens cis. Assim, era comum ver homens trans e pessoas transmasculinas, em sua maioria negras, provenientes de bairros periféricos, se sentindo à vontade para expor seus corpos em público ao praticar o esporte. Nesse momento, via-se jogadores com torsos mastectomizados, assim como integrantes que faziam uso de *binders*, faixas compressoras, tops ou esparadrapos para cobrir as mamas, ou mesmo preferiam não fazer uso de qualquer órtese e, ao tirar a camiseta, optavam por ficar com o peito descoberto. Em um diálogo com Judith Butler (2018), essa experiência de ocupação de espaços públicos para jogar bola pode ser compreendida como um exercício performativo de reivindicação do direito de aparição de suas "masculinidade(s) inquietante(s)" (Nery; Maranhão, 2015: 1) e de representação da sua "existência plural" (Butler, 2018: 20).

A ideia de "corpos em assembleia" (Butler, 2018) ficava evidenciada nos jogos e nas rodas de conversa pós-treino, momento em que o grupo conversava sobre a prática, as expectativas para atividades futuras e vivências pessoais. Essas trocas e conversas entre jogadores aconteciam também nos deslocamentos de ida ao local onde o time se reuniria e após o encerramento do treino, já no início de tarde, quando integrantes do time se dividiam em grupos menores e se organizavam para retornarem às suas casas, irem ao trabalho ou seguirem para algum bar nos arredores, próximo a uma estação de metrô, para comer, tomar algumas cervejas e prolongar a *"resenha"*.

No transcentrar e nesses pequenos atos feitos na companhia de pares, integrantes do IMBB faziam o que Butler (2018: 33) entende por exigências mais abrangentes por *"*vidas mais vivíveis": "estão reivindicando reconhecimento e valorização, estão exercitando o direito de aparecer, de exercitar a liberdade, e estão reivindicando uma vida que possa ser vivida".

As Veteranas

O grupo de futebol recreativo feminino soteropolitano *As Veteranas* foi criado oficialmente em 2017, por iniciativa de algumas integrantes que mantinham vínculos de amizade e se reuniam para praticar o esporte regularmente, por lazer, desde 2016, embora muitas delas se dedicassem a essa modalidade antes disso. À época da pesquisa, elas jogavam semanalmente às sextas-feiras, das 18h às 21h, em uma das quadras na

praça onde se situava o ponto final das linhas de ônibus de um bairro popular e central na capital baiana. O dia e horário escolhidos contribuíam para garantir a assiduidade, pois muitas estudavam e trabalhavam durante o dia, embora houvesse quem iniciasse o trabalho à noite, a exemplo de uma das administradoras - ou *"adm"*, como eram apelidadas entre si.

O grupo era formado por pessoas com diferentes identidades de gênero e sexualidade, a exemplo de mulheres cisgênero heterossexuais e homossexuais e, em menor proporção e frequência, homens trans e mulheres trans. As idades das pessoas variavam entre 15 e 45 anos, possuindo experiências distintas no futebol. Paralelamente à sua participação no grupo *As Veteranas*, algumas integravam outros grupos de futebol (amadores, profissionais ou recreativos) ao longo da semana. Predominavam jogadoras não profissionais, negras, cis, lésbicas, jovens, que moravam em outros bairros da cidade e praticavam recreativamente o esporte. Os encontros eram organizados previamente pelas *"adms"* e divulgados em cards na página do time no *Instagram*[18], cabendo às pessoas interessadas registrarem seu nome na lista de presença compartilhada por *WhatsApp.* Para jogar, bastava comparecer por iniciativa própria ou a convite de alguém que fazia parte do time e seguir as regras do *"baba"*.

Em média, compareciam entre 13 e 17 pessoas para jogar nos dias menos movimentados e, em dias de maior assiduidade, o grupo reunia entre 25 e 33 pessoas. Ainda que houvesse uma certa quantidade de praticantes regulares, a formação do grupo era variável. Nos jogos semanais, os times eram formados por cinco integrantes cada, escolhidos(as) por sorteio e que se diferenciavam na quadra utilizando coletes monocromáticos[19].

Algumas mulheres cis que integravam o grupo exibiam aparência, linguagem, condutas etc. masculinizadas, que destoavam da métrica cisnormativa, pautada na diferenciação radical e biologicista entre homens/masculino e mulheres/feminino. Pelo fato de muitas jogadoras serem lésbicas com esse perfil (apelidadas entre si de *"bofinho"*), alguns(mas) moradores(as) se referiam a elas citando a palavra *"mulheres"*

[18] No trabalho de campo soteropolitano, a etnografia *online* limitou-se ao acompanhamento da página oficial do time na rede social *Instagram*, visto que integrantes e administradoras não cogitaram meu acesso, como pesquisadora, aos grupos de *WhatsApp,* os quais eram destinados de forma diferenciada às jogadoras regulares e às novatas. Entretanto, esse aplicativo de celular foi utilizado eventualmente na comunicação com as administradoras e alguns(mas) praticantes.

[19] Integrantes assíduos(as) distinguiam-se dos(as) demais por conquistarem o direito a um colete estampado com a logomarca do grupo, grafado com seu nome ou apelido nas costas.

intencionalmente em tom irônico e depreciativo, gesticulando com as mãos, insinuando aspas.

A compreensão desses(as) moradores(as) remete à caracterização, descrita por Pisani (2018), do futebol brasileiro praticado por mulheres cis heterossexuais e por mulheres que performam feminilidades dissidentes da cisheteronorma. Esse futebol se caracterizaria, entre outros aspectos, pela coexistência e fluidez entre masculinidades e feminilidades nos mesmos corpos. Isso ocorre à medida que as jogadoras, ao interagirem em campo, acionam aspectos ditos "masculinos" (usam roupas largas, demonstram força, agilidade e agressividade etc.) ou "femininos" (optam por uniforme mais justo e curto, exibem cabelos e unhas bem cuidados e fetichizados etc.).

Ao performarem algo associado ao gênero masculino, são vistas como "machos". Essas feminilidades lidas como masculinizadas aparecem em distintos contextos de times de futebol feminino ou formado majoritariamente por mulheres; e refletem a reprodução de "técnicas corporais específicas e próprias ao *métier* jogadora de futebol" nas roupas, modos de andar, agir, chutar etc. (Pisani, 2018: 214).

A ocupação da quadra do bairro por mulheres cis e pessoas trans – um espaço habitualmente utilizado por grupos masculinos cis de futebol – chamava a atenção especialmente dos homens, de diferentes idades, atraídos pela prática do esporte e pelo que alguns denominavam *"beleza"* das jogadoras (por vezes, enfatizando suas *"partes íntimas"* em comentários entre si). A troca de coletes ou camisa em plena quadra, evidenciando os seios sob os tops; os shorts curtos, colados, delineando os corpos; as pernas abertas ao amarrar as chuteiras não passavam despercebidas pela audiência masculina.

A presença eventual de homens trans e mulheres trans na quadra era acolhida pelo grupo. Entretanto, seus corpos despertavam curiosidade e estranhamento para algumas jogadoras e pessoas que assistiam aos jogos, o que não foi observado ao se tratar de mulheres cis masculinizadas. *"Ela é mulher, mesmo?"* me perguntou discretamente uma jogadora que assistia a uma partida, referindo-se a uma mulher trans que via pela primeira vez em campo e era conhecida por outras no grupo. Em seguida, acrescentou que, mesmo tendo contato com pessoas transgênero onde morava e no posto de saúde que frequentava, sentia dificuldade em falar em consonância com o gênero com o qual essas pessoas se identificavam: *"vai demorar pra* (me) *acostumar"*.

A estranheza também foi compartilhada por um homem cisgênero sexagenário, espectador assíduo, que manifestou abertamente sua incompreensão diante da mesma mulher trans, além de desconhecer o significado da categoria trans. Essa percepção particular sobre o que é ou não "ser mulher", esboçada por ambos, sugeria uma compreensão biologizante, binária e de oposição entre masculino e feminino, pressupondo um alinhamento entre sexo-gênero-desejo (Butler, 2003), além de desconsiderar mediações sociais e outros aspectos relacionados à dimensão cultural na construção dos corpos (Silvestrin; Vaz, 2021).

Assim, o uso regular da quadra por integrantes d'*As Veteranas* produzia novos sentidos e complexificava as noções de masculinidade e feminilidade, para além das categorias *homem* e *mulher*, vistas sob uma ótica cisheteronormativa. Por conseguinte, também atribuía novos significados àquele espaço coletivo urbano, de uso majoritariamente masculino, na comunidade.

As pessoas que compunham a equipe retomaram as partidas semanais após a revogação da suspensão do uso das quadras locais decretada pelos gestores do estado e do município, de modo que o trabalho de campo transcorreu no período em que os protocolos sanitários haviam sido flexibilizados. Fora do campo, era possível ver integrantes do time comentarem sobre as vacinas que haviam tomado ou planejavam tomar; cumprimentando-se com os punhos fechados; e apenas uma pequena parcela usava máscaras. Uma das *"adm"* seguia à risca as medidas preventivas para zelar pela própria saúde e para prevenir uma eventual contaminação da mãe idosa. Mas, para a maioria das pessoas que faziam parte do time, esses cuidados eram deixados de lado durante os jogos e as *"resenhas",* além de muitas delas se encontrarem face a face regularmente, fora do contexto dos jogos.

De modo geral, familiares, cônjuges e pessoas amigas dos(as) jogadores(as) que assistiam às partidas semanais e aos torneios[20] informais entre si ou que compareciam eventualmente nas *"resenhas"* agiam de forma similar: aderiam pouco ou não adotavam medidas de proteção contra o novo coronavírus, a exemplo de usar máscaras, manter o

[20] As praticantes do grupo *As Veteranas* que jogavam futebol profissionalmente ou de forma amadora participavam eventualmente de torneios formais, promovidos por seus respectivos grupos esportivos. Em paralelo, compareciam aos campeonatos informais, organizados pelas *"adm"*, nos quais predominavam jogadoras sem formação esportiva. Essas competições informais ocorriam periodicamente na mesma quadra onde jogavam toda semana, reunindo as componentes do grupo e amigos(as) praticantes do esporte, com vistas a integrá-las, entretê-las e aprimorar suas habilidades em campo. Por vezes, as participantes do grupo *"As Veteranas"* jogavam em torneios realizados por outros grupos femininos recreativos de futebol em algum ginásio na cidade.

distanciamento social e aderir criteriosamente à vacinação. Assim, a pandemia pareceu impactar timidamente a rotina dos encontros para a maior parte das pessoas que integravam *As Veteranas*. As adaptações protetivas contra a COVID-19 foram incorporadas apenas por um pequeno número de integrantes do time, especialmente fora das quadras.

Em contraste com a tímida adesão às medidas sanitárias frente ao novo coronavírus, era comum ver componentes do grupo empregarem, de forma articulada, múltiplas estratégias voltadas ao cuidado de si, *antes, durante* e *depois* das partidas. Essas modalidades incluíam o zelo com o próprio corpo, assim como com os corpos de outras pessoas que participavam do time, o que envolvia o cuidado com suas subjetividades e emocional. As estratégias de cuidado integravam saberes e práticas ditas tradicionais e biomédicas; e se estendiam à relação de algumas jogadoras com elementos não-humanos, a exemplo daqueles identificados popularmente como "espiritualidade". Havia pessoas que recorriam a esse conjunto de cuidados regularmente, enquanto outras, só ocasionalmente.

O *antes* do jogo, para algumas pessoas que integravam o time começava com uma *"oração"* ao saírem de casa. Eventualmente, alguma componente se benzia ou borrifava o perfume alfazema no corpo antes de adentrar no campo, como forma de se sentir *"protegida*". O cuidado com o corpo incluía a limpeza da quadra, desde recolher as fezes de cachorros deixadas pelos donos em passeio com seus animais a escorrer a água da chuva acumulada, utilizando vassouras e papelões obtidos nos arredores, para evitar escorregões e outros acidentes. Integrantes do time retiravam determinados adereços, a exemplo de brincos grandes e relógios, para evitar ferimentos entre si. Havia quem se poupava de jogar quando estava machucada(o), se recuperando de alguma lesão sofrida em jogo anterior ou quando iria participar de um campeonato nos dias subsequentes. O momento anterior às partidas também servia para que uma das *"adm"* reforçasse determinados valores e comportamentos junto ao grupo quando julgava necessário, como o caráter recreativo do jogo, o respeito mútuo e o compromisso com o coletivo, favorecendo a boa convivência.

O preparo do corpo antes da atividade física abrangia realizar alguns alongamentos, fazer exercícios de força nos equipamentos de ginástica ao ar livre localizados próximos à quadra (abdominal, barra fixa) e aquecerem-se dando pulinhos, exercitando o toque de bola entre si em pequenos grupos etc. Em jogos e torneios

durante o dia, algumas pessoas adotavam protetor solar, bonés ou blusas de manga com proteção UVA/UVB. Por vezes, incorporavam no vestuário outros acessórios protetivos, como meias longas, joelheiras, tensores e shorts térmicos para evitar assaduras entre as coxas[21]. Como nem todas possuíam recursos financeiros para adquirir chuteiras, eventualmente emprestavam o calçado entre si. O sapato amenizava o frio à noite, protegia do *"mijo"* na quadra e evitava a laceração de dedos e sola dos pés, sendo obrigatório durante os torneios.

Por fim, o cuidado com o corpo *antes* dos jogos incluía o compartilhamento de saberes e experiências pessoais sobre o uso de remédios alopáticos e sobre a realização eventual de exames e consultas nas redes pública e privada de saúde. Algumas jogadoras cis, em conversa com um jogador trans, recomendavam entre si chás preparados com ervas medicinais para lidarem com cólicas menstruais, dor de barriga e outras complicações menos graves de saúde, sobretudo diante da impossibilidade de tomarem determinados componentes ou remédios devido a alergias, por exemplo. Outras pessoas ofereciam conselhos, caso alguém comentasse acerca de dor ou inflamação: *"Vá aquecendo!"* ou *"Você não corre demais, não chuta muito forte…"*. As conversas entre si revelavam ainda a prática de suspender o consumo de bebidas alcoólicas caso estivessem utilizando anti-inflamatórios musculares ou uma medicação semelhante.

Durante as disputas, os cuidados corporais incluíam a hidratação, tomando água, suco, energéticos, refrigerantes e bebidas similares, trazidas de casa ou compradas no comércio local. Evitavam jogar durante a chuva e moderavam a intensidade nas abordagens corporais e chutes para não machucarem os(as) demais praticantes. Ao atuarem no gol, protegiam preferencialmente os seios e a região da virilha contra as boladas. Em situações envolvendo contusões, uma das *"adm"* concedia um spray anestésico, próprio para pancadas, de uso coletivo; ou aplicavam gelo, adquirido com comerciantes no entorno. As cãimbras eram aplacadas com massagens ou alongamentos feitos por alguma pessoa do time; e a dor abdominal transitória, popularmente apelidada

[21] Pisani (2018) destaca algumas medidas adotadas por mulheres praticantes de futebol similares àquelas referidas neste trabalho, porém sob uma perspectiva distinta da noção de cuidado que propomos, como: arrumar e prender cuidadosamente os cabelos; aplicar protetor solar; vestir acessórios protetivos, como caneleiras e meiões; proteger os dedos e unhas dos pés, enfaixando-os; retirar piercings, alargadores e brincos, cobrindo os orifícios com esparadrapo; retirar aneis e alianças; aplicar desodorante e eventualmente, perfume, além de rezar coletivamente antes de entrar em campo e após a partida, independentemente do resultado alcançado.

de *"dor de facão",* era remediada com a aplicação de folhas na região do abdome ou rins, como ensinou uma jogadora, que aprendeu ainda pequena o costume com a mãe.

Um dos cuidados adotados *durante* as partidas era o exercício do controle emocional, referido continuamente em comentários dos(as) jogadores(as) entre si ou por uma das "adm" por meio de advertências dirigidas a quem estava em campo. O objetivo era não se deixar levar pela disputa esportiva a fim de diminuir o impacto das emoções sobre o corpo físico[22], tendo em vista o caráter recreativo do esporte e seu papel no manejo do estresse cotidiano - *"jogar pra desestressar"*. O domínio emocional também favorecia o respeito mútuo e era reforçado pelo bom humor, sobretudo sob a forma de piadas, igualmente estratégico para a manutenção da hierarquia das *"adm"* em relação ao restante do grupo e para a regulação das relações entre si, em favor da coesão grupal. O caráter de lazer no jogar bola era reiterado pela presença de cônjuges, amigues, filhes, mães, pais e outros parentes, evidenciando que o futebol também era um fator para o fortalecimento de vínculos com seus familiares e de integração com pessoas da comunidade local.

Após os jogos, durante as *"resenhas"* na praça, em um bar ou pizzaria local, buscavam se hidratar; e o consumo de bebidas alcoólicas ocorria acompanhado de lanches ou petiscos, reforçando entre si o cuidado para não beberem de estômago vazio. As *"resenhas"* eram momentos que propiciavam rever desavenças ocorridas durante os jogos e trocar impressões, experiências e saberes, consolidando o vínculo entre si.

As modalidades de cuidado desenvolvidas por integrantes desse time, no âmbito do esporte, necessitam ser compreendidas associadas à adoção parcial de medidas voltadas à prevenção da COVID-19. Em conjunto, elas apontam para a complexidade e para a ambivalência do exercício do cuidado por quem fazia parte do grupo. De forma similar, a vivência de suas identidades de gênero, atrelada às suas sexualidades, não era unívoca. Os corpos de atletas trans tensionavam as fronteiras entre as noções binárias de gênero, do ser "masculino" e "feminino". A ambiguidade também marcava as mulheres cis masculinizadas: por um lado, eram destituídas de sua condição de "mulher" devido à orientação sexual homossexual e à performatividade de gênero lida como

[22] Os(As) jogadores(as) referiam-se a algumas consequências físicas do descontrole emocional, a exemplo da arritmia cardíaca ou alteração na pressão arterial. Falar palavrões para aliviar o estresse era algo comum e aceitável. Porém, nem todos os palavrões eram admitidos, como ofender a mãe de alguém ou usar a palavra "*desgraça*", considerada significativamente ofensiva e negativa, sendo referida preferencialmente por corruptelas ("*disgraia*").

masculinizada; por outro, eram vistas como fêmeas, alvo do erotismo masculino e da objetificação pelo olhar cisheteronormativo de homens que assistiam aos *"babas"*.

Considerações finais

Neste trabalho, relacionamos nossas experiências etnográficas em cenários urbanos distintos para abordar as vivências s e as estratégias de homens trans, pessoas transmasculinas, mulheres cis e trans e pessoas não binárias ao se apropriarem do jogo de futebol. Esses futebóis são considerados dissonantes, pois os corpos das pessoas que os praticam rompem com a normatividade instituída no esporte, baseada em argumentos biologicistas que opõem o masculino/macho ao feminino/fêmea e pressupõem o alinhamento sexo-gênero (Silvestrin; Vaz, 2021). A noção hegemônica biologicista e binária no esporte, aliada a um imaginário cissexista, desconsidera a existência de múltiplas corporalidades, além de desrespeitar a identidade de gênero e a sexualidade das pessoas trans (Peçanha, 2021) e de mulheres cisgênero que excedem ideais regulatórios de feminilidade (Pires, 2021).

Os grupos etnografados se dedicam a um esporte historicamente avesso à participação de atletas mulheres e pessoas cuja identidade de gênero e sexualidade destoam da matriz cisheteronormativa, alijando-os de espaços públicos esportivos e de lazer. Em sua prática recreativa, integrantes de ambos os grupos não só reproduziam formas de jogar do esporte oficial, mas também adaptavam as regras e formas de jogo à pluralidade de seus corpos, ocupando de modo peculiar determinados espaços públicos urbanos utilizados majoritariamente por homens cis ditos heterossexuais. Trazer para o debate essas "manifestações corporais" é um modo de "desnaturalizar a cisnormatividade" (Peçanha, 2021: 102). Também contribui para contornar o "não lugar" atribuído às pessoas trans em nossa sociedade e para problematizar a reprodução de estigmas e de relações desiguais de poder no contexto do esporte (*Ibid*; p. 97).

Ambos os grupos atribuíram múltiplos significados ao futebol. Havia o prazer de estar ali, dedicados a uma atividade de lazer. Nos treinos e partidas, colocavam o corpo "pra jogo" e exploravam suas potencialidades, movimentando-se. O prazer também advinha do fato de estarem ao lado dos pares, reiterando os vínculos entre si - o que conferia novos sentidos à noção de "*família*" (Pisani; Pinto, 2021) - e, eventualmente, com pessoas amigas, parentes e outras que residiam na comunidade e prestigiavam os

jogos e disputas no bairro. Essas vivências, ainda que sujeitas a conflitos, reforçavam as noções de coletividade, de pertencimento e de auto(re)conhecimento entre si.

Ademais, os jogos proporcionavam o alívio do estresse decorrente de situações familiares, de trabalho e, em alguns casos, da violência física e simbólica sofrida no cotidiano, que lhes afetavam de forma interseccional, a exemplo do racismo, da misoginia, da homofobia e da transfobia, considerados determinantes sociais de saúde e doença. A invisibilidade de pessoas trans no esporte e o silenciamento frente a essas violências acentuam sua exclusão social, agravam sua vulnerabilidade e prejudicam sua saúde física e mental, o que nos convida a pensar sobre o papel do Sistema Único de Saúde (SUS) na promoção da atenção integral dessa população (Oliveira; Dias; Prestes, 2021).

Os jogos semanais, treinos, torneios, *"rodas de conversa"* e *"resenhas"* etnografados acionavam seus corpos, serviam à sua sociabilidade, ao cuidado e ao apoio mútuos, constituindo-se em atos de resistência frente à discriminação vigente no contexto esportivo. Particularmente para integrantes do time paulista, os treinos e disputas possibilitavam ressignificar sua relação com o jogar bola, marcada pelo sentimento de exclusão desencadeado pelo processo de transição de gênero e o entendimento de que não cabiam na lógica cisgênera e binária do esporte. Na impossibilidade de realizar encontros presenciais, a comunicação *online*, via grupo de *WhatsApp*, permitia a troca de informações e de experiências sobre suas técnicas de autoprodução corporal, além do acesso a serviços de saúde e questões jurídicas relacionadas à transição de gênero e retificação de registros civis - temas que eram comuns nas conversas antes e depois dos treinos.

Por sua vez, por meio da experiência futebolística recreativa, mulheres cis e pessoas trans residentes em Salvador exercitaram uma série de modalidades de cuidado consigo e com outrem, *antes*, *durante* e *após* a prática esportiva, voltadas ao manejo do corpo e das emoções, da lida com a "espiritualidade", da associação entre saberes e práticas ditos tradicionais e biomédicos, atreladas à convivência com seus pares, na comunidade. As múltiplas estratégias de cuidado adotadas na prática do esporte contrastavam com a não incorporação efetiva de medidas preventivas frente ao novo coronavírus, demonstrada por grande parte de integrantes do time, em plena pandemia. O exercício do cuidado pelas pessoas que compunham esse grupo, portanto, não era

unívoco, mas situado, complexo, marcado por ambivalências e atravessado pelas contingências do cotidiano.

Assim, a seu modo, sugerimos que integrantes de ambos os grupos desestabilizam convenções de gênero e referenciais do futebol, tensionando a noção de "gênero da bola", calcada na ideia de que o jogar bola e falar sobre futebol é algo inerente e exclusivo de homens cisgêneros heterossexuais. Ao se apropriarem do jogo, essas pessoas atribuem a ele diferentes sentidos, representando, além de lazer e competição, um dispositivo voltado à gestão do seu bem-estar físico e mental. Também serviu como estratégia de afirmação política de suas existências e de reivindicação do direito de aparição de seus corpos e subjetividades em espaços públicos (Butler, 2018), ao promover a ocupação coletiva de quadras esportivas públicas, tradicionalmente utilizadas por homens cis.

As múltiplas formas de cuidado concebidas e acionadas por integrantes do *Meninos Bons de Bola* e *As Veteranas*, descritas neste trabalho, evidenciaram o poder disruptivo do cuidado, capaz de tensionar hierarquias de valor pré-estabelecidas e configurar novas modalidades de atenção (Bellacasa *et al.*, 2023) a esses públicos, aberto às possibilidades que desestabilizem e ultrapassem o "*cis*tema" (Vergueiro, 2015).

Referências

ALMEIDA, Guilherme. *"Homens trans": novos matizes na aquarela das masculinidades.* Estudos Feministas**,** Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 513-523, maio/ago. 2012. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-026X2012000200012 . Acesso em: 20 out. 2024.

ALMEIDA, Caroline Soares de. *"Boas de bola": Um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980*. 2013. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

ALMEIDA, Guilherme; CARVALHO, Raquel Reis. *Homens inesperados: emergência pública de transmasculinidades na cena brasileira do início dos anos 2000*. In:

FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins. *Direitos em disputa: LGBTI+, poder e diferença no Brasil contemporâneo.* Campinas, Editora da Unicamp, 2020.

ÁVILA, Simone Nunes. *FTM, transhomem, homem trans, trans, homem: A emergência de transmasculinidades no Brasil contemporâneo.* 2014. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

AZEVEDO, Dri. *Não é por ser "erro de português" e eu posso mostrar.* Revista E: Língua, Discursos e Diversidade/ Racismo linguístico e linguagem neutra. São Paulo, SESC-SP, ano 29, n.2, SESC-SP, p. 62-63, ago. 2022. Disponível em: https://www.sescsp.org.br/lingua-discursos-e-diversidade-racismo-linguistico-e-linguagem-neutra. Acesso em: 24 out. 2024.

BELLACASA, Maria Puig de la; BÖSCHEMEIER, Ana Gretel Echazú; ENGEL, Cíntia; GRECO, Lucrecia; FIETZ, Helena. *O pensamento disruptivo do cuidado.* Anuário Antropológico [Online], Brasília, v. 48, n.1, p.108-133, jan./abr. 2023. Disponível em: O pensamento disruptivo do cuidado. Acesso em: 22 maio 2024.

BRAZ, Camilo. *"Eu já tenho nome" – Itinerários de homens trans em busca de respeito.* Habitus*,* Goiânia, v.16, n.1, p. 162-176, jan./jun. 2018. Disponível em: http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/view/6367 . Acesso em: 20 out. 2024.

BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.* Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith P. *Corpos em aliança e a política das ruas: Notas performativas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2018.

CAMARGO, Wagner Xavier de. *Dilemas insurgentes no esporte: as práticas esportivas dissonantes.* Movimento**,** [S. l.], v. 22, n. 4, p. 1337-1350, out./dez. 2016. Disponível em: https://doi.org/10.22456/1982-8918.66188 . Acesso em: 16 out. 2024.

CAMARGO, Eric Seger. *Pessoas trans no esporte: Os jogos da cisnormatividade*. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

COACCI, Thiago. *Conhecimento precário e conhecimento contra-público: a coprodução dos conhecimentos e dos movimentos sociais de pessoas trans no Brasil.* 2018. Tese (Doutorado em Ciências Políticas) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo, Aderaldo & Rithschild Ed., Anpocs, 2007.

DAMO, Arlei Sander. *Futebóis – da horizontalidade epistemológica à diversidade política*. FuLiA / UFMG, Belo Horizonte/MG, v.3, n.3, p. 37–66, 2018. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/14644 . Acesso em: 10 out. 2024.

DAMO, Arlei Sander. Futebol e Antropologia. *In*: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt (orgs.). *O futebol nas ciências humanas no Brasil*. Campinas, SP, Editora da Unicamp, p. 309-336, 2020.

HOOKS, bell. *Tudo sobre o amor*: *novas perspectivas*. São Paulo, Elefante, 2020.

JESUS, Jaqueline Gomes de. *Saúde mental da população trans: apontar a cisnormatividade para interseccionar os corpos*. In: OLIVEIRA, Liamar de; DIAS, Jussara; PRESTES, Clélia (org.). O enfrentamento dos efeitos do racismo, cissexismo e transfobia na saúde mental. São Paulo, Editora Dandara, Instituto AMMA Psique e Negritude, 2021. p.21-30.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação**:** Episódios de racismo cotidiano*. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro, Cobogó, 2018.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. *Modos de educar entre jovens transvestigêneres*: *cartografias desejantes na universidade*. 2023. Tese (Doutorado em Educação). Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2023.

NERY, João W; MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. *Trans-homens no ciberespaço II: biopolíticas nos tecno-homens*. *In*: BENTO, Berenice; FÉLIX-SILVA, Antônio Vladimir (orgs.). Desfazendo gênero: subjetividade, cidadania, transfeminismo. Natal, EDUFRN, 2015. p. 105-129.

OLIVEIRA, Liamar de; DIAS, Jussara; PRESTES, Clélia (org.). *O enfrentamento dos efeitos do racismo, cissexismo e transfobia na saúde mental.* São Paulo, Editora Dandara, Instituto AMMA Psique e Negritude, 2021. p.8-16.

PEÇANHA, Leonardo Morjan Britto. A*tletas Trans no Brasil: agenda e desafios políticos*. *In*: OLIVEIRA, Liamar de; DIAS, Jussara; PRESTES, Clélia (org.). O enfrentamento dos efeitos do racismo, cissexismo e transfobia na saúde mental. São Paulo, Editora Dandara, Instituto AMMA Psique e Negritude, 2021. p.93-102.

PEIXE, Alexandre; MORELLI, Fábio. *"Homens do futuro": o movimento de homens trans no Brasil sob o olhar de Xande Peixe*. *In*. GREEN, James N.; QUINALHA, Renan; CAETANO, Márcio; FERNANDES, Marisa (orgs.). História do Movimento LGBT no Brasil. São Paulo, Ed. Alameda, 2018.

PIRES, Bárbara Gomes. *A Gestão da Integridade: corpo, sujeição e regulação das variações intersexuais no esporte de alto rendimento.* 2020. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

PIRES, Bárbara Gomes. *Pânicos de gênero, tecnologias de corpo: regulações da feminilidade no esporte.* Revista Estudos Feministas*,* Florianópolis*,* v. 29, n. 2, p.1-14, maio/ago. 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n279320. Acesso em: 10 fev. 2025.

PISANI, Mariane da Silva. *'Sou feita de chuva, sol e barro': o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo.* 2018. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

PISANI, Mariane da Silva; PINTO, Maurício Rodrigues. *Expressões e corporalidades de mulheres cis e homens trans no ambiente futebolístico.* Revista Estudos Feministas*,*

Florianópolis, v. 29, n. 2, p.1-12, maio/ago. 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n279331 . Acesso em: 22 out. 2024.

SCHEFFEL, Noah. *Construções Transcentradas: já ouviu falar?* ECOA UOL, 04 jul. 2022. Disponível em: https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/noah-scheffel/2022/07/04/construcoes-transcentradas-ja-ouviu-falar.htm?cmpid=copiaecola. Acesso em: 15 fev. 2025.

SILVESTRIN, Julian Pegoraro; VAZ, Alexandre Fernandez. *Transmasculinidades no esporte: entre corpos e práticas dissonantes*. Revista Estudos Feministas, [S. l.], v. 29, n. 2, p.1-13, 2021. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/79366 . Acesso em: 16 out. 2024.

VERGUEIRO, Viviane S. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*. 2016. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

Entrevista com Fatima Antunes: da várzea, para a fábrica, até Nelson Rodrigues

Interview with Fatima Antunes: from the floodplain to the factory, to Nelson Rodrigues

Calebe Silva de Carvalho
Universidade de Brasília, Brasil
Brasília, DF
calebe.carvalho@aluno.unb.br
https://orcid.org/0009-0007-4311-4365

Fatima Martin Rodrigues Ferreira Antunes
Universidade de São Paulo, Brasil
São Paulo, SP
fatima.mrfantunes@gmail.com
https://orcid.org/0009-0008-6691-838X

Recebido em: 10 de março de 2025
Aceito em: 12 de janeiro de 2026

Resumo:

A presente entrevista aborda a trajetória da socióloga e pesquisadora Fatima Martin Rodrigues Ferreira Antunes, que atua no Departamento do Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. Fatima é bacharel em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP); na mesma universidade obteve o título de mestre e doutora em sociologia. Com um interesse de longa data pelo futebol, seus estudos se concentram na sociologia da cultura. Realizada através de uma plataforma de vídeo, essa entrevista abordou não somente a trajetória de Fatima enquanto pesquisadora, mas também certos temas que ajudam a entender como o futebol pode ser entendido como um tipo de patrimônio cultural imaterial.

Palavras-chave: Futebol. Patrimônio. Cultura Popular. Várzea. Fábrica.

Abstract:

This interview explores the career path of sociologist and researcher Fatima Martin Rodrigues Ferreira Antunes, who works in the Historical Heritage Department of the Municipal Secretariat of Culture of São Paulo. Fatima holds a bachelor's degree in Social Sciences from the University of São Paulo (USP); she also obtained her master's and doctoral degrees in sociology from the same university. With a long-standing interest in football, her studies focus on the sociology of culture. Conducted via a video platform, this interview addressed not only Fatima's trajectory as a researcher, but also certain themes that help to understand how football can be understood as a type of intangible cultural heritage.

Keywords: Football. Heritage. Popular Culture. Amateur football fields. Factory.

Introdução

Algumas obras e pesquisas foram fundamentais para o processo de consolidação de um campo acadêmico nas Ciências Sociais dedicado a compreender o universo esportivo brasileiro. A trajetória de Fatima Martin Rodrigues Ferreira Antunes, mestre e doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo, é um ótimo exemplo da presença pioneira de pesquisadoras mulheres nos estudos sobre futebol no Brasil. Em 1992, Fatima defendeu a dissertação de mestrado "Futebol de fábrica em São Paulo", e em 2004 publicou o livro "Com brasileiro, não há quem possa! Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues" (Ed.Unesp), com base em sua tese de doutorado.

A pesquisa de mestrado teve como tema central o futebol na cidade de São Paulo. Inicialmente, Fatima queria abordar o futebol na várzea, mas, por conta de limitações empíricas e de acesso a acervos, a análise de seu trabalho se centrou nas relações que os trabalhadores das fábricas tinham com o esporte. No doutorado buscou unir duas paixões: futebol e literatura. A tese trabalhou a questão da identidade nacional para entender como esse esporte desperta nas pessoas seu nacionalismo e o patriotismo. Atualmente, Fatima é socióloga vinculada ao Departamento do Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, trabalhando com diversas questões relacionadas ao campo do patrimônio, inclusive relacionadas ao futebol, tema que continua a mobilizar sua atuação e inspirar novas reflexões.

Ao longo desta entrevista, realizada de forma virtual, Fatima fala sobre sua formação, sobre o processo de escrita na dissertação de mestrado, sobre a tese de doutorado, de seu trabalho com o tema do patrimônio e, por fim, tece algumas reflexões sobre os desafios e perspectivas para novos pesquisadores que desejam pesquisar sobre o universo esportivo.

Fatima, agradeço a disponibilidade em realizar a entrevista. Para começar, conte um pouco sobre a sua formação e o que te motivou a fazer graduação em Ciências Sociais na USP.

Quando eu estava no ensino médio, fui pensando no que eu faria na universidade e, naquele momento, me identificava com a História, gostava muito das aulas, de tudo que se relacionava com o curso e aí pensei: "vou fazer História". No final do ensino médio prestei o vestibular para FUVEST, mas eu tinha uma formação muito ruim em Química e tirei zero na prova da segunda fase (risos). Naquela época não podia zerar. Não me restou outra alternativa a não ser fazer cursinho para tentar entrar no ano seguinte. No cursinho conheci um professor de História que era formado em Ciências Sociais, fiquei curiosa e interessada, perguntava sobre como era o curso, comecei a ler outras coisas relacionadas a cultura de modo geral. Na escola, durante o ensino médio, tinha aula de Sociologia, mas o que me encantava mais era História. Eu acho que muito em função desse professor de História formado em Ciências Sociais que fui buscar o curso.

Também tive um professor de Geografia formado em Ciências Sociais. Eu me lembro que fui na FFLCH da USP, procurei o programa do curso, conversei com outras pessoas e daí decidi fazer Ciências Sociais. Cheguei à conclusão que na verdade as coisas que me encantavam mais na História eram também as questões culturais, então prestei Ciências Sociais. Enquanto estava na faculdade, sempre tive certeza que eu tinha feito a escolha certa. Era o que me encantava e dava prazer!

Como e em que momento o estudo sobre esportes, e mais especificamente o futebol, despertou o seu interesse enquanto possível tema de pesquisa?

Eu tinha um encantamento pelo futebol, antes da faculdade, então desde criança eu tinha uma história de vida meio que vinculada aos esportes. Eles faziam parte da minha vida de alguma forma. Teve um processo também para entender que eu podia transformar o futebol num objeto de pesquisa.

O meu pai era muito ligado a esportes. Ele foi jogador amador de um clube de várzea e a atividade à qual ele se dedicou com mais intensidade foi a corrida, participava de corridas de longa distância. Foi atleta do Atlético Ipiranga, onde ele se aplicou mais. Meu pai tinha uma paixão pelos esportes tão grande que aquilo

transbordava. Dentro de casa, vendo ele acompanhar alguma transmissão pela televisão ou rádio, não tinha como não se "contaminar" por aquilo (risos), era uma paixão muito grande, então sempre acompanhava as corridas com ele, sempre que tinha provas.

O futebol eu acompanhava pela TV. Me lembro dele vendo transmissões pela TV, uma coisa marcante assim para mim de entender o que era o futebol foi a copa do mundo de 1970. Eu tinha 7 anos e aí tinha todo um envolvimento das pessoas, dos meus vizinhos, da escola, um fato marcante e depois disso fui acompanhando outras copas.

Quando eu tinha uns treze, quatorze anos, mais ou menos, é que eu comecei a acompanhar mais, lia jornal, pela televisão, me envolvi com isso. A partir desse meu interesse é que meu pai também acabou se mobilizando mais para acompanhar jogos em estádio, porque ele não ia muito, fazia isso quando era mais jovem, depois deixou de fazer. Como eu demonstrava muito interesse, ele começou a ir. Íamos toda semana. Tinha uma paixão por futebol. Eu falava para ele que queria ser repórter de campo, ele dizia: "é legal ser jornalista, ser repórter de campo, mas você não vai poder entrar no vestiário porque é mulher. Se você quiser ser jornalista é legal, aí já não sei" (risos). Naquela época os repórteres entravam nos vestiários e entrevistavam os jogadores enquanto tomavam banho.

Na faculdade, quando eu estava no fim do curso, trabalhei como auxiliar de pesquisa em um projeto do Centro de Estudos Rurais e Urbanos (CERU) do Departamento de Sociologia da USP. Era uma pesquisa sobre educação na Primeira República. Era um projeto que fazia parte de um projeto maior, envolvendo outros pesquisadores, financiado pela Finep. E lá no CERU conheci a Olga Von Simson, que é socióloga também. Naquela época, ela estava fazendo uma pesquisa grande sobre o carnaval em São Paulo. Ela ia entrevistar aquela velha guarda do samba paulistano, fazia tudo aquilo com muito envolvimento e eu via aquilo e pensava que ela estava trabalhando com a cultura popular, então eu pensava que podia trabalhar com o futebol também. Isso foi nos anos 1980, quando as Ciências Sociais ainda eram muito sisudas, não tinha muita abertura para esses estudos, mas eu me inspirava na Olga, que fazia um trabalho tão bacana e sério com esse tema de cultura popular. "Acho que posso falar sobre esportes também", pensei. Nessas, fui falando com ela e com a Zeila Demartini, que acompanhava meu trabalho, com quem eu trabalhava mais diretamente, e elas foram me incentivando a trabalhar com isso na pós-graduação, e fui ganhando

confiança. Na verdade, eu não tinha outros modelos a seguir, pelo menos não naquele momento, não conhecia ninguém que tivesse feito algum trabalho nesse campo, foi daí que eu me entusiasmei para pensar sobre aquela parte lá da adolescência e assim ficou meu tema de mestrado.

Quais foram as suas principais referências sociológicas ou antropológicas nos estudos iniciais sobre a temática esportiva?

Conheci os trabalhos do Roberto DaMatta que já tinha alguma reflexão sobre o futebol, daí fui buscando essas referências; conheci o trabalho do Ronaldo Helal, que foi publicado naquela Coleção Primeiros Passos da Editora Brasiliense, que chamava: "O que é sociologia do esporte"; li o Johan Huizinga, relacionado ao lúdico e ao lazer. E quando eu resolvi entrar mesmo nessa temática do futebol, aí eu fui buscar estudos que já tinham sido feitos anteriormente, e aí encontrei os trabalhos do Ricardo Benzaquen de Araújo e da Simoni Guedes no Museu Nacional. Fui até o Museu em busca dos exemplares das dissertações; o que mais me inspirou foi o da Simoni Guedes, porque era um trabalho mais estruturado, que ela já tinha defendido no final da década de 1970, e me serviu de referência naquele momento.

Tinha também outra dificuldade. Eu tinha muito apoio por parte dos professores na faculdade, mas eram pessoas que trabalhavam em outras áreas, então elas também tinham dificuldade em introduzir reflexões mais dirigidas para esse tema. Mas hoje eu fico pensando que, mais do que referências teóricas de trabalhos naquele momento, foi importante o apoio que recebi dessas pessoas, sabe?

Então desde o CERU, que eu nem tinha concluído a graduação, eu destaco em especial o apoio que eu recebi da Olga e da Zeila, que me incentivavam muito. E depois, quando eu entrei no mestrado mesmo, o apoio da professora Heloísa Fernandes, que depois se tornou a minha orientadora, acreditou nesse trabalho e ajudou muito. Depois, no exame de qualificação, quem estava na banca eram as professoras Maria Célia Paoli e Elisabeth Souza-Lobo. As duas trabalhavam com a linha da sociologia do trabalho e também me incentivaram muito. Hoje eu fico pensando que mesmo não tendo muito apoio em trabalhos anteriores, tenho impressão de que eu caminhava um pouco no escuro, mas eu tinha o apoio desses professores, que eram todas mulheres, que

falavam que não conheciam o futebol, mas elas achavam que era importante eu abrir esse caminho nesse campo.

Naquela época, eu acho que ninguém na universidade falava muito sobre futebol, era um assunto meio secundário, abandonado, porque a preocupação estava em outras coisas. Não podemos também deixar de lembrar que era o período da Ditadura Militar. Eu comecei o mestrado em 1987, já num período de transição, de redemocratização, então naquele período as pessoas estavam mais preocupadas com temas mais "sérios" do que futebol. Mas os professores nunca se fecharam em relação a esse tema, tanto que eu o levei para a minha entrevista de admissão no mestrado e foi aceito tranquilamente. Mas tinha um ranço ainda até entre os colegas, então me deparava com algumas dificuldades no caminho.

Também teve uma mudança de rumo já durante o mestrado, porque o projeto que eu apresentei na seleção era sobre futebol de várzea. Quando eu comecei mesmo a avançar na pesquisa, fui me deparando com dificuldades, até que eu mudei e cheguei no futebol das fábricas.

O futebol foi, durante muito tempo, visto como um esporte majoritariamente masculino. Como foi trabalhar com um tema ainda marcado por fortes questões de gênero?

Eu já estava acostumada com isso, porque desde a minha história lá de adolescente, da minha paixão por futebol, eu já lidava com essas questões, porque quem gostava de futebol eram os homens, quem acompanhava eram os homens. Eu gostava, tinha um monte de mulher que gostava também (risos), mas isso era como a coisa era colocada pra mim, então era uma curiosidade. As pessoas que estavam no meu entorno (minha família, meus primos) viam isso como uma curiosidade. "Nossa! Ela é mulher, ela conhece, ela tá sabendo", e daí eu ia estudar, então tinha uma "fome" assim para saber tudo, ia buscar sobre quem tinha jogado com quem, os jogadores do passado.

Isso era visto como curiosidade e eu não sentia como agressivo. Mas tinham algumas coisas que eram interditadas, por exemplo: eu queria ser repórter de campo (porque eu queria me jogar naquilo, entrar de cabeça), e a entrada que eu via era por aí, mas era interditado, "ah, você não pode entrar no vestiário e não vai conseguir realizar o seu trabalho".

Era um pouco por aí sabe? Eu sentia isso. Eu também não me interessei por jogar, não foi uma coisa que me ensinaram desde criança, não era uma coisa que estava no meu universo de possibilidades, era um interesse pessoal de acompanhar. E aí depois na universidade sempre teve isso, despertava uma curiosidade, "nossa! uma mulher querendo pesquisar sobre isso, que curioso", então tinha um pouco disso, da curiosidade. Eu sentia muito por aí. Mas me deparei com algumas interdições mais pesadas, quando eu fui pesquisar em Santa Rosa de Viterbo, pesquisar a Associação Atlética Amália (nem me lembro exatamente o nome), fui para a fazenda Amália e todo mundo me olhava meio atravessado. Ninguém me impediu de ter acesso aos documentos, me abriram, eu estava com uma carta do Departamento de Sociologia, fui com o meu marido, naquela época eu já era casada, ele me acompanhou e ajudou a fazer os levantamentos, mas eu notava que o tempo todo ficavam me olhando. Depois, quando fui na Federação Paulista de Futebol, isso antes mesmo de ter definido o meu tema, quando eu pensava em trabalhar com futebol de várzea, fui lá perguntar sobre os acervos. Eles tinham um controle e registro sobre os clubes da várzea. Fui querendo saber se eu podia consultar, não sabia direito o que eu ia fazer com aquilo, só saber mesmo onde eles estavam e se eu podia ter acesso de alguma forma. Nesse dia cheguei perguntando, ninguém sabia direito me responder, os funcionários que trabalhavam com isso não sabiam também, aí falavam "aguarda um pouquinho", perguntava pra outra pessoa, e mais outra...

Até que me mandaram conversar com o presidente da Federação, era o Eduardo José Farah na época e ele me olhou (eu devia ter uns 26 anos, era bem menina), cheguei perguntando (risos), mas ele olhando, perguntando o que tinha ido fazer, falei que era para pesquisa de mestrado, ele me informou que esses arquivos não existiam mais, tinham sido doados, foram jogados fora, porque eles não faziam mais o controle da várzea, muitos clubes tinha desaparecido, a cidade cresceu e mudaram os campeonatos e a forma de controlar. Ninguém tinha coragem de falar. Aí me levaram até o presidente e ele falou isso para mim, que ele tinha doado o acervo para uma campanha de papel feita pelo Hospital do Câncer, uma história absurda... Depois nunca mais voltei para conferir o que eles têm ainda sobre isso, mas enfim. Tinha todo esse estranhamento! Assim foi também em outros locais. Era mais nesse sentido de estranhamento e daqueles olhares de "rastreio", aquele olhar de que ninguém te diz nada diretamente, mas está sendo

observada, olha para o seu corpo também. Essa foi a minha trajetória, o que eu enfrentei.

A sua dissertação, defendida em 1992, tem como objeto de estudo o futebol de fábrica em São Paulo na primeira metade do século XX. Quais razões para a escolha desse tema e desse recorte histórico?

Quando eu cheguei no mestrado, a minha proposta de trabalho era o futebol de várzea que, naquele momento, na segunda metade dos anos 1980, tinha sofrido muito aqui na cidade de São Paulo por conta do crescimento demográfico, da perda de campos, o espaço já estava reduzido. A minha ideia era trabalhar com a perspectiva histórica do desenvolvimento desses clubes, de como essa prática se desenvolveu e cresceu na cidade, era um pouco por aí. Só que à medida que eu fui avançando na pesquisa, fui me deparando com essas dificuldades, por exemplo, a ida frustrada na federação. Na verdade, teria o que pesquisar em jornais. Na época, você fazer pesquisas assim exigia grande fôlego e, como eu trabalhava e tinha aquela vivência no CERU, eu trabalhava com história oral e pensava muito em mexer com essa perspectiva também, queria entrevistar pessoas. Minha orientadora sugeriu que eu conversasse com um professor que tinha publicado um trabalho sobre futebol, achava que seria importante falar com ele; que me disse: "desista, a várzea não existe mais, ela desapareceu". Eu fiquei muito chateada com essa fala e com raiva também, porque ele me desestimulou. Essa foi a fala que causou mais impacto na minha trajetória, no campo da interdição parecia que aquilo não era pra mim! Mas enfim.... Continuei.

Nesse momento também eu fazia uma disciplina no mestrado com a professora Elisabeth Lobo, sobre sociologia do trabalho, e a avaliação da disciplina seria um paper que a gente faria dentro do nosso tema de pesquisa, daquilo que cada um estava pesquisando, mas com o apoio da bibliografia que ela tinha trabalhado. E eu já tinha visto uma publicação da antiga Eletropaulo (sucessora da Light aqui em São Paulo), a companhia de energia elétrica, e eles mantinham um departamento de patrimônio histórico e publicavam a revista, e nela eles tinham publicado uma matéria sobre o futebol dos funcionários da Light. Essa ideia do futebol nas fábricas, nas indústrias, não estava colocada para mim. Então, para fazer esse trabalho da professora Elisabeth, eu fui até esse departamento de patrimônio histórico da Eletropaulo, hoje ele é mantido no Museu da Energia em São Paulo, e comecei a consultar os relatórios que eles tinham

dos clubes. Aquilo me abriu um horizonte infinito e eu achei que seria muito mais legal pensar nessas relações, como o futebol ficava ali como um intermediário entre empregados e empregadores nessa época. Foi por aí que eu migrei totalmente da várzea para as fábricas. Fui entendendo que tinha todo um conjunto, os campeonatos, as ligas, associações, então eu mergulhei nesse tema.

O que o futebol de fábrica revela sobre o processo de popularização do futebol em São Paulo e no Brasil de forma geral?

O futebol de fábrica mostra a importância que esse esporte ganhou na cidade muito rapidamente, tanto que ele foi "abraçado", digamos assim, pelos industriais, que enxergaram nisso todo um potencial de divulgação da sua marca/produto, e hoje a gente tem um financiamento do esporte, patrocínio, acho que foi um momento inicial disso tudo. O futebol já estava presente na vida dos trabalhadores, seja por esses clubes de vizinhança e amadores da várzea, então eles pedem apoio para as empresas ou tem empresa que decidem apoiar mais e acaba interferindo nessa atividade dos empregados, de formas variadas.

Foi muito importante também para o desenvolvimento desse esporte em São Paulo nesse período. Funcionou como um espaço para revelar talentos. A maior parte dos talentos saía da várzea mesmo, mas as fábricas também tinham jogadores que foram para o futebol profissional, e tinha o contrário também. Nesse sentido, o futebol das fábricas foi importante porque acolhia também ex-futebolistas, profissionais aposentados que iam desempenhar algum papel nesses clubes.

Em suas pesquisas foram levantadas questões sociais sobre como o futebol dentro de clubes (como está citado em um de seus artigos) fazia com que os jogadores socializassem além do campo e interagissem entre si. Como você enxerga o futebol através do conceito sociológico de estratificação social? Ele é capaz de diminuir o antagonismo entre classes?

Então. É uma pergunta complexa (risos). Enquanto língua franca, sim, é como se fosse um idioma que é acessível a todas as classes sociais, todo mundo domina e está a aberto a todos. Mas sabemos que a coisa não é bem assim. Ele não abre portas para todos. Aí a gente pode se reportar aos casos de jogadores que ascenderam socialmente a partir do futebol, como o Neymar, por exemplo. As grandes estrelas têm mais destaque,

mas se você considerar essas estrelas, são 1% dos jogadores profissionais do total que atua no país inteiro, porque a gente sabe que a maioria ganha pouco (um salário mínimo). Essa possibilidade de ascensão social ou de mudanças não está muito posta para eles, mas sim para aqueles que conseguem algum destaque e conseguem fazer um pé de meia e se dedicar a outra atividade depois da saída do futebol. Temos muitos exemplos nesse sentido, de ex-profissionais que conseguiram ascender a outras camadas sociais, mas não é regra. Muitos se dedicam ao futebol como uma atividade paralela e não exclusiva, então o rendimento por meio dela não permite que ele viva só disso, como eu citei nas fábricas.

Na pesquisa de doutorado, você continuou pesquisando futebol, porém com outro enfoque, dedicado a pensar as relações entre futebol, literatura e sociedade, principalmente a partir das obras de Mário Filho, José Lins do Rego e Nelson Rodrigues. Como foi o processo de delimitação de um novo recorte de pesquisa?

No doutorado eu quis deixar fluir um outro lado meu, uma outra paixão, a literatura com o futebol. Eu pensava nisso, mas não sabia como resolver, tanto que de novo eu mudei meu tema. Entrei no doutorado com a proposta de trabalho sobre torcidas organizadas e a questão da violência, mas à medida que eu fui me aprofundando um pouco mais na pesquisa aquilo foi me desencantando. Eu precisava ter algum envolvimento emocional maior, com alguma curiosidade, e esse tema foi me desinteressando. Na mesma época apareceram as publicações do Nelson Rodrigues sobre futebol, saíram duas coletâneas organizadas pelo Ruy Castro e pensei "isso aqui é emocionante", a forma como ele escrevia, muito apaixonado e exagerado, por aqui eu tenho um caminho, então resolvi trabalhar com as crônicas dele. Eu já conhecia alguns trabalhos do José Lins do Rego, procurei comparar essas crônicas, entender como cada um analisa, vê e enxerga o futebol como um elemento de identidade nacional, coisa que já está tão enraizada na cultura que passa a ser um motivo de distinção.

Fui buscando outras crônicas, daí senti que dava certo. O recorte dessa discussão vinha mais à tona naqueles períodos de copa do mundo, estavam discutindo sobre o caráter nacional e identidade a partir da seleção brasileira de futebol, estavam discutindo sobre isso em vários momentos, mas eu selecionei esses períodos de copa do mundo quando a discussão tinha mais destaque. E também estava muito colada num determinado período histórico, pós-Segunda Guerra Mundial, o Brasil com uma

preocupação de crescimento e desenvolvimento industrial, de encontrar uma posição no mundo. Queria entender o papel que o futebol desempenhou nesse momento.

Foi muito gostoso fazer tudo isso, porque eu juntava esse meu interesse por literatura e futebol. Cheguei a cursar Letras também, quando eu fazia Ciências Sociais, mas eu me dedicava mais às Ciências Sociais. Chegou um momento em que eu não dava mais conta de conciliar os dois cursos, acabei desistindo das Letras e não me formei, mas eu tinha esse interesse e gosto. Então esse momento do doutorado foi onde eu consegui juntar esses dois temas que me interessavam.

Muitas vezes, fala-se do Brasil como o "país do futebol'. Como a discussão mobilizada ao longo do século XX nos ajuda a compreender o papel do futebol nos projetos de formação de uma identidade nacional ou de um nacionalismo brasileiro?

O futebol foi tomado como um fator importante em vários momentos. Tem o período JK, quando o futebol desempenhou um papel relevante. Era um governo democrático. O sucesso do futebol oferecia confiança para o Brasil se afirmar. Era um país com muitos problemas e essa associação com o futebol foi importante naquele momento. Depois tem o período da Ditadura, com um nacionalismo forte, quando o futebol é encarado como um fator muito único do brasileiro, e, no momento em que você quer ressaltar esse nacionalismo, o futebol caía como uma luva, mas cheio de muitos conflitos. Depois ele segue no período de redemocratização, que também é importante, mas já com a seleção brasileira sofrendo em muitos momentos. Estavam exigindo mais dela, se esperava muito do futebol, como na copa de 1994.

Hoje, quando a gente olha para trás, vemos como o Brasil mudou muito. Quando comparamos o período da redemocratização e dos insucessos que a seleção brasileira teve, com todo aquele sucesso anterior nos períodos JK, da Ditadura. Não se tinha outros esportes com a mesma projeção que o futebol, parece que a única coisa que dava certo era o futebol (risos), aí depois foi mudando. Teve o período Ayrton Senna. É difícil entender como uma pessoa podia mobilizar tanto as atenções, mas acho que é porque não tínhamos destaque em outras coisas. O futebol promoveu muito um nacionalismo.

Hoje o esporte cresceu, com tantas modalidades em que o país tem sucesso e, ao mesmo tempo, o futebol foi perdendo um pouco dessa importância. Eu entendo que o futebol hoje já não tem mais a mesma importância que teve no passado, em termos de mobilização, atenção, essa questão de identidade.

A Copa do Mundo e a seleção brasileira aparecem com destaque em seu estudo, tanto nas derrotas quanto nas vitórias daquelas décadas, de 1950 a 1970. O torcer pela seleção e a realização da Copa do Mundo já não são mais vividos pela população brasileira com a mesma intensidade que em períodos anteriores?

Entendo que não tem mais o mesmo envolvimento, como disse anteriormente. Durante a copa do mundo tem ainda uma mobilização, mas ela já perdeu em relação ao que foi há tempos atrás. Eu entendo também que outros esportes cativam a atenção e fazem sucesso, o país mudou, a democracia e as instituições se fortaleceram, apesar de toda a discussão que a gente tem de que essas instituições são frágeis. Tinha muito disso, do complexo de vira-lata, uma coisa que sempre vinha à tona, do Brasil, de se sentir menor. Eu acho que a discussão se ampliou, temos caminhado para outras, isso já não faz muito sentido hoje, mas entendo que de alguma forma foi importante naquele período.

Além da academia, como pesquisar o futebol influenciou na sua trajetória profissional, principalmente em sua atuação no Departamento de Patrimônio Histórico da Prefeitura Municipal da São Paulo?

Eu trabalho na prefeitura desde 1991. Eu fui pra lá quando estava terminando o meu mestrado. Foi meio por acaso. Prestei um concurso público e passei, não sabia ao certo o que ia encontrar lá, mas esse trabalho foi me encantando, porque estamos lidando diretamente com formulação de políticas públicas. É claro que dá muitas voltas com as trocas de governo, você tem períodos mais produtivos e outros menos, mas o trabalho foi me encantando lá. Quando eu já estava trabalhando na prefeitura, fiz o doutorado pensando em seguir uma outra carreira, mas quando eu terminei o doutorado acabei me envolvendo mais ainda com os trabalhos que eu já desenvolvia na prefeitura. Fui trabalhar no Departamento do Patrimônio Histórico em 1994. Na verdade, os temas do trabalho eram colocados pelo próprio órgão com base nas demandas da cidade, então algumas questões relativas ao futebol chegaram mais nos últimos anos, sempre em

relação a processos de tombamento ou à realização de inventários, sempre ligados ao reconhecimento de bens culturais. Nessa minha trajetória me deparei com processos de tombamento de alguns estádios, como o do Juventus, do Nacional, da Portuguesa, também fiz alguns trabalhos sobre o Pacaembu e, mais recentemente, a gente voltou a trabalhar e pensar as questões da várzea, da importância dela na cidade, a várzea que tinham me dito lá atrás que tinha desaparecido. Ela teve uma queda mesmo, não é mais o que foi na primeira metade do século XX, mas ainda tem um papel muito importante na cidade enquanto forma de lazer e sociabilidade.

Tenho realizado alguns trabalhos nesse sentido, de tombamento e identificação, tem alguns ainda que estão em elaboração. Mas uma coisa é você poder estudar, levantar temas e questões para reflexão, e outra é você ter algum poder em relação à definição de políticas públicas para proteção do futebol como um bem cultural.

É possível afirmar que o futebol, especialmente em suas expressões cotidianas e populares, pode ser entendido como um patrimônio cultural imaterial? Temos exemplos de processos de patrimonialização dessa prática?

Eu acredito que sim, pensando aqui na situação da cidade de São Paulo, em especial, que eu conheço melhor. Entendo que caberia sim pensar futebol como patrimônio imaterial no sentido de uma prática, não como esportiva, mas sim cultural. Ela tem desenvolvimento em determinados lugares e contextos, faz parte de uma rede de pessoas que desenvolvem essa prática, eu entendo que caberia sim um olhar para o futebol de várzea como um patrimônio cultural imaterial.

A gente sabe também que o reconhecimento como um bem imaterial não depende só de uma ação do poder público. Ela tem de partir das pessoas que desenvolvem essa prática, que na linha do patrimônio imaterial chamamos de detentores. São eles que solicitam isso e se apropriam disso, não é uma coisa que acontece de cima para baixo. Quando trabalhamos com o instrumento do tombamento, qualquer cidadão pode solicitar o tombamento de um imóvel ou parque, etc., o próprio poder público pode propor. No caso do registro do patrimônio imaterial, essa vontade, esse interesse, tem que partir dos detentores, porque todas as ações de salvaguarda subsequentes terão que estar associadas à comunidade de detentores dessa prática. São eles que vão dizer que tipo de apoio precisam receber para que a prática continue

existindo no tempo. O Departamento não recebeu nenhum pedido expresso, mas eu entendo que caberia sim reconhecimento.

Um outro ponto que caberia reconhecer, sim, e é caro para essa questão da várzea, de entender o futebol como um bem cultural, são os acervos gerados pela várzea. São muito importantes enquanto referências de identidade. Precisamos pensar e refletir sobre como proteger esse tipo de acervo. Isso ainda precisa caminhar mais.

Em sua percepção, quais são os principais desafios para quem, atualmente, inicia seus estudos ou pretende realizar pesquisas sobre o futebol na área das Ciências Sociais?

Eu acredito que hoje o tema já está mais consolidado. Aquele estranhamento que eu mencionei já não se tem mais. Não sei se posso dizer que já temos um campo de pesquisa consolidado, mas esses estudos sobre esportes e futebol já têm uma entrada mais facilitada. Acredito que hoje ninguém mais vai passar por aquele estranhamento do passado, essas coisas são vistas de outra forma, sinal de que nesse período os estudos cresceram bastante e se desenvolveram. Hoje, temos nas universidades professores trabalhando com isso. Meus professores lá atrás não trabalhavam com isso, os temas eram outros. Atualmente, nas ciências sociais, existem professores que trabalham com isso há bastante tempo, formam alunos desde a iniciação científica. Esse campo cresceu bastante, está mais amadurecido.

Um exemplo bacana é o INCT (Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Estudos do Futebol Brasileiro), que reúne pesquisadores do Brasil inteiro que trabalham com questões do futebol. Hoje tem gente do país todo trabalhando e refletindo sobre essas questões, agrupados num instituto, o que mostra a dimensão do amadurecimento dos estudos sobre futebol. Outro espaço é o Museu do Futebol, localizado aqui em São Paulo, uma instituição muito forte que trouxe e promoveu discussões importantes sobre futebol, também introduzindo o futebol de mulheres, dando uma outra dimensão para isso tudo. O Museu contribuiu e contribui bastante.

E quais temas você acredita que as pesquisas relacionadas ao universo esportivo poderiam olhar com maior atenção nos próximos anos?

Alguns temas, como a questão da identidade nacional, eu acho que ficaram para trás. Você acompanhava os simpósios e tinha um monte de gente discutindo isso. Hoje já diminuíram. Eu acho que as questões relativas ao trabalho ainda demandam mais pesquisas, inclusive investigando esse tema mais em relação ao passado e, também, como essas relações acontecem hoje, ou seja, a questão do futebol como profissão ainda demanda mais reflexão. Até mesmo as questões de futebol comunitário, tido como amador, que assume características muito diferentes dependendo do contexto em que ele se desenvolve, essa linha ainda pode crescer bastante. Mas eu sinto mais falta mesmo é em relação às questões de profissão, buscando entender como as relações de trabalho se desenvolveram lá no passado, e ainda hoje, isso é pouco explorado.

Por fim, o fato de estudar futebol mudou a relação que você tinha com o tema antes de começar a realizar as pesquisas? Pesquisar abalou, de alguma forma, o seu "torcer"?

Eu acho que não. Com o passar do tempo, não pelo fato da gente ter estudado, mas a gente vai encarando as coisas de outra forma também. Hoje eu não sou uma torcedora tão fanática quanto já fui, tenho outros interesses também, mas claro que ao estudar você enxerga o futebol de uma outra perspectiva, sabe de todos os interesses que estão envolvidos.

O fato de ter estudado futebol não abala o meu jeito de torcer (risos), o que eu acho que abala é o tempo e a forma como hoje, já mais velha, enxergo isso tudo. Coloco o interesse em outras coisas também, não só no futebol; também não tenho mais o mesmo tempo e a disposição de tempos atrás, o tempo que eu tenho faço isso profissionalmente. Mas, no fundo, eu sinto falta, porque tem uma energia ali, uma emoção. Apesar de tudo que a gente sabe que envolve o futebol, tem uma vibração boa de acompanhar um jogo. Assistir a uma partida ainda é muito apaixonante. Estudar não abalou isso.

Referências

ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. *O futebol nas fábricas.* Revista USP, n. 22, p. 102-109, 1994.

ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. *Com brasileiro, não há quem possa! Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues*. Editora Unesp, 2004.

ANTUNES, Fátima. *O futebol na Light & Power de São Paulo*. Pesquisa de Campo, v. 3, p. 51-64, 1996.

BORGES, Luiz Henrique de Azevedo. *Do complexo de vira-latas ao homem genial: o futebol como elemento constitutivo da identidade brasileira nas crônicas de Nelson Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira*. 2011.

Apenas seguindo: escrita com um jogador de futebol que vai levando

Just keeping on: writing alongside a footballer who persists

Walter Reyes Boehl
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Porto Alegre, RS
necoboehl@gmail.com
http://orcid.org/0000-0001-9655-4080

Mauro Myskiw
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Porto Alegre, RS
mmyskiw@hotmail.com
https://orcid.org/0000-0003-4689-3804

Recebido em: 27 de maio de 2025
Aceito em: 12 de agosto de 2025

Resumo:

Este texto parte integrante de uma tese de doutorado buscou acompanhar, em fluxo, as linhas de vida de um jogador de futebol atuante no interior do Rio Grande do Sul, ao longo de um período e através de distintas localidades, não para traçar uma trajetória linear, contudo, para seguir os movimentos enquanto se desenrolavam. O objetivo foi permanecer atento aos gestos, silêncios e hesitações que não se deixaram fixar em categorias ou conceitos rígidos, reconhecendo que a experiência se constitui no próprio caminhar. A etnografia, concebida como um modo de andar junto, se deixou afetar e se transformou conforme as linhas percorridas redesenhavam perguntas e modos de estar no mundo. Mais do que uma análise conclusiva, buscou-se abrir espaço para aquilo que reverberou e insistiu, acompanhando as linhas hesitantes que se formam nas margens do futebol que resiste em ser somente periférico.

Palavras-chave: Etnografia. Presença. Encontros. Sensibilidade. Acompanhamento.

Abstract:

This text, which is part of a doctoral thesis, sought to follow, in flux, the life stories of a soccer player who played in the interior of Rio Grande do Sul, over a period of time and through different locations, not to trace a linear trajectory, but rather to follow the movements as they unfolded. The objective was to remain attentive to the gestures, silences and hesitations that could not be fixed in rigid categories or concepts, recognizing that the experience is constituted in the journey itself. Ethnography, conceived as a way of walking together, allowed itself to be affected and transformed as the paths followed redesigned questions and ways of being in the world. More than a conclusive analysis, the aim was to open space for that which reverberated and insisted, following the hesitant lines that form on the margins of soccer that resists being merely peripheral.

Keywords: Ethnography. Presence. Encounters. Sensitivity. Accompaniment.

Caminhos em Terreno Irregular

Este texto parte do acompanhamento de um jogador cuja trajetória não se acomoda a roteiros lineares nem a categorias previamente estabelecidas. A escrita se orienta por movimentos parciais, pausas, repetições e mudanças de direção — elementos que fazem parte da experiência de seguir alguém em formação. A proposta etnográfica, portanto, não visa aplicar um modelo sobre o campo, todavia acompanhar como vida e atenção vão se compondo no gesto e na presença. Em diálogo com Tim Ingold (2011), trata-se de compreender o campo como uma malha viva de relações, no qual o conhecimento insurge do envolvimento contínuo. Roy Wagner (2012), por sua vez, sugere que os conceitos não nomeiam um objeto dado, mas se inventam na relação — como modos provisórios de estar-com. A escrita, assim, não busca fechar interpretações, e sim sustentar o acompanhamento — atento ao que se desenha na convivência, sem antecipar o que será.

A pesquisa se inscreve em uma vertente da antropologia que reconhece a imersão e a escrita sensível como modos legítimos de produzir conhecimento, distantes da rigidez classificatória e do distanciamento analítico. A empiria aqui não se organiza por eixos fixos ou sequências cronológicas. Ela se apresenta em dobras temporais, em que memória, presença e possibilidade coexistem — compondo uma narrativa que acompanha o movimento da experiência em vez de estabilizá-la em categorias. A escolha metodológica aqui presente não emergiu de um projeto formal, tampouco de um plano de pesquisa previamente traçado. Também não é fruto de acaso. É, antes, resultado de uma atenção que se ativa nos interstícios da vida comum — quando algo aparentemente banal adquire densidade. Como sugere Mariza Peirano (1990), o acaso, nesses contextos, não é a operação de um regime epistemológico outro. Aquele que se deixa afetar por encontros imprevistos, por rastros que escapam às cartografias previamente desenhadas da investigação.

Foi, assim, em uma dessas frestas que a pesquisa começou a se insinuar. Uma noite de sábado, em um restaurante em Bagé, no sul do Rio Grande do Sul. Entre cardápios plastificados, garçons apressados e famílias em lazer, um homem sentado à mesa com uma mulher e uma criança chamou minha atenção — não por seu rosto, por sua maneira de estar. O silêncio contido, a economia do gesto, o peso discreto da musculatura. Havia ali algo familiar, mesmo sem nome. Um corpo que parecia carregar

campos de treino, ônibus de viagem, vestiários partilhados. Um corpo boleiro — não no sentido folclórico — como figura etnográfica: marcada pela circulação, pela resistência e pela quase invisibilidade diante do olhar social e midiático.

O reconhecimento não foi imediato. Era mais sensação do que certeza. Ainda assim, algo naquele encontro reverberava em mim. Enviei discretamente uma imagem a um amigo que conhece os bastidores do futebol. A resposta veio curta, quase protocolar: "É ele. Jogou comigo em Santa Cruz." O nome importava menos do que a vibração do reconhecimento corporal. E foi ali que percebi que a pesquisa já havia começado — mesmo sem ter sido nomeada como tal. O campo não era um lugar para onde se vai, como lembra Tim Ingold (2011), é um caminho que se percorre junto, passo a passo.

Minha reação inicial foi tentar enquadrá-lo em um tipo já descrito por Carmen Rial (2008). O jogador 'rodado', periférico, de carreira oscilante — figura comum nas rotas globais do futebol. Essa categoria oferecia uma chave analítica aparentemente diligente, porém com um conforto interpretativo perigoso: o de reduzir a complexidade de trajetórias individuais a um tipo ideal já conhecido. O desconforto emergiu justamente daí — da percepção de que esse enquadramento automático talvez dissesse mais sobre meu próprio desejo de ordenar o campo do que a paisagem com o sujeito em si. Estaria eu antecipando categorias antes mesmo de escutar o campo? Estaria apagando, com um gesto teórico rápido, a riqueza do que ainda não havia se deixado dizer?

É nesse ponto que a crítica à ilusão cartográfica, desenvolvida por Ingold (2007; 2013; 2015), tornou-se vital para o meu modo de pesquisar. Para ele, conhecer não é mapear o mundo de fora, é percorrê-lo por dentro, exsudando linhas no gesto e no tempo. A cartografia — com sua pretensão de totalidade e estabilidade — nos convida a acreditar que o mundo pode ser reduzido a pontos, rotas e classificações. A vida, seguindo Ingold, se constitui menos como conexão entre pontos fixos e mais como movimento contínuo de linhas que se desenham no próprio ato de viver. Diante disso, minha tarefa deixava de ser a identificação de padrões pré-estabelecidos para se tornar um acompanhamento atento dessas linhas em formação - com todas suas hesitações, desvios e improvisações. O jogador que se colocava diante de mim desafiava qualquer tentativa de classificação estática. Ele se apresentava como presença em constante transformação, um corpo em movimento que desestabilizava meus sistemas de conhecimento e as estruturas através das quais costumo organizar o mundo.

Essa pesquisa, por isso, não teve um ponto de partida definido. Ela foi sendo gestada em meio a gestos interrompidos, a silêncios, a ruídos e inscrições marginais que escapam às representações fixas, como estatísticas ou categorias formais do futebol. Proponho aqui uma etnografia como caminhada, não como mapa — uma etnografia que se deixa afetar pela incerteza, que escuta mais do que afirma, e que acompanha modos de estar que ainda insistem em existir sem palco, sem holofote, sem garantia.

Vidas Rodadas, Clubes em Trânsito

Conheci o jogador no início da temporada de 2020, em Santa Cruz do Sul, quando acompanhei meu filho — então com dezesseis anos — em sua primeira convocação para integrar o grupo profissional do Avenida. Eu não pretendia estar ali como pesquisador. Quando não estamos? Nem como separar. Era pai, atento aos bastidores, observando o ambiente do clube com o cuidado de quem procura entender com quem e como seu filho estaria convivendo. Foi nesse contexto que notei a presença de um jogador cuja figura parecia discreta. Alguém que parecia já ter atravessado muitos campos, muitos clubes, muitas voltas.

Tempo depois, em Bagé, o reencontro não se deu em um estádio. Aconteceu em um restaurante, entre os prosaicos de fim de semana. A figura era a mesma — ou quase. O corpo, o modo de estar, ainda carregavam algo daquele campo de antes. O lugar não lhe devolvia a visibilidade costumeira. Nenhuma reação ao redor. Nem surpresa, nem reconhecimento. Algo restava, um tipo de frequência que fazia vibrar, discretamente, um rastro comum. A cena não pedia interpretação. Pedia companhia.

Figura 1 - Vestiário da Avenida de Santa Cruz do Sul/RS



Fonte: autoria própria.

Posteriormente, tomei conhecimento de seu retorno à cidade. Esse dado, contudo, não me chegou como mera estatística ou informação documental. Ele operava, na experiência etnográfica, como um fio que se deixava acompanhar. As recorrências em sua trajetória — os retornos aos clubes, e os movimentos desses clubes em direção a ele — sugeriam um padrão relacional que escapava à ideia de linearidade. Tratava-se de uma constelação móvel, sem centro fixo, composta por vínculos provisórios, reaparições e recomeços.

Foi em diálogo com um treinador, com quem mantive contato ao longo da pesquisa, que esse emaranhado começou a se adensar. Entre comentários informais, surgiu a menção a um episódio aparentemente lateral: o momento em que a esposa do jogador teria interpelado o treinador por tê-lo deixado no banco de reservas. A situação, narrada sem ênfase, tampouco como crítica, parecia mais um registro de cotidiano. No entanto, evidenciava algo relevante: a permeabilidade entre as esferas públicas e privadas no universo do futebol de baixo investimento.

A fala do treinador não se apresentava como denúncia nem como exceção. Indicava, antes, a continuidade entre as decisões técnicas e os arranjos domésticos — evidência de que o jogo, nesses contextos, frequentemente excede os limites institucionais do campo. A presença da esposa representava, de algum modo, a

manifestação de um vínculo que se estendia para além das fronteiras da prática esportiva formal. A fronteira entre o clube e a casa, entre o técnico e o cotidiano, mostrava-se porosa. A cena não era isolada; fazia parte de um circuito de relações em que o futebol se articula com a vida familiar, afetiva e econômica de maneira intrincada.

Nesse ponto, a etnografia deixa de se pautar exclusivamente por categorias analíticas prévias e passa a operar como presença atenta. Como afirma Haraway (2016), há rastros que não são seguidos para alcançar uma origem, e sim para sustentar um caminhar conjunto. Acompanhá-lo — o jogador — implicava permanecer com as hesitações e os intervalos, sem antecipar sentidos. Era menos um exercício de identificação de tipos e mais um esforço de escuta das continuidades sutis entre treinos, retornos, ausências e reentradas.

Sua trajetória desenhava-se num registro além do planejado-versus-caótico. As passagens por clubes, as mudanças de cidade, os contratos provisórios compunham antes uma cartografia em aberto - um modo de existência no futebol sustentado pela insistência mais que pela estabilidade. Seguindo Ingold (2011), estamos diante de linhas que se traçam no caminhar, não de conexões entre pontos pré-determinados.

No léxico dos jogadores, "rodar" opera como verbo vivido, não categoria analítica - prática cotidiana que condensa deslocamento, repetição criativa e estratégias de permanência. Como demonstra Tsing (2015) em seus estudos sobre precariedade, certas formas de vida florescem justamente nos interstícios da instabilidade, forjando modos singulares de habitar o fluxo.

Dessa forma, a etnografia, em vez de buscar decifrar ou traduzir esses modos de existência, se propõe a acompanhar. Trata-se de permanecer suficientemente próximo para que o tempo da vida — com suas pausas, desvios e silêncios — também componha o tempo da observação. Como destaca Roy Wagner (2012), cultura não é aquilo que se descobre, é aquilo que se inventa na relação. Muitas dessas relações, inclusive, não se anunciam explicitamente, elas se insinuam — num banco vazio, num gesto contido, numa espera não dita.

Nesse processo, a escrita aprende o valor do recuo. Descobre que a densidade habita os intervalos, e que o trabalho etnográfico se faz na convivência compartilhada, não na ilusão de revelar verdades absolutas. A tarefa se revela então como caminhada conjunta - um seguir passo a passo o movimento do campo, mesmo quando o terreno resiste a definições claras.

Retornar não deve ser como repetir

Figura 2 - Estádio Antônio Magalhães Rossel (Estrela d'Alva)



Fonte: autoria própria, 2022.

Em 2025, ele voltou ao Avenida. Era a sétima vez. Nenhum anúncio oficial, nenhuma imagem de boas-vindas. A volta se deu como tantas outras — discreta, quase imperceptível. Ainda assim carregada de espessura. Não se tratava de um retorno triunfal, tampouco de um recomeço simbólico. Era mais um passo, mais uma dobra.

Desde os primeiros anos dos anos 2000, seu nome reaparecia em folhas de súmula, escalações de última hora, pequenos registros de imprensa local. Aimoré, Ypiranga, Guarany de Bagé, Veranópolis, Avenida. Alguns clubes o receberam uma única vez; outros, em múltiplas passagens. Em certos casos, o tempo entre uma ida e uma volta era tão curto que o vínculo parecia nunca ter se rompido de fato. Mesmo quando voltava, algo havia mudado.

Neste momento, a metáfora do caminho como sequência de pontos fixos se dissolve. Diante de nós surge um processo orgânico, tecido por movimentos de aproximação e distanciamento, por conexões que desafiam qualquer geometria previsível. Seguindo Ingold (2011), compreendemos o mundo como um emaranhado de

linhas que se alongam com o caminhar - onde os próprios trajetos se revelam como modos de existência em constante devir.

Se em Santa Cruz do Sul aparece sete vezes, não é porque represente um lugar de retorno. É porque, ao ser reencontrado, já não é o mesmo — e o jogador tampouco o é. Como lembrava Heráclito, não se entra duas vezes no mesmo rio. O fluxo transforma tanto quem atravessa quanto aquilo que é atravessado. O retorno, aqui, não reinicia uma história. Ela a arrepanha, reinscreve, engrossa, transborda, a linha do vivido. Quando menciono retornos e trajetos, não me refiro a uma cartografia no sentido clássico de mapa ou representação fixa. Em sua crítica à "ilusão cartográfica", Ingold (2000, 2005) aponta o risco de se converter o movimento em estrutura, de transformar a experiência vivida em abstrações geométricas que intentam fixar aquilo que é, em essência, transitivo.

Este texto parte de uma compreensão das trajetórias humanas como linhas vivas que se alongam, dobram e entrelaçam no tecer contínuo da existência. Mais que conexões entre pontos fixos, são fluxos em permanente devir. Os termos "circuito", "retorno" ou "passagem" surgem aqui como ferramentas sensíveis para capturar ritmos, pausas e aqueles modos particulares de se manter em movimento – linguagem provisória que caminha junto, nunca aprisiona.

O que se desenha são persistências em constante reinvenção. Imagine o jogador: avança sem destino predeterminado, sustentando apenas o fio tênue da continuidade. Sua presença oscila, seu corpo permanece em trânsito, seu nome circula sem se fixar. Neste fluxo contínuo e cheio de hesitações, a etnografia encontra seu terreno fértil na companhia atenta que aprende ao caminhar lado a lado e menos através de representações totalizantes.

Tempo da hesitação

O retorno do jogador ao clube de Santa Cruz do Sul, em 2025, não se configurou como recomeço, nem como momento simbólico de encerramento. Aos 40 anos, sua reintegração se deu sem projeções de carreira, sem contrato celebrativo e sem visibilidade midiática. Foi um retorno discreto, anunciado apenas por um comunicado institucional e pela fotografia de praxe. Mais do que um novo começo, o que se viu foi a continuidade de uma linha já em curso — uma persistência silenciosa, sem ruptura

visível. Tentar nomear esse gesto como simples “volta” parece insuficiente. Não se trata de reinício, nem de repetição. O que se joga aqui é um outro tipo de movimento: uma dobra, no sentido proposto por Deleuze (1991), que torce a linha do tempo vivido, adicionando-lhe espessura e ambiguidade.

Ao pisar novamente no campo, jogador e clube já se tornaram outros. Nesse retorno, algo se reinscreve com novas nuances - variação, não repetição. Ali se desenha uma trajetória que se curva sobre si, desfazendo linearidades. Essa dobra não reconstrói progressos, e sim expõe a vida como tecido de reencaixes sutis, retornos imprevistos e gestos que insistem além do tempo esperado.

Desde 2001, o jogador tem circulado por diversos clubes do interior do Rio Grande do Sul — Cruzeiro-RS, Veranópolis, Santa Cruz, Guarany de Bagé — em passagens que ora duram semanas, ora retornam anos depois, em uma repetição que não é exatamente cíclica, nem linear. Em muitos casos, o intervalo entre uma saída e um novo contrato era tão curto que a separação parecia nunca se concretizar por inteiro. Mais do que uma trajetória contínua no sentido clássico, o que se vê aqui é uma linha feita de reentradas, hesitações e insistências, marcada pela contingência e pelo ajuste constante.

Essa forma de estar no futebol se organiza as por meio de arranjos improvisados, feitos entre o que se deseja e o que é possível e não necessariamente em torno de metas ou planejamentos de carreira. Como sugere Anna Tsing (2015), trata-se de uma vida que se sustenta nas ruínas — do sistema esportivo, das promessas institucionais, dos contratos que não se mantêm. Uma vida composta por persistências precárias, que seguem mesmo quando o chão cede.

Em uma conversa informal, em um café em Santa Maria, um treinador compartilhou um episódio que atravessa esse campo:

— A última vez que o coloquei no banco, a esposa dele veio me cobrar. Disse-me que eu devia explicação.

O que poderia ser lido como uma cena banal carrega, no entanto, a densidade de uma trama vivida nas bordas móveis entre campo e casa, jogo e afeto, decisão técnica e economia doméstica. Nesses circuitos, a escalação não se esgota no vestiário: ela se prolonga para a intimidade, interfere nos humores da rotina, altera silêncios e redistribui expectativas. Como propõe Veena Das (2007), o cotidiano é o lugar onde o evento se

sedimenta, se encarna e é reinscrito no curso da vida ordinária e não somente ausência de acontecimento.

No contexto em que se move esse jogador — marcado por baixo investimento, vínculos frágeis e forte inscrição local — o futebol não é apenas prática esportiva. Ele é também forma de vida: arranjo cotidiano tecido por múltiplos gestos, entre contratos verbais, favores cruzados, ajudas familiares e esperas compartilhadas. O jogo acontece também nos cafés onde se acerta o salário atrasado, nas mensagens que perguntam se "vai jogar amanhã", nas redes de confiança que escoram o que a estrutura não garante.

Não se trata aqui de uma trajetória linear. Os entretempos vividos por esse jogador — entre titularidade e suplência, entre partidas e retornos, entre idas não definitivas e vindas sem anúncio — não produzem progressão, mas formas intermitentes de presença, reinscritas a cada curva da experiência. Como propõe Haraway (2016), tornar-se junto com outros é uma prática situada, atravessada pela instabilidade e pelo cuidado, que demanda atenção às formas de sustentação mútua em meio à compostagem do que já não pode ser separado em esferas estanques. É nesse sentido que a trajetória do jogador não se orienta por metas. É por gestos reiterados de manutenção, formas de insistência relacional que, mesmo sem produzir certezas, garantem a continuidade possível.

Essa continuidade se manifesta nos instantes mínimos, muitas vezes desapercebidos. Como naquele treino qualquer, sem urgência nem decisão, em que o vi alongando sozinho, à margem do grupo. Sua presença não era reivindicada, nem dramatizada. Ainda assim, ela compunha o ambiente. Estava ali. E nesse estar discreto, havia uma densidade que muitas vezes escapa às análises centradas na performance.

Logo após o treino, enquanto eu ainda permanecia na arquibancada, um roupeiro, ao passar, deixou escapar uma frase casual:

— Ele sempre volta, né? Só não sei se é por falta de opção ou por... sei lá, apego.

Apego não se contabiliza em gols, nem em bônus, nem em estatísticas. É da ordem do que escapa, do que vibra. Como as marcas que ele deixa nos gramados vazios, nas chuteiras gastas, nos bancos onde espera sem saber. Como lembra Roy Wagner (2012), a cultura não é um conjunto de conteúdos já prontos, é aquilo que se inventa, dia após dia, nas relações.

Em outro dia, outro campo, uma Divisão de Acesso, arquibancada rala, camisa 16. Ele não era titular. Não era estrela. Apenas estava. E naquele estar, naquela aposta

pequena, parecia habitar o kairós — o tempo da ocasião, do instante que não promete, que ainda assim pulsa.

Num domingo, depois de uma derrota, encostado no carro, mexendo no celular, ele me disse, quase como quem fala para si mesmo:

— A gente vai levando... até onde der.

Aquilo não era um projeto, nem uma narrativa de superação. Era um modo de seguir. Um corpo que sustenta a travessia, que dobra sem romper, que se mantém no fio esticado daquilo que não se encerra. Uma ética da hesitação. Uma forma de existir não apesar da incerteza, e sim nela.

Do campo à casa: Fricções íntimas

Em trabalhos anteriores de campo junto a empresários do futebol (Boehl, 2021), observei como esse agente profissional se torna peça-chave na engrenagem dos bastidores. Negocia contratos, administra conflitos, intermedeia relações com técnicos e dirigentes. Atua, em muitos casos, como filtro entre o jogador e o sistema — uma mediação formal que absorve as pressões do campo e da carreira.

No entanto, no caso do jogador aqui acompanhado, essa mediação profissional estava ausente. Não havia empresário, assessor, nem qualquer instância profissionalizada entre ele e os atravessamentos da vida no futebol. O que manifestava-se, então, era outra forma de sustentação. Uma mediação relacional, improvisada, operada por vínculos íntimos. A esposa não substituiria o empresário — ela ocupava, por ausência e contingência, um lugar de mediação afetiva e prática, nos termos que a eles eram disponíveis.

Neste cenário, a presença da esposa não pode ser compreendida apenas como apoio afetivo. Sua atuação configura uma forma de agência cotidiana e relacional, que inclui voz ativa, escuta qualificada, gestão emocional e interlocução com treinadores e dirigentes. Trata-se de um papel que escapa às classificações institucionais formais, mas que exerce função decisiva nos bastidores — sustentando, em silêncio, o frágil equilíbrio entre continuidade e desistência no futebol de baixo investimento.

Como aponta Veena Das (2007), o cotidiano não é mero pano de fundo, é o espaço onde o evento é absorvido, digerido e reinscrito. A presença da esposa, nesse sentido, manifesta como o futebol se prolonga por tramas familiares, redes de cuidado e

pactos domésticos que operam como infraestrutura informal da carreira. Ao intervir nesse drama, ela age, transformando o ordinário em terreno político e não apenas reage.

Essa atuação, no entanto, raramente é reconhecida como agência. Como lembra Maria Filomena Gregori (2008), práticas de cuidado associadas ao feminino são muitas vezes naturalizadas e invisibilizadas — mesmo quando estruturam a possibilidade de vida em contextos marcados pela instabilidade. O que está em jogo, portanto, é a forma como determinadas práticas são (ou não são) legitimadas como ação política ou institucional e não apenas a presença decorativa da esposa.

Figura 3 - Interior do restaurante Bangalô Sushi em Bagé/RS



Fonte: autoria própria, 2023.

Ao discutir formas de coexistência entre humanos e não-humanos, Donna Haraway (2016) propõe a ideia de companheirismos compostos — alianças construídas

na precariedade, que tornam possível a sustentação mútua mesmo diante de estruturas em colapso. Neste caso, a aliança entre jogador e esposa não opera dentro de uma gramática formal de agência esportiva, mas como arranjo de sobrevivência, no qual os papéis são redistribuídos e improvisados conforme as exigências do jogo e da vida. Não é um substituto do empresário — é uma ecologia de suporte fora dos roteiros institucionais.

A aliança entre jogador e esposa não se organiza dentro da lógica formal da gestão esportiva. Em vez de contratos e representação legal, o que opera ali é uma forma relacional de sustentação cotidiana — uma ecologia afetiva que se atualiza conforme as exigências do jogo e da vida. Inspirada pela noção de companheirismos compostos de Haraway (2016), essa coabitação entre cuidado, persistência e reorganização relacional sugere alianças improvisadas que ganham força mesmo na ausência de estruturas estáveis.

O futebol, nesse cenário, não se limita à prática atlética ou ao espetáculo. Ele constitui, ao mesmo tempo, uma condição de pertencimento e uma infraestrutura simbólica. O jantar no restaurante, os momentos com os filhos, as pausas em família — todos esses instantes dependem, direta ou indiretamente, da possibilidade de ainda "ser jogador". A performance pública já não define esse status; o que resta é a insistência silente que permite continuar circulando.

Longe de indicar interferência externa, a presença da esposa nos bastidores revela como o futebol já transbordou seus próprios limites institucionais. Ele penetrou a casa, moldou a rotina, atravessou o cotidiano. Nas palavras de Veena Das (2007), trata-se de uma dissolução da distinção entre evento e vida comum — onde o ordinário não é mero pano de fundo, mas o terreno onde o conflito é absorvido e reconfigurado.

Na intersecção entre jogo e vida, o futebol torna-se uma trama instável, sustentada por esforços dispersos, gestos íntimos e negociações taciturnas. Não há ali grandiosidade nem estabilidade — apenas a continuidade possível.

Dizeres quebrados que resistem

Há momentos em que a vida não se explica — apenas pulsa. Quando o jogador me disse, certa vez, encostado no carro depois de uma derrota, "a gente vai levando... até onde der", não parecia estar contando uma história, nem oferecendo um diagnóstico. Ele não se apresentava como personagem de um enredo, nem organizava sua trajetória em marcos legíveis. Ele apenas dizia — e, nesse dizer, já continuava a existir. Como se as palavras fossem menos informação e mais presença, menos relato e mais fôlego.

Figura 4 - Entrada do restaurante Bangalô Sushi



Fonte: autoria própria, 2023.

Lévinas (1988) nos lembra que o dizer não se reduz ao conteúdo das palavras; ele é abertura, exposição, ato de estar com o outro, mesmo sem explicação plena. Há uma ética ali. Não a de decifrar o sentido, e sim a de acompanhar o fluxo. Como Kathleen Stewart (2007) sugere em sua poética do ordinário, há saberes que não se organizam em grandes narrativas, mas que vibram em detalhes, restos, tensões mal resolvidas — pequenas cintilações que se insinuam, sem se resolver.

No 25 de março de 2023, no restaurante Bangalô Sushi, em Bagé, esse modo de estar se anunciava antes mesmo de qualquer palavra. O gesto de reconhecimento não foi súbito, nem evidente. Era um fio antigo, discreto, que se entrelaçava à memória do corpo. Não era apenas o boné ou os tênis limpos demais; era o modo de estar na cadeira,

o jeito contido de olhar, o silêncio carregado de rodagem, de treinos, de vestiários. Sem entrevista, sem pedido de explicação, sem conversa direta, o campo já se insinuava ali: um campo feito de rastros, de linhas de vida entrelaçadas, de corpos que carregam histórias sem dizê-las.

Em Santa Maria, um treinador, contava-me não querer mais ter o jogador como companhia pelas equipes que comandava. “Na última vez que o coloquei no banco, veio a mulher dele me cobrar. Achou que eu devia satisfação pra ela.” Não havia raiva. Apenas um certo cansaço, uma decepção ritualizada. E talvez nem fosse propriamente sobre ela, nem sobre ele. Talvez fosse sobre o modo como certos comportamentos atravessam os campos sociais, misturando mundos, confundindo esferas, rompendo as regras não escritas de quem pode dizer o quê, em qual espaço.

Os dizeres — arrastados, hesitantes, atravessados — não compõem um quadro coerente. Eles não se organizam como peças de um quebra-cabeça que, um dia, se fechará. Eles resistem à codificação, à classificação, à tradução em roteiro. Eles simplesmente são. E, nesse ser, já inventam uma cultura. Já produzem mundos.

Quando o jogador diz “a gente vai levando”, talvez ele não esteja apenas se referindo ao contrato, à próxima partida, ao próximo clube. Talvez esteja dizendo algo maior — ou menor, porque mais íntimo, mais ordinário: dizendo que ele persiste. Que ele insiste. Que ele sustenta, na palavra solta, uma forma de estar no tempo. Não como narrativa heroica, não como lamento, não como denúncia. Apenas como reverberação.

E talvez a etnografia, aqui, precise também aprender a recuar. A escutar sem querer traduzir, a acompanhar sem querer decifrar, a aceitar que há vidas que não se narram — mas que, ainda assim, seguem sendo inventadas na ação, no corpo, no silêncio, no verbo quebrado, na pausa entre uma palavra e outra.

Passagens, rastros, dizeres e o gesto de não encerrar

Longe de legitimar a infâmia ou convertê-la em sistema alternativo de valores, meu interesse se volta para a hesitação - esses rastros, essas dobras entre presença e ausência. Um gesto que persiste não por estratégia de resistência, mas simplesmente porque ainda não concluiu sua passagem. Recuso sobretudo a urgência de conclusões: essa compulsão classificatória que habita tanto as ruas quanto a academia, sempre ávida por nomes definitivos, tipologias estáveis, cartografias fechadas.

A etnografia que me mobiliza emerge justamente quando esses esquemas falham. Naquele restaurante, diante daquele corpo entre mesas familiares - com os lances do Grêmio na TV ao fundo -, a categorização fácil se oferecia: "um infame". Jogador rodado, figura invisível, boleiro sem brilho. Teoria aplicada, caso arquivado. No entanto, é precisamente onde o enquadramento se mostra insuficiente que começa meu verdadeiro trabalho.

A etnografia que venho propondo não pretende rejeitar totalmente as categorias — ela apenas recusa torná-las destino. Elas caminham comigo, como atenção, como rastro, como gesto em aberto. A recusa também se estende ao desejo de forjar novas. Talvez seja esse o movimento. Permitir que até mesmo a teoria, quando habitada, possa aprender a hesitar. Caminhar com alguém não seria aplicar um conceito sobre sua vida. Seria deixar que essas vidas também refaçam conceitos — e, com ele, o modo como conhecemos.

Reconheço que meu próprio caminho foi moldado por uma tradição que centraliza a razão europeia, que ensina o saber como distância e abstração. Desse modo, tenho aprendido, aos poucos, com os povos que pensam com a floresta, com os corpos, com o silêncio. Os povos indígenas, sobretudo, nos mostram que conhecer não é separar — é se implicar. Que o saber não é um ponto de chegada, é uma convivência que se faz no tempo, no ritual, na partilha. Talvez por isso eu precise reaprender a escutar. E, ao escutar, deixar que a teoria também se curve.

Sim, a categorização imperou: jogador de futebol! No entanto, algo naquele encontro me impediu de fechar. Um incômodo, talvez. Uma intuição. Quem sabe fosse o corpo dele. Ou o meu. Ou o campo se abrindo, ali, sem avisar. Em vez de legenda, havia rastro. Em vez de tipo, havia presença. E é esse “quase” — essa quase-liminaridade[1] — que me interessa. Não o que cabe no nome, no que resiste a ele.

É a partir dessa dobra, então, que olho para o futebol — não como estrutura fechada de sucesso e fracasso, nem tampouco como campo movente de gestos em trânsito, de vidas em suspenso, de projetos que insistem mesmo sem palco. E é aí que o jogador com quem caminhei me convida a pensar. Não porque resista, porque cresce no mundo.

[1] Turner (1969) define liminaridade como o momento intermediário dos ritos de passagem — quando o sujeito deixa de ser quem era. Ainda não é quem vai se tornar. No caso deste jogador, a condição parece não ser um momento passageiro, entretanto, uma forma de viver: uma presença que se alonga na hesitação, sem transição resolutiva.

O jogador com quem venho caminhando poderia, sim, ser reconhecido nas descrições que a literatura antropológica tem delineado sobre o chamado futebol periférico — contratos curtos, reaparições discretas, deslocamentos quase invisíveis. Essas molduras analíticas existem, e têm sua força. Ajudaram a tornar visíveis formas de vida que antes escapavam ao olhar acadêmico ou midiático. Não se trata de negá-las, nem de desfazer os gestos críticos que as produziram. Sei que também preciso dessas palavras para me mover, mesmo sabendo que elas não são destino. Elas possibilitam aberturas de portas, que não encerram o percurso. Ao contrário: há um reconhecimento ético da contribuição que trouxeram, sobretudo quando o mundo insiste em normalizar apenas o que brilha.

Mesmo os treinadores com quem conversei, como aquele de Santa Maria, pareciam atravessar as mesmas perplexidades que os jogadores. Ele, com formação acadêmica e longa experiência, reconhecia com tranquilidade que também 'rodava em um futebol menor'[2] — uma condição que partilhava, ainda que de outro modo, com os atletas. Não havia nisso defesa nem acusação, apenas o viver de quem sabe que os conceitos não estão só nos livros, como nos corpos que treinam, escalam, esperam.

O que me inquieta não são, em si, as categorias. São os momentos em que elas deixam de sensibilizar e passam a operar para o escrutínio. Quando começam a transformar vidas em conhecimento pelo conhecimento — como se nomear já fosse, por si só, ação suficiente. Conceitos como "futebolista infame", "trajetória marginal", "circuitos menores" surgiram, originalmente, como respostas críticas a um campo esportivo que apagava precariedades e homogeneizava histórias. Trouxeram visibilidade para trajetórias que antes passavam sem registro; ajudaram a pensar modos de vida que não cabiam no vocabulário heroico do futebol.

Porém, há um risco, e ele é sutil. O risco de que essas mesmas emolduraçõe, quando não acompanhadas de vigilância atenta, acabem construindo estereótipos que mais prejudicam do que ajudam. Estereótipos acadêmicos, que não são menos limitadores do que os midiáticos. Quando o que era crítica se torna molde, quando o que era abertura se fecha em enquadramento, quando o saber passa a circular não mais como relação, contudo, como instrumento de classificação, alguma coisa se perde. E o que se perde não é pequeno. Perde-se justamente aquilo que nos convocava a olhar em

[2] O uso destes termos provavelmente seja oriundo de sua formação acadêmica e sua inserção em pesquisas acadêmicas nesta área.

primeiro lugar — a hesitação, o entre que não é vazio e nem limbo, o que não cabe no nome e nem se quer nomear.

Quiçá, seja aqui que a etnografia encontre seu maior desafio: continuar escrevendo sem esquecer que escrevemos com, não apenas sobre. Continuar pensando com categorias que sabem hesitar, que sabem tropeçar, que sabem desfazer-se e refazer-se no contato com os corpos, os movimentos, os tempos que acompanham. As rotulações, quando usadas com escuta sensível, abrem. Porém, como toda ferramenta analítica, também arriscam endurecer aquilo que deveriam apenas acompanhar.

Habitar a margem sem fixá-la

Seguir com esse jogador tem sido, também, um modo de fazer a teoria andar. Não se trata de aplicar conceitos sobre uma trajetória, todavia, de permitir que o próprio contato — com seus sossegos, ruídos e coros — convoque novas perguntas. Talvez seja esse o gesto mais exigente da etnografia. Fazer com que até mesmo as teorias — quando habitadas — possam escutar, hesitar e seguir em processo. Como lembra Strathern (2004), a etnografia não oferece verdades totais, contudo, conexões parciais — fragmentos que se constroem na relação. E, como propõe Haraway (1988), todo saber é situado: nasce de corpos, histórias e implicações. A teoria, nesse compasso, tropeça com o campo e, ao tropeçar, se refaz. Não é que ela se perca, mas que se permita deslocar.

O que me inquieta, no entanto, não é apenas a possibilidade de enquadrar uma vida — contudo a ação, quase automática, de querer sabê-la de antemão. De reconhecer rápido demais. De transformar uma aparição em ilustração. E o que se perde, quando fazemos isso? Quando visamos à reificação? São essas trajetórias — marcadas por incertezas contínuas, por projetos refeitos e reencenados — que insistem na condição de ser jogador mesmo quando não há clube, contrato ou plateia (Almeida; Pisani; Jahnecka, 2013). E se, em algum nível, o jogador com quem estive se aproxima disso, o que me move é o modo como ele o habita — com hesitação, com pausas, com ritmos próprios.

Claude Lévi-Strauss (1990) distingue entre o engenheiro e o *bricoleur* não como figuras opostas, todavia como modos distintos — e, muitas vezes, interdependentes — de se relacionar com o mundo. O primeiro opera com projetos definidos, ferramentas

concebidas para fins específicos; o segundo improvisa com o que tem, compondo com restos, adaptando materiais que não foram feitos para aquilo. O jogador com quem caminho parece, ele também, habitar esse entre. Em certos momentos, houve projeto — uma aposta em uma carreira, em metas, em estabilidade. Porém, o que os fluxos da vida impuseram demandou um outro tipo de gesto — recompor trajetórias, voltar, insistir, improvisar, encurvar. Se houve engenharia na formação, há bricolagem na continuidade. Assim como a etnografia que se propõe aqui, sem plano fixo, mas também sem renunciar à intenção, ela se compõe na dobra entre expectativa e acontecimento, entre gesto e escuta.

Falar em "margem do sistema futebolístico", como sugere Jahnecka (2020), pode ser útil — só até certo ponto. Talvez o movimento mais radical da etnografia não esteja em nomear essa borda, e sim em permanecer com ela. Para escutá-la nos seus próprios termos, mesmo quando esses termos são frágeis, intermitentes, quase invisíveis, e não para traduzi-la em categorias reconhecidas.

Se há um enquadre possível, ele talvez esteja invariavelmente na experiência de viver entre enquadres — de habitar, como dizem os autores, uma condição em ser-tornar-se. Até esse conceito, se tomado como tipo, endurece. A cada vez que o jogador retorna a um clube, treina na invisibilidade, negocia mais um mês de contrato, ele talvez reencene algo que já foi analisado antes. Ele talvez encarne, com precisão, aquilo que os estudos sobre o futebol periférico apontam com rigor. Entretanto, por que essa aderência deveria se tornar clausura? Por que insistir em encerrar uma vida num tipo, em revesti-la com uma pele de papel — essa camada fina de palavras que, mesmo com boa intenção, pode sufocar aquilo que insiste em escapar?

Lembro de um treino em que ele sequer havia sido relacionado para a partida anterior. Estava encostado na grade, de braços cruzados, os olhos baixos. Não falava. Observava o campo em silêncio, à distância dos demais jogadores que se aqueciam e disputavam posição. O técnico comandava os exercícios normalmente. O jogador permanecia ali, sem sinal de convocação ou de participação. Apenas presente, imóvel. E ainda assim escrevo. Sob o abrigo institucional de uma ciência que exige coesão, método e forma — mesmo quando o campo só oferece hesitação e rastro. Marilyn Strathern (2004) nos lembra que toda descrição é parcial, não porque falte algo, mas porque ela sempre se constitui numa relação situada, inventada tanto por quem escreve quanto por aquilo que se escreve. Ao propor uma "etnografia parcial", Strathern nos

convida a aceitar que o conhecimento não se fecha, ele se compõe no movimento entre presenças, ausências e implicações mútuas.

Como os perspectivismos ameríndios indicam (Viveiros de Castro, 2002), não há ponto de vista neutro — só mundos que se atravessam. O jogador com quem caminho não é objeto de análise, é modo de mundo. E se algo aqui se escreve, é porque essa escrita foi deslocada por ele — pelos seus silêncios, seus retornos, sua presença que nunca se entrega inteira. Ingold (2011) sugere que nomear é menos rotular e mais contar histórias: seguir rastros, não fixar formas. Kopenawa e Albert (2015) alertam que palavras demais — quando desatentas ao que dizem os corpos e as florestas — viram fumaça. Escrever com alguém, então, é um gesto ético. Não um ato de explicação. Acompanhar o que escapa. Acompanhar o que não quer ser capturado. Deixar-se afetar, sem buscar endurecer.

O futebolista poderia, sim, repetir trajetos que já conhecemos: clubes de interior, estaduais fragmentados, folhas de súmula que mudam a cada temporada. Poderia até parecer encaixar-se nos perfis já desenhados pela literatura — e talvez se encaixe. O que me move não é o encaixe. É quando ele some. Quando retorna sem aviso. Quando diz, entre gestos cansados, que "vai levando" — como se esse levar, por si só, já fosse tudo o que se pode fazer com o que resta de um sonho. O texto de Almeida, Pisani e Jahnecka (2013) ajudam a compreender isso. O sonho, nesses mundos, não é expectativa futura ou plano de carreira: é matéria em consumo, em reconfiguração constante, como escrevem, "re-negociado frente às dificuldades encontradas para aceitação nos clubes, assim como pelas necessidades familiares". É um sonho que se dobra ao presente — e, ao dobrar-se, continua.

O jogador que acompanho não anuncia resistência, nem dramatiza sua persistência. Ainda assim, ali está: treinando sem jogo, inscrito no BID sem escalação, mantendo laços frágeis com clubes e técnicos. Seu movimento não visa projeção – apenas sustenta, dia após dia, a continuidade mínima de um projeto de vida. Nenhum heroísmo, apenas um modo singular de cuidar do que ainda pulsa. "Mais do que 'ser' jogador de futebol por um determinado período, esta condição é exercida para tornar-se", dizem os autores. E esse tornar-se não avança em linha reta: dobra-se, curva-se, cresce no próprio caminhar (Ingold, 2011). Não há destino claro, apenas formas de permanecer.

A questão central talvez não seja a resistência, e sim o seguir em frente – mesmo quando as condições os expulsam. Como observam os autores, muitos "refazem seus projetos, seja 'dentro' ou 'fora' do futebol, a partir de algumas condições colocadas por suas persistências e desistências". Persistência, aqui, não se reduz a categoria analítica; é antes um modo de existir entre pausas, brechas e reaparições invisíveis – ainda assim, fundamentais para sustentar a vida.

Não escrevo com ele por sua singularidade absoluta. Escrevo porque, em seu ritmo próprio, ele dá nova forma a uma trajetória já conhecida. Nos dias sem jogo, nas conversas sem desfecho, nas partidas que não chegam. É nos gestos que não fecham que a escrita aprende a escutar — e talvez seja ali, nesse entre, que a antropologia continue a se inventar: como companhia em processo, e não mais como técnica de captura. Para caminhar junto com o que ainda está por se tornar — e não para determinar o que é.

Não é sobre ele. É sobre estar com

Mais do que personagem de uma história a ser contada, o jogador com quem caminhei se fez presença — daquelas que não se oferecem prontamente à captura, que persistem, mesmo quando tudo à volta parece ruir. Sua trajetória não se organizou em termos de ascensão ou queda, nem em marcos lineares. Ao contrário: ela se desenhou como linha viva, como propõe Ingold (2011), feita de hesitações, voltas, reentradas e ausências que também são modos de continuar.

Seguir esse jogador foi aceitar um tipo de saber que não se diz inteiro, que escapa à codificação, que vibra em pequenos gestos: no silêncio de um banco de reservas, no alongamento solitário, na volta sem anúncio. Ele não ofereceu grandes respostas, e talvez tenha sido exatamente por isso que pôde ensinar. Sua presença, reiterada em espaços de pouca visibilidade, propôs uma forma de existir não apesar da incerteza, e sim dentro dela — como quem cuida do fio, mesmo quando ele ameaça romper. Ele não caminha sozinho.

A etnografia, aqui, também foi sendo atravessada por presenças que não se impunham, e sim que atuavam junto, por entre gestos mínimos e afetos compartilhados. Foi nesse deslocamento do olhar — do jogo ao entorno, do campo ao cotidiano — que a figura da esposa se fez linha também, trançada à trajetória do jogador, sustentando possibilidades silenciosas de continuidade. Sua presença não se organizava como

coadjuvância nem como papel definido. Tampouco ocupava o lugar da intervenção estratégica. Era outra coisa. Uma forma de estar com, de afetar e ser afetada, de participar da trama de decisões, esperas, desistências e recomeços — com modos de cuidado e escuta que nem sempre se deixam dizer em linguagem teórica.

Em vez de operar como contraste ou apoio, sua atuação compunha o devir dessa trajetória, abrindo pausas, sustentando desvios, escorando retomadas. Estar com ela era também estar com o que resiste à captura analítica: os gestos repetidos sem nome, os pactos silenciosos entre dois, o trabalho invisível de manter em curso uma vida que poderia parar. Se há algo que essa presença ensina, não é por representar algo, é por seguir junto, no compasso de quem inventa rotas quando os caminhos parecem falhar.

Como sugere Haraway, há alianças que se tecem na precariedade e, ainda assim, fazem mundo. A parceria entre o jogador e sua esposa — nos bastidores, nas conversas de casa, nos silêncios compartilhados — é uma dessas formas de existir em comum que escapam às classificações institucionais. São companheirismos compostos, como propõe a autora, que mostram que o futebol, longe de se restringir ao campo, transborda para dentro da vida, atravessa a família, reinventa o cotidiano.

A etnografia aqui presente não buscou compreender um "tipo" de jogador, tampouco comprovar hipóteses sobre futebol periférico. O que se propôs foi estar com, escutar os ruídos, as dobras e os restos. E nesse estar, reconhecer que o campo não está dado de antemão — ele se faz no gesto compartilhado, na observação implicada, no silêncio respeitado. O jogador não foi meu objeto de pesquisa. Foi meu companheiro de hesitação. E, ao lado dele — e dela — aprendi que acompanhar é também aprender a não saber rápido demais.

Se sua trajetória pode ser pensada como linha viva, a presença da esposa é o fio entrelaçado a ela. E é nesse emaranhado relacional que a vida insiste, mesmo quando o contrato não vem, mesmo quando a escalação falha. O gesto que sustenta essa vida é coletivo, ainda que silencioso — e sua força está justamente aí: em não precisar ser dito para ser real. Talvez essa seja a única conclusão possível. Não concluir. Deixar a linha seguir. Porque o que importa não é o fim da história, entretanto, o que ela ainda pode fazer vibrar. E se a vida é linha, como diz Ingold, então seguimos — com ela, por ela, ao lado de quem ainda insiste em andar.

A escrita etnográfica aqui proposta não se organiza por linearidade ou explicação totalizante. O tempo vivido não se apresenta como sequência, mas como

sobreposição de planos: lembranças, percepções e expectativas que se entrelaçam no acompanhamento de um jogador em movimento. Caminhar junto, aqui, significa sintonizar com gestos que nem sempre se completam, mas que persistem.

Inspirado por Ingold (2007, 2011), o texto não busca traçar mapas nem fixar sentidos, mas seguir os rastros que se esboçam no andar compartilhado. Com Deleuze (1991), pensa-se a dobra não como repetição de um modelo, mas como variação que compõe o presente — uma sensibilidade que não fecha, mas insiste. A etnografia, nesse percurso, difusa e oriunda de um pensamento divergente e de uma lógica espiralada, não pretende concluir nem esclarecer. Ela se compromete com a companhia, com o tropeço, com o intervalo. Escuta antes de nomear. Acompanha antes de definir. E talvez seja aí que alguma coisa, ainda por dizer, se deixe entrever.

Referências

ALMEIDA, Caroline Soares de. S.; PISANI, Mariani da Silva; JAHNECKA, Luciano. *De apostas, promessas e sonhos: alguns projetos interrompidos e facilitados de futebolistas não-célebres.* Espaço Plural, v. 14, n. 29, p. 170-192, 2013. Disponível em: https://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/10453.

BOEHL, Walter Reyes. *Empresários de futebol em ação: etnografias multissituacionais. 2021*. 257 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano, UFRGS, Porto Alegre, 2021. Disponível em: https://www.repositorioceme.ufrgs.br/handle/10183/230369.

DAS, Veena. *Life and Words: Violence and the Descent into the Ordinary*. Berkeley: University of California Press, 2007.

GREGORI, Maria Filomena. *Limites da sexualidade: violência, gênero e erotismo.* Revista de Antropologia, 51(2), 521–546. 2008 https://www.jstor.org/stable/41616507

HARAWAY, Donna. *Manifesto das espécies companheiras*. São Paulo: Ubu Editora, 2016.

INGOLD, Tim. *To Journey along a way of life: maps, wayfinding and navigation*. In. Autor, The perception of the environment: essays livelihood, dwelling and skill (pp. 219-242). Routledge. 2000

INGOLD, Tim. *Jornada ao longo de um caminho de vida - mapas, descobridor-caminho e navegação*. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, ISER, v. 25, n. 1, p. 76-110, 2005.

INGOLD, Tim. *Lines*: A Brief History. London: Routledge, 2007.

INGOLD, Tim. *Making: Anthropology, Archaeology, Art and Architecture*. London: Routledge, 2013.

INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição.* Petrópolis: Vozes, 2015.

JAHNECKA, Luciano. *Sobre as trajetórias de futebolistas infames: poder sobre a vida e poder da vida*. CSOnline - Revista Eletrônica de Ciências Sociais, n. 31, p. 37-50, 2020. Disponível em: https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/30473.

KOPENAWA, Davi.; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami.* São Paulo: Companhia das Letras, 2015. Disponível em: https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=12048.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo.* São Paulo: Companhia das Letras, 2019. Disponível em: https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=15055.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Pensamento Selvagem (o).* Papirus Editora, 1990.

LÉVINAS, Emmanuel. *Ética e infinito: diálogos com Philippe Nemo.*(EI). 1982. Tradução João Gama, Lisboa–Portugal, Edições, v. 70, 1988.

PEIRANO, Mariza. *Artimanhas do acaso.* Anuário Antropológico, v. 14, n. 1, p. 9-21, 1990. Disponível em: file:///C:/Users/Walter/Downloads/Dialnet-ArtimanhasDoAcaso-7399068.pdf

RIAL, Carmen. *Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior*. Horizontes antropológicos, v. 14, p. 21-65, 2008. https://doi.org/10.1590/S0104-71832008000200002

STEWART, Kathleen. *Ordinary Affects*. Durham: Duke University Press, 2007. DOI https://doi.org/10.7202/029727arCopiedAn error has occurred

STRATHERN, Marilyn. *Partial Connections*. Savage: Rowman & Littlefield, 2004. Disponível em: https://rowman.com/ISBN/9780759103037.

TSING, Anna Lowenhaupt. *The Mushroom at the End of the World: On the Possibility of Life in Capitalist Ruins*. Princeton: Princeton University Press, 2015. Disponível em: https://press.princeton.edu/books/paperback/9780691178325/the-mushroom-at-the-end-of-the-world.

TURNER, Victor. *The ritual process: structure and anti-structure*, Chicago: Aldine Publishing Co., 1969. (Trad. Bras. Nancy Campi de Castro. Petropolis, Vozes, 2013)

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia.* São Paulo: Cosac Naify, 2002.

WAGNER, Roy. *A Invenção da Cultura* (Trad) Marcela Coelho de Souza & Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

Os significados socioculturais do “Baba de Saia” no Calabar, Salvador (BA)

The sociocultural meanings of “Baba de Saia” in Calabar, Salvador (BA)

Francisco Demetrius Luciano Caldas
Instituto Federal do Sertão Pernambucano, Brasil
Petrolina, PE
francisco.demetrius@ifsertao-pe.edu.br
https://orcid.org/0000-0001-5542-2436

Bruno Otávio de Lacerda Abrahão
Universidade Federal da Bahia, Brasil
Salvador, BA
bruno.abrahao@ufba.br
http://orcid.org/0000-0003-0155-8500

Recebido em: 10 de março de 2025
Aceito em: 12 de janeiro de 2026

Resumo:

Baba é a forma como o futebol vivenciado no lazer é denominado em Salvador-BA. No feriando nacional da sexta-feira da Paixão e nas festas de fim de ano, acontece tradicionalmente em seus bairros populares um evento futebolístico denominado “Baba de Saia”. Consiste em um ritual, em que homens de grupos futebolísticos amadores jogam futebol vestindo trajes e adereços lidos como femininos. O objetivo central desta pesquisa foi interpretar os significados socioculturais do “Baba de Saia” que acontece na comunidade do Calabar em Salvador (BA). O método, de inspiração etnográfica, recorreu às observações participantes, diário de campo e entrevistas através da imersão na comunidade em que o evento se realiza. Os resultados sinalizaram a potência do “Baba de Saia” como espaço para discussão das relações entre esporte e gênero, ao mesmo tempo em que significa um espaço de resistência cultural comunitária e reprodutor de lógicas machistas e misóginas.

Palavras-chave: Futebol. Gênero. Masculinidade.

Abstract:

Baba is the term used in Salvador, Bahia, to describe leisure football. On the national holiday of Good Friday and during the New Year's festivities, a football event called "Baba de Saia" traditionally takes place in its popular neighborhoods. It consists of a ritual in which men from amateur football groups play football wearing attire and accessories perceived as feminine. The central objective of this research was to interpret the sociocultural meanings of the "Baba de Saia" that takes place in the Calabar community in Salvador (BA). The method, of ethnographic inspiration, used participant observation, field diary, and interviews through immersion in the community where the event takes place. The results indicated the potency of "Baba de Saia" as a space for discussing the relationships between sport and gender, while also signifying a space of community cultural resistance and reproducing sexist and misogynistic logics.

Keywords: Football. Gender. Masculinity

Introdução

Em Salvador, o futebol vivenciado no âmbito do lazer é conhecido como Baba: "jogar o Baba", "bater o Baba", "enterrar o Baba" ou outras denominações similares compõem uma linguagem característica da cidade. Eles ocorrem a partir de diferentes nuances e espaços como campos de várzea, terrenos baldios, quadras ou praças comunitárias, embaixo de viadutos, áreas privadas, praias e qualquer outro lugar em que possa ocorrer o jogo. No feriado da Semana Santa e nas festas de fim de ano (Natal e Réveillon) ocorre um evento tradicional: o "Baba de Saia", também chamado de "Baba das moças" ou "Baba dos travestidos". Trata-se de uma partida de futebol situada entre o jogo e a festa carnavalesca em que homens, adultos e crianças, se vestem com roupas e adereços femininos, permitindo problematizar as relações sobre o gênero através do esporte.

DaMatta (1990) entende que um *ritual* pode ser interpretado através das teorias das dramatizações e da ideologia. Diante do interesse em entender o dilema brasileiro em torno da construção social do gênero através do esporte, o "Baba de Saia" proporciona importantes contribuições para entender as razões "que coloca [m] a sociedade às voltas consigo própria" (Damatta, 1990, p.14) e ajudam na discussão dos "caminhos que tornam a sociedade brasileira diferente e única, muito embora esteja, como outros sistemas, igualmente submetida a certos fatores sociais, políticos e econômicos comuns" (idem, p. 15).

DaMatta entende que o futebol brasileiro tem características de eventos dramáticos, onde o jogo é não só a roupagem que o encobre como também "adorna uma complexa trama de significados" (Damo, 2003, p. 130). Os embates entre equipes que representam nações ou clubes dramatizariam os sentimentos de identidade e de pertencimento não apenas daqueles que estão em campo, "Nos rituais dramáticos, caracterizados por um estado de ânimo alterado e, portanto, diverso do cotidiano, seriam expressos determinados sentimentos que não poderiam ser conveniente e convincentemente manifestos em outras esferas da vida social (Damo, 2003, p. 130).

Sobre os rituais, DaMatta sugere tomá-los como

> Manifestações para verificar seu significado social e sua posição ao longo de uma ideologia que tende a negar o tempo. Em outros termos, o domínio dos ritos e das fórmulas paradigmáticas que inventam e sustentam personagens culturais é a esfera daquilo que gostaríamos que estivesse situado ao longo ou mesmo fora do tempo. Daí por que os rituais servem, sobretudo na sociedade complexa, para promover identidade e construir seu caráter. É como se o domínio do ritual fosse uma região privilegiada para se penetrar no coração cultural de uma sociedade, na sua ideologia dominante e no seu sistema de valores. Porque é o ritual que permite tomar consciências de certas cristalizações mais profundas que a própria sociedade deseja situar como seus 'eternos' (Damatta, 1990, p. 24).

Se o ritual se constitui como esse domínio privilegiado de manifestação daquilo que se deseja "eterno" numa sociedade, "ele surge como uma área crítica para se penetrar na ideologia e valores de uma dada formação social" (Damatta, 1990, p. 25). O ritual, diz o autor, é, entre outras coisas, um instrumento privilegiado para expressar coisas e relações já sabidas. A finalidade do estudo dos rituais incide sobre o "conjunto de dramatizações que tornam o rito atraente e interessante, mais do que todo aparato necessário para sua realização" (idem, p. 33). DaMatta ainda nos diz que o rito é um elemento privilegiado de tomar consciência do mundo e um veículo básico na transformação de algo natural em algo social. Isso porque, para que essa transformação do natural em algo social possa ocorrer, uma forma qualquer de dramatização é necessária. É pela dramatização que tomamos consciência das coisas e passamos a vê-las como tendo um sentido, vale dizer, como sendo sociais:

O modo básico de realizar tal coisa, essa elevação de um dado infraestrutural a coisa social é o que chamamos de ritual, cerimonial, festividade etc. O momento extraordinário que permite pôr em foco um aspecto da realidade e por meio disso mudar seu significado quotidiano ou mesmo dar-lhe um novo significado. Tudo que é "elevado" e colocado em foco pela dramatização é deslocado, e assim pode adquirir um significado surpreendente, capaz de alimentar a reflexão e criatividade. O ritual tem, então, como traço distintivo a dramatização, isto é, "a condensação de algum aspecto, elemento ou relação, colocando-o em foco, em destaque" (*idem*). Enquanto criações

sociais, os rituais são e refletem os problemas e dilemas básicos da formação social que os engendra[1].

Os rituais, desse modo, seriam "maneiras cruciais de chamar atenção para certos aspectos da realidade social, facetas que, normalmente, estão submersas pelas rotinas, interesse e complicações do quotidiano". (Damatta, 1990, p. 35). Assim, podemos ter o mundo ritual como algo relativo ao que acontece no quotidiano. Uma ação que no mundo diário é trivial pode adquirir um alto significado (e assim "virar" rito) quando destacada num certo ambiente, por meio de uma sequência. Não é preciso repetir para que se crie o extraordinário. Basta que se coloque um ato numa posição especial. No caso, o que é colocado em destaque é uma festa popular cujo diferencial é fato de homens jogarem futebol travestidos de símbolos alusivos ao universo feminino.

DaMatta entende que, no Brasil, há uma classificação dos eventos sociais segundo sua ocorrência: os eventos que fazem parte da rotina do quotidiano, chamado no Brasil de "dia a dia" ou simplesmente "vida", e os eventos que são realizados fora desse "dia a dia" repetitivo e rotineiro, ou seja,

> As 'festas', os 'cerimoniais' (ou cerimônias), as 'solenidades', os 'bailes', 'congressos', 'reuniões', 'encontros', 'conferências' etc., onde se chama a atenção para o seu caráter aglutinador de pessoas, grupos e categorias sociais, sendo por isso acontecimentos que escapam da rotina da vida diária. (Damatta, 1990, p. 39)

O "Baba de Saia" é uma festa que ocorre em um momento em que os valores que regem a vida cotidiana estão suspensos, zonas onde o tempo fica suspenso e uma nova rotina deve ser repetida ou inovada: "onde os problemas são esquecidos ou enfrentados; pois aqui – suspensos entre a rotina automática e a festa que reconstrói o mundo – tocamos o reino da liberdade e do essencialmente humano. É nessas regiões que renasce o poder do sistema, mas é aqui que se pode forjar a esperança de ver o mundo de cabeça para baixo (Damatta, 1990, p.15-16).

[1] Ao ritualizar algo do universo brasileiro, a chamada "realidade brasileira se desdobra diante dela mesma, mira-se no seu próprio espelho social e, projetando múltiplas imagens de si própria, engendra-se como uma medusa, na sua luta e dilema entre o permanecer e o mudar. [...] fundados na possibilidade de dramatizar valores globais, críticos e abrangentes da nossa sociedade". (Damatta, 1990, p. 37)

> As festas, então, são momentos extraordinários marcados pela alegria e por valores que são considerados altamente positivos. A rotina da vida diária é que é vista como negativa. Daí o quotidiano ser designado pela expressão *dia-a-dia* ou, mais significativamente, *vida* ou *dura realidade da vida*. Em outras palavras, sofre-se na *vida*, na rotina impiedosa e automática do quotidiano, onde o mundo é reprimido. [...] discutindo assim sobre o papel e os significados do ritual no contexto de uma sociedade complexa a fim de discutir o papel de cada grupo ou categoria social que patrocina tais eventos, como também o significado dessas possibilidades de esclarecer desses materiais oriundos da sociedade brasileira (Damatta, 1990, p. 42).

Na busca de compreensões sobre este jogo, Moreira et al (2023) se ocuparam das produções audiovisuais compartilhadas em redes sociais e em matérias telejornalísticas da imprensa local de Salvador e concluíram, através de uma netnografia, que o "Baba de Saia" é um espaço-tempo feito para/pelos homens das regiões periféricas da cidade, que permite-lhes brincar temporariamente com as performances generificadas e as dinâmicas e regras que ordenam seus corpos. Nos vídeos, o vestir-se de mulher acaba por constituir um reforço aos princípios viris, misóginos e homofóbicos que sustentam hegemonicamente determinados padrões de masculinidade através do lazer.

A respeito dos estudos do lazer salientamos a importância da descrição sistemática pautada nos interlocutores (suas práticas, explicações, conexões, teorias, classificações, comportamentos, estatísticas, artefatos etc.), nos próprios sentimentos experimentados pelo pesquisador nas situações de interação (ansiedades, receios, incertezas, alegrias, frustações etc.) e nas articulações e influências daquilo que se observou com os debates do campo acadêmico com o qual se desenvolve o debate (arcabouços teóricos, conceitos, categorias, classificações, questões, hipóteses). Essa espécie de triangulação do pensamento manifesta na redação é fundamental para a produção de conhecimentos que são generalizáveis apenas para os contextos estudados, mas que nas comparações e nos diálogos com outros trabalhos e contextos podem incidir sobre avanços nos debates e compreensões (Myskiw e Stigger, 2021).

Partindo do entendimento que o futebol refrata valores culturais, quais valores assumem a realização de um jogo de futebol cujo diferencial é os homens se fantasiarem e se comportarem de modo jocoso à mulher? O objetivo deste artigo é interpretar os significados socioculturais do "Baba de Saia" que acontece na comunidade do Calabar

em Salvador (BA). Nosso método é de inspiração etnográfica e tem como instrumentos clássicos como observações participantes, diário de campo e entrevistas através da imersão na comunidade em que o evento se realiza.

Stigger e Myskiw (2021) entendem que na investigação e reflexão sobre os aspectos culturais das atividades de lazer – como o "Baba de Saia" – um dos modos de investiga-la é a observação participante, forma de trabalho para quem busca compreender as lógicas estruturais de determinados contextos (p. 102). Segundo os autores, esta forma de investigação tem servido para avançarmos na identificação e compreensão da heterogeneidade de significados que caracterizam as práticas de lazer em distintos universos e grupos, o que tem sustentado debates profícuos com análises e interpretações vinculadas a grandes estruturas de reprodução social. Essas investigações, que possibilitam a "com-vivência" tem aberto lacunas para perceber e retratar apropriações e reapropriações que os grupos e comunidades, segundo suas lógicas, interesses, tempos, espaços, equipamentos e seus projetos constituem as suas vivências. Foram elas que nos ajudaram a entender a heterogeneidade do esporte, a seriedade no lazer, as diferentes formas de organização de atividades de lazer "populares", etc.: "ao buscar compreender as dinâmicas e ao procurar aprender com elas aprofundamos os nossos conhecimentos sobre o lazer" (idem, p. 117).

A imersão no ritual possibilitou vivencia-lo numa perspectiva como disse Magnani (2018) "de perto e de dentro", próximo aos fazeres e a escuta de seus protagonistas. A pesquisa acompanhou por dois anos a rotina do grupo de futebol amador da comunidade Calabar-SA *"BabaSextou"*. A convivência ocorreu nos anos de 2022 e 2023, nos dias em que o grupo se encontrava rotineiramente (as sextas-feiras de forma quinzenal) e nas duas celebrações do Baba de Saia daqueles anos: dia 15 e 07 de abril respectivamente, correspondentes às Sextas-feiras Santas.

Para uma melhor compreensão da tradição e diferenças que marcam sua trajetória, optamos pelas descrições, asserções e análises separadas do jogo nesses anos. Inicialmente apresentamos a comunidade e seu contexto sócio político, para posteriormente investirmos na incursão ao jogo, nos desafios e análises que as observações participantes propiciaram. Esta pesquisa foi submetida ao CEP - Comitê de Ética e Pesquisa em seres humanos da Universidade Federal da Bahia-UFBA e aprovada pelo parecer consubstanciado número 5.815.703.

O Calabar

O Calabar está localizado em uma área de expressivo valor imobiliário, com condições estruturais arrojadas. As diferenças da comunidade para os bairros em seu entorno, se avistam nas ruas e avenidas largas, prédios imponentes e um comércio diversificado com lojas, edifícios comerciários, conveniências, jardins e arborizações. Contrapondo à vizinhança afortunada, as ruas do Calabar são estreitas e repletas de entradas e saídas que nos levam a outros atalhos, escadarias ou vielas. As moradias geralmente com mais de um pavimento são adjuntas dos bares, posto de saúde, vendas, bancas de jogo do bicho ou distribuidoras de bebidas, numa profusão de arquiteturas e cores que caracterizam o bairro. Os relatos de Silva (2007) também revelam suas vielas e becos, sendo difícil precisar-se ao certo, onde começa uma rua e termina outra, como a Rua Ranulfo Oliveira que para alguns é Calabar enquanto, para outros, pertence ao bairro Alto do Apipema.

Apresenta alta densidade demográfica, sendo uma das regiões economicamente mais dinâmicas da cidade, com grandes contrastes com bairros vizinhos de classe média e alta como a Barra; especificamente situa-se em uma área de vale na região central de Salvador, entre o cemitério do Campo Santo, Alto das Pombas, Federação, Graças, Jardim Apipema, Ondina e São Lázaro. Em sua extensão, o bairro é cortado por um riacho que atualmente é coberto por tapume de concreto e edificações, conectando a Avenida Centenária - Barra à Avenida Oceânica – Ondina (Freitas, 2020).

Segundo Treuke (2019), o bairro como vetor de expansão da classe média e alta, emergiu no final da década de 1940, quando esses grupos sociais se deslocaram das porções centrais em direção à faixa litorânea da cidade. A natureza aguerrida dos moradores do bairro data da década de 1970, e como exemplo de um dos movimentos populares que marcou a trajetória do Calabar em ações comunitárias nas suas escolas, biblioteca comunitária, organizações esportivas e culturais ou posto de saúde, Freitas (2020), percorreu a trajetória do grupo Jovens Unidos do Calabar, o JUC, criado em 1977 por lideranças comunitárias e Igreja católica. O grupo representou a luta e conquista por um território em um movimento de bairro que influenciou o próprio movimento popular de Salvador. Paralelo a suas lutas sociais, também enfrenta os problemas comuns a regiões periféricas dos grandes centros urbanos do país, como a

precarização de moradias, desemprego e violência (DÓREA, 2011), bem como forte estima territorial.

Desde essa época, as iniciativas esportivas em torno do futebol se faziam presentes no bairro. As fontes de pesquisa utilizadas por Freitas (2020) identificaram agremiações futebolísticas comunitárias como um dos vetores de organização e resistência política e cultural para a história do Calabar. Seus dados trazem os Clubes de Futebol Alvorada Futebol Clube, Botafogo, XV de Novembro, Ipiranga e União. Iniciativas esportivas que funcionaram como processos de resistência cultural, engendrados por entidades da cultura popular e construídos por meio da articulação com seu entorno.

A prática da observação participante no contexto da pesquisa etnográfica é perpassada por quatro aspectos substantivos: A experiência da entrada de campo; a produção de estranhamentos; a arte de situar-se com seus interlocutores e as aprendizagens da escrita do diário de campo (Myskiw e Stigger, 2021, p. 103).

O início da observação participante é o que denominamos “entrada em campo”, movimento pelo qual o pesquisador procurará “ser aceito” no universo que pretende estudar. Isso é sempre precedido por uma “aproximação” e a entrada sempre se dá num espaço simbolicamente marcado, sendo preciso respeitá-lo enquanto tal e saber sobre os interlocutores (normalmente aqueles protagonistas). Cada aproximação tem suas peculiaridades e a participação efetiva (estar disponível a ajudar em tarefas, brincar, jogar junto etc.) não raramente é um aspecto bastante relevante da “entrada no espaço” já demarcado por normas, regras, etiquetas, posições, disputas. É neste momento que o pesquisador vai encontrando e construindo o seu lugar, no universo investigado com os outros, diminuindo paulatinamente as distâncias sociais e cognitivas, transformando os “sujeitos da pesquisa” em verdadeiros “interlocutores”.

A primeira vez que adentramos na comunidade[2] do Calabar, era manhã de sexta-feira e como em toda metrópole, a movimentação dos moradores, alunos indo à escola, comerciantes abrindo ou organizando suas vendas era constante. O destino, a quadra esportiva e comunitária, fica a poucos metros de uma de suas entradas, nas mediações da Avenida do Centenário, tendo um posto de gasolina como ponto de

[2] As formas pelas quais os integrantes do Baba se reportam ao Calabar são variadas. A maioria o denomina comunidade, mas também escutamos as denominações bairro, favela, vila e “nossa área”. Optamos pelo termo comunidade no texto por representar a maioria.

referência principal. De longe, o teto de zinco da quadra chamava atenção pelos reflexos do sol e o calor na arquibancada em que nos acomodamos era forte; o espaço é quase todo cercado por moradias já concluídas e outras em construção, em que os trajetos da bola no ar ou no chão com gritos fortes dos jogadores, dividem o espaço com as janelas das casas ou apartamentos, onde moradores estendem suas roupas ou asseiam gaiolas de passarinhos. Fomos recepcionados por Gilson Oliveira, um de seus representantes. De forma atenciosa nos apresentou a outros integrantes que estavam nas proximidades da quadra e como esperado, nos olharam curiosos, achando a princípio que íamos entrar no jogo, jogar o baba.

Com o passar dos encontros semanais, nossa presença já não causava olhares de curiosidade, mas também não se converteu em familiaridade, foi preciso vivenciar o primeiro Baba de Saia com o grupo para escutar dos integrantes suas impressões sobre nossa presença nos jogos, na rotina do *"BabaSextou"*. As pessoas com as quais conversamos relataram que a presença de "professores" para "olhar" e "estudar" as "coisas" da comunidade não era novidade, ela despertava interesses de muitos quanto aos seus aspectos políticos, sociais e culturais, mas que era a primeira vez que "chegavam" para "olhar" o Baba de Saia da rapaziada do Calabar. Quando apresentados a outras lideranças da comunidade fora do circuito futebolístico, suas falas denotavam que estávamos ali para "apoiar" e "divulgar" as ações do jogo.

Existem muitas vias de acesso à comunidade, mas seguindo as orientações de Gilson Oliveira, era importante chegar sempre ao Calabar pela entrada da Avenida do Centenário, a que possui melhor acessibilidade e trânsito de pessoas. Antes de entrar, enviávamos mensagem via Whatsapp comunicando a chegada. Com o passar do tempo, ficou evidente que essa rotina procurava dialogar com o próprio ritmo da comunidade em seus dias triviais e naqueles tencionados pela violência, cuja presença de pessoas de fora poderia acionar riscos. Entrar, estar e sair da comunidade acontecia em um espaço simbolicamente marcado, sendo importante respeitar as fronteiras verbalizadas por nossos interlocutores.

Figura 1 - A quadra comunitária do Calabar



Fonte: acervo pessoal, 2022

Na memória dos integrantes do *BabaSextou*, o grupo possui mais de vinte anos na quadra comunitária e começou com a junção de jogadores e equipes de bairros adjacentes, até atingir sua configuração atual, formada em sua grande maioria por jogadores do Calabar.

> Se eu não me engano é de 98 eu acho, não me lembro a data não, mas lembro que era uma quadra descoberta e a agente ia pra esse Baba no intuito de jogar contra uma galera do Garcia que a gente estudava juntos no Edgar Santos[3], a gente armou esse Baba e aí pegou e foi pegando, chegou uma Baba de lá da Bomba que é uma comunidade próxima da quadra, aí ficou três Babas e até hoje a gente tá aí, tem mais de 20 anos esse Baba" (João Victor Costa Rocha).

Reginaldo Quirino da Silva, de 45 anos, representa uma geração mais antiga do grupo e conserva detalhes de sua origem, do primeiro espaço que o Baba dispunha, da quadra comunitária e o contexto sociocultural do qual o *BabaSextou* é fruto:

> Aí tinha uma ONG que veio dos Estados Unidos e começou a ajudar a comunidade, deu material para fazer as casas, aí fez a Escola Aberta. Aqui tinha projetos de gringos de fora e começaram muitos projetos como o de Mestre Cesar, que dava aula de capoeira. Daí a prefeitura fez umas melhorias e aí surgiram movimentos como o Samba no Bairro, percussão como o

[3] Centro Educacional Edgar Santos é uma escola da rede estadual da Bahia, voltada para o ensino médio e situada no bairro Garcia.

> Samba de Bira. Muitos jogadores daqui sabem tocar por conta desse pessoal que ensinou e terminou tirando muita gente do crime.
>
> Aí começaram os times com Valter pra tirar os jovens da malandragem. Muitos que jogaram bola com a gente se envolveram e não estão mais aqui. Esse Baba aqui é fruto desse movimento todo, porque esse Baba aqui começou de 1999 pra cá, essa aí já é outra geração.
>
> Nós tínhamos dois Babas: esse Baba de hoje (sexta) e o de segunda. Nesse da segunda era esse grupo com mais outras pessoas e esse foi o que durou. Nós começamos na grama, era lá na frente, na saída onde tem aquele quiosque, ali era uma vala, a gente começou li, o Baba era ali. O Valter até organizava campeonatos lá. Esse espaço na grama acabou com o processo de urbanização.
>
> Aqui era um campinho de barro que era da Escola Aberta, era uma horta. Aí os meninos começaram a jogar bola e foi matando a horta, o mato. Aí pronto, surgiu um campinho, depois veio um projeto da prefeitura e fez uma quadra só de brita, encimentou toda e botou brita e depois essa reforma da quadra com o telhado e esse cimento aí mais liso e a pintura. Na verdade essa quadra do Calabar é da Escola Aberta que é um órgão que vive de doações, não é do Estado nem da prefeitura. Essa quadra surgiu antes dos outros equipamentos como a base de segurança ou o posto de saúde (Reinaldo Quirino da Silva).

A despeito do início do Baba de Saia no grupo, as memórias demarcaram a década de 1990, precisamente em 1998. Pontuaram o lugar inicial do jogo, as mudanças espaciais e principalmente o receio inicial em se fantasiar de mulher para jogar de saia.

> O Baba de Saia daqui começou na pracinha de Ailton em 1998, mas ainda não tinha as fantasias. Aí veio um e disse: "vamos botar a saia mesmo? Eu mesmo disse que não, porque não gostava, quem quiser que use. Aí Van, João Vitor, Gilson e Magayver botaram. Mas nessa época eu não me fantasiava e Gilson teve uma ideia mais Pilo e João Henrique de ir para a grama, mas poderia ter alguma confusão com as pessoas de lá e a gente ficava no meio e podia ter algum tiroteio, nunca houve, mas podia acontecer. Aí Gilson disse: "vamos lá pra frente e botamos lá no parquinho da Avenida do Centenário" e começou a levar os timbaus, os tamborins, as mulheres começaram a ir, e aí

> pegou. Todos com roupa de mulher e as mulheres passavam batom na gente, rímel, tudo. No terceiro ano, decidimos fazer uma coisa mais organizada em que cada um ia trazer uma coisinha, porque a gente só levava um vinho, tocava um pouco e acabava. Ai João Vitor, Hotvale e os outros decidiram fazer uma coisa mais organizada e decidiram cada um dar cinquenta reais e uma caixa de cerveja, daí compramos a camisa, pulseira. E este ano será o mais organizado de todos que já fizemos (Reinaldo Quirino da Silva).

O depoimento anunciou as mudanças que os integrantes vão inserindo na tradição. À medida que a comunidade adere ao jogo pela quantidade de pessoas envolvidas, os organizadores ampliam os atrativos que a cada ano carnavalizam-se mais. Depois de mais de uma década do primeiro Baba de Saia do grupo, aderiram em 2022, às pulseiras e canecas identificadoras da festa, apetrechos típicos de carnavais fora de época ou mesmo blocos de rua; em 2023 mais novidades foram incrementadas, numa perspectiva de agregar uma estrutura e serviços que lhes garantam entretenimento aos jogadores, familiares e a comunidade em geral.

É carnaval na Sexta-feira Santa: O Baba de Saia do Calabar 2022

O "estranhamento" é um dos princípios básicos do conhecimento antropológico que se relaciona ao processo de "familizarização". Além da "familiarização do estranho" a antropologia passou a englobar o "estranhamento do familiar". Nesse caminho, além de compreender modos de vida de outros grupos sociais, os estudiosos da cultura passaram a conhecer melhor a si próprios. Produzir o estranhamento (ou situações de estranhamento) refere-se a uma "atitude etnogrática" do pesquisador, o que ocorre, sobretudo, nas observações participantes: a atitude de posicionar-se num ir e vir entre diferentes universos simbólicos, o seu e o daqueles sobre quem se pretende pesquisar. Olhando ao mesmo tempo para a janela (para os "outros") e para o espelho (para "si") é que o observador atento às "alteridades" chegará àquilo que pretende conhecer com o desafio de construir um estranhamento daquilo que à primeira vista parece familiar. O que há de estranho no Baba de Saia vivenciado no lazer do Calabar? Pergunta para ser respondida a partir de estudos de inspiração etnográfica.

É um dia atípico para os moradores do bairro e jogadores do grupo *"BabaSextou"*. Passados mais de quarenta dias do carnaval para início da Semana

Santa, seguindo o calendário cristão, o entusiasmo carnavalesco permanece aguerrido nos primeiros jogadores que chegaram por volta das oito horas da manhã na alameda central da Avenida do Centenário, próximo a entrada principal do bairro. O que lhes espera é um dia em que o futebol e a festa demarcam um tempo distinto daqueles habituais ou de outros feriados; similar aos dias de carnaval se difere como analisa Damatta (1997, p.57) de outros feriados, pois diferente de datas que possuem um tempo histórico ao acionar nos indivíduos aspectos da própria história do Brasil, como o dia da Pátria; o clima do Baba de Saia, pensando-o numa perspectiva carnavalesca, revela um tempo singular, pois estimula nos seus participantes, como o carnaval propriamente dito, os contatos com o divino, profano, o pecado ou a salvação.

Ritos populares objetivam o encontro das pessoas e alguns jogadores chegam logo cedo ao ponto marcado para a concentração. Ainda que em horários diferenciados, o espaço começa a ser ocupado pela presença e conversas sobre a falta de adornos em alguma fantasia, as bebidas que não chegaram ainda ou os instrumentos musicais que já deveriam estar a postos. Por volta das dez horas, uma leva considerada de fantasiados deixam o local e seguem para a área central da avenida, em que os demais irão aos poucos se chegando.

Vamos aos poucos identificando jogadores da quadra, agora fantasiados e conhecendo outros participantes por intermédio de Rogério, nosso interlocutor, entre eles o senhor Walter, presidente do bairro que nos dá às boas vindas e se mostra disponível para o que precisarmos. Depois de um tempo, as laterais da área do jogo, que consiste em um terreno inclinado para o centro da alameda com seus trechos de grama verde e muitas árvores, começam a funcionar como arquibancadas para os que foram ver o Baba de Saia. Além dos contatos com o grupo nos jogos semanais, este dia era de fato nossa primeira experiência com a festividade do Baba de Saia. Como em toda incursão investigativa em busca de interpretar significados culturais, era preciso "demarcar", "construir", "cativar" nosso lugar entre os jogadores, no jogo propriamente dito. Participar, para além de espectadores, das tarefas que demandavam o ritual. Assim, nos colocamos a disposição e dividimos algumas funções como carregar os instrumentos musicais, esportivos e outros itens reservados para o consumo como isopores com gelo e suportes. Eram ocupações que nos aproximavam dos jogadores, aumentando possibilidades de conversas sobre o evento ou qualquer outro assunto

corriqueiro; estávamos “diminuindo” as distâncias simbólicas entre os “professores”, como muitos se referiam, e os jogadores, agora fantasiados para o Baba de Saia.

Figura 2 - O público se formando



Fonte: acervo pessoal, 2022

O jogo iniciou e entre os transeuntes que realizavam caminhadas ao redor da alameda, quase todos repararam e sorriram com os homens fantasiados de mulher jogando bola em espaço retangular pequeno, com barrinhas como traves e procurando fazer um gol ou parar de jogar quando o cronômetro finalizar o tempo de dez minutos. Muitos carros desaceleram e emitem buzinas fortes, reconhecendo alguns integrantes ou demostrando empatia com o costume do feriado.

A comunidade se aglomera com presença de namoradas, companheiras, amigos e amigas dos jogadores que chamam a atenção com suas roupas justas, coloridas e adornadas de perucas, maquiagens extravagantes, pulseiras, anéis, colares, bichinhos de pelúcia e adereços tantos. Enquanto os jogadores estão na partida, esse público vai às risadas com as performances masculinas, manuseiam as bebidas, os instrumentos percussivos e aguardam a hora de começar o cortejo de retorno à comunidade.

O costume possui um caráter intergeracional, com a presença de muitos filhos dos jogadores também fantasiados e entrando em jogo sempre que possível; um número considerável de crianças também compõe o cenário do Baba de Saia e constituem-se em longo prazo os responsáveis principais para a manutenção da tradição. Fantasiados como seus pais, as crianças (os meninos) não incorporam nenhuma performance de gênero feminino ao jogo. Na verdade, por seus comportamentos, suas vestimentas femininas se assemelham a qualquer outra fantasia carnavalesca, não existe nenhuma iniciativa em compor a fantasia com trejeitos objetificados do que seria ser mulher ou

gay. Os esforços performáticos de seus pais, não exercem curiosidades nos meninos, tampouco são estimulados por esses; ao contrário, a permissão que concedem aos filhos de se vestirem de mulher, vem acompanhada de orientações precisas como afirmou José Victor: "... eu digo pra ele, hoje você vai pra o baba comigo fantasiado de mulher, mas é só hoje, não pode fazer isso todo dia não, tá compreendendo?" O que está em jogo para as crianças é o tempo que conseguem ficar com a bola, quando disputam o espaço recreativo com seus progenitores fantasiados dando continuidade à tradição de um jogo que se reporta ao feminino de modo jocoso.

Figura 3 - Os filhos dos jogadores



Fonte: acervo pessoal, 2022

O calor aumenta quando chegam às onze horas e os primeiros sinais que as partidas estão por encerrar vêm dos atabaques. O som percussivo acompanha o consumo de cervejas e vinhos, formando um aglomerado de jogadores em torno daqueles que conduzem os instrumentos. Depois do jogo, a formação para o cortejo de retorno à comunidade se inicia ao som de clássicos do *Axé Music*.

Figura 4 - A formação do cortejo



Fonte: acervo pessoal, 2022

A incursão proporcionou decompor as partes do ritual que compõe a tradição. A proposta não foi pensa-lo numa perspectiva rígida ou engessada, subtraindo assim sua fluidez e intercâmbios entre os momentos da festa-jogo, mas no sentido de propor uma clivagem ou fragmentação da sua dinâmica, facilitando-nos o olhar para o todo do evento de forma atenta, acessando seus significados com mais segurança. Não existem fronteiras delimitadas entre essas partes, mas o exercício propiciou observar que o Baba de Saia do Calabar constitui-se de três principais momentos, que aqui denominamos de o *encontro*, o *jogo* e a *festa*. O *encontro* se inicia com o deslocamento da comunidade até o local do jogo, promovendo a concentração dos jogadores, amigos, familiares e curiosos; é nessa etapa que as fantasias são finalizadas e com a ajuda das mulheres, em sua maioria a cônjuge do jogador, ajustes nas roupas são feitos, bem como a maquiagem e adereços. Uma vez montados, os jogadores agora personificados em "jogadoras" posam sinuosamente para os primeiros registros fotográficos em seus celulares. O *encontro* é também o ordenamento pela logística de três itens importantes para as duas fases seguintes: as bebidas, as bolas, as traves e os instrumentos musicais. Uma vez posicionados às sombras das árvores à espera dos percussionistas, traves e bola no espaço de jogo e as bebidas já em pleno consumo, dar-se início a segunda fase, o *jogo*.

São mais de duas horas de *jogo* propriamente dito, o sol escaldante vaporizado na alta temperatura de cimento batido, é amenizado pelos goles de cerveja e vinho gelados. No Baba só há jogadores na linha, três em cada time; o espaço retangular e as

mini-traves trariam complicações para um goleiro e as defesas de bola poderiam atrasar sua dinâmica rápida de jogo para as equipes que se formam em tempo real. Cada gol é comemorado na mesma intensidade em que é esquecido; não existem placares, súmulas ou apostas, as risadas e os deboches se direcionam para o drible impecável e também para o que levou a "saia", "caneta" ou "rolinho", como queiram chamar. Se um jogador consegue ao mesmo tempo fazer uma jogada com maestria e exibir sua feminilidade temporária ao máximo com gingados, rebolados e gritos, ele é ovacionado por todos. Entre equipes que se formam, jogam e se desfazem, gols marcados, latinhas pelo chão e algazarras que lembram um encontro entre velhos amigos, a manhã avança e é chegada a hora da *festa*.

Figura 5 - O *Jogo*



Fonte: Acervo pessoal, 2022

Nesta última fase do evento, a *festa* anuncia o fim das partidas e recolhimento dos equipamentos de jogo - a bola e as traves; os instrumentos musicais agora estão sendo aquecidos e jogadores antes dispersos agora se aglomeram em um único grupo, ou como disse um deles "aqui é o pelotão da frente!". No entorno, a plateia vai se posicionando; é o começo do cortejo até a comunidade para em seguida adentrar suas ruas até o ponto final da comemoração. As bebidas que sobraram do jogo vão sendo consumidas no percurso de quase um quilômetro, percorridos pela marcha carnavalesca que entoa em uníssono, músicas, marchinhas ou gritos de guerra.

As ruas estreitas do Calabar agora aproximam muito mais os jogadores e seu público, estávamos praticamente "colados" uns aos outros, disputando cada centímetro do chão a passos lentos e cadenciados pelos ritmos dos tambores. Calabar fazia lembrar, pela quantidade de pessoas maior que a disponibilidade do espaço, cenas do próprio carnaval soteropolitano, como a saída do bloco Afoxé Filhos de Ghandhy em seu primeiro dia no Pelourinho, uma referência equivalente ao dançar ou movimentar-se em espaço reduzido[4]. O Baba de Saia naquele momento da *festa,* esbanjava cores, formatos, musicalidades e lógicas que lhe conferiam um ritual singular entre tantos na cultura da cidade e, sobretudo nos rituais acionados pelo futebol Brasil afora.

Figura 6 - O cortejo na comunidade





Fonte: acervo pessoal, 2022

À medida que o cortejo avançava, os moradores foram aderindo à *festa,* tornando o corredor de gente ainda mais compacto. As músicas não cessaram e o coro das letras das canções acompanharam a chegada às escadarias, que nos levaram ao um local mais amplo, espécie de largo comunitário com pontos comerciais e residências; uma tenda armada, estrutura de som e isopores com as bebidas demarcaram que o trajeto ali se encerrava. Ainda que cansados, fomos nos acomodando em torno da tenda; os fantasiados iniciaram o desmonte da personagem, e pouco a pouco a figura que outrora

[4] Esta lembrança não foi nossa e sim de um dos jogadores, o Rogério "Cara de cachorro", que enquanto entrávamos no bairro interpelou: "tá vendo cabeça? aqui parece os Filhos de Gandhy naquele primeiro dia".

era uma caricatura feminina, foi se desfazendo das roupas e vestindo a camisa oficial do evento, que vinha acompanhada de um copo e pulseira de identificação com a logomarca da festa. Do jogador que temporariamente "tornou-se" uma "jogadora", só restou marcas da maquiagem que ainda escorria devido ao calor.

Figura 7 – Na tenda



Fonte: acervo pessoal, 2022

O Baba de Saia do Calabar 2023

O situar-se no campo da observação participante pressupõe um esforço diante da expectativa da vivência do investigador, por um período normalmente longo, com os interlocutores que pretende investigar, nas situações de lazer, mesmo que isso ocorra de maneira intermitente. Esse situar-se é uma "experiência de linearidade", isto é, um período em que o investigador não está no '"eu lugar" e também não está no "lugar dos interlocutores" que ajudam na percepção dos "processos de construção cultural que constituem as práticas e as instituições de lazer". É precisamente nas margens dessa liminariedade experimentada pela observação participante que a pesquisa "entrará em contato com modos de vida em que estão presentes diferentes sistemas de significação, valores e comportamentos sociais. Trata-se de um processo de "socialização acelerado" a ser vivido num contexto sociocultural que – mesmo com conflitos, disputas e descontinuidades – tem coerência interna, a qual, para ser compreendida, envolve "incorporações" do investigador que vivencia "estar entre", e o fazer "de perto e de dentro" o que implica desenvolver uma "arte de ser", que passa por "saber ouvir",

"saber olhar", posto no qual está inserido esse movimento em territórios simbólicos que lhe impõem, legitimamente, posições, relações, percursos, limites e até mesmo ambiguidades. O trabalho constante de situação, portanto, é tanto de quem pesquisa, que se esforça para se apropriar dos modos de ser e fazer adequados nos contextos estudados (fazer o que se espera), como também um empenho ininterrupto dos próprios interlocutores da pesquisa, que tratam de "encaixá-lo" nos momentos de desajustes e inadequações. A observação participante promove uma "experiência da mutualidade", que requer interação e construção: "nas interações, tanto ensina quanto aprende; tanto afeta, quanto é afetado; tanto pede explicações sobre seu lazer e dos colaboradores quanto é levado expor seu lazer em conceitos acadêmicos; procura imprimir seus itinerários de estudos, ao mesmo tempo que seus interlocutores indicam as suas próprias questões relevantes" (Myskiw e Stigger, 2021, p. 111).

O *encontro* esse ano foi no espaço recreativo e de lazer da Avenida do Centenário, como eles chamam a *Pracinha do Centenário*, em frente à entrada principal da comunidade. Esse ano, uma patrulha policial se aproximou e solicitou falar com os organizadores do evento, quando Gilson, um dos seus representantes, cumprimentou cordialmente o oficial, confirmando a entrega do ofício a Secretaria de Segurança. Próximo aos dois escuto o policial relatar: "Tudo certo então meu amigo, comunicou também ao pessoal lá de cima?" Gilson responde: "tudo certo sim, também disse aos caras, que depois daqui vamos subir pra fazer a festa".

Em conversa com o Gilson em seguida, me afirma que "os caras" se tratam do tráfico do Calabar, das "bocas de fumo" que atuam na comunidade. O policiamento se despede e o primeiro momento do ritual segue seus costumes, com música estridente de uma caixa amplificadora que em seguida é substituída pelo som da mala de um carro, a chegada das mulheres e crianças, e um morador não fantasiado com as funções de manter os vinhos gelados no *cooller* e servi-lo aos jogadores.

Figura 8 - O encontro





Fonte: Acervo pessoal, 2023

A presença da guarnição policial foi o indício mais forte nesse momento do jogo que sinalizava o aumento da proporção do evento nessa edição. A começar pela mudança do local, chamando agora mais atenção da cidade e, sobretudo pelos consentimentos da polícia e do tráfico local, numa espécie de "acordo" entre ambas as partes para a realização tranquila da festividade. Quando a polícia retirou-se de vez, os depoimentos reforçaram que estava tudo sob controle, a polícia informada e o mais importante, o tráfico tinha dado seu aval. Sem uma presença física que o identificasse, o núcleo duro do tráfico do Calabar hegemonicamente masculino como o Baba de Saia, estava presente na *Pracinha do Centenário*. Em uma perspectiva etnográfica, naquele momento os "outros" que olhávamos e tínhamos estabelecido relações ao longo dos encontros, não eram apenas os jogadores habituais que ali se encontravam fantasiados, mas também integrantes do tráfico local, que sinalizaram quão forte eram as relações de alteridades em jogo. O ocorrido representava um dos processos de construção cultural, pelo qual aquele grupo de futebol amador precisava vivenciar para que uma de suas práticas de lazer pudesse existir acontecer. Exemplificou ainda movimentos inerentes ao fazer etnográfico, quando o intercâmbio entre quem pesquisa e seus interlocutores são contínuos: nossa atenção voltara-se para entender a presença do policiamento e seus questionamentos sobre a ocupação daquele espaço público, ao mesmo tempo em que os jogadores se esforçavam para nos por a par da situação, de certa forma nos "encaixar" ao contexto.

Típico das partidas de futebol, os fantasiados começaram o *Jogo* com a formação de um círculo para oração coletiva e avisos gerais sobre o esforço da coordenação do evento para aquele dia e de como era importante a "responsabilidade de

cada um na preservação do clima de paz e familiar que sempre marcou nossos "Babas" (Rogério Santos). Os jogos seguiram o mesmo formato do ano anterior, com a diferença de disporem de um espaço maior com uma pequena quadra demarcada; as crianças ocuparam a área de jogo toda vez que os jogadores exauriram as forças entre cervejas, vinho e comentários dos expectadores: "essa enfermeira do Satanás não joga porra nenhuma, óia essa disgraça!"". Estavam se referindo a opção do grupo em naquele ano padronizar as fantasias e não mais produzi-las individualmente. Uma estética do próprio carnaval foi reproduzida, recrudescendo imagens hipersexualizadas da mulher como uma enfermeira, aquela que cuida em um cenário pós-pandêmico ao mesmo tempo em que se erotiza como objeto do prazer masculino.

Figura 9 - O Jogo em 2023



Fonte: acervo pessoal, 2023

Quando o vinho e o som do porta malas acabaram, os batuques percussivos direcionaram-se à entrada do Calabar. A *Festa* tinha começado com a organização para o cortejo até o largo do bairro, anunciada pelo estampido sonoro de fogos no céu.

Figura 10 - o Cortejo em 2023



Fonte: acervo pessoal, 2023

O largo do Calabar nunca esteve tão equipado para a recepção dos fantasiados como esse ano. As fitas cor branco, azul e amarelo que sobraram da ornamentação da Copa do Mundo ajudaram a amenizar o sol escaldante da tarde, juntamente com o espaço do bar delimitado por freezers, mesas e um chuveiro para quem quisesse se refrescar.

Figura 11 - No Largo



Fonte: Acervo Pessoal, 2023

O espaço ainda contou com outros atrativos que reafirmaram o crescimento do jogo aos moldes de festas carnavalescas e organizadas pela lógica capitalista, como uma vontade da periferia em dar sentido aos fenômenos segundo a organização material e subjetiva do capital. Tais mudanças sinalizaram que a globalização envolve uma interação entre fatores econômicos e culturais, causando mudanças nos padrões de produção e consumo nas mais diversas esferas sociais. Enquanto uma ação cultural, o Baba de Saia mediante as modificações, produziu novas e globalizadas identidades enquanto grupo, reafirmando que a homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade inicial de um coletivo e suas práticas relativas à comunidade local (Woodward , 2000).

Essa lógica se materializou nos demais aparatos como banheiros químicos, tenda com estrutura para palco, caixas e mesas de som, contratação de cantor e fotógrafo.

Figura 12 - Os equipamentos



Fonte: acervo pessoal, 2023

Os artefatos evidenciaram uma modernização do jogo, mas também a outra face dessa lógica: a ausência de alguns jogadores e a presença de outros sem desfrutar de todos os serviços da festa, disponibilizados pelo pagamento de R$100,00, com direito a fantasia, open bar, copo e pulseira para os jogadores e R$50,00 mais uma caixa de cerveja para convidados, com direito a camisa, pulseira, open bar e copo.

Procuramos sem sucesso por alguns jogadores que sempre estavam na quadra e fomos informados que "alguns não vieram porque tinha que pagar" (Reinaldo Quirino da Silva). Outros lá estavam, mas sem fantasia e os demais brindes, aproveitando a festa com sua própria bebida levada em coolers; há também quem disse que "alguns caras são canguinhas, não querem soltar o dinheiro pra o Baba de Saia" (Rogério Santos). Opiniões a parte, estava evidente que a ampliação do ritual exigiu o esquecimento de um de seus valores mais comunitários, a sua gratuidade. Um dos organizadores relata que

> Esse ano com a nova diretoria veio a camisa, fantasia de enfermeira, copo, pulseira, fotógrafo, banda. A gente precisa chegar junto pra fazer acontecer, é muito esforço porque tudo tem um custo. É um ano totalmente diferente, com autorização da base comunitária do Calabar, agradecer a capitã Aline e o sargento Wilson que esteve aqui dando uma força e a tendência é a cada ano melhorar" (José Victor Vasconcelos).

Figura - 13 Os artefatos



Fonte: Acervo Pessoal, 2023

Na metade da tarde, muitos moradores estavam agora chegando, inclusive as mulheres que se dispersaram no cortejo e agora voltaram produzidas com a camisa de convidados costumizada, cheia de adereços. Certa hora, Rogério Santos mostrou-nos adolescentes que cruzavam a área da festa em bicicletas e disse: “tá vendo ali, Cabeça, esses moleques são do tráfico, olhando se está tudo ok”.

Era notável a expressão de satisfação dos dois principais organizadores do Baba de Saia do Calabar, Gilson Oliveira e José Victor. Uma conquista importante para o grupo o jogo ter alcançado aquele patamar, cujo objetivo de dar visibilidade à comunidade por meio de uma ação esportiva e cultural tinha sido alcançado.

> Isso tudo aqui é do grupo *BabaSextou*. O que a gente busca com isso mesmo é visibilidade para o bairro. Infelizmente quando se trata de comunidade ou favela, o pessoal acha que é só trafico, morte e não é nada disso. Como em todo lugar aqui existem muitas pessoas de bem que acordam cedo. Esse Baba aqui só acontece por causa de trabalhadores, de família, que tem responsabilidade, até porque a gente não aceita e não permite nenhum tipo de erro (Gilson Oliveira).

O sentimento de pertencimento ao Calabar é forte nos moradores e isso vem à tona no jogo em formato de resistência a tudo que lhes cercam, pois há uma diferença significativa em morar em um bairro periférico cercado por elites e perto da Orla da cidade e residir numa periferia mais distante. As relações entre favela e orla mostram-se importantes e terminam por moldar o jogo, causando o efeito de "exibirem-se mais", tornar o Calabar visível aos vizinhos abastados. É uma vontade de resignificar através da festividade, a estigmatização territorial histórica que recebem diariamente como um lugar a ser evitado na cidade.

Como mencionado anteriormente, o Calabar é um exemplo de "fixação e estigmatização territorial" apresentada por Wacquant (2017), onde a marginalidade avançada concentra-se em territórios circunscritos e assume simbolicamente a pecha de "lugar de perdição". Paulo Sá, de 61 anos e "memória viva" da história da comunidade, onde atuou em seus movimentos políticos e culturais desde sua adolescência ratifica a percepção da cidade sobre Calabar, sobretudo pela truculência dos aparatos de controle do Estado.

> Aqui temos que ser unidos. Somos dados como marginais, porque mora num bairro que tem boca de fumo, tráfico. Quando a polícia entra aqui ela não entra pensando só no marginal não, é qualquer um. Nós temos a base comunitária que tem um trabalho social ótimo, durante o dia tem a Capitã que fica aí, mas e a noite? Eles chegam agora aí brutalmente, temos que comunicar a eles. Muitos policiais já disseram que essa "favelinha aqui" não ia ter nada. Eu comecei aqui naquela sede, era o JUC – Jovens Unidos do Calabar na década de 70 (Paulo Sá).

Por isso é pungente em suas oralidades a associação do jogo com valores comunitários, familiares e democráticos, um encontro de amigos da infância que se renova a cada ano e que pretende revelar outra Calabar, ou como disse o Paulo de Sá: " aqui não tem só bala não, tem Baba também".

> Eu lembro de um ano que teve uma foto muito bonita. A foto pegou todo mundo lá em cima. Senti uma sensação de união, paz, você saber que cada um da foto é importante na nossa vida, na comunidade (Jéssica Alves).

> Eu acho interessante para mostrar que nem todo bairro tem isso, é uma animação entre eles amigos e colegas (Jamile Silva Oliveira).

> A gente comemora a amizade, a união, porque isso aqui é uma família. Um momento que um tira pra curtir com a cara do outro fazer algazarra. Acho bom pra gente não perder a nossa história (Jaíse Carla).

> Família, amizade, a adolescência da gente, tudo de bom. Todo mundo aqui se conhece e até os que estão sem se falar ficam amigos de novo. Esse Baba é tradição familiar na comunidade do Calabar (Rogério Santos)

> Nossa comunidade está precisando disso, paz e tranquilidade, isso é muito importante e que continue porque aqui é assim: alegria, paz e felicidade na própria comunidade (Cal baiano - Locutor do Calabar)

> Existe algumas pessoas que hoje não se falam aqui no bairro por alguma briga, alguma coisa, mas esse Baba consegue agregar todos, entendeu? E esquece essa diferença. Não é que vai se falar, mas participa, vai pra o arrastão, agrega (João Victor Costa).

Quando se expressam, a relação clássica entre esporte e mobilidade social também se intensifica e exaltaram a capacidade das práticas esportivas locais em alterar os projetos de vida de jovens, afastando-os das facilidades ilusórias do crime e do tráfico. O Baba de Saia também significa a comemoração de encontros semanais distribuídos ao longo do ano em que membros de uma classe popular identificam numa atividade de lazer uma forma de auto-realização e superação dos limites de uma cidadania plena.

> Os valores desse evento é que ele tem o intuito de formar pessoas do bem, todos no Baba são do bem, o intuito é esse. Muitos que são do bem e usam. A gente dá conselhos pra sair desse meio. Mas o intuito do Baba de Saia é para que a comunidade veja que ali só tem pessoas do bem, não tem pessoas de má índole. (Reginaldo Quirino da Silva).

> Eu comecei tinha 14 anos e levamos muitos jovens para os esportes daqui, desse Baba mesmo, no início da década de 1990. Hoje tem advogados, professores, conseguiram se livrar desse mundo cão e ser alguma coisa na vida. E digo isso porque já fui presidente, diretor de cultura e outros cargos, mas hoje eu só apoio tudo que me chamam (Paulo Sá).

No cortejo, esses valores se expressam nas canções cantadas por todos, uma homenagem em forma de samba aos filhos e filhas que o Calabar perdeu para o crime, para o "mundo cão": "... Menino chorou, chora menino. O maculelê e o rabo de arraia, a ginga do corpo tomara que caia. Tomara que caia; A culpa não é deles não. A culpa é do mundo cão arraia" (Autoria não informada). As comemorações não sinalizavam indício do fim e com o sol decaindo iniciamos as despedidas. Saímos no início da noite, na hora como disse Caetano Veloso que "estrelas já vão luzir, na noite da Bahia preta".

Figura 14 - A festa continua



Fonte: Acervo Pessoal, 2023

Considerações finais

Observar o evento a partir de seus principais momentos, aqui tratados como *encontro, jogo* e *festa* em suas edições de 2022 e 2023, foi à condição necessária para compreender que seus significados socioculturais possuem como alicerce construções e discussões de gênero que perpassam por todo o tempo do ritual. Manifestam-se nas fantasias, na corporeidade e no consumo de bebidas alcoólicas durante o evento. Elementos que funcionaram como um tripé simbólico do ritual, que entrelaçados, constituem-se nele próprio. Quando se observa o jogo

> "De perto e de dentro", o que se vê são relações de brincadeira, mas também de compromisso e seriedade, que mobilizam uma miríade de significados e identidades, em ações que só podem se realizar em coletivos. Falar de futebol é antes de tudo falar de relações de alteridade que são carregadas de sentimentos e ideias e que servem a motivações diversas (Spaggiari, Chiquetto e Piva, p.58, 2018).

No *encontro,* as performances femininas são acionadas e as fronteiras simbólicas que demarcam as identidades pessoais de "jogador" e "jogadora" são borradas e temporariamente o futebol, como espaço generificamente, masculino perde força. No *jogo*, essa questão se potencializa, mas também não deixa de expressar simbologias que demarcam a dominação masculina como fruto das relações diárias entre esses homens e mulheres. Quando os filhos dos fantasiados ocupam o espaço, caraterizados como seus pais, a dimensão intergeracional emerge como o elemento que garante a continuidade da tradição de geração a geração. São as crianças, filhos homens, que perpetuam o Baba de Saia e juntamente com sua carnavalidade futebolística, replicam também em longo prazo os valores machistas, sexistas e lgbtfóbicos. A *festa* é o ápice do ritual em que o evento como uma ação cultural no âmbito esportivo fornece visibilidade política à comunidade. No feriado santo, Calabar mostra-se auto organizada, ao celebrar por meio de um futebol singular, sua história de luta e resistência contra a hegemonia econômica e social da cidade. Todavia, do ponto de vista simbólico, o jogo pode ser interpretado como um ritual para construção de masculinidades e feminilidades através do futebol.

Referências

MATTA. Roberto da. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro.* Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom a profissão: formação de futebolistas no Brasil e na França.* São Paulo: Aderaldo e Rothschild Ed., Anpocs, 2007.

DÓRIA, Dione Sá Carvalho. *Ação política e aprendizado: o papel da cultura local do bairro Calabar na constituição da identidade política no Conselho Escolar de uma escola municipal na cidade de Salvador.* Dissertação (Mestrado). Programa de PósGraduação em Educação da Universidade Federal da Bahia-UFBA- FACED.

Salvador, 2011. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/8948/1/Dione%20S%c3%a1%20Carvalho%20D%c3%b3rea.pdf. Acesso em 09 set. 2022.

FREITAS, Santos Freitas. *Jovens Unidos do Calabar (JUC): Experiência de um Movimento de Bairro de Salvador (1977-1985)*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação de História da Universidade Federal da Bahia-UFBA. Salvador, p.147. 2020. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFBA-2_0473f6a77c51bfec6445f8565eca6a4b. Acesso em 04 ago. 2022.

SILVA, Valdiese Oliveira. *A representação do Calabar na mídia soteropolitana.* Monografia (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) Faculdade Social da Bahia – FSBA, Salvador: 2007.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; SPAGGIARI, Enrico. *Lazer de perto e de dentro: uma abordagem antropológica.* São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018.

MOREIRA, Lucas Maroto; CALDAS, Francisco Demetrius; ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda. *O Baba de Saia na Bahia: notas sobre futebol e gênero em produções audiovisuais*. Revista de Estudos e Investigações Antropológicas Vol. 10, n.1 (2023).

SAPGGIARI, Enrico; CHIQUETTO, Rodrigo Valentim; PIVA, Raphael. *Jogar Bola, rodar e tirar um lazer: amadores em São Paulo (SP) e Manaus (AM)*. In*:* Lazer de Perto e de Dentro: uma abordagem antropológica. Ogs: José Guilherme Cantor Magnani; Enrico Spaggiari – São Paulo: Edições Sesc , 2018.

STAHLBERG, Lara Tejada. *Jogando em vários campos: torcedoras, futebol e gênero.* In: TOLEDO, Luiz Henrique; COSTA, Carlos Eduardo (Orgs). Visão de jogo antropologia das práticas esportivas. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.

STIGGER, Marcos Paulo; Myskiw, Mauro. *Etnografia e estudos no/ do lazer: aspectos da observação participante.* In.: Pesquisa e pós-graduação em estudos do lazer. (Orgs.) Helder Ferreira Isayama. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2021.

TREUKE, Stephan. *Integração econômica vs. evitamento social: analisando relações de bairro entre a favela de Calabar e os condomínios de elite circundantes*. Rev. Bras. Estud. Urbanos Reg., São Paulo, V.21, N.1, p.117-136, JAN.-ABR. 2019.Disponível em:https://www.scielo.br/j/rbeur/a/nbR3mrc9c6vfJYngH55wqyc/?format=pdf&lang=pt.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual.* In: Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais /Toma.Z Thdeu da Silva (org.), Stuart Hall, Kathryn Woodward.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

WACQUANT, L. *A estigmatização territorial na idade da marginalidade avançada. Sociologia:* Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, [S. l.], v. 16, 2017. Disponível em: https://ojs.letras.up.pt/ojs/index.php/Sociologia/article/view/2365. Acesso em: 20 abr. 2023

Entre bisturis, escolhas e mundos possíveis: a medicina como prática ontopolítica nas sociedades contemporâneas

Between scalpels, choices, and possible worlds: medicine as an ontopolitical practice in contemporary societies

Pedro Paulo Gomes Pereira
Universidade Federal de São Paulo, Brasil
São Paulo, SP
pedro.paulo@unifesp.br
https://orcid.org/0000-0002-0298-2138

Recebido em: 14 de maio de 2025
Aceito em: 5 de fevereiro de 2026

Resumo:

Este artigo propõe uma reflexão antropológica sobre a medicina como prática social e ontopolítica, com base na obra de Annemarie Mol. Argumenta-se que Mol rompe com a visão da medicina como representação de entidades biológicas fixas, enfatizando a produção de doenças, corpos e cuidados em práticas clínicas situadas. Discute-se a multiplicidade ontológica das doenças, a performatividade das tecnologias médicas, os efeitos normativos dos protocolos e a crítica à lógica da escolha individual. Em vez de entender a clínica como aplicação de saberes universais, propõe-se vê-la como espaço de composição de mundos, onde o cuidado emerge da improvisação, escuta e responsividade. A medicina é abordada como dimensão central das sociedades contemporâneas, marcada por disputas, exclusões e possibilidades de reinvenção. O texto contribui para repensar o cuidado, a saúde e o corpo além dos paradigmas biomédicos tradicionais.

Palavras-chave: Annemarie Mol. Ontologia Prática. Cuidado. Medicina.

Abstract:

This article offers an anthropological reflection on medicine as a social and ontopolitical practice, based on the work of Annemarie Mol. It argues that Mol breaks with the view of medicine as a representation of fixed biological entities, emphasizing the production of diseases, bodies, and care within situated clinical practices. The discussion addresses the ontological multiplicity of diseases, the performativity of medical technologies, the normative effects of protocols, and the critique of the logic of individual choice. Instead of understanding the clinic as a site for applying universal knowledge, it is proposed as a space for the practical composition of worlds, where care emerges through improvisation, attentive listening, and responsiveness. Medicine is thus approached as a central dimension of contemporary societies, marked by disputes, exclusions, and possibilities for reinvention. This text contributes to rethinking care, health, and the body beyond traditional biomedical paradigms.

Keywords: Annemarie Mol. Practical Ontology. Care. Medicine.

Introdução

Nas últimas décadas, a medicina – assim como as ciências da saúde que dela derivam, nela se inscrevem e a ela resistem – viu-se convocada a reexaminar os alicerces ontológicos e epistemológicos sobre os quais ainda pretende erguer sua autoridade. Não se trata apenas de responder às mudanças pragmáticas nas práticas clínicas, tampouco de acompanhar, de longe e de má vontade, as críticas sociais que lhe explodem nos flancos: trata-se de perceber que o próprio chão em que pisa se deslocou. É neste cenário que a obra de Annemarie Mol intervém, ao propor uma alteração da gramática do problema.

Mol desloca o foco tradicional da medicina – esse persistente projeto de nomear corretamente as doenças para delas extrair a verdade oculta – para uma atenção etnográfica às práticas materiais, discursivas e tecnológicas que não representam corpos e enfermidades, mas os constroem, os fazem emergir, múltiplos e cambiantes, nas contingências locais das interações clínicas. Se antes se pensava a doença como uma entidade natural e se aguardava sua decifração, agora, com Mol, a clínica aparece como um campo de composição ontológica incessante, onde os corpos são efeitos de redes heterogêneas de tecnologias, normas, gestos, saberes e políticas.

A reconfiguração que Mol propõe é, portanto, radical: as doenças, e com elas os corpos que as suportam, não são mais concebidas como dados fixos, universais, imutáveis. Elas são efeitos de práticas clínicas situadas, mediadas por instrumentos de visualização, protocolos institucionais, decisões éticas e experimentações incessantes. A partir de sua minuciosa etnografia da aterosclerose num hospital holandês, Mol revela que uma mesma condição (o estreitamento das artérias) não é uma, mas muitas: imagem, tecido, risco, evento. A doença muda conforme a prática que a enuncia, e a unidade que lhe atribuímos é apenas uma ficção administrativa necessária.

O que emerge desse movimento não é apenas a crítica à velha ontologia médica, e, sim, a necessidade de inventar uma outra – ou, melhor dizendo, de reconhecer que as ontologias já estão aí, múltiplas, proliferantes, antes mesmo que a medicina as tente aprisionar sob um nome único. Em vez de descobrir realidades prontas, trata-se de acompanhar a emergência de mundos plurais em ação.

Mol repele a velha dicotomia entre o técnico e o social. Angiografias, bisturis, medicamentos tornam-se agentes ontológicos, forças ativas que, ao invés de revelarem

uma realidade anterior, participam na fabricação mesma daquilo que chamamos "doença". Mas Mol vai além. Sua crítica atinge também as bases morais da medicina contemporânea, ao desestabilizar a retórica da "autonomia do paciente" – essa ficção neoliberal na qual o sofrimento é convertido em escolha de consumo e a vulnerabilidade em responsabilidade individual. A "liberdade de escolher" revela-se, sob o olhar etnográfico de Mol, como a negação das condições reais do cuidado: sua natureza situada, relacional, improvisada, feita de negociações incessantes com corpos imprevisíveis e mundos em transformação.[1]

Como Mol já havia explorado em *Ziek is het woord niet* (Mol; Van Lieshout, 2008), ao investigar a transformação da linguagem na medicina geral e na saúde mental holandesa entre 1945 e 1985, as palavras não apenas nomeiam diagnósticos; instauram, outrossim, modos de vida. Essa perspectiva reforça a ideia de que, se as doenças são múltiplas, se os corpos são feitos e refeitos nas práticas, então as políticas de saúde – se quiserem cuidar e não só administrar – precisarão reconhecer a multiplicidade, a indeterminação, a necessidade de negociação e invenção contínua. Protocolos universais e algoritmos frios falham diante da textura real da vida.

Neste artigo, nos propomos a seguir, não sem tropeços e desvios, os rastros deixados por Mol nesse terreno movediço onde doença, corpo, cuidado e política já não se apresentam como territórios firmes, mas como territórios em disputa, instáveis, múltiplos. Mol nos força – como todo bom pensamento faz – a repensar o que pensávamos saber: O que é doença? O que é cuidado? O que é corpo? O que é, afinal, fazer ciência em um mundo que nunca foi uno, nunca foi dado, nunca foi simples? Aqui, o que se busca não é simplesmente expor as teses de Mol, como quem alinhava peças numa vitrine. A leitura que proponho é crítica e construtiva: uma tentativa de fazer ressoar, de prolongar, de colocar em movimento as forças que atravessam as propostas de Mol. Trata-se menos de apresentar conclusões do que de acompanhar um pensamento em sua potência de desconstrução e reinvenção.

Assim, Mol é situada no horizonte mais vasto dos estudos sociais da ciência e da crítica às epistemologias modernas – mas não como quem classifica, e sim como quem traça conexões, entrecruza linhas, amplia reverberações. O que importa aqui é captar o

[1] Esse deslocamento ético e ontológico é aprofundado por Mol também fora do contexto médico, como em *Eating in theory* (Mol, 2021), no qual ela propõe que práticas corporais como o comer podem ser fontes legítimas de conhecimento, desmontando hierarquias entre cognição abstrata e engajamentos materiais.

que seu pensamento desloca, o que ele desestabiliza, o que ele ainda pode gerar no enfrentamento dos desafios contemporâneos da medicina e das políticas do cuidado. Adianto, no entanto, que ler Mol é aceitar não encontrar um solo firme sob os pés. É, talvez, aprender que pensar (como cuidar) é sempre fazer ciência num mundo onde a unidade é ficção e a multiplicidade é condição.

Multiplicidade ontológica: a doença como efeito de práticas

Mol (2002) crava uma intervenção decisiva no coração da antropologia da medicina e dos estudos sociais da ciência. Não se trata, contudo, de um mero ajuste de foco, uma crítica de métodos ou uma adição de perspectivas: trata-se de um ataque frontal à velha ideia de que a doença é uma entidade una, fixa, natural, que espera, paciente e silenciosa, pela revelação médica de sua essência. A etnografia de Mol, conduzida em um hospital universitário nos Países Baixos, confronta diretamente a fábula da objetividade clínica. Sua pesquisa revela que a doença não antecede as práticas que a nomeiam, tornam visível, intervêm e tratam. Não é a doença que dá origem às práticas; são as práticas que, incessantemente, produzem doenças – repetidas vezes, cada uma a seu modo.

A singularidade do trabalho de Mol salta aos olhos pela recusa da antropologia tradicional: ela não se dedica às representações culturais da doença, nem às narrativas terapêuticas dos pacientes – ela se fixa nas engrenagens materiais e discursivas que produzem realidades clínicas distintas. Mol caminha pelas salas de angiografia, circula pelos corredores cirúrgicos, senta-se nas consultas clínicas, espia os encontros de monitoramento médico. E observa: o que a medicina chama de "aterosclerose" não é uma, mas muitas. Ela é imagem de artéria estreitada sob a luz da máquina; ela é tecido endurecido entre as mãos do cirurgião; ela é taxa de colesterol escrita em relatórios, a ser combatida com estatinas e dietas.

Cada prática, cada espaço, cada dispositivo esculpe a aterosclerose em uma configuração diferente – e o que chamamos de "doença" é, na verdade, essa proliferação de ontologias locais, que coexistem sem jamais se fundirem plenamente. Não há uma única aterosclerose esperando ser descoberta: há múltiplas ateroscleroses sendo fabricadas no e pelo cotidiano das práticas clínicas. Essa proliferação ontológica não é exclusividade da aterosclerose; ela encontra paralelos eloquentes na asma, como aponta

Willems (1998). O que está em jogo não são visões divergentes sobre uma mesma entidade nosológica, e, sim, a produção efetiva de múltiplas entidades, cada uma mobilizada por práticas clínicas específicas: o broncodilatador evoca um certo pulmão, o exame funcional interpela outro, e o relato sintomático dá corpo a um terceiro. A asma, portanto, não é uma só, mas múltipla – tantas quantas forem os regimes de enunciação que a fazem existir. Cada prática, ao invés de representar a doença, a fabrica – como quem, ao olhar, dá olhos ao que olha.[2]

Mol não nos oferece apenas uma crítica à medicina; ela propõe um outro modo de habitar a clínica, de se envolver com seus gestos, suas materialidades, suas incertezas. Um modo de repensar, desde a base, o que é – e sobretudo, o que pode vir a ser – uma realidade corporal. Ela vai além da demonstração de que as manifestações clínicas da aterosclerose são múltiplas, ao afirmar que essa multiplicidade é a doença e que não há, por trás das variações, uma essência estável aguardando revelação, mas, sim, um campo de práticas que incessantemente produzem, performam e diferenciam aquilo que se convencionou chamar de "enfermidade". Ela vai mais fundo para afirmar que essas manifestações são a doença. Não há uma doença única e oculta que se deixaria representar de modos variados: o que existe são modos efetivos de existência, realidades múltiplas encarnadas nas práticas que as fazem aparecer.[3] Como ela mesma diz, em uma frase que condensa toda a força de sua proposição: "a aterosclerose não é uma coisa simples localizada em um lugar; ela é feita de práticas, e essas práticas se multiplicam" (Mol, 2002, p. 6).

A metodologia que Mol inventa para seguir essas multiplicações, que ela denomina de "prática de observação empírica da ontologia", parte de uma simples (e devastadora) hipótese: a realidade não é algo dado, estático, que a clínica deveria decifrar; é um efeito, um evento, um produto relacional de práticas heterogêneas em circulação. Mol segue mostrando que é entre angiografias, protocolos, bisturis, corpos anestesiados, relatórios de colesterol e consultas apressadas que a aterosclerose adquire espessura, torna-se inteligível e passível de manipulação. Cada artefato, cada gesto,

[2] Essa relação entre linguagem e ontologia aparece também em *Eating is an english word* (Mol, 2024), no qual Mol mostra como palavras como "eating" organizam práticas e mundos distintos. Da mesma forma, termos como "asma" ou "aterosclerose" ganham consistência local nas materialidades que os performam.

[3] Essa perspectiva está alinhada com a noção de "política ontológica" desenvolvida por Mol (2008), segundo a qual a realidade – inclusive a realidade médica – não é dada previamente, mas moldada por práticas situadas e contestáveis. Assim, a clínica não somente representa, mas interfere ontologicamente nos mundos que faz existir.

cada decisão clínica participa da fabricação de uma doença específica – que é tanto técnica quanto social, tanto biológica quanto política.[4]

Assim, a clínica não é o espelho de um mundo natural preexistente: é um dispositivo performativo que faz mundos corporais emergirem, sustentarem-se, transformarem-se. Não há, portanto, uma natureza que se revela à medicina; há naturezas que se compõem, se multiplicam e se desfazem nos arranjos pragmáticos da prática médica. Mol observa as práticas clínicas e nos ensina a vê-las como aquilo que elas são e sempre foram: máquinas de mundos.

A abordagem de Annemarie Mol se inscreve diretamente na tradição dos estudos sociais da ciência – uma linhagem para a qual o conhecimento não reflete passivamente o mundo, porém, o configura ativamente como uma tecnologia de existência. Em especial, Mol se alinha à concepção de "fato científico" como efeito de redes de práticas, tal como formulada por Bruno Latour (1987) em *Science in Action*. Nesse livro, Latour desmonta a noção reconfortante de que os fatos científicos são revelações de verdades universais: eles são, em vez disso, produtos contingentes – resultados provisórios de longos processos de negociação, estabilização e materialização no interior de complexas redes sociotécnicas. Mol não apenas dialoga com essa tradição, mas a tensiona e prolonga, em companhia de Isabelle Stengers (2018a; 2018b). Ambas compartilham uma crítica incisiva à imagem dominante de uma ciência homogênea, acelerada e universalizante. Seus trabalhos nos alertam para o fato de que o mundo não é uno, que a realidade resiste à domesticação por protocolos de conhecimento rápido, e que uma ciência comprometida com a dignidade do real precisa aprender a hesitar, a escutar e a acolher a multiplicidade dos modos de existência.[5]

É nesse contexto que o diagnóstico de Mol sobre a constituição prática das doenças se entrelaça à linhagem iniciada por Latour. Sua análise mostra que entidades como a aterosclerose não preexistem às práticas clínicas, no entanto, emergem a partir delas – ganham consistência, inteligibilidade e agência à medida que circulam por instrumentos, corpos, rotinas e decisões clínicas. Assim, a aterosclerose não é um objeto

[4] Essa formulação é articulada com clareza por Mol na entrevista "Corpos múltiplos, ontologias políticas e a lógica do cuidado" (Mol, 2018), na qual ela propõe que a realidade não é simplesmente representada, mas feita (enactada) nas práticas clínicas, por meio da ação conjunta de profissionais, pacientes, instrumentos e protocolos.

[5] Essa abordagem é aprofundada na coletânea *Complexities: social studies of knowledge practices*, organizada por Mol e John Law (2002), em que os autores propõem lidar com múltiplas formas de ordenamento do mundo sem reduzi-las a um esquema explicativo único.

que repousa em alguma profundidade da realidade natural, esperando que a medicina lhe arranque a máscara: ela é um efeito emergente de práticas – angiografias, bisturis, medicamentos, protocolos de conduta, decisões clínicas, corpos de pacientes – em sua densa e incessante circulação.

Mol não se limita, todavia, a repetir Latour: ela o faz avançar – ou melhor, ela complica ainda mais o jogo, pois, para ela, essas realidades múltiplas que emergem no interior da clínica não coexistem em harmonia. Não formam uma linda paisagem de diversidade. Há luta, há hierarquização, há exclusão. No cotidiano da prática médica, versões diferentes da doença competem por hegemonia: qual imagem, qual diagnóstico, qual protocolo vai prevalecer? Em cada escolha clínica, invisível aos olhos de quem apenas vê o bisturi cortando ou a angiografia brilhando na tela, ocorre uma operação política profunda: a fabricação e o apagamento de mundos possíveis.

Mol nos obriga a enxergar que a clínica, ao escolher qual versão da aterosclerose vai tratar como "real", fabrica exclusões ontológicas. E essas exclusões não são apenas intelectuais: elas têm consequências materiais, práticas, éticas. São decisões que atravessam corpos, distribuem vulnerabilidades, organizam sofrimentos. São, em última instância, modos de produzir vidas – e de recusar outras. Mol caminha lado a lado nessa recusa. Contra a ideia de uma medicina que deveria buscar descrever, uma vez por todas, a verdadeira natureza das doenças, ela propõe algo mais inquietante: reconhecer que cada prática clínica, cada exame, cada intervenção é a composição sempre provisória de realidades múltiplas. Não se trata de encontrar a doença verdadeira, oculta sob as aparências; trata-se de inventar modos de cuidar dos múltiplos modos de ser da doença.

Adotar essa perspectiva é aceitar que a clínica não opera sobre entidades fixas, mas sobre corpos e mundos em permanente formação, precários, instáveis, vulneráveis. É aceitar que o cuidado não pode ser protocolar, nem programático; ele é, na verdade, experimental, situado, responsivo – um fazer que se refaz a cada encontro, a cada fracasso, a cada surpresa.

O trabalho de Mol (2002) nos obriga, portanto, a reconsiderar aquilo que chamamos de conhecimento, de realidade, de cuidado. A aterosclerose – e, com ela, todas as doenças – não é um objeto à espera de apreensão por métodos técnicos; é uma multiplicidade sempre em risco de ser simplificada, apagada, traída. Recusar essa simplificação, resistir a esse apagamento, é abrir espaço para outra medicina: uma

medicina plural, sensível, comprometida com a complexidade dos mundos corporais que ela inevitavelmente ajuda a compor – ou a destruir (Mol; Law, 2002).

Essa recusa à simplificação nos conduz diretamente ao terreno das ontologias situadas e das práticas relacionais, no qual conhecer e cuidar deixam de ser operações abstratas e universais para se tornarem gestos enredados, contingentes, marcados pelo encontro entre corpos, saberes e contextos em constante negociação. Exploro esse aspecto com mais detalhe na próxima seção.

Ontologia situada e práticas relacionais

Como já salientei, Mol nos propõe – melhor dizendo, nos força – a conceber a doença não como uma essência única, estável e pronta para ser descoberta pelo olhar clínico, mas como um ente múltiplo, um ser fabricado nas tramas situadas das práticas médico-hospitalares. A chamada "ontologia situada" que ela defende desloca, com violência necessária, a velha crença de que a medicina apenas revela verdades naturais preexistentes. A doença, para Mol, é antes um efeito local, histórico e técnico de práticas heterogêneas: decisões clínicas, corpos específicos, instrumentos diagnósticos, arranjos institucionais, regimes de valor social. Como propõe Berg (1998), os protocolos clínicos não são meras ferramentas de ordenamento de uma realidade clínica que lhes é anterior – eles não representam a clínica, eles a fazem. Ao instaurarem certos parâmetros de relevância, ao distribuírem agências entre profissionais, dispositivos e diagnósticos, os protocolos operam como máquinas ontológicas: fabricam uma clínica específica, povoada por variáveis que contam, decisões que valem, e formas de cuidado que se autorizam como legítimas. Ao mesmo tempo, instauram um regime de exclusão, silenciando outras configurações possíveis – locais, improvisadas, relacionais – que não se encaixam no desenho normativo que os protocolos fazem passar por universal.

A clínica, então, não é uma vitrine para observadores neutros; é um laboratório ontológico, um campo de fabricação de realidades. A aterosclerose – esta entidade que supostamente se esconderia intacta sob o bisturi ou sob o raio-X – se multiplica, se diferencia, se refracta, conforme os dispositivos e os modos de atenção que a capturam: é uma na angiografia, outra na cirurgia, outra, ainda, na consulta de acompanhamento. A cada prática, a cada acoplamento técnico-corporal, emerge uma aterosclerose distinta: aquilo que parecia uno dissolve-se em um feixe de versões práticas, todas igualmente

reais, todas contingentes. A unidade da doença, se existe, é ela mesma uma construção precária, uma fabricação coletiva que oculta sob o nome singular a multiplicidade incessante das práticas que a sustentam.

A ontologia situada de Mol desmantela a crença segundo a qual a medicina seria uma espécie de janela translúcida aberta para um mundo natural pronto e acabado, à espera apenas de ser contemplado e traduzido. Longe disso: o que a prática clínica nos dá a ver – e, mais ainda, o que ela faz existir – é o produto relacional de uma constelação de mediações heterogêneas e intrinsecamente políticas. Humanos (médicos, pacientes, técnicos), tecnologias (sondas, bisturis, imagens), normas (protocolos, legislações, códigos de conduta), expectativas culturais (o que um corpo deve ser, o que uma doença pode ser) tramam juntos aquilo que se chama realidade médica. A medicina, portanto, não representa um mundo; ela o fabrica.

Esta perspectiva encontra uma aliada insurgente na crítica de Isabelle Stengers (2018b), tal como formulada em *Uma outra ciência é possível*. Stengers nos convoca a desacelerar a máquina epistêmica moderna, a desobedecer ao imperativo de uma ciência veloz, cega à multiplicidade dos mundos que pretende explicar. Para ela, a ciência moderna, ao perseguir a miragem de uma verdade universal e desencarnada, cometeu um ato de colonização ontológica: esmagou a exuberância das existências situadas sob a régua fria da objetividade abstrata. A ciência que Stengers imagina (e exige) é uma ciência capaz de respeitar a diferença dos mundos, de acolher a proliferação dos modos de ser, sem reduzi-los a um denominador comum asséptico e violento.

Stengers nos propõe a urgência paradoxal de uma desaceleração: não um apelo nostálgico à lentidão, mas uma manobra tática de resistência contra a tirania da velocidade – essa pressa suicida que empacota mundos, encerra controvérsias e assassina a diferença em nome da eficiência. Desacelerar, aqui, é criar condições para que os fenômenos possam manifestar sua fragilidade própria, sua especificidade irredutível, antes de serem esmagados pelo rolo compressor das categorias universais. Uma ciência desacelerada – tal como a clínica situada de Mol – seria aquela capaz de escutar os mundos em seus próprios ritmos e cadências, permitindo que cada existência ressoe em sua singularidade.

Embora Mol e Stengers tenham percorrido percursos distintos, elas convergem para um mesmo gesto insurgente: recusar a ideia de que conhecer é espelhar um mundo pré-fabricado. Conhecer, para elas, é compor; é participar na criação situada de

realidades. Na clínica, ensina Mol, não se trata de detectar a doença como se apanha uma peça de caça no mato, mas de acompanhar a emergência prática de múltiplos corpos e múltiplas patologias, cada qual demandando uma ética própria, uma atenção artesanal, uma responsividade sem garantias. A clínica não é o tribunal da verdade médica; é uma oficina relacional de mundos em fabricação permanente.

Essa recusa à universalização epistêmica, esse gesto de não submeter o mundo a um regime único de inteligibilidade, ressoa em outros autores que, a seu modo, expandem o campo da ontologia prática para muito além da clínica médica. Vinciane Despret (2004), ao investigar como humanos e animais se fabricam mutuamente em relações que são, simultaneamente, epistemológicas e ontológicas, e María Puig de la Bellacasa (2011), ao compreender o cuidado como uma prática ecológica e tecnológica, inseparável da materialidade dos mundos que sustenta, revelam que a multiplicidade e a responsividade não são privilégios da medicina, mas atravessam a textura mesma do viver. Junto de Mol (2002; 2008) e Stengers (2018a), essas pensadoras compõem uma constelação teórica que pensa a proliferação dos modos de existência e exige dela a reinvenção incessante das práticas de cuidado, numa ética que desacelera o conhecimento, hesita diante das simplificações, e reconhece a fragilidade (e a potência) dos mundos em devir. Em tempos de aceleração científica e simplificação política, talvez seja preciso lembrar, com essas autoras, que a multiplicidade não é um problema a ser resolvido, mas uma condição a ser acompanhada.

Na prática, assumir essa perspectiva é declarar guerra à tentação dos protocolos universais, essas armaduras normativas que, sob o pretexto de garantir rigor, esmagam a singularidade concreta dos encontros clínicos. Contra a rigidez do "sempre assim", Mol propõe uma arte de variação contínua: o cuidado como dança adaptativa, como improvisação responsiva aos fluxos e refluxos das necessidades dos pacientes, às potências e às falhas das tecnologias, aos humores das instituições e às intensidades das relações humanas. A "lógica do cuidado" – que ela desenvolverá mais adiante, em *The logic of care* (2008) e que comentarei adiante – já se esboça aqui como um chamado a abandonar o sonho de uma medicina automática, substituindo-o pela prática de um tecimento atento de vínculos com mundos que nunca cessam de se transformar.

Em última instância, a ontologia situada de Mol e a ciência lenta de Stengers convergem para uma mesma insurgência metafísica: recusar a ideia de que há um único mundo, pronto e acabado, à espera de ser simplesmente revelado. Conhecer e cuidar

deixam de ser gestos de decifração de um enigma já dado; tornam-se, ao contrário, atos de participação criadora na multiplicação dos mundos possíveis. Nosso dever, então, não é ser os cartógrafos de um único real, mas os cúmplices atentos e responsáveis da composição incessante de realidades plurais que nossas práticas fazem, desfazem e refazem a cada instante.

Essa concepção exige que voltemos nosso olhar para os arranjos heterogêneos de tecnologias, saberes, corpos e agentes que as produzem – na tarefa de mostrar que a doença não é um objeto passivo, mas um efeito sempre situado de interações materiais e simbólicas, continuamente mediado por dispositivos e práticas que também são, eles próprios, agentes ontológicos. Aprofundarei essa questão na seção seguinte.

Tecnologias e agentes na produção da doença

Em *The body multiple* (2002), Mol nos introduz a uma evidência desconcertante: as tecnologias biomédicas não se limitam a registrar um mundo dado; elas são operadores ontológicos, artífices engajados na fabricação daquilo que chamamos doença. Não se trata de meios neutros de acesso a um real preexistente, mas de agentes que participam, material e politicamente, da produção das existências patológicas. Angiografias, bisturis, stents, medicamentos: todos esses dispositivos representam ou tratam a aterosclerose, mas também a constituem, a variam, a multiplicam. Assim, no laboratório de angiografia, a aterosclerose emerge como uma série de imagens de estreitamentos arteriais – efeitos de uma conjunção de corpos, produtos químicos, máquinas de visualização e técnicas de interpretação. No centro cirúrgico, o bisturi não descobre uma lesão adormecida: ao cortar, separar, costurar, ele remodela corpos, redefine doenças, reinscreve a carne em novas configurações de vulnerabilidade e cura. Já na clínica, os medicamentos (as estatinas) "combatem" a doença, mas também transformam o paciente em um ser de vigilância permanente, em um organismo que existe sob a condição da monitoria, do ajuste contínuo, da intervenção farmacológica sem fim.

A aterosclerose, portanto, não é uma entidade única que atravessa, intacta, os diversos domínios médicos: ela é um múltiplo, uma multiplicidade prática, um ser-em-ação. Cada prática, cada instrumento, cada arranjo institucional e corporal convoca uma aterosclerose distinta, inscrevendo o real como aquilo que nunca é um,

mas sempre muitos – mundos divergentes, temporariamente costurados pelas práticas da medicina moderna.

Para Mol, as tecnologias médicas não se limitam a indicar ou representar uma doença que já estaria ali, silenciosa e à espera; elas a fabricam, a configuram, a instauram de modos múltiplos e situados, envolvendo corpos, práticas, objetos, gestos e saberes em uma maquinaria ontológica sem centro e sem garantia última. A crítica, nesse registro, não pode mais operar como se estivesse apenas julgando a eficácia instrumental de dispositivos a serviço de uma realidade fixa; ela é convocada a interrogar as formas de vida que essas tecnologias engendram, os mundos que fazem existir e os modos de ser que obrigam a nascer.

Essa concepção não representa uma idiossincrasia isolada; ao contrário, ressoa profundamente com a análise de Philippe Pignarre (1995) em *Les deux médecines*, na qual também se abandona a imagem da tecnologia médica como um canal neutro entre a intenção terapêutica e o resultado clínico. Para Pignarre, medicamentos, técnicas cirúrgicas e práticas psicoterapêuticas não são meros meios de ação sobre a natureza biológica; elas participam ativamente da produção da cura, de modo a entrelaçar o químico e o simbólico, o fisiológico e o relacional, o técnico e o político. A eficácia, nesse sentido, não é um dado bruto, químico ou mecânico; é um efeito composto, sempre refeito, pela maneira como os dispositivos são administrados, legitimados, experienciados e inscritos na dinâmica concreta das relações clínicas – dinâmica que, em última instância, transforma o próprio campo onde o que chamamos "cura" se torna possível.

Philippe Pignarre aponta com precisão desconcertante: ao construir tecnologias terapêuticas padronizadas, a medicina científica engaja-se em uma tentativa sistemática (e que sempre malogra) de expulsar o "ruído" das relações simbólicas, sonhando com uma eficácia puramente técnica, purgada das impurezas do contexto, da crença, da confiança, da ritualização dos gestos. O sonho da ciência, porém, é assombrado por sua própria impossibilidade: a eficácia biomédica permanece atravessada, contaminada, coproduzida por elementos que ela mesma tenta negar. Para Pignarre, curar é tanto uma operação material quanto uma fabricação simbólica, e não há sucesso terapêutico que possa ser pensado fora da maquinaria social, técnica e afetiva que constitui o próprio dispositivo médico – intuição que reverbera, como em uma afinação sutil, com a ontologia prática proposta por Mol.

Ambos, ainda que trilhem trajetórias distintas, convergem na recusa da visão instrumental da tecnologia, deslocando-a para um plano em que as práticas técnicas são práticas cosmopolíticas: modos de constituição de doenças, de corpos, de curas, de sujeitos, de mundos. A angiografia, o bisturi, o antidepressivo, o placebo – nada disso é um simples prolongamento da mão médica ou um intermediário transparente entre intenção e resultado. Cada um é ator ontológico pleno: não são meras ferramentas, mas artífices que, em suas circulações, inscrições e incorporações, produzem realidades heterogêneas, mundos múltiplos, existências situadas e sempre provisórias. A tecnologia, aqui, é menos um meio do que um modo de ser, menos um canal do que um campo de metamorfoses.

Ao reconhecerem o papel constitutivo das tecnologias biomédicas, Mol e Pignarre nos convidam a abandonar de vez a imagem da medicina como um teatro de intervenções sobre um corpo previamente dado, intocado em sua natureza fundamental. Em seu lugar, propõem que vejamos a medicina contemporânea como uma ecologia densa, instável, povoada por práticas e dispositivos que não se limitam a agir sobre um real preexistente, mas que compõem incessantemente aquilo que chamamos (com demasiada pressa) de vida, de saúde, de doença. Trata-se de compreender que a crítica das práticas médicas não pode mais se contentar em medir sua eficácia "natural" como quem avalia a precisão de um instrumento sobre um objeto inerte; é preciso, antes, interrogar as redes heterogêneas de produção de realidade que essas práticas ativam, sustentam e transformam. O corpo, a doença, a cura – todos eles deixam de ser substâncias em repouso para se tornarem efeitos contingentes de arranjos técnico-políticos, produtos sempre provisórios de uma guerra de mundos em miniatura, travada no interior dos hospitais, dos laboratórios, dos consultórios, dos corpos mesmos.

A multiplicidade ontológica das doenças, que Mol captou na prática clínica da aterosclerose, não constitui uma excentricidade local; ela permanece hoje em plena operação – só que em escala ampliada, em novas frentes da biomedicina globalizada. A pandemia de Covid-19, para dar o exemplo mais gritante, expôs a céu aberto essa lógica que já não é exceção e constitui, outrossim, a regra: ora infecção pulmonar, ora tempestade imunológica, ora evento trombótico, ora colapso logístico, ora catástrofe política – a Covid-19 é, então, menos um vírus do que um campo de batalha de práticas clínicas, laboratoriais, epidemiológicas e administrativas, permanentemente reconfiguradas por seus próprios efeitos. Do mesmo modo, o tratamento da diabetes

tipo 2 trafega entre concepções que ora a metabolizam, ora a comportamentalizam, ora a geneticizam, ora a socializam – uma doença que, se tem corpo, tem também tecnologia, estilo de vida, e biopolítica em suas veias. A questão não é, portanto, descobrir a "verdadeira" natureza da doença, mas acompanhar o modo como ela prolifera, bifurca, reescreve a si mesma na medida em que atravessa saberes, práticas e regimes de existência. Esses exemplos contemporâneos confirmam Mol, mas também a desdobram, a radicalizam, a arrastam para dentro de uma realidade onde a multiplicidade já não é mais um traço curioso da prática médica, e, sim, o próprio tecido – instável, agônico, incessante – do mundo em que a medicina contemporânea se debate e se refaz.

Nesse cenário de multiplicidade incessante, o cuidado não se reduz à aplicação de soluções previamente definidas, como propõe a lógica da escolha, baseada na ideia de autonomia individual e em decisões racionais diante de um conjunto fixo de alternativas. Em contraste, o cuidado se configura como uma prática situada, relacional e contínua – um esforço atento de composição com a incerteza, que exige sensibilidade às instabilidades dos corpos, dos contextos e das relações. Em vez de seguir protocolos fixos, a lógica do cuidado aposta na escuta, na adaptação e na responsabilidade compartilhada diante do que se transforma no curso de cada encontro. Abordarei esse aspecto na próxima seção.

A crítica à lógica da escolha e a proposição da lógica do cuidado

Em *The logic of care*, Mol (2008) desferra uma crítica tão precisa quanto devastadora contra a ideia de "autonomia do paciente", peça-chave nas engrenagens políticas da saúde neoliberal contemporânea. A insistência na livre escolha e na decisão informada não reflete a textura concreta da prática clínica; para Mol, trata-se de uma ficção política – uma fantasia que vela e distorce a natureza coletiva, situada e relacional do cuidado real. O modelo neoliberal fabrica um paciente idealizado: um agente soberano, plenamente esclarecido, capaz de pesar alternativas terapêuticas com a mesma racionalidade fria de um consumidor no mercado de bens e serviços. A escolha, nessa visão, torna-se o centro de gravidade da ética médica, e os profissionais de saúde são relegados ao papel de consultores técnicos, distribuidores neutros de informações e opções.

Com a obstinação de quem sabe que a prática desmente a teoria, Mol mostra, por outro lado, que essa figura do paciente autônomo é, no cotidiano clínico, mais miragem do que realidade. O cuidado, tal como se faz (e não só como se diz), é uma prática espessa, feita de dependências mútuas, ajustes tácitos, decisões compartilhadas e responsabilidades distribuídas. Cuidar não é oferecer escolhas neutras a indivíduos isolados; é tecer relações, é compor mundos frágeis nos quais a autonomia aparece menos como ponto de partida do tratamento e mais como um efeito sempre parcial, sempre situado, de uma rede de apoio, orientação e coparticipação.

O cuidado real, segundo Mol, não se dá como um instante isolado de escolha, como um momento mágico em que o sujeito, armado de razão e informação, delibera soberanamente entre alternativas fixas. Cuidar, é, antes, um processo contínuo de composição, de ajustes mútuos, uma tessitura instável onde médicos, pacientes, tecnologias e instituições se enredam para fabricar, juntos e aos poucos, os caminhos possíveis da ação. A complexidade dos saberes técnicos, a instabilidade incessante dos corpos, a imprevisibilidade radical das respostas clínicas, as intensidades afetivas do sofrimento – tudo isso implode a separação idealizada entre "informar" e "decidir". O paciente não é um sujeito autárquico diante de um menu de opções, mas um nó em uma rede prática, uma dobra em um campo relacional, onde o cuidado se produz artesanalmente, ao longo do tempo e através dos encontros.

Mol formula de modo lapidar: "O que está em jogo não é simplesmente a capacidade de escolher, mas a possibilidade de cuidar" (Mol, 2008, p. 58). Escolher, na lógica neoliberal, é um gesto apressado, formalizado, frequentemente superficial – um corte no tempo, uma decisão que pouco se importa com o processo vivo, lento, irregular de habitar uma condição de saúde. Cuidar, em contraste, é uma prática de atenção às variações, uma disposição para o reajuste contínuo, uma responsabilidade compartilhada diante dos imprevistos que atravessam e reconfiguram corpos e vidas. Entre a escolha e o cuidado, entre o gesto pontual e o processo contínuo, abre-se um abismo ético e ontológico: o primeiro reproduz a fantasia da autonomia solitária; o segundo exige a aceitação radical da interdependência como condição de existência.

Ao contrapor a "lógica da escolha" à "lógica do cuidado", Mol, além de sugerir uma mudança de atitude ética, está redesenhando, de forma radical, a própria cartografia ontológica da prática clínica. O cuidado, em sua formulação, aparece como um campo ecológico e ontopolítico, no qual saúde e doença não são dados naturais, mas efeitos

provisórios das relações materiais, sociais e afetivas que se entretecem nos encontros cotidianos. Não há autonomia plena onde a vulnerabilidade é a condição mesma da existência; não há decisão puramente informada onde o desconhecimento, a incerteza e o sofrimento são elementos constitutivos da experiência clínica.

Assim, ao expor os limites da lógica da escolha, Mol desnuda seu papel na engrenagem neoliberal de gestão dos corpos e dos riscos. A transferência da "decisão" para o paciente (vendida como empoderamento) funciona, na prática, como um dispositivo de responsabilização individualizada. Se o tratamento falha, se o corpo não responde, se a cura não vem, a culpa não recai sobre o sistema, as instituições, as desigualdades; recai sobre o próprio indivíduo, convertido em microempreendedor de sua saúde, administrador solitário de sua vulnerabilidade. A autonomia, nesse regime, não emancipa: ela captura. Torna-se instrumento de moralização e de despolitização dos processos de cuidado, e desloca para a esfera privada aquilo que é, de fato, produto de arranjos coletivos, técnicos e políticos que permanecem cuidadosamente invisibilizados.

Em resposta ao imperativo neoliberal da escolha, Mol reivindica nada menos que uma política da saúde enraizada na construção situada de relações de cuidado, uma política que reconheça, sem disfarces, que a dependência, a corporeidade e a materialidade não são acidentes a serem corrigidos, mas condições constitutivas da existência humana. A questão não é escolher livremente entre opções abstratas, e diz respeito a compor, com a opacidade do real, redes de sustentação mútua, ajustadas à densidade imprevisível das situações vividas. Vale insistir nessa comparação: a reconceituação do cuidado dialoga de forma profunda com a crítica de Isabelle Stengers à aceleração e à abstração que marcam as ciências modernas. Para ambas, desacelerar é uma forma de resistência – um gesto que recusa a ilusão de que o mundo possa ser rapidamente decifrado e eficientemente administrado. Desacelerar é, antes, reconhecer a espessura dos processos, o caráter intrinsecamente irresolúvel de muitos problemas e a exigência de inventar caminhos a partir da contingência, em vez de aplicar soluções pré-formatadas como quem apenas preenche lacunas em um modelo pronto.

A lógica do cuidado que Mol propõe não é, portanto, uma mera alternativa ética que se poderia adotar ou rejeitar conforme a preferência do dia; ela é um chamado para repensar de alto a baixo o próprio projeto da medicina moderna. Não mais uma técnica de gestão de opções racionais, e, sim, uma arte difícil e contínua de sustentar vidas – vidas sempre compostas, frágeis, insurgentes – em sua complexidade e vulnerabilidade

irreduzíveis. Cuidar é resistir à tentação da simplificação; é conspirar a favor do múltiplo; é insistir na fabricação paciente de mundos habitáveis onde o sofrimento não seja tratado como simples falha individual, mas como tarefa comum.

Essa reconfiguração do cuidado ultrapassa a conceitual, já que carrega implicações éticas e políticas profundas, ao exigir uma medicina capaz de reconhecer a interdependência dos corpos e a responsabilidade coletiva na produção da saúde, deslocando-se de uma lógica de controle para uma prática comprometida com a coabitação no plural. Essa questão será aprofundada na seção seguinte.

Implicações éticas e políticas: por medicina plural e relacional

Se, como nos mostra Annemarie Mol (2002) em *The body multiple*, as doenças não são entidades fixas, mas efeitos múltiplos e situados de práticas clínicas específicas – se o real patológico se fabrica na contingência dos encontros entre corpos, tecnologias e instituições –, então é o próprio princípio das políticas de saúde que precisa ser refeito. Não se pode organizar o cuidado com base em padrões homogêneos e protocolos rígidos que presumem uma realidade médica única, estável e predeterminada. A multiplicidade ontológica das doenças exige, ela mesma, políticas múltiplas: sensíveis à variação local, abertas à indeterminação constitutiva dos processos clínicos, capazes de acolher o inacabamento como condição e não como erro.

No entanto, aquilo que se vê, sobretudo sob o regime neoliberal de gestão da saúde, é a reafirmação obstinada do contrário: diretrizes universais, padronização de condutas, métricas uniformes de desempenho, como se fosse possível conter a torrente das variações em grades administrativas. Essa busca por estabilidade e controle – ainda que se justifique, em parte, pela necessidade de garantir acesso e alguma forma de equidade mínima – revela-se, diante da densidade real das práticas de cuidado, como um gesto de simplificação violenta. Protocolos transformados em dogmas, algoritmos em imperativos, tendem a obliterar a heterogeneidade dos corpos, a singularidade dos contextos, a plasticidade das relações terapêuticas e a precariedade material das tecnologias disponíveis. O resultado, frequentemente, é uma clínica onde a responsividade concreta às urgências do viver é sacrificada em nome da conformidade abstrata a um ideal regulatório: uma medicina que, ao querer garantir igualdade, termina por sufocar a diferença de que a vida é feita.

Contra a tendência de padronização e fechamento, Mol propõe aquilo que poderíamos chamar de uma ética do cuidado responsivo e situado. Como já adiantei ao abordar *The logic of care* (Mol, 2008), ela radicaliza essa perspectiva, argumentando que o cuidado eficaz não se resume à execução correta de procedimentos preestabelecidos, como se cuidar fosse aplicar uma fórmula neutra a um problema técnico. Cuidar, para Mol, é uma prática de composição: uma arte de negociação contínua, de adaptação incessante, de invenção prática em meio a situações abertas, instáveis, mutáveis – na qual as necessidades do paciente, as capacidades do sistema de saúde, as potências e limites das tecnologias se reconfiguram a cada instante.

Essa ética da responsividade situacional implica, necessariamente, uma reorganização profunda (uma verdadeira reimaginação) das políticas de saúde. Em lugar de impor modelos rígidos de gestão clínica, seria preciso criar espaços institucionais onde a flexibilidade não seja exceção, e, sim, condição; onde o julgamento prático dos profissionais não seja tolerado como desvio, mas cultivado como princípio; onde os protocolos sirvam como orientações provisórias, e não como mandamentos inflexíveis; onde as vozes dos pacientes não sejam meramente consultadas, porém, ativamente participantes na composição situada do cuidado. Em vez de uma medicina de algoritmos, uma clínica de experimentação; em vez de uma gestão de riscos, uma política de sustentar vidas em sua variabilidade irreprimível.

No entanto, como a própria Mol assinala, reconhecer a multiplicidade das doenças é, inseparavelmente, reconhecer a multiplicidade dos valores que atravessam e sustentam as práticas de saúde. O valor da cura biomédica, soberano nas narrativas oficiais, se entrelaça e se negocia com outros valores – como a qualidade de vida, a autonomia entendida como relação e não como isolamento, a inserção social, o bem-estar emocional – nos processos de cuidado que sejam verdadeiramente situados, colaborativos, atentos à proliferação das necessidades e dos modos de viver. Cuidar não é apenas curar; é sustentar modos de existência, muitos deles irreconciliáveis com os ideais de normalização técnica.

Reconhecer a multiplicidade ontológica das doenças, portanto, não é somente uma exigência teórica, uma mudança no vocabulário ou nos esquemas conceituais: é um chamado urgente a transformar a organização concreta do cuidado, a instituir uma política da atenção situada, capaz de sustentar a existência precária de mundos clínicos

plurais, complexos, vulneráveis – mundos que se fazem e se desfazem nas dobras incertas do viver e do sofrer.

Se a perspectiva de Mol ilumina a complexidade do real clínico – e com isso abre brechas, fissuras, horizontes para práticas de cuidado mais responsivas e situadas –, ela também nos deixa diante de dilemas que não podem ser simplesmente celebrados ou ignorados. Porque, uma vez que aceitamos a multiplicidade ontológica das doenças, somos obrigados a perguntar: como traduzi-la em políticas públicas que sejam, a um só tempo, equitativas no acesso e responsivas às diferenças locais? Como sustentar o reconhecimento da variação prática sem cair no relativismo confortável – aquele onde toda prática, inclusive a mais danosa, poderia reivindicar o direito à validade em nome do "contexto"? Mais ainda: como evitar que a exigência de adaptação situada acabe servindo de álibi para a perpetuação das desigualdades estruturais, naturalizando a precariedade do cuidado como se fosse destino inevitável, e não decisão histórica e política? A proposta de uma medicina plural – uma medicina feita de muitos corpos, muitos saberes, muitos mundos – exige, portanto, algo mais do que a celebração da multiplicidade como valor em si. Exige o cultivo atento, paciente e politicamente desconfiado de critérios de justiça, de dispositivos de negociação, de práticas de crítica capazes de sustentar mundos clínicos múltiplos sem abdicar do compromisso ético com a dignidade e a solidariedade entre diferenças. Celebrar a multiplicidade sem cuidar da justiça é, afinal, outra forma de normalizar o massacre – só que agora com mais cores.

Notas finais: a medicina como prática ontopolítica

A obra de Annemarie Mol ilumina a multiplicidade das doenças e a dimensão situada do cuidado, e atinge os fundamentos sobre os quais a medicina moderna edificou sua autoridade. Se as doenças são efeitos locais de práticas heterogêneas, se os corpos são tecidos históricos de tecnologias, afetos e instituições, se o cuidado é uma coreografia instável de interdependências, as pretensões de universalidade, de autonomia soberana, de neutralidade técnica, não passam, então, de instrumentos políticos de captura, modos de impor regularidade sobre aquilo que, por natureza, escapa: a vida em sua multiplicidade indisciplinada.

Mol nos ensina que cada diagnóstico, cada protocolo, cada gesto médico é um ato ritual de fabricação de mundos: práticas que descrevem e criam realidades, que

tratam e instauram modos de ser e de sofrer. A medicina não é um espelho da natureza: é uma diplomacia ontológica em permanente improvisação, uma tecnologia de mundos frágeis, em disputa, em composição contínua. E como toda técnica de mundo, exige responsabilidade: atenção radical às consequências das realidades que se decide fazer existir – e daquelas que se condena ao apagamento.

Mais do que denunciar a biomedicina como prática hegemônica, Mol propõe uma transformação da própria ideia de vida em comum: cuidar mais do que escolher; sustentar mais do que decidir; acompanhar mais do que corrigir. Viver bem torna-se, aqui, aceitar o inacabamento, honrar as fragilidades, reconhecer que todo corpo é também uma política, toda doença é também uma escolha ontológica, toda cura é também uma composição simbólica.

Reimaginar a medicina a partir da ontologia prática e da lógica do cuidado é abandonar o sonho moderno de uma ciência que extrai certezas do mundo como quem extrai minério da terra; é, ao contrário, embarcar na aventura paciente e arriscada de tecer mundos, de acompanhar existências em seus devires, de construir realidades habitáveis onde o sofrimento não seja apenas déficit a ser corrigido, mas um modo de exigir novos arranjos de vida.

Como professor que há quase duas décadas participa da formação de médicos, penso com frequência na urgência de reimaginar a medicina. Fazer isso a partir da ontologia prática de Mol é aceitar, sem anestesia, que também os modos de formar profissionais de saúde precisam ser profundamente transformados. Já não basta ensinar técnicas, acumular protocolos ou repetir fórmulas universais, como se a clínica fosse apenas o exercício correto de aplicação de regras. É preciso, antes, desfazer a ilusão reconfortante de uma medicina una, transcultural e atemporal – e aprender, em seu lugar, a difícil arte do cuidado situado: formar médicos e médicas capazes de habitar a pluralidade dos corpos, sensíveis à complexidade dos encontros e dispostos a improvisar responsivamente diante do que escapa, insiste e surpreende.

Nas margens (sempre nas margens) já se esboçam práticas que desmentem o mito da clínica padronizada. A Estratégia Saúde da Família, as práticas populares de cuidado e as ações de redução de danos promovidas por lideranças travestis na Cracolândia desenham linhas de fuga diante da padronização apressada que ainda marca grande parte da medicina institucional. Em vez de aplicar soluções prontas, essas experiências apostam na composição paciente, trabalhosa e contingente de mundos

habitáveis. São práticas enraizadas nas vivências cotidianas, em que o cuidado se constrói, quase sempre, por meio do vínculo, da escuta atenta e da presença continuada. Com base em investigações que realizei no campo da saúde, lembro das agentes comunitárias que, nas periferias urbanas, acompanham trajetórias de sofrimento crônico com sensibilidade e um profundo conhecimento do território; dos terreiros de candomblé e umbanda que acolhem demandas de saúde mental e espiritual frequentemente ignoradas pela medicina hegemônica; dos Consultórios na Rua, política pública voltada às populações em situação de rua, nos quais equipes enfrentam a precariedade institucional com inventividade e compromisso ético. Penso também nas práticas de cuidado entre povos indígenas, especialmente aquelas conduzidas por agentes indígenas de saúde, que integram saberes cosmológicos, rituais e práticas corporais, recusando a separação moderna entre corpo, território e coletividade. Nessas experiências – muitas vezes invisibilizadas ou deslegitimadas pelas formas dominantes de organização da saúde – emerge uma outra medicina: plural, relacional, situada, feita de escuta, improvisação e responsabilidade diante da fragilidade dos mundos que tenta, obstinadamente, sustentar.

Desacelerar o gesto clínico, escutar sem pressa, coinventar no meio da incerteza: essas seriam, talvez, as tarefas éticas e políticas que o pensamento de Mol nos obriga a assumir – não como novos manuais de conduta, mas como apostas incessantes, inadiáveis, numa medicina que esteja à altura da multiplicidade selvagem da vida. Contra a velocidade cega da padronização, contra a eficácia abstrata das métricas e dos rankings, Mol – em afinação cósmica com Isabelle Stengers – convoca para uma medicina capaz de desacelerar, de escutar o rugido e o murmúrio dos mundos locais, de praticar o cuidado como diplomacia entre ontologias divergentes. A tarefa é clara, ainda que vertiginosa: construir práticas de cuidado e políticas de saúde que sustentem, sem medo, a instabilidade do viver; que reconheçam que curar não é normalizar, mas criar; que saibam que, no fim das contas, a medicina (como a vida) é um ritual de composição de mundos possíveis.

As ideias de Mol funcionam como dispositivos de atenção – lentes que embaralham os automatismos da clínica, desarranjam a evidência do diagnóstico, fazem ranger a engrenagem da técnica. Lendo Mol, começamos a ver com outros olhos aquilo que sempre esteve diante de nós: que o cuidado não é a aplicação neutra de saberes fixos, mas uma operação situada, relacional, imprevisível. É preciso cuidado também,

todavia, ao ler Mol. O risco está em importar seus conceitos como se fossem universais discretamente disfarçados de localidade europeia – como se a ontologia prática da aterosclerose nos Países Baixos fosse uma chave-mestra para decifrar qualquer corpo, qualquer sistema de saúde, qualquer mundo.

Mol pensa a partir de onde está, e é isso que a torna potente. Pensar com ela, aqui, exige fazer o mesmo: arriscar conceitos, forjar traduções, fazer cintilar outras práticas do cuidado. Há ecos, sim – porém, há também ruídos, deslocamentos, descompassos que enriquecem em vez de atrapalhar. Sua lente, poderosa, amplia o campo do visível, precisa, entretanto, ser atravessada por outros vetores: desigualdade, colonialidade, conflito, invenção local. Pensar o cuidado no Brasil não é repetir Mol em português; é dobrá-la, tensioná-la, talvez, até traí-la – no melhor sentido do termo. Porque o que está em jogo não é a aplicação de uma teoria, e sim a criação de um pensamento à altura da desordem do real.

Referências

BERG, Marc. *Order(s) and Disorder(s): Of Protocols and Medical Practices*. In: MOL, Annemarie; BERG, Marc (Eds.). Differences in Medicine: Unravelling Practices, Techniques and Bodies. Durham; London: Duke University Press, 1998. p. 226-247.

DESPRET, Vinciane. *Our emotional makeup*: *ethnomethodology of the emotions*. New York: Other Press, 2004.

LATOUR, Bruno. *Science in Action*: *How to Follow Scientists and Engineers through Society.* Cambridge, MA: Harvard University Press, 1987.

MOL, Annemarie. *Eating is an English Word*. Durham; London: Duke University Press, 2024.

MOL, Annemarie. *Eating in Theory*. Durham; London: Duke University Press, 2021.

MOL, Annemarie. *Corpos múltiplos, ontologias políticas e a lógica do cuidado: uma entrevista com Annemarie Mol*. Entrevista concedida a Denise Martin, Mary Jane Spink e Pedro Paulo Gomes Pereira. Comunicação, Saúde, Educação, v. 22, n. 64, p. 295-305, 2018.

MOL, Annemarie. *Política ontológica: algumas ideias e várias perguntas*. In: NUNES, João Arriscado; ROQUE, Ricardo (Orgs.). Objectos impuros: experiências em estudos sociais da ciência. Porto: Edições Afrontamento, 2008. p. 21-43.

MOL, Annemarie. *The Logic of Care*: *Health and the Problem of Patient Choice.* London; New York: Routledge, 2008.

MOL, Annemarie. *The Body Multiple*: *Ontology in Medical Practice*. Durham; London: Duke University Press, 2002.

MOL, Annemarie; LAW, John. *Complexities: An Introduction.* In: MOL, Annemarie; LAW, John (Eds.). Complexities: Social Studies of Knowledge Practices. Durham; London: Duke University Press, 2002. p. 1-22.

MOL, Annemarie; VAN LIESHOUT, Peter. *Ziek is het woord niet: Medicalisering, normalisering en de veranderende taal van huisartsengeneeskunde en geestelijke gezondheidszorg, 1945–1985.* Amsterdam: Amsterdam University Press, 2008. (Amsterdam Academic Archive).

PIGNARRE, Philippe. *Les deux médecines*: *La médecine et les guérisseurs*. Paris: Les Empêcheurs de Penser en Rond, 1995.

PUIG DE LA BELLACASA, María. *Matters of care in technoscience: assembling neglected things.* Social Studies of Science, v. 41, n. 1, p. 85-106, 2011.

STENGERS, Isabelle. *Another Science is Possible: A Manifesto for Slow Science*. Cambridge: Polity Press, 2018a.

STENGERS, Isabelle. *Uma Outra Ciência é Possível*: *Manifesto por uma Desaceleração das Ciências.* Tradução de Luiz Alberto Oliveira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018b.

WILLEMS, Dick. *Inhaling Drugs and Making Worlds: The Proliferation of Lungs and Asthmas.* In: MOL, Annemarie; BERG, Marc (Eds.). Differences in Medicine: Unravelling Practices, Techniques and Bodies. Durham; London: Duke University Press, 1998. p. 105-117.

Resenha do livro “As pioneiras do futebol pedem passagem: conhecer para reconhecer” (Goellner e Cabral)

Review of the book “The pioneers of football ask for passage: knowing to recognize” (Goellner & Cabral)

Cristiano Mezzaroba
Universidade Federal de Sergipe, Brasil
Aracaju, SE
cristiano_mezzaroba@yahoo.com.br
https://orcid.org/0000-0003-4214-0629

Julineide Gadelha Silvestre Coêlho
Universidade Federal de Sergipe, Brasil
Aracaju, SE
juligadelha@academico.ufs.br
https://orcid.org/0000-0002-4525-8932

Victor Gabriel Santos de Oliveira
Universidade Federal de Sergipe, Brasil
Aracaju, SE
vg171695@gmail.com
https://orcid.org/0009-0006-7264-7323

Recebido em: 20 de dezembro de 2025
Aceito em: 12 de janeiro de 2026

Resumo:

Apresentamos a resenha do livro “As pioneiras do futebol pedem passagem: conhecer para reconhecer”, de autoria de Silvana Vilodre Goellner e Juliana Ribeiro Cabral, publicado pela Editora Ludopédio (São Paulo) em 2022.

Palavras-chave: Futebol de mulheres. Pioneiras brasileiras. Futebol feminino

Abstract:

We present the review of the book “The pioneers of football ask for passage: knowing to recognize”, written by Silvana Vilodre Goellner and Juliana Ribeiro Cabral, published by Editora Ludopédio (São Paulo, Brazil) in 2022.

Keywords: Women’s football. Brazilian pioneers. Female’s football.

GOELLNER, Silvana V.; CABRAL, Juliana R. *As pioneiras do futebol pedem passagem: conhecer para reconhecer*. São Paulo: Ludopédio, 2022.

A bela parceria entre Silvana Vilodre Goellner e Juliana Ribeiro Cabral faz nascer uma obra totalmente peculiar e inédita que traz à reflexão o tema da participação das mulheres no futebol brasileiro. Com linguagem dinâmica, em forma de relatos, as autoras "brincam" com as reações de quem lê, ora causando suspense, tristeza e angústias, ora produzindo sensações de superação, de alegrias, de pequenas (e grandes) conquistas.

Certamente a ideia proposta pelas autoras é fazer com que a visão do(a) leitor(a) seja cada vez mais ampliada a partir de uma perspectiva histórica, confrontando paradigmas quanto às práticas futebolísticas das mulheres no Brasil e o que esta modalidade "espelha" sobre identidade nacional, padrões e valores culturais etc. – aqui, com a participação daquelas que foram pioneiras no futebol feminino brasileiro, com suas lutas, agruras, mas também com muita superação e conquistas dentro e fora do campo.

Há uma leveza na escrita do texto que contrasta com a dureza das treze histórias e fragmentos de vida dessas pioneiras do nosso futebol feminino. Explicita-se a década de 1980 como um demarcador temporal em que as engrenagens da atuação das mulheres no futebol começou a funcionar, visto que desde os anos 1940 havia a proibição dessa prática para as mulheres no Brasil.

Independente da região de origem dessas nossas primeiras jogadoras, o contexto social, econômico e cultural garantia certa uniformidade, ou seja, é visível e facilmente compreensível observar nos relatos que a pobreza, as dificuldades de alimentação, para frequentar a escola e estudar, para se deslocar às escolas, ou mesmo as relações e costumes familiares (às vezes com o pai, às vezes com a mãe, ou mesmo com irmãos e tios/tias) que obstacularizaram tal prática.

Dentro desse cenário será possível encontrar casos de extremo machismo, casos de superproteção familiar, casos de opressão social que proibia mulheres de terem espaço no meio esportivo de sua época. Em meio a isso, as protagonistas do livro não irão se render e tentam encontrar estratégias para que possam acessar o futebol, embora com dificuldades múltiplas. O processo que envolve a luta e a conquista de um espaço das mulheres no contexto futebolístico brasileiro envolve muita dor, tempo de espera,

silenciamentos, invisibilidades, manifestações e emoções em forma de choro (de tristeza ou de alegria), e o livro vai se encarregar de representar todo esse período com seus intensos e interessantes relatos.

Cada capítulo do livro será responsável por trazer a biografia de uma atleta, totalizando 13 jogadoras, sendo que os capítulos são introduzidas por páginas cuja estética padronizada contêm fundo preto e silhuetas brancas dessas jogadoras, com as biografias muitas vezes tendo como título alguma frase impactante das narrativas delas.

Antes de pautarmos sobre os capítulos do livro, uma breve apresentação das organizadoras da obra: Silvana Vilodre Goellner é professora titular aposentada da UFRGS, atuante no Grupo de estudos sobre Esporte e Cultura e História (GRECCO) e no Grupo de Estudos mulheres do futebol (GEMF), também é ativista do futebol de mulheres e colunista da Ludopédio. Já Juliana Ribeiro Cabral é ex-capitã da seleção brasileira de futebol, medalhista olímpica (Atenas 2004) e comentarista de futebol (ESPN, Rádio Globo e RedeTV), integra o GEMF e é colunista da Ludopédio.

O primeiro relato refere-se à jogadora Claudete Anderle, que por participar da primeira partida de futebol feminino de forma regulamentada no Brasil, ocorrida em Porto Alegre/RS no dia 17 de abril de 1983, em jogo preliminar de uma partida masculina envolvendo Grêmio x São Paulo, com 40.000 pessoas no estádio, saiu conhecida como *Ketty*, "a atacante que comeu a grama do Olímpico", por seu time vencer o adversário por 8 x 0. Embora jogasse com toda essa garra, sua história foi duramente difícil: começou a jogar bola aos 10 anos em terra batida, sendo a única menina em meio aos meninos; nunca participou de escolinha de futebol ou categoria de base. Seu pai, que também era seu patrão (ela trabalhava na empresa da família), não era a favor de que a filha jogasse, o que a levou a rejeitar o convite para atuar na seleção brasileira naquela época. Por outro lado, ela tinha o apoio de sua mãe, que viajava para vê-la jogar. *Ketty* largou o futebol devido às pressões de seu pai, que, ao final da vida, teve uma conversa com a jogadora, demonstrando arrependimento por esses ações.

O segundo relato traz a história de Margarete Maria Pioresan, conhecida como *Meg*, a qual cresceu em um contexto bastante conservador e em tempos de ditadura, mas também de mobilização inicial de movimentos feministas. Por gostar de jogar futebol, relata ter sofrido muitos preconceitos, sendo apelida de "o menino do Nísio", nome de seu pai, que estava sempre ao seu lado e não a reprimia por jogar futebol. Teve experiências com voleibol e com handebol, devido a seu porte físico, flexibilidade e

velocidade. Foi convidada a ir ao RJ, onde conheceu o futebol nas areias de Copacabana. Morou de forma improvisada, em um contexto de incertezas e falta de conforto. Ao se dedicar integralmente ao futebol, Meg foi convidada para participar da I Copa do Mundo de Futebol feminino (China), relatando um completo descaso da CBF (Confederação Brasileira de Futebol) com as atletas, embora elas estivessem se destacando nos jogos, trazendo o 3° lugar, essa mesma situação ocorreu na Copa da Suécia em 1995, quando alcançaram o 4° lugar.

No terceiro relato temos as histórias de Cenira Sampaio Pereira que jogou na seleção de futebol entre 1982 e 1986, desligando-se devido à gravidez do seu primeiro filho, e depois deixando de competir no Mundial da China em 1988 por causa da sua segunda gestação. Sua história tem como ponto central o seu posicionamento crítico ante o esporte, algo que até hoje repercute (no texto, temos dois exemplos: reprovava a atitude do empresário com relação aos baixos salários das atletas; e também teve desentendimentos com dirigente da CBF devido às mudanças coletivas de quando participou da seleção brasileira). Ela já aos 7 anos jogava futebol na rua e seu pai, Raimundo, não queria vê-la jogando futebol, preferia que ela jogasse basquete com a sua irmã. Em 1982 participou de um clube que foi o primeiro a viajar para o exterior. Além do futebol, tornou-se árbitra no futsal, evidenciando seu pioneirismo nesses dois esportes, quebrando alguns estigmas.

Na sequência das memórias que o livro apresenta, temos a brilhante jogadora Márcia Taffarel, que comentou quanto à sua exclusão, por critérios estéticos e etários, e não técnicos, pela Federação Paulista de Futebol, em 2001, numa chamada de campanha para dar visibilidade às mulheres atletas. A Federação só aceitou na campanha mulheres entre 16 e 23 anos, ou seja, jogadoras acima de 23 anos não teriam as características de jovialidade e feminilidade “esperadas” para o I Campeonato Paulista daquele ano. No relato, temos o incentivo por parte de sua mãe e a sua participação, em 1983, na primeira partida regulamentada pela Federação Gaúcha em 1983. Posteriormente, morando em SP, relata muitas turbulências na vida. Despediu-se da seleção em 1996, participando das Olimpíadas de Atlanta, e migrou para ser técnica das categorias de base do futebol de salão logo depois. Relata ter sofrido assédio de um técnico, a quem considerava “um pai”, o que a fez sair da equipe. Em 2004 foi convidada pela amiga Sissi a residir com ela nos EUA para atuar como técnica de futebol de campo.

Seguindo os relatos da obra, temos as histórias da zagueira Solange Bastos, a *Soró*, uma baiana de Feira de Santana que expõe uma dura realidade: o contexto da pobreza, os pais separados e esforçados para garantir a criação dos filhos, a vida escolar iniciada de forma bastante tardia, e em relação à prática do futebol, algo que fazia desde pequena, mesmo sem ter o que comer e jogando com fome. Ao participar de um clube da cidade, entre os 12-16 anos, comentou que por vezes, no treino, passava mal devido à fome e fingia estar machucada. Depois, passou a ser chamada para a seleção, destacando-se nos mundiais da China (1991) e da Suécia (1995). Todo dinheiro que ganhava, guardava para enviar à sua mãe, que não tinha nem privada em casa e passava por situações de pobreza. Com a participação de *Soró* no futebol, conseguiu reformar a casa da mãe e encerrou a carreira em 2021, aos 37 anos, tendo sido treinadora no Flamengo de Feira de Santana.

Passamos, então, ao sexto relato, que traz a história da humilde jogadora Ita Maia Reis, a *Baianinha*, marcada por uma situação inusitada, ou seja, brincava na penumbra da noite em campos improvisados para não sofrer preconceito por ser uma menina que jogava futebol. Baiana de Irecê, ela trabalhava na lavoura e estudava com o incentivo de seus pais, e foi na escola que participou dos seus primeiros torneios de futebol e de outras modalidades. Viveu em Goiás, Minas Gerais e em São Paulo, sempre tendo o futebol na sua vida. Só abandonou os gramados aos 48 anos, em 2017, e posteriormente tornou-se técnica. Tem atuado com projetos que incentivam jovens da várzea na prática futebolística.

O sétimo relato conta a história de Patrícia Aparecida Menezes, uma goiana com 6 irmãos, que tinha uma mãe apaixonada por futebol e que, por isso, inspirou Patrícia e os irmãos a praticarem o esporte. Foi só aos 17 anos que dedicou-se ao futebol como goleira em um amistoso, depois, ingressou em um time de forma permanente e acabou se tornando goleira profissional, chegando à seleção em 1991. Sua história é uma das muitas jogadoras brasileiras que enfrentaram desafios durante a institucionalização do futebol feminino no Brasil, no caso dela, ainda maiores, por ser uma mulher negra. Embora o reconhecimento oficial do futebol feminino pelo governo brasileiro tenha ajudado a criar competições e times mais organizados, também significou que muitas mulheres foram excluídas do jogo, devido às dificuldades econômicas.

Quanto ao oitavo relato, aborda-se a questão da profissionalização do futebol feminino no Brasil a partir da trajetória de Suzana Cavalheiro, uma paulistana que

cresceu em uma casa pequena com sua família, uma menina que adorava brincar, mas nunca se interessou por bonecas, e sim por bolas, jogando futebol com seus primos. Em 1988, Suzana recebeu o convite para integrar a Seleção, mas tinha receios com as consequências de uma ausência prolongada por estar em final de um curso. Foi incentivada a ir pelo diretor do curso, que a informou que havia uma lei que a amparava para abonar as faltas. Retornou com a medalha de bronze, com seu pai desempregado e ela também. Teve muito desgaste com a viagem, tendo que recorrer à CBF solicitando um documento oficial porque o telegrama de convocação não foi aceito pelo professor do curso. Em sua história, vimos uma excepcionalidade nesse contexto das pioneiras do futebol feminino brasileiro: ela investiu na sua formação profissional fora do campo, fazendo uma leitura de que o futebol não lhe permitiria ter um futuro conforme ela própria imaginava. Durante muito tempo, a modalidade sobreviveu de migalhas, e como jogadoras, quando reivindicavam direitos, sofriam represálias. A profissionalização do futebol feminino é um tema recente no país, e apenas 9 equipes mantêm vínculos profissionais com as jogadoras por meio de contratos CLT.

Em relação ao nono relato, conta-se a trajetória de Maria Lúcia Alves Feitosa, a 1ª brasileira a jogar futebol na 1ª divisão do Campeonato Italiano. Pernambucana, mudou-se com a família para SP em busca de melhores oportunidades. Desde pequena, gostava de jogar bola com seus irmãos na rua. Com 13 anos, foi convidada para integrar uma equipe de futebol feminino e passou a jogar regularmente. É conhecida como uma das principais atletas da equipe Radar/Pão de Açúcar, e onde se destacou para jogar na Itália. Em 1987, foi jogar no Trani, abrindo o mercado internacional para outras jogadoras brasileiras. Apesar de ter enfrentado dificuldades como o idioma, o clima e a alimentação, firmou-se na Itália e jogou em outras equipes, encerrando sua carreira em 2001. Atualmente mora na Europa, onde trabalha com times femininos e relata sentir dificuldades por conta do machismo presente nas federações europeias. Sua história mostra como o futebol feminino também vem sofrendo mudanças positivas ao longo dos anos e como a estruturação do futebol em muitos países tem gerado oportunidades de trabalho e circulação de jogadoras.

No décimo relato conhecemos a história de Isabel Cristina de Araújo Nunes, a "Bel", gaúcha da capital, cujo pai era jogador de futebol amador, e ela começou a jogar com ele ainda jovem. Era considerada uma jogadora talentosa e apaixonada pelo futebol, conhecida como a "musa do futebol feminino" nas décadas de 1980 e 1990.

Suas peripécias extracampo chegaram a ser comparadas com Renato Portaluppi. Em 1995, aceitou posar nua para a Revista *Playboy* e ganhou um cachê valioso para a época. Recebeu vários convites para participar de programas de TV, atuar em novelas e até mesmo posar novamente para a revista. No entanto, Bel acabou deixando o futebol de lado e, aos poucos, foi esquecida pela mídia e pelos fãs, o que demonstra como a criação da musa a afetou, fazendo com que seu talento fosse esquecido. A valorização da beleza e feminilidade das atletas em detrimento de seu talento e habilidades técnicas é comum na mídia esportiva, que costuma condecorar padrões normativos de beleza e feminilidade.

Dirigimo-nos aos três últimos relatos, agora com o décimo primeiro, o qual apresenta a história de Dilma Maria Mendes, jogadora de futebol negra que nasceu em Camaçari (BA). Desde pequena, gostava de jogar bola e tinha o apoio do pai, mas teve muita resistência e proibições da sua mãe (relata-se que uma vez sua mãe pediu para um dos filhos amarrá-la em uma árvore e a xingá-la publicamente). Apesar disso, Dilma nunca deixou o futebol e continuou a jogar, desenvolvendo artimanhas para driblar o preconceito da mãe. Dilma fez parte da seleção brasileira de futebol feminino e contribuiu para colocar o nome do Brasil no topo do futebol mundial. No entanto, mesmo com seu talento e as conquistas, jogadoras negras como ela são pouco conhecidas e valorizadas, o que revela a face do racismo. Ela sofreu com a invisibilidade e violências direcionadas às mulheres negras. Entretanto, sempre se portou contra esse racismo, procurando transformá-lo. Relata ser grata ao futebol, por emponderá-la e fazer dela a mulher que é.

O décimo segundo relato intitula-se "Euforia é uma sensação que só quem ganha sabe" e tem como protagonista, Helena Maria Filomena da Rocha Ferreira Pacheco, de família portuguesa, nascida no RJ. Em sua narrativa, discute-se o papel das mulheres no futebol (em suas múltiplas atuações: jogadora, treinadora, preparadora física, gestora etc.). Embora haja um avanço na representatividade feminina nessas áreas, o texto ressalta que ainda há muitas barreiras a serem superadas, como a falta de oportunidades em equipes de homens e a cobrança ainda mais rigorosa sobre elas. A ex-atleta revela um conhecimento negligenciado pelo futebol brasileiro: o potencial do futebol feminino. Apesar de ter conquistado vários títulos à frente do clube e da seleção carioca, ela foi preterida por dirigentes da CBF que preferiam treinadores homens ou usavam-lhe como auxiliar técnico para derrubar o técnico e substituí-lo por ela. Essas

atitudes frustraram Helena, que não compactuava com as "sacanagens" da direção da CBF. O relato ainda faz uma análise dos números de mulheres treinadoras em competições internacionais e nacionais, mostrando que, apesar do aumento no número de mulheres, a equidade de oportunidades ainda não é uma realidade.

O último relato deste livro é sobre a atleta Sissi, a "Imperatriz", cujo nome completo é Sisleide Lima do Amor, outra pioneira da modalidade no país. Seu nome é constantemente mencionado como referência para as novas gerações, graças à sua habilidade em campo, liderança e defesa dos direitos das mulheres no esporte. Baiana do interior, Sissi começou a jogar futebol aos 7 anos, subsequente de seu irmão e seu pai, que também jogava futebol. Jogou em diversas equipes e também atuou no futebol de salão. Sua carreira na seleção brasileira é marcada por participações em competições importantes, além de ter sido a artilheira em uma das edições da Copa do Mundo de Futebol Feminino. Mesmo tendo o reconhecimento mundial por sua importância para o futebol, Sissi e outras jogadoras enfrentaram um apagamento histórico, incluindo a falta de reconhecimento da CBF, que não inclui a história do futebol feminino brasileiro no "Museu Seleção Brasileira".

O livro, portanto, apresenta-se como um importante espaço de memórias individuais que são coletivas, porque se fazem dentro de um mesmo contexto, o das primeiras mulheres a ousar jogar futebol no Brasil e a desafiar o machismo e o próprio Estado quando, de forma autoritária e preconceituosa, procurou proibir a prática do futebol pelas mulheres. Assim, o livro configura-se como importante dispositivo de história, que registra as mudanças que vão ocorrendo para que as novas gerações aprendam sobre lutas, sobre direitos, sobre superações. E é nesse contexto que aprendemos o quanto as conquistas das mulheres demoram a se efetivar em um país tão desigual, machista e misógino como é o caso do Brasil.

Mídias, torcidas e movimentos antirracistas no futebol brasileiro – Mobilização do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Estudos do Futebol Brasileiro/CNPq

Media, fans, and anti-racist movements in Brazilian football – Mobilization of the National Institute of Science and Technology Studies of Brazilian Soccer/CNPq

Cristiano Mezzaroba
Universidade Federal de Sergipe, Brasil
Aracaju, SE
cristiano_mezzaroba@yahoo.com.br
https://orcid.org/0000-0003-4214-0629

Silvio Ricardo da Silva
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil
Ouro Preto, MG
prof.srs@gmail.com
https://orcid.org/0000-0003.0584-3675

Antonio Jorge Gonçalves Soares
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Rio de Janeiro, RJ
ajgsoares@gmail.com
https://orcid.org/0000-0001-7769-9268

Recebido em: 10 de março de 2025
Aceito em: 12 de janeiro de 2026

Resumo:

Trata-se de um relato de experiência das atividades do INCT – Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Estudos do Futebol Brasileiro/CNPq, com foco na mobilização da Linha de Pesquisa "Mídias, Torcidas e Movimentos Antirracistas no Futebol Brasileiro". Descrevemos as atividades desenvolvidas pela Linha, como, por exemplo, a iniciação científica voltada à análise da abordagem midiática sobre esporte, futebol e racismo; as reuniões internas da Linha; a estratégia dos webinários temáticos, que têm dado visibilidade à linha e aproximado pesquisadores(as); e as publicações em formato de dois dossiês temáticos (um, com enfoque na perspectiva antropológica e sociológica do futebol, e outro, sobre educação antirracista). A articulação promovida tem resultado em um aumento no interesse de estudantes e na adesão de grupos de estudos, fortalecendo a rede. Espera-se que as atividades resultem em implicações educativas e sociais significativas, contribuindo para avanços no debate sobre futebol, racismo e transformações sociais no Brasil.

Palavras-chave: INCT Estudos do Futebol Brasileiro. Futebol. Mídias. Torcidas. Movimentos antirracistas.

Abstract:

This is an experience report of the activities of the INCT – National Institute of Science and Technology for Brazilian Soccer Studies/CNPq, focusing on the mobilization of the Research Line "Media, Fans and Anti-Racist Movements in Brazilian Soccer". We describe the activities developed by the Line, such as, for example, the scientific initiation focused on the analysis of the media approach to sport, soccer and racism; the internal meetings of the Line; the strategy of thematic webinars, which have given visibility to the line and brought researchers together; and the publications in the format of two thematic dossiers (one, focusing on the anthropological and sociological perspective of soccer, and the other, on anti-racist education). The articulation promoted has resulted in an increase in the interest of students and in the adhesion of study groups, strengthening the network. It is expected that the activities will result in significant educational and social implications, contributing to advances in the debate on soccer, racism, and social transformations in Brazil.

Keywords: INCT Studies of Brazilian Soccer. Soccer. Media. Fans. Anti-racist movements.

Introdução

Há mais de um século, o futebol consolidou-se como um elemento central na sociedade brasileira, presente em nosso cotidiano, nas diversas mídias e, mais recentemente, nas produções acadêmicas. Embora a academia tenha inicialmente demonstrado certa resistência em reconhecer o futebol como um tema relevante de estudo, tornou-se inevitável sua incorporação no campo científico. A partir da década de 1990, houve um crescimento significativo na produção acadêmica sobre o tema, abrangendo artigos, teses, dissertações, livros, eventos científicos e a formação de grupos de pesquisa (Silva *et al.*, 2009).

Nesse cenário, algumas produções acadêmicas destacaram-se por marcar avanços no estudo do futebol como objeto de análise científica. A dissertação de mestrado de Luiz Henrique Toledo, intitulada "Torcidas organizadas de futebol: lazer e estilo de vida na metrópole", recebeu o Prêmio ANPOCS de Melhor Dissertação de Mestrado em 1994, evidenciando a relevância do tema no debate acadêmico (Frúgoli Jr., Toledo, 2002). Outro trabalho de destaque foi a tese de doutorado de Arlei Damo, defendida em 2006 no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFRGS, sob a orientação de Ruben Oliven, que alcançou amplo reconhecimento ao ser premiada como a Melhor Tese na área de Antropologia e Arqueologia pelo Prêmio Capes e como a Melhor Tese de Doutorado do Concurso Anpocs de 2006, o que proporcionou sua publicação em forma de livro (Guedes, 2008).

Esses exemplos reforçam que o futebol, além de seu papel como prática esportiva, elemento de consumo no mercado do entretenimento e lazer, configura-se como um fenômeno cultural complexo. Sua análise exige abordagens interdisciplinares e evidencia uma crescente relevância acadêmica, que tem se ampliado de forma significativa nos últimos anos**.** A aprovação do INCT – Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Estudos do Futebol Brasileiro[1] pela Chamada nº 58/2022, a partir do

[1] Possui um Comitê Gestor (Coordenado pela Profa. Dra. Carmen Rial – UFSC) e quatro linhas de pesquisas: (1) Futebol de mulheres, indígena e LGBTQIA+ (Coordenada por Caroline Soares de Almeida/UFPE e Wagner Xavier Camargo/UFSCAR), (2) Futebol comunitário e de várzea (Coordenada por Mauro Myskiw/UFRGS e Luis Carlos Rigo/UFPEL), (3) Produção e carreiras de futebolistas (Coordenada por Antonio Jorge Gonçalves Soares/UFRN/UFRJ e Daniel Machado Da Conceição/SME Florianópolis); e, (4) Mídias, torcidas e movimentos antirracistas no futebol (Coordenada por Cristiano Mezzaroba/UFS e Silvio Ricardo da Silva/UFOP. Para maiores informações, consultar o *site* do INCT Estudos do Futebol Brasileiro: https://www.inctfutebol.com.br/.

Programa Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia, é mais uma prova de que esse fenômeno social entrou na agenda do campo científico brasileiro. O INCT Estudos do Futebol Brasileiro iniciou em janeiro de 2023 e tem como objetivo principal ser um suporte para uma rede nacional interdisciplinar de pesquisadores(as) e estudiosos(as) do futebol brasileiro.

Em relação aos seus objetivos específicos, espera-se: (a) Incentivar a realização de novas pesquisas sobre o futebol brasileiro, a partir de perspectivas interdisciplinares; (b) Potencializar a constituição de micro redes de pesquisadores do futebol brasileiro, com interesse em temas similares; (c) Internacionalizar os produtos oriundos das pesquisas que tratam do futebol brasileiro; (d) Incrementar a divulgação nacional dos produtos oriundos das pesquisas que tratam do futebol brasileiro; (e) Promover a formação e capacitação de novos pesquisadores interessados em investigar o futebol brasileiro; (f) Interagir e estabelecer parcerias com instituições da sociedade civil, de natureza distintas, relacionadas ao futebol brasileiro, tais como clubes e futebolísticos, escolas públicas e privadas, escolinhas de futebol e projetos sociais de futebol, das diferentes regiões do país; e, (g) Interagir e estabelecer parcerias com instituições públicas responsáveis pelo estabelecimento de regulamentações e políticas públicas relacionadas ao futebol, tais como Secretarias municipais, estaduais e nacionais, federações e agentes governamentais.

O futebol, enquanto manifestação cultural brasileira (DaMatta, 1982, 1994; Wisnik, 2008), passa a ser valorizado sob o viés interdisciplinar das Humanidades (Helal, 1990; Toledo, 1996; Soares, 1998; Melo, 1999; Silva, 2001; Marchi Júnior, 2001; Gollner, 2005; Damo, 2005; Vaz, 2008; Rial, 2008; Gastaldo, 2009; Giulianotti, 2010; Guedes, 2011; Paladares e Schwartz, 2015), procurando compreendê-lo nas suas redes de significação, analisando suas configurações em seus múltiplos cenários (esportivo em si, mas também político, econômico, midiático, educacional e cultural, por exemplo) e por diferentes lentes disciplinares (história, sociologia, antropologia, filosofia, psicologia, economia etc.). Constata-se que o esporte, especialmente no universo do futebol, configura-se como um importante veículo para refletir modos de pensar e agir, além de expressar comportamentos que revelam diversas ideologias relacionadas a questões como raça/etnia, gênero, classes sociais, entre outras, como

aponta Mezzaroba (2017) quanto à "energia social" que envolve o fenômeno esportivo de modo geral, e, em especial, o contexto futebolístico, no Brasil e no mundo.

Este texto apresenta um relato das intervenções propostas e realizadas pela linha de pesquisa "Mídias, Torcidas e Movimentos Antirracistas no Futebol", coordenada pelos autores Cristiano Mezzaroba (UFS) e Silvio Ricardo da Silva (UFOP), com o apoio de Antonio Jorge Gonçalves Soares (UFRN/UFRJ). Trata-se de uma iniciativa inédita e recente, ainda em estágio inicial, que aponta para a formação de uma rede multidisciplinar de pesquisadores(as) interessados(as) na temática, abrangendo diversas regiões do Brasil e também do exterior, com formações e atuações variadas. A linha de pesquisa tem como foco as relações que envolvem o futebol brasileiro, abordando-o como um elemento cultural capaz de promover reflexões e compreensões sobre a sociedade brasileira.

Na sequência, elaboramos algumas considerações quanto às dimensões relacionadas à Linha de Pesquisa, ou seja, mídias, torcidas e a questão do racismo e dos movimentos antirracistas no futebol brasileiro; em seguida, apresentamos e analisamos brevemente as primeiras atividades desenvolvidas nesses dois anos de existência do INCT Estudos do Futebol Brasileiro, além de, ao final desta seção, buscarmos perspectivar outras e diferentes iniciativas no trabalho da Linha de Pesquisa; e por último, trazemos as considerações finais desse registro das memórias que marca um novo estágio dos estudos sobre o futebol no Brasil pela perspectiva das Ciências Humanas e Sociais.

Contextualizando algumas dimensões que envolvem o futebol

Desde que esse esporte chegou ao Brasil, nos primeiros anos do século XX, como espetáculo, despertou o interesse da população, especialmente nas maiores cidades (Drumond, 2020; Souza Neto, 2010; Ribeiro, 2012; Couto, 2012). O que começou como uma curiosidade rapidamente evoluiu para um sentimento de pertencimento, gerando recursos e integrando a indústria do entretenimento. Assim como ocorreu na Inglaterra e em outros países da Europa, em menos de duas décadas, verdadeiras multidões passaram a acompanhar os jogos de seus clubes preferidos no Brasil.

A formação das torcidas aconteceu de maneira diversa e reflete importantes transformações sociais. No Brasil, uma das análises mais detalhadas, atualizadas e críticas sobre esse processo é apresentada por Renato Machado Saldanha em sua tese de doutorado (2023). Fundamentado em diversos autores, Saldanha organiza os 120 anos de história das torcidas em cinco fases principais:

1. Primeira fase – Inicialmente, os torcedores e torcedoras frequentavam os locais de jogos para conhecer essa novidade que chegava ao Brasil no início do século XX. Esse período foi marcado pela ausência de pertencimento a um clube específico, algo que mudaria rapidamente, com a população assumindo preferências e apoiando clubes ao longo do tempo.
2. Segunda fase – A etapa do "torcer coletivo" é marcada pela formação das primeiras organizações torcedoras, conhecidas como torcidas uniformizadas. Esses grupos buscavam controlar e moralizar os comportamentos dos torcedores, combatendo práticas consideradas violentas e desrespeitosas.
3. Terceira fase – Surgem as torcidas jovens, ou torcidas organizadas, entre o final da década de 1960 e o início da de 1970. Em oposição às torcidas uniformizadas, essas organizações adotaram uma postura crítica em relação às administrações dos clubes. Ao longo das décadas de 1980 e 1990, as torcidas organizadas se consolidaram, assumindo protagonismo tanto positivo, com a criação de festas nos estádios, quanto negativo, em episódios de violência que chocaram a sociedade brasileira.
4. Quarta fase – Nos anos 1990, o neoliberalismo impacta o futebol com a introdução do sócio-torcedor e a intensificação da violência dentro e fora dos estádios. Esse período também é marcado por uma despolitização em comparação às pautas defendidas pelas torcidas organizadas em décadas anteriores.
5. Quinta fase – Com os megaeventos esportivos no Brasil, as reformas dos estádios e a construção de arenas no início do século XXI, surgem novos grupos de torcedores, denominados movimentos e coletivos. Esses grupos trouxeram para o âmbito do futebol debates urgentes sobre racismo, lgbtfobia, misoginia e exclusão social, ampliando a reflexão sobre o papel social do futebol.

A mídia, enquanto estrutura que se desenvolveu na modernidade (Thompson, 1998), nas suas mais variadas formas de produção, veiculação e interação social – na forma imprensa, como jornais e revistas; o rádio; a televisão; o cinema; e atualmente com a internet ocupando grande espaço na vida cotidiana – é a instituição-chave que fez (e faz) o futebol ter a grande visibilidade que possui em âmbito brasileiro e mundial. Segundo Thompson (1998), a mídia tornou-se uma "instituição-paradigmática", por se configurar em uma "[...] mistura complexa de diferentes tipos de atividades, recursos e poder, ainda que direcionadas essencialmente para a acumulação de determinados recursos e o exercício de certa forma de poder." (Thompson, 1998, p. 22).

Existe uma "cultura midiática" que tem o esporte como um dos seus produtos/conteúdos preferidos, sendo o futebol a modalidade que ganha mais atenção e visibilidade, ao menos no contexto brasileiro. Setton (2010) argumenta que a cultura das mídias envolve o conjunto de ferramentas, discursos e linguagens que caracterizam um padrão cultural interligado a uma linguagem midiática, com a produção e circulação de bens simbólicos. Segundo a autora, é necessário não perder de vista que essa cultura midiática "[...] é uma realização da sociedade capitalista. Sua emergência e seu desenvolvimento estão profundamente ligados a uma nova ordem política e econômica específica da modernidade." (Setton, 2010, p. 32).

Foi a partir da década de 1970 que vimos "[...] convivendo com a realidade da cultura das mídias de maneira intensa e profunda. Pouco letrada e urbanizada, em algumas décadas, a população brasileira viu-se imersa em uma terceira cultura – a cultura da comunicação de massa" (Setton, 2010, p. 14). Se na década de 1970 os olhares estavam voltados à mídia impressa, ao rádio, ao cinema e à televisão, nas décadas de 1980 e 1990 foi a televisão que passou a literalmente "ser vista" como a grande produtora e difusora de subjetividades. Entretanto, no começo dos anos 2000, vai se popularizando a abrangência e os usos da internet, como vemos hoje com sua intensificação quanto aos seus usos e possibilidades, responsável por aglutinar em si todas as demais mídias.

O esporte, de forma geral, e o futebol, de modo mais específico, nesse cenário, tem servido como um grande produto cultural que vai sendo apropriado socialmente com fins de funcionalização, sociabilização, ideologização, mercadorização e espetacularização (Pires, 1998). As duas últimas categorias – mercadorização e

espetacularização – são as mais visíveis quando abordamos o futebol sob as lentes das Ciências Humanas e Sociais. O futebol, produzido, apresentado e oferecido pela mídia, mobiliza uma "energia social" (Mezzaroba, 2017) que permite observar aspectos culturais, identitários, econômicos, sociais, político-ideológicos etc.

Em relação ao racismo no futebol, Breiller Pires, jornalista esportivo, ao ser entrevistado e questionado sobre como observa a mídia comercial brasileira quanto à tematização e/ou enfrentamento da questão étnico-racial, fez o seguinte comentário:

> Em um sistema de mídia regido pela lógica capitalista, a espetacularização do racismo soa mais interessante aos meios de comunicação que sua própria compreensão crítica e político-social. Por isso, a cobertura sobre temas raciais, salvo raras exceções, costuma se restringir a eventos pontuais de violência racista, com mais sensacionalismo que jornalismo envolvido. Isso contribui para uma visão deturpada do problema, como se o racismo no Brasil se resumisse a ataques discriminatórios. No jornalismo esportivo, por exemplo, se aborda muito mais uma ofensa racista a torcedores ou atletas do que a ausência de profissionais negros em posição de comando, como dirigentes e treinadores. Some-se à cobertura espetacularizada do racismo a falta de diversidade racial nos veículos de imprensa, embora a representatividade seja um tema cada vez mais debatido no universo corporativo. A maioria dos canais e jornais, assim como a parte majoritária das empresas no país, segue praticando a diversidade alegórica, em que usa o grupo minoritário de pessoas negras entre sua força de trabalho como pedágio para o discurso de responsabilidade social, em vez da diversidade de valor, em que, de fato, se entende a pluralidade de vozes, raças, gêneros e classes sociais como um princípio básico para a perenidade de seus negócios. (Pires; Mezzaroba, 2024, p. 6).

Além dessas dimensões duas dimensões – da mídia e das torcidas –, nossa linha de pesquisa, "Mídias, Torcidas e Movimentos Antirracistas no Futebol", aborda especificamente as questões de racismo e antirracismo no esporte. Discutimos como o futebol reflete e reproduz as dinâmicas raciais da sociedade brasileira, ao mesmo tempo em que oferece um espaço para resistência e transformação social. O surgimento de coletivos torcedores com pautas antirracistas reforça a relevância do debate acadêmico e social sobre as desigualdades raciais e os preconceitos que atravessam o esporte.

Devemos lembrar que no Brasil o racismo e as teorias raciais emergem como uma doutrina científica no final do século XIX, em um contexto marcado pela abolição da escravatura e pela formalização da igualdade política entre todos os brasileiros, incluindo os africanos escravizados. Essa noção foi sustentada por conceitos pseudocientíficos que buscavam justificar as desigualdades sociais, culturais e entre nações com base em diferenças biológicas. Até as primeiras décadas do século XX, áreas como a medicina e o direito adotaram teorias racialistas de origem europeia para naturalizar e legitimar as desigualdades sociais e raciais no país (Guimarães, 2004; Fausto, 2009).

Tais teorias, de caráter pessimista, associavam o atraso da nação brasileira à composição racial de sua população (Skidmore, 1994). Até a década de 1950 a noção preconceito de cor era acionada de forma local para descrever atitudes discriminatórias baseadas em aspectos físicos visíveis. No entanto, a mudança para a categoria racismo, como analítica e de denúncia, ocorreu influenciada pelas discussões, principalmente norte-americanas e europeias, sobre desigualdades raciais, pelos movimentos sociais e negro na década de 1970. Racismo passou a ser usado como uma noção abrangente para descrever não apenas atitudes individuais, mas também práticas e estruturas que produzem e reproduzem desigualdades raciais de maneira sistemática e naturalizada (Kowarick, 2003; Guimarães, 2004). Na década de 1970, o conceito de racismo começa a ser utilizado de maneira mais ampla e multifacetada, abrangendo diversas dimensões da vida social e das interações entre brancos e negros (Guimarães, 2004).

As teorias pessimistas sobre raça e miscigenação foram gradualmente substituídas, inicialmente, por políticas de branqueamento no início do século XX e, posteriormente, pela leitura otimista da miscigenação como expressão da singularidade cultural e racial do Brasil (Skidmore, 1994). O futebol brasileiro construiu uma narrativa fundamentada nessa visão otimista. Nesse contexto, Gilberto Freyre e Mário Filho desempenharam papéis fundamentais na construção do imaginário do futebol como uma expressão cultural singular e um símbolo de identidade nacional.

Freyre destacou a miscigenação como elemento central da criatividade e adaptabilidade cultural do Brasil, evidenciada no estilo único de jogo caracterizado pela ginga, malícia e improviso, influências diretamente associadas à contribuição dos negros e mestiços. Mário Filho, por sua vez, enfatizou o papel do futebol como espaço

de integração social e racial, em que tensões históricas foram transformadas em inclusão e democratização, permitindo que o esporte se tornasse um reflexo da pluralidade e resistência cultural do país. Ambos convergiam na visão otimista do impacto da diversidade racial no futebol, mostrando como ele ultrapassou seu caráter europeu original para se tornar um símbolo de identidade e ascensão social no Brasil (Soares, 1999).

Freyre reforça essa tradição na crônica "Foot-ball Mulato[2]", argumentando que o sucesso do futebol brasileiro na Copa de 1938 se deveu à forte presença de negros e mestiços na equipe que representou o Brasil na França (Soares, 2003). Essa visão do futebol ainda persiste na sociedade brasileira e convive, simultaneamente, com um movimento crítico ao mito da democracia racial e à luta antirracista. Apenas entre o final do século XX e o início do atual, a produção acadêmica sobre futebol, com um olhar atento ao movimento negro e aos debates étnico-raciais, passou a fazer uma crítica contundente à noção de democracia racial como um mito que ajudou a mascarar os processos de segregação, preconceito e racismo enfrentados pelos negros no Brasil e no contexto do futebol (Fernandes, 1972; Guimarães, 2004; Abrahão e Soares, 2011; 2020).

O futebol profissional, tanto de homens quanto de mulheres, constitui-se em um campo privilegiado para análises sobre práticas e políticas antirracistas e antissexistas. Esses são debates centrais no âmbito do INCT do Futebol, que busca problematizar as desigualdades sociais e culturais ainda presentes neste esporte. Essas transformações históricas e sociais, aliadas à complexidade das manifestações de torcedores, da mídia e dos movimentos sociais, abrem um vasto campo de estudos para pesquisadores(as). Nesse contexto, os estádios se apresentam como espaços privilegiados de análise, pois é neles que a maioria dessas manifestações sociais se materializa, refletindo as tensões, resistências e mudanças da sociedade brasileira contemporânea.

Mapeamento das primeiras atividades desenvolvidas

Desde o início de 2023 até o presente momento, em dezembro de 2024, temos trabalhado para estabelecer contato e formar redes de trabalho com pesquisadores(as)

[2] Diário de Pernambuco, 17 jun. 1938.

brasileiros(as) e estrangeiros(as) interessados(as) em integrar a linha de pesquisa. Como um grupo em constante construção, realizamos reuniões semestrais de forma remota com os(as) integrantes, nas quais compartilhamos informações sobre as atividades gerais do INCT e as ações específicas da linha. Nessas reuniões, também abrimos espaço para ouvir sugestões dos(as) participantes, seja em relação a projetos de pesquisa, novos webinários com a participação do grupo, propostas de eventos ou iniciativas de escrita colaborativa. Essa dinâmica tem fortalecido a construção coletiva e o desenvolvimento de ações alinhadas aos interesses e objetivos da linha.

A linha de pesquisa conta com a participação de Beatriz de França Alves, bolsista de iniciação científica, que investiga como o jornal Folha de São Paulo aborda temas relacionados a racismo, esporte e futebol, além de apoiar tecnicamente as atividades da linha. O voluntário Lucas Vinicius Araújo Lisboa, ex-bolsista de iniciação científica em 2023, também contribui para o grupo, tendo pesquisado, enquanto foi bolsista de IC, os discursos da Folha de São Paulo sobre esses temas étnico-raciais.

Desde setembro de 2024, a linha passou a contar com Lucas Carvalho Silva de Jesus, bolsista de extensão e mestrando em Educação (PPGED/UFS), que desenvolve um plano de trabalho voltado ao mapeamento e análise de publicações no Instagram relacionadas ao racismo no futebol brasileiro. Serão coletados conteúdos de perfis relevantes, como veículos de mídia, atletas, clubes, influenciadores e instituições como a CBF (Confederação Brasileira de Futebol). A pesquisa busca identificar padrões discursivos e o uso de imagens, analisando seus impactos na sociedade brasileira e contribuindo para a conscientização e o desenvolvimento de políticas de combate ao racismo no esporte.

Temos organizado *webinários* temáticos, como podemos ver no quadro abaixo:

Quadro 01: Webnários temáticos organizados pela linha (2023-2024)

DATA	TEMA	CONVIDADOS(AS)
24/05/2023	Mídia e futebol – Temas contemporâneos	Pablo Alabarces (Argentina) e Ronaldo Helal (Brasil)
03/10/2023	Racismo – tensões entre mídia e futebol	Emerson Maciel Esteves (PPGCOM/UFS)
25/03/2024	Torcidas e torcedores de futebol no Brasil	Renato Machado Saldanha (UFPE)
22/04/2024	Arbitragem de futebol e racismo no Brasil	Márcio Chagas (Professor de EF, ex-árbitro de futebol)
29/05/2024	Estádios de futebol no Brasil	Eduardo Araripe Pacheco de Souza (Comte. Academia Bombeiro Militar PE)
20/06/2024	As SAFs no futebol brasileiro: análise dos primeiros anos	Irlan Simões (FAPERJ; PPGCOM/UERJ)
29/07/2024	A cultura do estupro no mundo do futebol	Soraya Barreto (UFPE)
27/08/2024	Indústria cultural e esporte/futebol	Alexandre Fernandez Vaz (UFSC)
18/009/2024	Cinema e futebol brasileiros	Hamilcar Silveira Dantas Junior (UFS)
31/10/2024	Observatório Social do Futebol (UERJ)	Leda Costa, Irlan Simões, Raquel Souza, Nicolás Cabrera
20/11/2024	Antirracismo, escola e futebol: uma boa jogada	Daniel Machado da Conceição (UFSC, Prefeitura Municipal de Florianópolis/SC)

Fonte: Os autores (2024)

Os webinários configuram-se como rodas de conversa trazendo especialistas do campo acadêmico que têm como objeto de pesquisa o futebol, como podemos ver a partir dos diversos temas dos webinários realizados. Em geral convidamos integrantes da Linha para fazerem a mediação da conversa, com duração de 1h30, transmitidos ao vivo pelo canal do *Youtube* do INCT (http://www.youtube.com/@INCTFutebol), o mesmo em que ficam gravados para acesso gratuito ao público em qualquer momento. Na divulgação dos eventos, confeccionamos *cards* com foto do(a) palestrante, informação sobre formação e vínculo institucional, bem como, a ênfase no tema que será abordado e todas as demais informações necessárias para assistência do webinário.

A produção do webinário demanda a elaboração de um roteiro com a apresentação do(a) convidado(a), com sua breve apresentação (formação acadêmica, área de atuação, vínculos institucionais), aproximação e aprofundamento com o tema da conversa, seguindo de questões elaborados pelos próprios mediadores e, na parte final, abre-se espaço para os(as) participantes que acompanham a atividade via *chat.*

Como pode ser visto e constatado no Quadro 01, o conjunto amplo de temáticas abordadas nos webinários nos anos de 2023 e 2024, bem como a consolidação de uma proposta que, no segundo ano, passou a ser mensal, apresenta dimensões que ampliaram os três eixos temáticos da linha. Aspectos relacionados à mídia, às torcidas e ao racismo/movimento antirracista no futebol tiveram suas possibilidades de abordagem e de análises ampliados. Discutiu-se sobre os estádios, a arbitragem, a dimensão econômica pelas SAF's, a "cultura do estupro" presente no contexto do futebol, aspectos culturais – como o cinema e a indústria cultural, bem como, organizações que vão se formando para melhor compreender o fenômeno futebolístico no Brasil, como no caso da criação do Observatório Social do Futebol (UERJ).

Assim, a estratégia de utilização e mobilização a partir dos webinários, até o momento, concretiza um movimento inicial de atrair a atenção e envolvimento de estudantes, professores(as) e pesquisadores(as) das mais diversas regiões brasileiras, bem como, de colegas na América do Sul, como temos visto pela audiência e comentários nos *chats* nos dias dos eventos.

Além disso, a linha organizou dois dossiês temáticos, publicados em 2024:

(a) **Futebol: perspectivas antropológicas e sociais** (para a Revista Ambivalências/UFS – https://periodicos.ufs.br/Ambivalencias): a proposta procurou fomentar e aglutinar recente produção bibliográfica, em forma de artigos originais oriundo de pesquisas empíricas e/ou teóricas, pesquisas documentais, ensaios, relatos de experiências e resenhas, que abordassem o futebol e perspectivas sociológicas, ajudando na compreensão desse fenômeno que mobiliza uma sociedade e dela revela pertencimentos, identidades, paixões, regionalismos, interesses económicos e midiáticos, ideologias, comportamentos, rupturas, desenvolvimento, formação, expectativas etc. O dossiê contou com 19 textos, sendo um deles voltado à apresentação do dossiê (https://periodicos.ufs.br/Ambivalencias/article/view/n24p9/p9), uma resenha e uma entrevista (com a coordenadora do INCT Estudos do Futebol Brasileira, Profa. Dra. Carmen Rial), e 16 textos em formato de artigos e ensaios, das diversas regiões brasileiras e com autoria de outros países (Argentina, México, Uruguai, Espanha; e,

(b) **Educação antirracista e futebol** (para a Revista Cadernos do Aplicação/UFRGS – https://seer.ufrgs.//index.php/CadernosdoAplicacao/index): tratou-se de uma edição temática que trouxe o debate sobre educação antirracista e futebol em perspectivas interdisciplinares, cujo foco se direcionou às discussões e possibilidades na educação básica, tendo em vista as implicações dessas discussões em contextos escolares/formativos, nos seus vários componentes curriculares. Foi uma publicação inédita e bastante ampla, com representantes dos mais diversos estados brasileiros, num total de 20 textos, incluindo artigos originais, ensaios, relatos de experiências e um conjunto de entrevistas com agentes diversos que atuam com futebol e suas interfaces (escola, universidade, mídia, organizações científicas e do futebol profissional feminino).

A estratégia das duas chamadas teve como objetivo, além de dar maior visibilidade às atividades do INCT Estudos do Futebol Brasileiro, reunir pesquisadores(as) que desenvolvem investigações no campo das Ciências Humanas e Sociais sobre o futebol brasileiro. Observamos, nas publicações, abordagens históricas, filosóficas, pedagógicas, sociológicas, antropológicas e econômicas, além de promover a disseminação do conhecimento acadêmico e científico produzido no Brasil e na América Latina em torno desse elemento cultural. A iniciativa buscou mobilizar grupos

e redes de pesquisa, fortalecendo a consolidação científica sobre os estudos do futebol. Diante dessa primeira experiência exitosa, certamente outras iniciativas envolvendo a organização e publicação de sessões temáticas para revistas ligadas às Humanidades serão realizadas.

Para 2025, foi estabelecida uma parceria com a editoria da Revista Licere, vinculada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da UFMG, para a organização de um dossiê temático que relacione lazer e futebol, ampliando ainda mais o debate interdisciplinar sobre o tema. E também com a RELICI – Revista Livre de Cinema (UFPR), uma parceria para elaboração e publicação de uma sessão temática envolvendo "Cinema e Futebol", com previsão de publicação no último quadrimestre de 2025.

Por fim, dentro deste mapeamento das atividades iniciais da Linha Mídias, Torcidas e Movimentos Antirracistas no futebol brasileiro, tivemos a participação da linha no "IV Simpósio Futebol – NAVI e I Encontro INCT Estudos do Futebol Brasileiro: produções e epistemologias futebolísticas", que ocorreu em Florianópolis/SC/Brasil, na UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina, de 5 a 7 de agosto de 2024. A linha organizou 4 (quatro) grupos de trabalhos (GT) no evento:

1) Mídias e aspectos midiáticos do futebol: GT tendo como foco a discussão de trabalhos concluídos e em andamento que tratam da dimensão do campo midiático quanto às múltiplas dimensões do futebol que se expressam nos diferentes meios de comunicação e na cultura digital em geral (foram 16 trabalhos aprovados);

2) Torcidas organizadas, coletivos e movimentos de torcedores: este GT teve como foco a discussão de trabalhos concluídos e em andamento que tratam das temáticas das torcidas organizadas, seus coletivos e os movimentos de torcedores, e da legislação pertinente (tivemos 15 trabalhos aprovados);

3) Movimentos antirracistas no futebol: GT com foco na discussão de trabalhos concluídos e em andamento que tratam as relações raciais que atravessam o futebol, os movimentos antirracistas organizados institucionalmente, ações e propostas de educação antirracista e análise dos atos e acontecimentos racistas que ocorrem dentro e fora dos estádios de futebol (foram 5 trabalhos aprovados);

4) Estádios de Futebol: GT que acolheu trabalhos, concluídos e em andamento, que tivessem como temática os estudos de ordem conceitual e/ou empírica sobre estádios de futebol e possíveis articulações com temáticas afins como, por exemplo, práticas sociais no seu interior, assim como no seu entorno (foram 8 trabalhos aprovados).

É evidente a necessidade de estratégias, como as promovidas pelo INCT, para estimular, fomentar e ampliar a discussão, especialmente no que diz respeito à dimensão do racismo e antirracismo no futebol. Essa necessidade é reforçada pelo fato de que o GT "Movimentos Antirracistas no Futebol" recebeu um número significativamente menor de trabalhos (apenas 5) em comparação aos demais grupos, que mantiveram uma recepção mais equilibrada de submissão.

Para a sequência das atividades da linha nos próximos anos, a contar 2025, trabalharemos nas seguintes iniciativas, esperando-se também a ampliação da equipe de pesquisadores(as):

- Propor ações de extensão que enfatizem políticas antirracistas no futebol;
- Propor e desenvolver pesquisas no âmbito da iniciação científica (IC) entre os(as) pesquisadores(as) e colaboradores(as), bem como, pesquisas em pequenos grupos e também articulando toda a Linha de Pesquisa Mídias, Torcidas e Movimentos antirracistas no Brasil;
- Propor a produção de vídeos sobre racismo e torcidas envolvendo o futebol brasileiro, fazendo a divulgação no próprio canal do *Youtube* do INCT Estudos de Futebol Brasileiro;
- Propor palestras vinculadas ao projeto de pesquisa a serem ofertadas em clubes, escolas, escolinhas, universidades, prefeituras, órgãos estaduais e federais, com o intuito de ampliar a divulgação científica para outros públicos diferente do acadêmico;
- Propor palestras junto à sociedade em geral, tematizando o torcer no Brasil e em outros países;
- Acompanhar discursos e narrativas midiáticas envolvendo torcidas de futebol, esporte/futebol e raça;

- Identificar e acompanhar ações de torcidas que se mobilizam na perspectiva antirracista em equipes de futebol brasileiras;
- Identificar e acompanhar ações de torcidas organizadas, movimentos e coletivos de torcedores;
- Organização e publicação de *e-book* da Linha, aproximando agentes do campo acadêmico que se dedicam às temáticas da Linha "Mídias, torcidas e movimentos antirracistas";
- Ofertar cursos diversos de forma remota, como por exemplo, sobre Semiótica e Futebol, entre outros.

Considerações finais

Há uma relação profundamente imbricada entre mídia, torcidas e racismo no contexto do futebol brasileiro. Embora seja um espaço de celebração e festa, o futebol também reflete e reproduz diversas formas de violência, como exclusão social, misoginia, lgbtfobia e racismo. A mídia, por sua vez, desempenha historicamente um papel controverso: ora tendo um papel educativo na formação das sensibilidades para o esporte e de conscientização da sociedade, ora contribuindo para perpetuar essas violências quando apenas as espetaculariza sem contextualizá-las. Nesse cenário, torna-se evidente que uma linha de pesquisa em temáticas específicas sempre apresente limitações, como estamos constatando ao longo desses primeiros dois anos de INCT Estudos do Futebol Brasileiro, por exemplo, em relação a outras temáticas emergentes, como os estudos sobre estádios, lócus em que essas manifestações futebolísticas ocorrem e que nos permitem observar tantas questões que envolvem o conjunto da sociedade. Por isso, defendemos uma abordagem que evite o isolamento desses temas, reconhecendo a relação de imbricamento entre eles.

No âmbito das torcidas, é urgente superar a visão hegemônica que as generaliza e criminaliza, ignorando suas idiossincrasias e complexidades. Mais especificamente, no trabalho de articulação da Linha de pesquisa "Mídias, Torcidas e Movimentos Antirracistas no Futebol", temos enfrentado desafios em três frentes principais:

1. Mídia: enfrentamos dificuldades em atrair pesquisadores(as) e profissionais da área de comunicação social e do jornalismo para contribuir com as discussões e atividades da linha sobre as complexidades da relação mídia-esporte e, ao mesmo tempo, ampliarmos as leituras que tratam do papel midiático na construção e desconstrução de narrativas em torno do futebol. Em síntese, a visão crítica sobre a relação mídia e esporte é fundamental, mas necessitamos ouvir as vozes dos agentes sociais que fazem acontecer o espetáculo do futebol, com a perspectiva de agentes "de dentro" de suas instituições e suas técnicas de produção de conteúdos, de narrativas, de imagens e dos "espetáculos" em si.
2. Torcidas: a articulação com representantes e grupos organizados de torcedores(as) demanda uma compreensão mais aprofundada e um diálogo direto, especialmente para evitar simplificações ou abordagens enviesadas que reforçam estigmas sobre torcedores(as).
3. Racismo e Antirracismo: apesar de avanços no contexto da sociedade brasileira quanto à essa problemática histórica, ainda enfrentamos obstáculos no estabelecimento de parcerias mais consolidadas com agentes e instituições, como o Observatório da Discriminação Racial no Futebol, e no acesso a futebolistas e outros agentes protagonistas que poderiam enriquecer as discussões.

Apesar dessas dificuldades, a articulação da Linha tem gerado resultados positivos, com um aumento no interesse de estudantes de graduação e pós-graduação, bem como na adesão de novos grupos de estudos. Essa mobilização tem ampliado o alcance e a visibilidade das atividades da Linha, contribuindo para a consolidação de debates e pesquisas colaborativas entre pesquisadores(as) brasileiros(as) e estrangeiros(as). Entre os objetivos futuros, destacam-se a expansão das ações de extensão, com foco em políticas antirracistas no futebol direcionadas tanto para a educação básica quanto para o campo de formação esportiva, o aprofundamento das reflexões sobre o fenômeno do "torcer" no Brasil e em contextos globais, além do fortalecimento de redes de pesquisa interdisciplinar.

Nosso relato de experiência buscou demonstrar como o INCT Estudos do Futebol Brasileiro está trabalhando para institucionalizar os estudos sobre futebol em

um patamar mais sofisticado. Por meio da organização de debates, formação de grupos de pesquisa, definição de temas estratégicos e articulação com diversos agentes, o INCT está promovendo uma reflexão qualificada e estruturada sobre o futebol como um elemento cultural de impacto nos processos de socialização das pessoas em nossas sociedades ainda marcadas pelos males do machismo, da misoginia, do racismo, do sexismo e das questões que envolvem pertencimento de classe social (neste caso, a possibilidade de ascensão social pelo futebol).

A mobilização das atividades da linha, além de consolidar os estudos sociais do esporte, destaca a relevância do futebol na ampliação das práticas democráticas em sociedades que enfrentam desafios significativos, especialmente no Brasil, na América Latina e em outras regiões do mundo. Espera-se que essas ações resultem em implicações educativas, formativas e sociais, fortalecendo a conexão entre o esporte e a promoção de valores democráticos, igualdade e justiça social.

Referências

ABRAHÃO, Bruno O.L.; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. *O elogio ao negro no espaço do futebol: entre a integração pós-escravidão e a manutenção das hierarquias sociais.* In: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. (org.). Futebol, Jornalismo e Ciências Sociais: interações. Rio de Janeiro: Eduerj, 2011, v. 1, p. 77-94.

ABRAHÃO, Bruno O.L.; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. *O racismo "à brasileira" no futebol.* In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt (org.). O futebol nas ciências humanas no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 2020, v. 1, p. 721-739.

COUTO, Euclides de Freitas. *Os primórdios do futebol em Belo Horizonte: aspectos do pertencimento clubístico (1908-1927).* In: SILVA, Silvio Ricardo da; DEBORTOLLI, José Alfredo de O.; SILVA, Tiago Felipe (org.). O futebol nas Gerais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, p. 111-128.

DAMATTA, Roberto. (1982). *Esporte e sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro.* In: DAMATTA, R.; FLORES, L.F.B.; GUEDES, S.L. (org.). Universo do

futebol: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Edições Pinakotheke, 1982. p. 19-42.

DAMATTA, Roberto. *Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro.* Revista USP, n. 22, p. 10-17, 1994.

DAMO, Arlei. *Do dom à profissão – Uma etnografía do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. (Tese de Doutorado em Antropologia Social). Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

DRUMOND, Maurício. *Entre políticos e paredros: as relações políticas do futebol brasileiro na primeira metade do século XX.* In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt (org.). O Futebol nas Ciências Humanas no Brasil. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020, p. 44-61.

FAUSTO, Boris. *O crime do restaurante chinês: carnaval, futebol e justiça na São Paulo dos anos 30.* São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos.* São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

FRÚGOLI JR., Heitor; TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas no futebol*. Revista de Antropologia, v. 45, n. 2, p. 509–516, 2002.

GASTALDO, Édison. *"O país do futebol" mediatizado: mídia e Copa do Mundo no Brasil.* Sociologias, n. 22, p. 353-369, 2009.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões.* São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

GOELLNER, Silvana Vilodre. *Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades.* Revista Brasileira de Educação Física e esportes. 19(2), p. 143-151, 2005.

GUEDES, Simoni Lahud. *Resenha do livro de Arlei Damo, Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França.* São Paulo: Hucitec: Anpocs, 2007. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 303-307, jul./dez. 2008.

GUEDES, Simoni Lahud. *Os estudos antropológicos dos esportes no Brasil: perspectivas comparativas com a América Latina.* Revista Antropolítica, n. 31, p. 31-43, 2011.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Preconceito de cor e racismo no Brasil*. Revista de Antropologia, São Paulo, v. 47, n. 1, p. 9–43, 2004. DOI: 10.1590/S0034-77012004000100001. Acesso em: 25 jan. 2025.

HELAL, Ronaldo. *O que é sociologia do esporte*. São Paulo, Brasiliense, 1990.

KOWARICK, Lúcio. *Sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil: Estados Unidos, França e Brasil*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 18, n. 51, p. 61-86, fev. 2003. DOI: https://doi.org/10.1590/S0102-69092003000100006. Acesso em: 04 ago. 2024.

MARCHI JÚNIOR, Wanderley. *Sacando o voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970-2000)*. (Tese de Doutorado em Educação Física). Campinas, SP: Unicamp, 2001.

MELO, Victor Andrade de. *Cidade Esportiva: primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro. (Tese de Doutorado em Educação Física)*. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1999.

MEZZAROBA, Cristiano. *A "energia social" do esporte – aproximações e experimentações possíveis a partir de um conceito*. Kinesis, Santa Maria, n. 35, v. 2, 2017. Disponível em: https://doi.org/10.5902/2316546426904. Acesso em: 23 jan. 2025.

PALHARES, Marcelo Fadori Soares; SCHWARTZ, Gisele Maria. (2015). *Violência e paz nas torcidas organizadas*. In: PALHARES, M.F.S.; SCHWARTZ, G.M. (org.). Não é só a torcida organizada. São Paulo: Unesp, 2015, p. 91-110.

PIRES, Giovani De Lorenzi. *Breve introdução ao estudo dos processos de apropriação social do fenômeno esporte.* Revista da Educação Física UEM, Maringá, v. 9, n. 1. p. 25-34, 1998.

PIRES, Breiller; MEZZAROBA, Cristiano. *Entrevista com Breiller Pires – Visões do campo da comunicação social/jornalismo sobre o racismo no esporte/futebol e ações antirracistas.* Cadernos do Aplicação, Porto Alegre, v. 37, p. 1-7, 2024.

RIAL, Carmen. *Rodar: a circulação de jogadores de futebol brasileiros no exterior.* Horizontes Antropológicos, n. 4, 2008.

RIBEIRO, Raphael Rajão. *O futebol em Belo Horizonte e a constituição do campo esportivo (1904-1921)* In: SILVA, Silvio Ricardo da; DEBORTOLLI, José Alfredo de O.; SILVA, Tiago Felipe (org.). O futebol nas Gerais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, p. 91-110.

SALDANHA, Renato Machado. *"Nem guerra entre as torcidas, nem paz entre as classes": decifrando as torcidas antifascistas Unidas do Norte e Nordeste.* Tese de doutorado no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2023.

SETTON, Maria da Graça. *Mídia e educação*. São Paulo: Contexto, 2010.

SILVA, Silvio Ricardo da. *Tua imensa torcida é bem feliz... da relação do torcedor com o clube.* (Tese de Doutorado em Educação Física). Campinas, SP: Unicamp, 2001.

SILVA, Silvio Ricardo da; NICÁCIO, Luiz Gustavo; CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira; MELO, Marcos de Abreu. *Levantamento da produção sobre o futebol nas Ciências Humanas e Sociais de 1980 a 2007*. Belo Horizonte: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional-UFMG, 2009.

SKIDMORE, Thomas E. *O Brasil visto de fora*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. *Futebol, raça e nacionalidade no Brasil: releitura da história oficial.* (Tese de Doutorado em Educação Física). Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1998.

SOARES, Antonio Jorge Goncalves. *História e invenções de tradições no campo do futebol.* Estudos Históricos**,** Rio de Janeiro, v. 13, n. 23, p. 119-146, 1999.

SOARES, Antonio Jorge Goncalves. *Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre.* In: ALABARCES, Pablo (org.). Futbologías: fútbol, identidade y violencia en América Latina. Buenos Aires: Clacso – Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - Grupo de Trabalho, 2003, v. 1, p. 145-162.

SOUZA NETO, Georgino Jorge. *A invenção do torcer em Belo Horizonte: da assistência ao pertencimento clubístico (1904 – 1930).* Dissertação (Mestrado em Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

THOMPSON, John. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.* Petrópolis: Vozes, 1998.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Autores Associados/ANPOCS, 1996.

VAZ, Alexandre Fernandez. *Teoria Crítica do Esporte: origens, polêmicas, atualidade.* Esporte e Sociedade, Rio de Janerio, v. 3, n. 7, 2008.

WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil.* São Paulo: Companhia das Letras, 2008.